SANTA CATHARINA NA MARINHA

I

O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

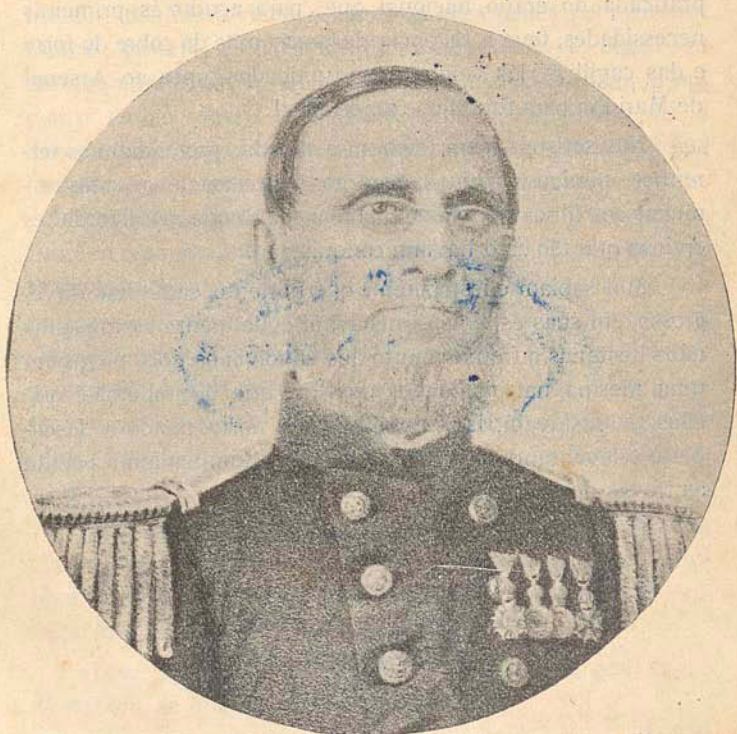
Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Av. Rio Branco, 180

—

1912

SANTA CATHARINA NA MARINHA

I

O CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOÃO NEPOMUCENO DE MENEZES

Os successos que se vinham desenrolando na Europa obrigaram D. João VI a regressar em 1821 para Portugal,

deixando assim as plagas brazileiras, onde quinze annos antes elle e sua côrte haviam buscado segura e farta guarida. Si de seu lado vertia lagrimas de saudades o rei, outro tanto não se dava com D. Carlota Joaquina, sua mulher, que para bem patentear a aversão á terra que ia deixar e que tão bem a recebera, mal pisou a bordo da náo que a devia transportar, jogou ao mar seus escarpins, dizendo que *della nem siquer o pó levaria.*

Entretanto, no bojo dos navios, em seguros cofres, se achava o numerario de todas as thesourarias: tal foi a rasoura praticada no erario nacional que, para acudir ás primeiras necessidades, teve a regencia de lançar mão do cobre do forro e das cavilhas das velhas náos fundeadas junto ao Arsenal de Marinha para fundil-o e amoedal-o!

Não satisfeitos em levarem a moeda, pretendiam os ferrenhos inimigos, como castigo aos protestos levantados, arrancar aos filhos da colonia, porém de longe, as liberdades civicas que tão caro haviam conquistado.

Mal sabiam elles, porém, que no lento caminhar de regresso, em suas esteiras, arrastavam egualmente as ronceiras náos lusitanas o frouxo manto que envolvia os dois povos em uma mesma nacionalidade; dir-se-ia que á proporção que ellas se afastavam, iam, de sul para o norte, pondo a descoberto e levantando a nação brazileira. Illuminavam o poente as trevas do occidente.

E' que os filhos da terra bem sentiam que:

> « Passar de reino a colonia
> He desar, he humilhação
> Que soffrer jámais podia
> Brazileiro coração. »

O espirito de independencia, sopitado até então, desencadeou-se qual onda frememte e avassalou todo o paiz:

não mais podia a lusa gente oppor diques ou harpéos á constituição da nossa nacionalidade.

O ensinamento dado pela mãe patria de que á colonia cabia prover por si a sua defesa era agora posto em pratica com verdadeiro delirio em proveito proprio.

*

Estava feita a independencia. Todavia para que ella se mantivesse tão completa como exigiam os antecedentes historicos e geographicos, fazia-se mister a creação de uma esquadra para arredar da nossa costa e repellir dos portos do norte e de Montevideo os dominadores nelles persistentes. Graças, porém, ao patriotismo brazileiro, ella se organisou tão prompta quanto a vontade dos seus iniciadores e em pouco tempo varreu das nossas aguas, perseguindo até o Tejo, a frota da metropole. De nada serviram os alvarás que prohibiam ao brazileiro ser marinheiro e possuidor de navios.

De Santa Catharina, da maruja terra que já havia contribuido com avultado numerario para a nossa palingenesia thalassocratica, numerosos filhos acudiram afim de tripularem os navios ao mando dos officiaes brazileiros natos que haviam deixado o serviço da metropole e mesmo de portuguezes que adoptaram a nova patria para, sob as ordens do bravo almirante Cochrane, manter a integridade nacional. Destes marujos catharinenses, vamos tratar hoje de João Nepomuceno de Menezes.

Nasceu elle na então villa do Desterro, ilha de Santa Catharina, a 7 de fevereiro de 1809. Foram seus progenitores Hippolyto José de Menezes e D. Anna Januaria de Provença Menezes.

Teve por escola o mar, pois no navio de seu pae, o *Bemvindo,* se iniciou na carreira maritima.

Depois de ter feito seus estudos seguio para o Rio de Janeiro afim de concluil-os. Ahi chegado, envolveu-o o torve-

linho patriotico então no seu auge; tratava-se de organisar a esquadra que deveria partir para a Bahia afim de expulsar os portuguezes e nella se alistou o joven catharinense, como primeiro marinheiro, contando apenas 14 annos, isto em 16 de março de 1823.

Mandado embarcar no brigue *Guarany*, ex-*Nightingale*, de 16 peças e commandado pelo capitão-tenente Antonio Joaquim do Couto, seguio a 3 de abril na esquadra sob o commando de Lord Cochrane e a 4 de maio, em frente ao porto de S. Salvador, foi testemunha do que praticou ella no combate travado com a portugueza, muito mais numerosa e apparelhada do que a nossa.

Não quiz, porém, a sorte que naquella tenra idade partilhasse do combate e se sagrasse heróe; sendo a quasi totalidade da guarnição do *Guarany* composta de portuguezes adherentes, e estes, de accordo com a senha recebida dos inimigos occultos, antes de iniciado o combate, recusaram-se a entrar em acção contra os seus compatriotas. Foi portanto Menezes mero espectador da gloriosa acção, primeira que coroou a nova bandeira.

Em vista do que tambem se tinha dado a bordo da *Nitheroy*, onde foi preciso dominar a revolta de alguns portuguezes que na occasião do combate se haviam apoderado do paiol da polvora recusando fornecel-a á bateria, e do proceder das guarnições da *Liberal* e do *Guarany*, resolveu Lord Cochrane, para levar a effeito a sua missão, guarnecer os melhores navios da sua esquadra unicamente com pessoal nacional e com o que elle proprio havia contratado.

Assim é que João Nepomuceno de Menezes foi a 7 de junho de 1823 mandado embarcar na fragata *Ypiranga*, com a categoria de voluntario a contar do dia 9 do mesmo mez. Essa nomeação, feita por Lord Cochrane, era o premio que recebera o joven patricio pelo seu proceder a bordo do

Guarany e foi confirmada pela portaria da Secretaria de Marinha de 12 de outubro do mesmo anno.

A bordo da *Ypiranga* fez parte do grupo dos navios que temerariamente deveria atacar dentro do proprio porto da Bahia a esquadra portugueza; o plano levado a effeito não teve o completo successo que, por circumstancias imprevistas, era de esperar. Exigindo concertos esse navio e tendo Lord Cochrane necessidade de marinheiros para os demais, pois se achava a esquadra desfalcada delles pelos constantes contingentes empregados em guarnecer as innumeras presas, despachou a 20 de junho a *Ypiranga* para o Rio de Janeiro.

Em 1824, embarcado no mesmo navio, seguio na divisão commandada pelo chefe João Taylor para Pernambuco, com instrucções para repôr o futuro marquez do Recife no governo.

Tendo sido suspenso o bloqueio do porto do Recife, por constar que Portugal pretendia enviar uma grande expedição para submetter de novo o Brazil ao seu jugo, ordenou o Imperador que toda a esquadra se concentrasse no porto do Rio de Janeiro e assim regressou a divisão.

Não se tendo realisado as intenções de Portugal, seguio a 25 de agosto sob o commando de David Jevett uma nova divisão para a suffocação da Confederação do Equador. Assim é que Menezes tomou parte no bombardeio da cidade do Recife, operado nos dias 13 e 16 de setembro, e no desembarque effectuado para a tomada d'aquella cidade portou-se com denodo e bravura.

Seguindo para o Maranhão no mesmo navio, ali passou por ordem de Lord Cochrane, em 30 de dezembro de 1824, para a galera *Jorge* afim de conduzir o ex-presidente daquella provincia, que desembarcou em 25 de fevereiro de 1825.

Pelos serviços prestados no bloqueio do porto da Bahia foi-lhe concedida a medalha creada por decreto de 17 de Agosto de 1825.

Por nomeação de 30 de outubro de 1826 foi mandado embarcar na fragata *Isabel*, da qual desembarcou em 18 de novembro seguinte para servir na esquadra em operações de guerra no Rio da Prata.

Por decreto de 17 de fevereiro de 1827 foi promovido a segundo tenente com a clausula de não se verificar este despacho emquanto não obtivesse informações favoraveis e apresentasse carta de piloto.

A bordo da *Duqueza de Goyaz* seguio acompanhando os demais navios que escoltaram D. Pedro I na sua visita ao sul do Brazil e chegou a Montevideo, onde foi o seu navio incorporado á esquadra bloqueadora.

O almirante Pinto Guedes, tendo conhecimento de que no Rio Negro da Patagonia se achavam varios corsarios argentinos em reparos, taes como o *Chacabuco*, *Hijo de Julio*, *Hijo de Mayo*, *Oriental Argentino* e sumacas *Bela Flor*, *Chiquilla* e *Emperatriz*, no intuito de destruil-os, resolveu enviar uma expedição composta da *Duqueza de Goyaz*, capitanea, corveta *Itaparica*, brigue escuna *Escudero* e escuna *Constança*. Dispunha a divisão de 51 canhões e 654 homens.

A 25 de fevereiro chegaram os navios á barra do Rio Negro e a 27, tocados por vento favoravel, investiram-na, sendo recebidos por nutrido fogo de um forte ali levantado.

Respostou-o a *Escudero* que fazia a vanguarda, vindo em seguida a *Itaparica* que o varreu á metralha, fazendo-o calar.

A *Duqueza de Goyaz*, infelizmente de maior calado, ao enfrentar o passo, encalhou e, apesar dos auxilios prestados pela *Constança*, teve que ser abandonada com perda de 38 tripulantes.

Nove dias depois um grande temporal que sobreveio desfez completamente o seu casco.

Nesse naufragio, Menezes, que era eximio nadador, prestou relevantissimos serviços; graças a elle a salvação da maior parte do pessoal da corveta fez-se com toda a ordem. Devido ao grande numero de horas que foi obrigado a nadar, estabelecendo os cabos de salvação e ao esforço nelles empregado, adquirio o germen da molestia que o havia de victimar.

As forças argentinas, vendo seu forte arrazado e forçada a entrada da barra, retiraram-se para a villa Carmen, no interior, afim de engrossar o numero de seus defensores.

Seguindo rio acima a *Constança* e a *Itaparica*, é a primeira atacada pelo commandante da *Chacabuco* e demais corsarios, sendo repellidos os assaltantes; a segunda pouco acima da entrada encalhou.

O capitão de fragata Shepherd, contrariado com o máo tempo reinante e desejoso de promptamente dar fim á commissão, resolveu, em má hora, fazer um desembarque com a totalidade de suas forças e seguir por terra a atacar o centro de abastecimentos do inimigo.

Em vez porém de destruir primeiramente os corsarios, deixou á mercê delles os seus navios quasi desguarnecidos e afastados um dos outros.

No dia 7 de março, pela madrugada, commandando cerca de 300 homens, atacou o commandante Shepherd o inimigo, o qual se apresentou não só de frente como de flanco. Aos primeiros tiros cahe morto o commandante.

Seu substituto, o capitão-tenente Eyre, comprehendendo o erro de seu chefe, congregou os nossos marinheiros e começou uma retirada em completa ordem. Os argentinos, porém, nos haviam flanqueado, interpondo-se entre as nossas forças e a costa.

Não estava terminada a triste odysséa; envoltos os nossos em densas nuvens de pó e de fumo, desprendidas dos campos propositalmente incendiados, mortos de sêde e de

cansaço, ainda assim iam abrindo caminho, combatendo sempre os bravos marujos, na esperança de alcançar os navios. Não o conseguiram porém; renderam-se a 7 de março com a perda de 41 homens. No numero dos prisioneiros estava João Nepomuceno de Menezes.

Emquanto em terra eram os nossos marujos dizimados, no rio eram os navios atacados pelos corsarios. Primeiramente cahiram sobre a *Escudero*, a qual só arriou a bandeira depois que o seu bravo commandante, o 1° tenente Potier, tombou com o peito aberto e o braço partido pela metralha; depois veio a vez da *Constança*, que só dispunha de 16 homens sob o commando interino do 2° tenente Joaquim José Ignacio. Seu commandante defendeu-se com denodo e, para escapar-se para junto da *Itaparica*, fez-se de vela, porém encalhou. Aterrorisada a guarnição, um marinheiro inglez pretendeu arriar a bandeira, mas o valente commandante prostra-o com uma cutilada; é porém improficuo o esforço, porque a escuna é apresada. Chegou por fim a vez da *Itaparica* cuja reduzida guarnição, vendo o succedido nas demais, logo fraqueou.

Perdemos nesta malfadada expedição quatro navios, sendo um naufragado; 29 canhões, sete bandeiras, 38 homens afogados, 41 mortos em combate e 613 prisioneiros, entre os quaes 20 officiaes. Duzentos marinheiros estrangeiros alistaram-se nas fileiras inimigas, os outros, brazileiros, foram encarcerados e mettidos nos porões dos navios.

Para attenuar de certo modo tão grande desastre, tivemos o seguinte episodio no qual tomou viva parte Nepomuceno de Menezes e que bem demonstra não ter ficado abatido apesar do revez soffrido, o moral dos brazileiros.

Metteram os argentinos a bordo do brigue *Anna* noventa e tres brazileiros, fazendo-o comboiar pelas corvetas *Chacabuco* e *Itaparica*, já baptizada com o nome de *Ituzaingo*, afim de serem transportados para o Rio Salado. A 16 de

agosto, ao sahirem a barra, revoltaram-se os nossos, chefiados pelo 1° tenente Marques Lisboa, posteriormente almirante e marquez de Tamandaré; apoderaram-se do navio e fizeram-se de vela para Montevidéo, apesar da perseguição tenaz do inimigo, onde chegaram a 29 do mesmo mez, apresentando-se ao chefe da nossa esquadra.

Foi mandado Nepomuceno de Menezes embarcar no cutter *Bemvindo*, passando em 7 de outubro, na qualidade de immediato, para a escuna *Greenfell*, do commando do 1° tenente Isidoro Antonio Nery.

Esse navio, que fazia parte da divisão bloqueadora, constituida pela corveta *Liberal*, brigues *Caboclo* e *Rio da Prata* e escunas *D. Paula* e *Primeiro de Dezembro*, suspendeu a 1 de abril das proximidades do banco de Santiago e com os demais foi atacar dentro do porto de Buenos-Aires as embarcações inimigas.

A 9 de março de 1828 assumia o commando do cutter *Bemvindo*, donde passou novamente para a *Greenfell*.

A 12 de abril, em frente a Pozos, presentindo os argentinos que a nossa divisão pretendia arrebatar um navio americano carregado de contrabando de guerra que ali se achava fundeado, fizeram sahir a sua flotilha, composta da *Sarandy*, *Ocho de Febrero*, *Nueve de Febrero*, *Maldonado* e as barcas-canhoneiras para protegel-o.

Dos nossos adiantaram-se o brigue *Vinte e Nove de Agosto*, sob o commando do 1° tenente Jesuino Lamego Costa, depois almirante e barão de Laguna, e uma escuna e começaram a tirotear o inimigo. Estabelecido o combate, encalhou o *Vinte e Nove de Agosto* e foi cercado pelo inimigo.

Não se intimida o commandante, cuja bravura era lendaria: para alliviar o seu navio, teve que cessar o fogo afim de passar a artilharia para vante. Debaixo de tremendo fogo, já estava decidido a fazer voar o seu navio, quando a *Greenfell*, que se achava a barlavento, mette em cheio, toma posi-

ção na popa do brigue e abre nutrido fogo contra o inimigo e assim se conserva até que o outro desencalhe.

Nessa occasião a *Sarandy* e a *Nueve de Febrero* são valentemente atacadas, recebendo a primeira muitas avarias no apparelho e a segunda largo rombo no costado.

Nesse combate portou-se com extraordinaria galhardia o valente Nepomuceno de Menezes.

A 12 de junho embarcou no brigue *Niger*, tomado no combate de Punta de Lara, e nesse navio, que fazia parte da divisão do intemerato chefe James Norton, empenhou-se na perseguição do corsario argentino *General Brandzen* até que o mesmo no dia 16, depois de tremenda e gloriosa luta, foi tomado e incendiado, debaixo do fogo das baterias do forte Brown, levantado em Punta de Lara.

Foi nessa memoravel peleja que o chefe Norton, não se coadunando com o papel de mero espectador, por ser a *Bertioga* de grande calado, embarcou-se em um escaler e seguio para bordo do *Nove de Janeiro* a dirigir a acção.

Ahi tombando ferido no peito e com o braço quasi decepado, continuou a dar ordens até que foi transportado para a capitanea onde lhe foi amputado o braço e, ao terminar a gloriosa peleja, assignou a parte official com a mão esquerda e disse: *Perdi o meu braço direito, fui ferido no peito e em outros logares, mas estou contente por ter sido pela causa do Imperador do Brazil que defendo; estou prompto a voltar a arriscar a vida pelas mesmas causas, apenas possa fazer mais algum movimento, o que espero não tardará muito.*

Spartanas palavras que exprimem o caracter do chefe que muitas glorias deu á nossa patria.

Do *Niger* passou Nepomuceno para a fragata *Ypyranga* em 22 de setembro de 1828.

Por aviso de 11 de novembro foi tornado publico haver satisfeito a clausula com que fôra promovido ao posto de 2°

tenente. Da fragata *Ypiranga*, donde desembarcou em 23 de março de 1829, passou a commandar a escuna *Bella Maria*.

Por decreto de 18 de outubro de 1829 foi promovido ao posto de 1° tenente, deixando o commando da *Bella Maria* para assumir o da charrua *Jururuba*, que servia de presiganga no porto do Rio de Janeiro. Em tres de novembro de 1832 assumio o commando do brigue *Tres de Maio*, donde desembarcou em 13 de novembro de 1834 para assumir o commando da escuna *Venus*, depois de apparelhada a brigue, para instrucção do corpo de aspirantes a guardas-marinha. Nessa commissão se conservou até 10 de novembro de 1836.

Nomeado em 14 de dezembro do mesmo anno para commandar o paquete *Itaparica*, nelle desempenhou diversas commissões: desembarcou no anno seguinte por ter sido promovido a capitão-tenente, por decreto de 18 de Fevereiro, contando antiguidade de 22 de Outubro anterior. Nesse posto foi nomeado commandante da charrua *Trinta de Agosto*, seguindo para o Pará; desse navio passou a embarcar na náo *Pedro Segundo*.

Ao organisar a regencia os elementos para suffocar as forças republicanas que começavam em Santa Catharina a desenvolver-se com inaudito atrevimento, affrontando até no mar os navios imperiaes, coube ao chefe Mariath a missão do commando das forças navaes naquella antiga provincia e com elle seguio a 12 de Agosto de 1839 o capitão-tenente Menezes, nomeado commandante da canhoneira *Dous Irmãos*.

Chegado a Santa Catharina, toma parte no dia 28 de agosto no combate de Massiambú, no qual são derrotadas as forças republicanas e a 17 do mez seguinte, depois de ter auxiliado a passagem da tropa no rio Massiambú, segue para a enseada do Pinheiro e, tomando posição na barra do Imbahú, destroça novamente os revolucionarios.

Ainda no commando do navio capitanea do chefe Mariath, foi um dos heroes da memoravel tomada da Laguna, a capital da Republica Catharinense.

Nella, como todos os demais, foi elle testemunha do feito heroico de sua comprovinciana a legendaria Annita Garibaldi, que a bordo do seu navio, a *Itaparica*, affrontou com valor egual senão superior o varonil esforço e bizarria dos valentes que se atreveram a forçar a barra da Laguna.

Terminada essa campanha teve licença e seguio para o Rio de Janeiro. Em 26 de agosto de 1840 foi nomeado ajudante da Inspectoria do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, donde passou a commandar a barca a vapor *Amelia*, seguindo para o Rio Grande do Sul onde se conservou até 7 de fevereiro de 1843, data em que deixou o commando deste navio e regressou ao Rio de Janeiro.

Por decreto de 11 de setembro de 1841 foi nomeado cavalleiro da ordem de Aviz e nomeado em 22 de dezembro do mesmo anno commandante do brigue-escuna *Leopoldina* estacionado em Pernambuco. Em 10 de junho de 1845 passou a commandar o transporte *Numero 1* e mais tarde foi commandante do brigue *Capiberibe*, seguindo nelle para o Rio da Prata, onde assumio o commando da corveta *Bertioga*, que fazia parte da esquadra ao mando do chefe de esquadra João Pascoe Greenfell e composta da fragata *Constituição*, corvetas *Dona Januaria*, *União*, *Dona Francisca*, *Berenice* *Euterpe*, *Bahiana*, brigues *Eolo*, *Capiberibe*, *Calliope* e vapores *Pedro Segundo*, *Golphinho*, *D. Affonso*, *Paraense*, *Recife* e *D. Pedro*. Essa esquadra bloqueava o porto de Montevidéo, afim de livrar o Estado Oriental do dominio argentino, representado pelo sanguinario tyranno Oribe.

Capitulada a praça de Montevidéo regressou por doente no vapor *Golphinho* ao Rio de Janeiro.

Por decreto de 3 de março de 1852 foi promovido a capitão de fragata e nomeado director da Cordoaria da

Armação, tendo-lhe sido conferida por decreto de 1 de abril anterior á medalha de ouro n. 1, estabelecida para a esquadra que servio no Rio da Prata.

Por aviso de 13 de dezembro de 1853 foi nomeado commandante dos navios desarmados, passando depois a commandar a corveta *Dona Francisca*. No commando deste navio fez diversas commissões e cruzeiros.

Aggravando-se seus males e já cansado de uma vida tão cheia de serviços á patria, foi inspeccionado de saude a 7 de junho de 1858 e sendo julgado incapaz pedio e obteve sua reforma no posto de capitão de mar e guerra.

Falleceu o bravo official em 19 de Julho de 1875 deixando na carreira que tão dignamente abraçou um nome aureolado de respeito e honradez e conceituado como provecto marinheiro.

Ao veterano da nossa Independencia rendemos o preito merecido, estampando o seu retrato e traçando sem artificios, em inconditas phrases, os serviços prestados á sua patria.

H. BOITEUX
Capitão de fragata

SANTA CATHARINA NA MARINHA

II

O capitão-tenente Francisco Pereira Machado

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado

POR

HENRIQUE BOITEUX
CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO
Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1912

SANTA CATHARINA NA MARINHA

O CAPITÃO-TENENTE FRANCISCO PEREIRA MACHADO

De nobre e velha raça oriunda da ilha de S. Jorge, Açores, é rebento Francisco Pereira Machado, como da mesma estirpe descendem os Machados Bittencourt e Machados de Souza que tanta gloria deram a Santa Catharina.

Vio elle a luz na então villa do Desterro, a 8 de janeiro de 1803, e foram seus progenitores os abastados proprietarios João Pereira Machado e d. Rita Alves do Nascimento.

Do ninho de marinheiros que é a pittoresca ilha do sul, a atalaia dos nossos conterminos meridionaes, tomou surto o joven catharinense, para no mar expandir a avita incli-

nação, e em continuados vôos de aprendizagem com pouco tempo tornou-se provecto na carreira abraçada.

Os laços que nos ligavam a Portugal e acabavam de ser desfeitos e a commoção resultante exigia de todos os brazileiros o maior devotamento. Nessas circumstancias Francisco Pereira Machado, não desmentindo os impulsos naturaes de seu coração de patriota ardente, apresentou-se ao governo para servir onde seus serviços fossem reclamados.

Acabava de chegar ao Rio de Janeiro, em maio de 1822, a esquadra que as côrtes portuguezas haviam enviado ao Brazil para obrigar o principe regente a regressar para Lisboa; diante porém, da imposição do povo, apresentada por José Bonifacio, que em representação feita por elle declarava que a partida do regente seria signal para uma declaração de independencia, e com a qual placidamente se conformou D. Pedro, foi essa esquadra compellida a fazer-se de véla com as tropas lusitanas de que vinha pejada, com excepção porém da fragata *Real Carolina*, e de oitocentos e tantos soldados e marinheiros que adheriram á nossa emancipação.

A mór parte da officialidade e marinhagem desse navio, amalgamada á nossa nacionalidade por longa convivencia, havia pouco que tinha seguido para Lisboa, incorporada á divisão que para ali acompanhara a familia real.

Nessa fragata, ora incorporada ás forças brasileiras por ordem de D. Pedro, foi mandado embarcar a 4 de outubro de 1822 na qualidade de 3.º piloto o joven Pereira Machado, contando 19 annos.

Obstinava-se a divisão portugueza de *Voluntarios Reaes*, sob o mando de D. Alvaro a não reconhecer a nossa independencia; e na capital da provincia Cisplatina, Montevidéo, entretendo relações com as tropas de sua nação que na Bahia ainda se achavam, procurava este por todos os

meios fazer com que aquella provincia fosse subtrahida á nossa integridade, preferindo entrar em accordo com o governo de Buenos Aires para sua entrega, antes do que consentir que ao Brasil ficasse unida.

Esse modo de proceder de D. Alvaro fez com que o governo enviasse uma divisão sob o commando do capitão de mar e guerra David Jewett, afim de compelil-o a evacuar aquella praça, já sitiada por nossas forças ao mando do general Lecór.

A 17 de outubro partia a divisão composta da *União*, capitanea, *Real Carolina*, corveta *Liberal*, transportes *Bella Bonita, Sete de Março, Conde de Arcos, General Lecór* e brigue *Liguri*. Era a primeira vez que se fazia ao mar uma divisão naval arvorando o novo pavilhão nacional, e acobertado por elle seguio na *Real Carolina* o nosso biographado.

Chegada que foi a divisão a Montevidéo, dirigio o chefe uma proclamação aos officiaes portuguezes concitando-os a adherirem á causa brazileira, e logo a bordo apresentou-se o vice-almirante Rodrigo Ferreira Lobo, afim de receber as ordens do imperador.

Tendo conhecimento o chefe de que em um navio mercante americano seguira para Bahia um official de marinha, emissario de D. Alvaro, afim de pedir ao general Madeira dinheiro e recursos para se oppôr á entrega da praça, determinou ao commandante da *Real Carolina* que désse caça aquelle navio e aprisionasse o official; o que sem demora foi executado.

Depois de uma permanencia de vinte dias em Montevidéo, regressou ao Rio a divisão, desembarcando da *Real Carolina* Pereira Machado em 7 de abril, afim de submetter-se a exame; e a 23 do mesmo mez para a mesma regressou, na qualidade de 2º piloto, seguindo em maio para a Bahia, a bordo do mesmo navio, que fôra mandado reunir-se aos

demais navios que sob as ordens de Lord Cochrane ali estavam bloqueando a esquadra portugueza.

Tendo resolvido o almirante Cochrane atacar a esquadra inimiga dentro do proprio porto na Bahia e arrebatar a fragata *Constituição*, o melhor dos seus navios, para execução deste plano ordenou aos commandantes da sua capitanea, a nau *D. Pedro I*, da fragata *Real Carolina* e da corveta *Maria da Gloria* que entrassem no porto por entre as duas linhas inimigas dispondo-se na melhor ordem e tendo a artilharia carregada com dois tiros por peça; deveriam proceder no maior silencio, descarregar os canhões contra as duas columnas e escapar com a maior presteza: pois a escuridão da noite, a fumaça e o inopinado do ataque desnorteariam o inimigo, obrigando as duas columnas a bater-se uma contra a outra.

Emquanto isto se désse, os nossos bombardeariam a fragata *Constituição*, o mais novo e, como acima disse, o melhor navio da esquadra lusitana.

A's 10 horas da noite entraram os nossos tres navios Infelizmente a maré era de vasante e a brisa muito bonançosa, por isso teve a *Real Carolina*, mais pesada e ronceira, e com o mastaréo do velacho rendido, de ceder á *Maria da Gloria* o segundo logar na formatura.

O apparecimento dos nossos navios no meio das linhas inimigas tal confusão e atordoamento produzio entre elles que nem siquer lhes permittio o ataque. Acalmando o vento, virou em roda a divisão brazileira e foi-se afastando com a maré, sem ter deixado no entretanto a *Maria da Gloria* de abordar algumas barcas armadas que o chefe lusitano tinha disposto para a defesa.

Com a sua divisão regressou Lord Cochrane para o morro de S. Paulo, afim de activar o preparo dos brulotes com os quaes pretendia executar a mesma façanha por elle praticada em Aix.

Substituio a *Real Carolina* o mastaréo do velacho e assim ficou prompta a operar.

O rigoroso cerco mantido por terra pelas forças patriotas da Bahia, e por mar pela esquadrilha ao mando de João das Botas e pela esquadra, obrigou o general Madeira, desilludido de receber auxilios da metropole ou de Montevidéo, a abandonar a Bahia na esperança de poder cahir sobre o Maranhão ou o Pará. E nesse intuito fez embarcar nos seus transportes tudo o que havia de aproveitavel nos arsenaes, não escapando as alfaias e sinos das igrejas da cidade, mandando destruir o que não era possivel transportar e metter a pique as embarcações de facil aproveitamento.

Eram 11 horas da manhã do dia 2 de julho de 1823, quando o comboio portuguez composto de 86 navios enfrentou a barra, e logo Lord Cochrane, que o espreitava com a *Pedro I*, *Maria da Gloria* e *Real Pedro*, mandou ordem á *Real Carolina*, *Nictherohy*, *Bahia* e escuna *Carlota* que a elle se reunissem.

Assim constituida, a nossa esquadra começou com extrema galhardia a picar incessantemente a retaguarda inimiga. Dir-se-ia um bando de albatrozes em perseguição a falcões: de cada bordada ao troar dos canhões eram arrancadas do comboio innumeras presas.

Ordenou o almirante que a *Real Carolina*, o brigue *Rio da Prata* e a escuna *Leopoldina* continuassem no serviço de fazer presas, cruzando na costa da Bahia, emquanto que elle com os demais navios perseguiria a esquadra portugueza. Livre a Bahia, o almirante dirigio-se para o Maranhão; a *Nictherohy* sob o commando do bravo Taylor levou a affrontar a esquadra portugueza até a entrada do Tejo, dando-lhe diariamente ao anoitecer uma banda de sua artilharia.

Depois de tres dias de cruzeiro na costa da Bahia, dirigio-se a *Real Carolina* para o Morro de S. Paulo levando

com o brigue *Guarany* e os transportes, d'ahi para o porto da capital, as presas e tudo o mais que ali se achava.

A 12 de junho entrava na Bahia a divisão brazileira, sendo saudada pela do almirante inglez Thomas Hardy, que ali fundeara no dia 4.

Da Bahia regressou Pereira Machado em seu navio para o Rio de Janeiro, de onde seguio para Montevidéo, afim de trazer um batalhão de pernambucanos que ali se achava, facto este que acalmou até certo ponto a effervescencia que reinava naquella provincia contra a politica de D. Pedro, e que recrudesceu e explodio com a dissolução da constituinte, dando em resultado a formação da Confederação do Equador.

Para reforçar o bloqueio do porto do Recife partio a *Real Carolina*, já então, desde 19 de maio, denominada *Paraguassú*, sob o commando do capitão de fragata Matheus Welsh, em junho de 1824.

De Pernambuco, onde tomara parte activa na suffocação da revolução, regressou Pereira Machado, sempre no mesmo navio, e depois de ter feito exame passou a 1° piloto em 25 de agosto de 1825.

A 24 de abril de 1826 partio para o Rio da Prata na mesma fragata, que fazia então parte da divisão do almirante Pinto Guedes, posteriormente barão do Rio da Prata, o qual ia substituir o vice-almirante Rodrigo Lobo, mandado recolher preso afim de responder a conselho de guerra por erros commettidos no commando da esquadra.

A 23 de novembro destacou para a presa sueca *Andrew*, fazendo parte da 4ª divisão da esquadra, regressando para bordo de seu navio em 4 de janeiro de 1827, de onde passou a servir a bordo da fragata *Principe Imperial*, em activo cruzeiro.

Promovido a segundo tenente em commissão por aviso de 31 de agosto de 1827, passou a servir a bordo da fragata

Nictherohy em 2 de setembro e em 9 de novembro passou para o transporte *Trinta de Agosto*.

Por decreto de 18 de outubro de 1829 foi promovido á effectividade do posto de segundo tenente, com a clausula de se não verificar a promoção sem se matricular na Academia de Marinha ou apresentar carta de piloto e de não ter accesso ainda mesmo matriculando-se sem concluir o curso. Em 7 de novembro de 1830 desembarcou do citado transporte afim de concluir o seu curso e honrar os galões que lhe tinham sido conferidos por tantos serviços.

Por aviso de 18 de abril de 1831 determinou a Secretaria da Marinha que ficassem sem effeito as clausulas com que foi promovido, por ter feito o competente exame na Academia de Marinha e obtido carta de piloto; assim como que continuasse no exercicio do seu posto, visto ter justificado ser cidadão brazileiro.

Por aviso de 25 de abril do mesmo anno foi mandado embarcar na corveta *D. Amelia*, que depois se denominou *Sete de Abril*, logo depois que a mesma corveta regressou de acompanhar as corvetas francezas *Volage* e *La Seine*, que conduziram para a Europa o ex-imperador D. Pedro I e sua filha D. Maria.

A agitação que se desenvolvia no norte do imperio obrigou o governo a enviar forças para com sua presença acalmal-a, e na *Sete de Abril* seguio o tenente Pereira Machado; o qual, pelos serviços prestados em Pernambuco em 1832, na Bahia em 1833 e no Pará de 1834 a 1836, foi promovido a 2° tenente, por decreto de 7 de setembro de 1837, contando antiguidade de 22 de outubro de 1836.

Estando em 1838 na Bahia, ás ordens do chefe Theodoro Beaurepaire, commandante das forças bloqueadoras do porto da Bahia, em poder dos revolucionarios, tomou parte no dia 4 de fevereiro no ataque feito á barca *Zebra* protegida por duas escunas armadas.

Da corveta *Sete de Abril* passou em 8 de março de 1839 para o brigue-barca *Vinte Nove de Agosto*, fazendo neste navio diversos cruzeiros.

Recolhendo-se ao Rio de Janeiro, foi nomeado para embarcar na corveta *Regeneração* a 4 de abril, seguindo novamente para o norte; ao chegar á Bahia passou para a fragata *Principe Imperial*, na qual regressou ao Rio de Janeiro em 4 de maio de 1841, indo servir na *Sete de Abril* em 12 do mesmo mez, desta desembarcando por desarmamento.

Por aviso de 14 de dezembro de 1841 foi nomeado para commandar a canhoneira *Quinze de Novembro*, estacionada em Santa Catharina, recebendo no anno seguinte em sua terra a grata nova de ter sido promovido, por decreto de 23 de julho, ao posto de capitão-tenente (posto hoje correspondente ao de capitão de corveta). Ornavam-lhe já então o peito as medalhas concedidas á divisão cooperadora da Boa Ordem em Pernambuco e da Guerra da Independencia na Bahia.

Por aviso de 25 de agosto seguinte ficou Pereira Machado pertencendo ao respectivo quadro da Armada, de conformidade com o decreto de 1 de dezembro de 1841.

Ao regressar de Santa Catharina em 5 de março de 1843, no vapor *Urania*, vindo de commandar a força naval ali estacionada, lhe foi, por aviso de 14 do mesmo mez, communicado que por desarmamento da canhoneira *Dous Irmãos*, deixava áquelle commando, sendo elogiado pelo bom desempenho de suas obrigações e seu digno comporta mento nesse cargo.

Por nomeação de 20 de junho seguinte embarcou na corveta *Dona Januaria*, seguindo para a divisão naval da Bahia, onde passou para a corveta *Dona Francisca* em 17 de janeiro de 1846.

Por aviso de 12 de março foi mandado recolher-se ao Rio de Janeiro, de conformidade com a ordem expedida ao com-

mandante da Estação Naval do Centro; e a 8 de julho, afim de dar cumprimento a essa ordem, foi mandado embarcar no brigue *Andorinha*. Chegando ao Rio em 1 de agosto, desembarcou a 24 do mesmo mez. Tendo dado parte de doente em 17 de novembro, apresentou-se para o serviço a 7 de dezembro.

Nomeado por aviso de 19 de julho de 1847 para ajudante do inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, foi encarregado da inspecção das obras de mar e das barcas a vapor.

Falleceu o distincto official, que tantos serviços prestou á sua patria, no dia 23 de dezembro de 1851.

H. BOITEUX
Capitão de fragata

SANTA CATHARINA NA MARINHA

III

O almirante Jesuino Lamego Costta

(BARÃO DA LAGUNA)

I — O capitão de mar e guerra João Napomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Luguna).

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1912

SANTA CATHARINA NA MARINHA

III

O ALMIRANTE JESUINO LAMEGO COSTA

(Barão da Laguna)

Filho de Nicoláo José Lamego Costa e de D. Joaquina Antonia de Jesus, nasceu no sitio das Larangeiras, Laguna, provincia de Santa Catharina, no dia 13 de Setembro de 1811.

Expulsas as hostes lusitanas do norte do Brazil, fazia-se mistér abafar no extremo sul os prodromos da perfida urdidura de D. Alvaro de Macedo, que, não podendo conservar a provincia Cisplatina para o dominio portuguez, proditoriamente entrara em negocios com o governo das Provincias

Unidas do Prata afim de lh'a ceder, de preferencia a que a mesma continuasse incorporada ao Brazil.

Surdo o governo de Buenos Aires a todas as reclamações contra a organisação de expedições armadas sahidas do territorio platino para molestarem as nossas tropas de occupação e o consentimento dado a corsarios para se armarem contra o nosso commercio maritimo, exigio porfim o governo brazileiro que fosse posto um paradeiro a tantos insultos e provocações.

Com esta exigencia mais accesa se tornou a campanha contra nós e a poder de ouro e de intrigas conseguiram os platinos o fim almejado.

A 4 de Novembro de 1825 nos enviava o governo de Buenos Aires uma nota, na qual communicava que tendo o povo oriental declarado nullo o acto de sua incorporação ao Imperio e manifestado o desejo de unir-se ás Provincias Unidas do Rio da Prata, a que sempre pertencera e queria pertencer, resolvera por todos os meios a seu alcance auxiliar a evacuação dos pontos occupados por forças do Brazil.

Foi este o ultimo cartel atirado ao Brazil, que em resposta declarou-lhe guerra a 10 de Dezembro.

Commandava as nossas forças navaes no rio da Prata o vice almirante Rodrigo José Ferreira Lobo que, a principio de accordo com as idéas de D. Alvaro, adoptara porfim a causa de nossa independencia.

Chamado ao Rio de Janeiro para receber instrucções, teve como uma das maiores recommendações a de evitar por todos os meios a sahida de corsarios.

A 21 de Dezembro foram declarados bloqueados os portos da republica de Buenos Aires, bem como os que na margem oriental estivessem occupados por forças d'aquella republica.

Foi no meio destes preparativos bellicos que appareceu a figura já varonil do joven catharinense Jesuino Lamego Costa.

Si não descendia de avita nobresa, como Lord Cochrane, pois de seus ascendentes só temos noticia de João de Almeida Lamego, que ainda em 22 de Dezembro de 1767 fazia parte da Camara do Desterro, conquistou pela sua heroica bravura, não como aquelle illustre almirante, aos dez annos, mas aos quinze, os galões de segundo tenente da armada.

De sua terra natal seguira aos sete annos de idade para o Rio de Janeiro, afim de fequentar um collegio, e depois em companhia de seu pae e de seu irmão José, em consecutivas viagens da Laguna e do Desterro para o Rio de Janeiro e Montevidéo, fez sua aprendizagem na arte de marinheiro e de navegar.

Em agosto de 1825 embarcou na canhoneira *Araçatuba*, que sob o commando do piloto José Cardoso Ferreira Lobo seguio do Desterro para Montevidéo e Colonia do Sacramento, onde já se achava seu irmão commandando a escuna *Maria da Gloria*.

Era a *Araçatuba*, armada com um unico rodizio, uma das quatro canhoneiras com que o patriotismo catharinense havia augmentado o nosso poder naval durante a guerra da independencia.

A 1 de setembro de 1826, passou Jesuino Costa a servir a bordo do brigue-escuna *Rio da Prata*, do commando de seu irmão o 2° tenente José Lamego Costa, na qualidade de voluntario, fazendo parte da 1ª divisão da esquadra bloqueadora, conforme a organisação dada pelo novo chefe o almirante Pinto Guedes, depois barão do Rio da Prata. O almirante Lobo, sobre quem pesavam accusações de dar pouco vigor ás operações, havia sido mandado recolher ao Rio de Janeiro afim de responder a conselho de guerra.

Em serviço de bloqueio estava o *Rio da Prata* quando acossado por mao tempo procurou abrigo no porto de Maldonado, onde fundeou a 15 de Dezembro, ao NW das ilhas Gorriti.

Eram tres horas da madrugada quando o audaz corsario Fournier, francez de origem, para se desforrar da refega que soffrera nas proximidades da Colonia do Sacramento, pretendeu, em um lanchão e dez baleeiras, que fizera transportar em carretas, e que guarnecera com cento e vinte homens, tomar de abordagem o *Rio da Prata*.

Não contava porém o ousado aventureiro que dentro do pequeno lenho se alojavam peitos encouraçados pela coragem que dá o patriotismo.

Achava-se de quarto o guarda-marinha Diogo Ignacio Tavares, o qual, presentindo a approximação dos atacantes, sem ruido despertou o commandante e poz a postos todo o pessoal. Não se fez esperar a abordagem depois de ter um só estampido de todos os canhões disparados a um tempo levado a confusão ao inimigo.

Na tolda do brigue desenrolaram-se então scenas de epico brio e valentia. A heroica figura do joven Jesuino illuminava a todos. O official de quarto, o piloto, o escrivão José Balbino Soares e o cabo do destacamento Manoel José Vieira foram outros tantos bravos que mantiveram bem alto o nome da nossa marinha, dirigidos todos pelo valente José Lamego Costa que a todos deu o exemplo.

Conseguida a repulsa do inimigo não se contentou com isto o bravo marujo lagunense: fez-se de vela e perseguindo o adversario tomou-lhe o lanchão e metteu a pique diversas baleeiras, fazendo-lhe ainda numerosos prisioneiros, como castigo de tanta ousadia.

Por esta grande prova de valor foi José Lamego Costa promovido a 1º tenente, e nomeado segundo-tenente em commissão pelo almirante commandante da esquadra o joven Jesuino Lamego, em ordem do dia de 18 de dezembro de 1826, tres mezes depois de embarcado. Contava elle então apenas quinze annos de idade.

O facto que acabamos de narrar causou tal enthusiasmo em Montevidéo que o corpo commercial da cidade para testemunhar a sua grande admiração á coragem dos bravos tripulantes do brigue, gratificou a guarnição do *Rio da Prata* com um mez de soldo e viveres para igual tempo.

Entrava o anno de 1827. O almirante Brown, depois de ter mandado reparar as avarias soffridas pela sua esquadrilha na abordagem tentada á fragata *Maceió*, na Praia Hunda, perto de Martim Garcia, onde o bravo commandante Mariath bem alto levantou o valor brazileiro, fez-se de vela a 2 de Março, accrescida a sua força de seis embarcações das tomadas no rio Uruguay, e fundeou em Conchillas.

A 24 de Março, julgando azada a opportunidade, empenhou-se em combate ás 4 1/2 horas da tarde contra a nossa divisão, ao mando do arrojado commandante João das Botas.

Em frente a Quilmes não se desmentio a reputação de valentia de Jesuino Lamego no encarniçado combate, que durou até ao anoitecer.

Já se retirava o inimigo para Buenos Aires, tendo sete mortos e dez feridos, alem de grandes avarias no apparelho e no costado, quando um triste espectaculo illuminou lugubremente o scenario da luta e mesclou de lagrimas a nossa victoria: a pequena escuna *Dous de Dezembro*, do commando do primeiro-tenente Baum, procedente da Colonia do Sacramento, conduzindo trinta barris de polvora e 120 marinheiros, muitos dos quaes salvos do desastre do rio Uruguay, voou pelos ares pelo effeito de uma bala.

Dessa explosão só escaparam tres marinheiros; nella pereceu tambem o 1° tenente Carvalho, um dos heroes do Juncal.

A brilhante trajectoria que vinha traçando o joven Lamego a bordo do *Rio do Prata*, sob os auspicios de seu digno irmão, não estava terminada.

A 6 de abril seguinte ás 8 horas da noite sahia garbosa e decidida do fundeadouro dos Pozos a esquadra argentina, composta do *Republica*, capitanea, *Congresso*, *Independencia* e *Sarandi*, afim de reunir-se aos demais navios e atacar a nossa.

Presentindo o chefe da nossa divisão os movimentos do inimigo, suspendeu ás 11 1/2 horas da noite, procurando-lhe tolher a passagem.

A's 2 horas da manhã, tendo conseguido attrahir os adversarios, deu ordem para perseguil-os e com vento de N E foi iniciada a caça.

O *Congresso* procurando fugir á perseguição que já de perto se fazia, encalhou; o que sendo visto pelos demais, viraram de bordo e vieram collocar-se em defesa do mesmo.

Impossibilitados os nossos de se approximarem, pelo grande calado dos navios, não podendo tão pouco abordal-os, pelo muito mar, limitaram-se a canhoneal-os de longe, até ás 4 1/2 da tarde.

Durante este tempo conseguia o *Congresso* desencalhar e mais proximo de terra entrou na Ensenada. Os outros tres suspenderam em seguida e tiroteados pelos nossos procuram escapar-se por sobre o banco de Santiago, mas encalharam o *Republica* e o *Independencia*.

Apesar de inauditos esforços para safar, vigiados como estavam, assim se conservaram até a manhã seguinte.

Ao clarear do dia romperam os nossos certeiro fogo; a cada mudança de amura succediam bandas inteiras, prolongando-se o canhoneio desde as 5 1/2 até 11 horas, quando abonançou o vento. Aproveitando-se desta circumstancia, ordenou o chefe que fossem arriados os escaleres para a abordagem, a qual se realisou debaixo de tremendo e vivo fogo de ambos os lados.

O 1º tenente Subrá, secretario do chefe, foi o primeiro a dar o exemplo, approximando-se com a sua canoa.

Depois de tremenda luta, ás 4 horas era aprisionado o *Republica*, cuja bandeira foi substituida pela brazileira pelo bravo Subrá, aos estrepitosos vivas da nossa maruja. O restante da guarnição deste navio, acutilado pelos nossos, procurou salvação na *Sarandi*, atirando-se ás aguas.

Seguio-se a vez do *Independencia*, cheio de rombos nas obras mortas, arriar a bandeira; devido porém ao seu mao estado foi incendiado.

Escapou-se a *Sarandi*, bastante avariada, levando o almirante Brown, ferido em uma perna.

Cobrio-se de louros neste memoravel combate o intrepido Lamego Costa.

Deste feito naval diz um escriptor argentino, não podendo sonegar o desastre soffrido: — «*La gloria maritima de la republica no quedó sepultada com los restos de su esquadra en el banco funesto del monte de Santiago*».

No dia seguinte a este combate passou Lamego Costa para o brigue *29 de Agosto*, onde se conservou até maio de 1829, sempre servindo ás ordens de seu irmão. Pertencia este navio á divisão commandada pelo intemerato capitão de mar e guerra João dos Botas, encarregado do bloqueio do rio Salado.

Promovido á effectividade do posto por decreto de 12 de outubro de 1827, estava no serviço do alludido bloqueio quando a 23 de março de 1828 coube ao seu e a outro navio dar caça ao corsario *Niger*, considerado veleiro de primeira ordem.

Já se trocavam os primeiros tiros quando, avistando o commandante Inglis, do *Caboclo*, os dois navios, forçou de vela e aprisionou o corsario, antes que delle se approximasse José Lamego, que deixou por essa razão de ver coroada a sua empreza de exito seguro. Si, porém, louros perdeu Jesuino nessa occasião, outros colheu em frente a Pozos, para engrinaldar ainda mais a sua já honrosa fé de officio.

Achava-se naquelle porto fundeado um brigue americano carregado de munições, e a nossa divisão pretendeu arrebatal-o. Os argentinos conhecendo o intento fizeram sahir uma frotilha composta da *Sarandi, Ocho de Febrero* (ex-*Januaria*), *Nueve de Febrero, Maldonado* e diversas barcas canhoneiras, afim de protegel-o.

Da nossa divisão adiantaram-se o *29 de Agosto* e uma escuna e desde logo empenhou-se o combate. Os inimigos, no intuito de attrahir os nossos para cima dos bancos que ali se estentem, foram cahindo para sotavento. O *29 de Agosto*, seguindo-os, encalhou e foi immediatamente cercado.

Em tão critica situação se não abate o animo do valente commandante: com o seu sangue frio e bravura proverbiaes, mede num relance o perigo e prepara-se para evital-o. Manda cessar por um instante o fogo da artilharia, emquanto passa para vante as peças de ré, afim de aliviar o navio.

O rapido emmudecer do fogo alenta os atacantes, os quaes mais se acercam do *29 de Agosto*, promptos a abordal-o. Já decidido a fazer voar o seu navio, antes que deixal-o aprisionar, teve José Lamego a fortuna de ver approximar-se a barca *Grenfell* do commando do seu comprovinciano o tenente João Nepomuceno de Menezes, que se achava a barlavento. Era que o denodado Menezes tendo visto o que succedia a José Lamego, mettera em cheio e tomando posição á popa do *29 de Agosto* abrira nutrido fogo contra os assaltantes, fazendo-os recuar do seu intento e assim se conservando até que o brigue desencalhou.

Pagaram caro a *Sarandi* e o *Nueve de Febrero*, pois que tiveram de abandonar a acção cheios de rombos no costado e avarias no apparelho e de retirar-se para dentro do porto.

Os nossos navios, depois deste combate que durou 3 1/2 horas, fundearam ás 4 horas da tarde, fóra do porto.

Foi nessa guerra a ultima acção em que entrou Jesuino Lamego Costa, pois a 2 de maio de 1829 desembarcou do

29 de Agosto, seguindo para o Rio de Janeiro, onde prestou exames para obter a carta de piloto.

Por aviso de 16 de novembro do mesmo anno foi mandado embarcar na fragata *Isabel* que seguio em commissão á Europa, a mandado de D. Pedro I, por motivo da questão relativa á successão do throno portuguez, tocando na ilha da Madeira e em Plymouth.

De regresso, desembarcou em 6 de julho de 1830, sendo nomeado a 23 do mesmo mez, contando apenas 19 annos, para commandar a corveta *D. Amelia*, em desarmamento; navio em que se conservou até 1 de janeiro de 1831.

Cinco dias depois, seguia embarcado na *Ypiranga* para a Bahia afim de servir na *Defensora*, e deste navio passou em 9 de abril de 1832 para o brigue *Tres de Maio*, donde desembarcou por doente em 21 de julho.

Em outubro foi nomeado para commandar uma das embarcações empregadas na guarda dos ancoradouros de descarga. Não lhe dizendo porém ficar inactivo, pedio e obteve passagem para o paquete *Bella Americana*, conforme determinou o aviso de 7 de janeiro de 1833. Em 18 de abril passou para bordo do paquete *Januaria*.

Nomeado por aviso de 28 de julho commandante do brigue *Niger*, não chegou a assumir esse cargo, porque, sendo seus serviços exigidos no norte do Brazil, onde campeava o fermento revolucionario, foi sua nomeação mandada ficar sem effeito, devendo, em vez, tomar o commando do brigue *Constança*.

Foi esse navio armado no porto do Maranhão com quatro peças por banda e seguio em companhia da fragata *Imperatriz* para o Pará, onde chegou a 17 de abril de 1835, conforme ordenara o presidente do Maranhão, attendendo ao pedido de auxilios feito pelos officiaes de marinha estacionados no Pará, para pacificação da provincia.

Obstinava-se o presidente intruso do Pará em não fazer entrega do governo e em não desarmar seus partidarios; em vista disto resolveu o commandante da divisão naval obrigal-o á força, para o que ordenou aos navios que se aprestassem para bombardear os pontos fortificados e proteger o desembarque das tropas.

Coube a Lamego Costa, fundeado a tiro de pistola do Arsenal de Guerra, a protecção ao desembarque das forças legaes, soffrendo nutrido fogo que ferio e matou algumas praças do seu navio.

Muitos outros serviços prestou ainda elle até a terminação de tão cruenta sedição.

Do *Constança* passou por aviso de 17 de julho de 1836 a commandar o paquete *Primeiro de Abril*, donde desembarcou em 9 de fevereiro de 1837.

Em remuneração aos serviços prestados no Pará, foi promovido a primeiro-tenente por decreto de 7 de setembro, contando antiguidade de 22 de outubro de 1836.

O longo tempo que levou Lamego Costa no posto anterior, explica-se pela lei que dispoz que se não fizesse, durante certo prazo, promoção alguma no exercito e na armada.

Em 6 de março do anno seguinte foi nomeado para commandar a escuna *Lebre*, fazendo viagem para Santa Catharina; desta passou a commandar a *Legalidade* em 4 de junho de 1839.

Mal extincto o facho revolucionario no Pará, explodio elle com violencia no Maranhão, com a denominação de *guerra dos balaios*, espalhando o terror e a desolação no interior da provincia. Para extinguil-o teve o governo de enviar forças de terra e mar, e o concurso de Lamego Costa foi exigido.

Do Rio de Janeiro seguio para S. Luiz do Maranhão, onde entrou em varios combates contra os bandos de Raymundo Gomes, o chefe mais audaz da revolta.

Na tomada da villa de Santa Maria de Belém do Icatú, em 2 de novembro, onde se achavam entrincheirados 1200 homens, Lamego Costa, commandando 70 marinheiros de seu navio, reunidos a outros tantos soldados da força do tenente-coronel Luiz Antonio Favella, com tal denodo atacou a posição, que em poucos momentos estavam desalojados e em debandada os inimigos.

Nomeado Lamego Costa, pelo presidente da provincia, commandante militar da citada villa, preparou-a para a defesa. A 22 de novembro foi a villa atacada pelas 7 horas da manhã e o combate prolongou-se até ás 5 da tarde.

Iniciado o ataque por tres pontos differentes, coube a Lamego repelil-o, levando-o por sua vez á trincheira de Tegibaquara, levantada pelo inimigo, a qual tomou de assalto á frente de seus setenta marinheiros, auxiliado pelo fogo da artilharia de uma lancha e de um cutter.

No dia seguinte foram diversas guerrilhas dispersas.

Lamego Costa, no commando militar da villa, houve-se de tal modo que em pouco tempo recebeu e desarmou para mais de 2000 insurrectos, commandados pelo chefe Matrôa. Por serviços tão assignalados não recebeu Lamego Costa remuneração pecuniaria alguma, alem dos vencimentos que lhe competiam como commandante da *Legalidade*.

Como premio, foi por decreto de 15 de março de 1840 promovido ao posto de capitão-tenente, contando antiguidade de 2 de dezembro de 1839.

Em 1 de setembro de 1840 passou a commandar o brigue *Imperial Pedro* onde continuou a prestar serviços na manutenção da ordem legal.

No commando deste navio confiou-lhe o presidente do Maranhão uma commissão reservada ao Rio de Janeiro, para onde partio a 29 de setembro.

Por aviso de 19 de outubro seguinte foi-lhe determinado que logo que tivesse concluido a commissão de que

se achava encarregado, regressasse de novo ao Maranhão e assumisse o commando do seu navio.

A 18 de julho de 1841 foi nomeado cavalheiro da Ordem do Cruzeiro, e, na conformidade do decreto de 1 de dezembro de 1841, ficou pertencendo á 1ª classe que constituio o Quadro da Armada, conforme foi declarado pelo aviso de 25 de agosto de 1842.

Do Maranhão seguio para o sul e em Pernambuco, onde aportara, recebeu ordem de regressar ao Rio de Janeiro na primeira embarcação que se fizesse de vela.

Regressou no mesmo brigue *Imperial Pedro*. O motivo do seu regresso era para justificar-se da accusação que delle fizera o presidente do Ceará de não ter passado para bordo da escuna *Bella Americana* um marinheiro do brigue do seu commando, como lhe fôra determinado.

O capricho do presidente que mais olhava a sua vaidade do que os principios da disciplina, levou o bravo commandante Lamego Costa a conselho de guerra. Pesava mais á accusação o brio e pundonor do official, cujo caracter não admittia dobrez, do que o futil pretexto do não cumprimento da ordem recebida. O Conselho Supremo Militar de Justiça absolveu-o plenamente.

Desgostoso, no entretanto, pedio Lamego Costa licença para empregar-se na marinha mercante, o que lhe foi concedido, porém com a clausula de voltar ao serviço logo que fosse chamado.

Na Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor obteve o commando do paquete *Imperador*, fazendo diversas viagens. Sendo este vapor fretado pelo governo, foi Lamego Costa chamado a serviço e nomeado commandante do mesmo por aviso de 29 de setembro de 1845, sendo o navio encorporado á esquadra que, sob as ordens do chefe de esquadra João Grenfell, deveria acompanhar SS. MM. Imperiaes na sua visita ás provincias do sul.

A 6 de Outubro partio a esquadra, composta da fragata *Constituição*, capitanea, corveta *Euterpe*, brigues escunas *Fidelidade* e *Pirajá*, patacho *Argos*, vapores *Imperador* e *Imperatriz*, acompanhada tambem dos navios de guerra *Ravitan*, americano, *Grecian*, inglez, e *D. João VI*, portuguez.

De regresso dessa commissão continuou no commando do dito vapor até fevereiro de 1846; e, de novo ao serviço da companhia, coube-lhe transportar para Alagoas a expedição sob o commando do brigadeiro Seára, composta de artilharia, caçadores e fuzileiros, para ali mandada em outubro.

Por aviso de 27 de abril, dirigido ao chefe Grenfell, foi Lamego Costa elogiado pelo bom desempenho da commissão ao sul, e por decreto de 13 de outubro foi nomeado cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, por contar mais de vinte annos de bons e leaes serviços.

Promovido a capitão de fragata por decreto de 14 de março de 1849, foi a de 6 de Junho nomeado commandante da fragata a vapor *D. Affonso*, deixando por essa razão a Companhia onde havia grangeado verdadeira estima e alta consideração pelo seu caracter e extrema correção.

As serias desintelligencias que sobrevieram entre os governos do Brazil e de Buenos Aires, por causa da occupação de Montevidéo para pôr cobro aos desmandos dos blancos, induziram o nosso governo a augmentar as forças do mar e terra ali em operações. Foi então nomeado o chefe Grenfell para commandar a nossa esquadra, seguindo a 16 de abril de 1851 na fragata *Constituição*, acompanhada das corvetas *D. Januaria* e *União*, brigue *Calliope* e vapores *Recife* e *D. Affonso* commandado por Lamego Costa.

Assediava Montevidéo o exercito de Oribe, emquanto a frotilha buonarense se conservava no ancoradouro interior de Buenos Aires. Para impedir as communicações, foi combinado entre o general Urquiza, governador de Entre-Rios, e o então Conde de Caxias que seguisse para o Paraná uma

divisão de nossa esquadra. Esta medida desconcertou completamente os planos de Rosas, que não confiando nos seus proprios recursos, contava com o auxilio da Gran-Bretanha e da França. Conservaram-se no entretanto neutras estas potencias.

Em novembro avançaram as tropas brazileiras e entrerianas e com a esquadra compelliram a rendição de Oribe, logar-tenente de Rosas.

Livre Montevidéo, nada mais nos restava do que atravessar o rio e marchar sobre Buenos Aires, onde Rosas organisava novo exercito. A vanguarda deste, sob as ordens do general Mansilla, occupava uma forte posição no Rio Paraná, na ponta Acevedo, no passo de Tonelero, o qual estava fortificado com 16 peças, morteiros, e defendida por 2000 homens de infantaria e artilharia.

A 14 de dezembro partia da Colonia do Sacramento o chefe Grenfell, a bordo do *D. Affonso*, acompanhado dos vapores *Pedro II* e *D. Pedro*, depois de ter embarcado 1200 praças da 1ª brigada de infantaria brazileira, e á noite foi encontrar-se com a divisão sob as ordens do capitão de mar e guerra Parker, composta das corvetas *D. Francisca*, *União* e brigue *Calliope*, este sob o commando do 1º tenente Francisco Cordeiro Torres e Alvim.

Pela madrugada de 17, tomando o *D. Affonso* a reboque a *D. Francisca*, o *Pedro II* a *União*, e o *Recife* a *Calliope* com o *D. Pedro* ao costado, seguio rio acima a nossa esquadra, prompta para o combate. Transposto o passo Obligado, que estava desoccupado, ao enfrentar o de Tonelero são recebidos os nossos navios por uma saraivada de balas a qual é rebatida com inaudita precisão e enthusiasmo.

Durante oitenta minutos, que tantos foram os gastos na passagem, desde o chefe até o ultimo marinheiro e soldado mostraram todos heroica bravura. Lamego Costa, o commandante do *D. Affonso*, como sempre com o busto erectil,

grave e calmo, não destoou do chefe, que *con toda serenidad parado en los tambores del vapor con su anteojo en la mano, de gran uniforme como se se tratara de um dia de fiesta, affronta el peligro mientras lloviam las balas en su derredor.*

Em recompensa a tão assignalado feito, foi por decreto de 3 de março de 1852 promovido ao posto de capitão de mar e guerra, sendo pelo mesmo motivo elevado tambem a official da Ordem do Cruzeiro e, por decreto de 1 de abril do mesmo anno, condecorado com a medalha de ouro n. 2 da Campanha do Rio da Prata.

Em 22 de maio, achando-se ainda no Rio da Prata, obteve licença para vir ao Rio de Janeiro, e durante ella assumio o commando da fragata *Amazonas*, seguindo em commissão á Bahia, e de regresso, partio a 29 de junho para assumir o commando do seu navio.

Por aviso de 9 de Agosto de 1852 foi nomeado commandante da divisão do Rio da Prata, seguindo na corveta *Euterpe* a 12 de Setembro.

Em virtude do aviso de 14 de outubro de 1854, entregou o commando da divisão, em cujo cargo prestou inestimaveis serviços; conservando-se porém a bordo da corveta *Bahiana*, donde passou para a charrua *Carioca* em 1 de fevereiro de 1855, trazendo sob sua inspecção os aspirantes a guardas-marinha que se achavam embarcados na esquadra do Rio da Prata.

Em chegando ao Rio de Janeiro foi nomeado para membro da Commissão de Revisão do Codigo de Signaes da Armada.

Nomeado a 13 de Março commandante da Estação Naval do Rio de Janeiro, assumio o honroso cargo no dia seguinte e nesse mesmo dia foi distinguido pelo governo imperial com a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Chegara entretanto o anno em que o intrepido marinheiro deveria receber os bordados de official general, facto

este que teve logar no dia 2 de Dezembro de 1856. Contava pois o chefe de divisão Jesuino Lamego Costa 45 annos quando a este posto foi promovido.

No commando da Estação Naval do Rio de Janeiro foi, em 26 de Fevereiro de 1857, elogiado pelo prompto cumprimento que deu ás ordens expedidas para a commissão em que sahira o vapor *Paraense*, indo acompanhal-o em pessoa e com a celeridade possivel por suppor-se haver apparecido perto da ilha de Jorge Grego um navio suspeito do occupar-se no trafico de africanos.

A 26 de maio do mesmo anno foi nomeado commandante da Divisão Naval do Rio da Prata, comprehendendo-se nella os navios em serviço desde Montevidéo até a provincia de Matto Grosso.

Antes porém de assumir este commando foi nomeado, por aviso de 2 de Junho, para ir em commissão com o tenente-coronel de engenheiros Christinia,no Pereira de Azevedo Coutinho no vapor *Recife* a Santa Catharina reconhecer e escolher o melhor local em que se poderia estabelecer um pharol na barra do Norte do porto do Desterro.

Depois de cumprida esta commissão, seguio em 10 de agosto na corveta *Dois de Julho* para o seu destino, assumindo o commando da esquadra de estação.

Nesta incumbencia empenhou-se o chefe Lamego em dar á nossa força naval o brilho necessario e destaque que uma boa organisação e bem entendida disciplina traz, quando o proprio executor é o primeiro a dar o exemplo.

De rija tempera, si bem que affavel, era inflexivel nos principios da disciplina militar. Elle, que não dispunha de grande cabedal scientifico, porque desde muito joven incessantemente empregado em serviços de guerra, não tivera tempo para açacalar a sua grande intelligencia, alliada a um grande bom senso, tinha o sentimento de que «a disciplina militar não é mais do que uma das varias formas do *galanteio*

social, o qual, como é sabido, funda-se no sentimento da *dignidade humana*, no *tacto*, que é a qualidade de nunca dizer nem fazer coisa alguma offensiva ás razoaveis susceptibilidades de outrem, na *reciprocidade* do respeito e da deferencia, no *exercicio da autoridade* com modos urbanos, no *exercicio da obediencia* com intelligencia e bem querer».

Com estes predicados conseguio durante todo o tempo de commando manter em estado efficiente uma grande força, e gosar da estima de todos os commandados.

Por aviso de 27 de novembro de 1858 foi nomeado para proceder a evoluções, manobras e exercicios com uma esquadra composta de treze navios, e de tal modo se houve no desempenho desta commissão que lhe valeu ser elogiado por aviso de 4 de fevereiro de 1859.

A convenção fluvial de 20 de novembro de 1857 entre o Brazil e a Republica Argentina estabeleceu que os rios Uruguay, Paraná e Paraguay, desde a embocadura no Rio da Prata até os portos internos dos estados ribeirinhos, abertos ou por abrir, seriam livres ao commercio e á marinha de todas as nações; e que os navios de guerra dos estados ribeirinhos gosariam da liberdade de transito e de entrada em todo o curso dos rios accessivel á marinha mercante. Desta convenção aproveitou-se Lamego Costa para escrever uma memoria sobre a navegação do Rio Paraguay, que foi offerecida ao imperador.

Em fevereiro de 1860 obteve o chefe Lamego licença para vir ao Rio de Janeiro, sendo no mez seguinte dispensado do alludido commando, por ter sido eleito deputado por sua provincia natal.

Honravam-no deste modo os seus comprovincianos, elegendo-o seu representante na camara dos deputados. Terminada a sessão legislativa pedio e obteve seis mezes de licença para passal-os em sua terra, regressando para tomar assento na sessão seguinte. Encerrada esta, apresentou-se ao Quartel General, sendo nomeado encarregado do Quartel General

da Marinha por decreto de 28 de setembro, funcção esta que deixou em maio de 1862.

Por essa epoca foi nomeado para fazer parte da commissão composta do barão de Tamandaré, chefe de esquadra Diogo Tavares, capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, capitão de fragata Gomensoro, capitão-tenente Eloy Pessoa e engenheiros navaes Level e Mattos, afim de apresentar e discutir as modificações que á arte militar naval decorreram dos combates travados entre as forças federadas e confederadas dos Estados Uuidos.

Em virtude do aviso de 26 de Dezembro do mesmo anno passou a accumular o logar de encarregado do Quartel General da Marinha e o commando da Estação Naval do Rio de Janeiro, mais tarde Divisão Naval do Primeiro Districto, até 2 de maio seguinte em que deixou as mesmas funcções para tomar assento da Camara.

Dissolvida esta, reassumio o logar de encarregado do Quartel General a 12 de maio de 1863 e, em virtude da portaria de 19 de janeiro do anno seguinte, accumulou de novo o commando da divisão naval até março.

Por decreto de 15 de abril foi dispensado desse logar para exercer o de inspector do Arsenal de Marinha. Foi sem duvida este um dos periodos mais importantes da vida do digno almirante, pois que nessa funcção talvez nenhum outro a tivesse melhor desempenhado.

Fôra declarâda a guerra contra o Paraguay; necessitava a nossa esquadra de toda a especie de recursos e de navios. O chefe Lamego, auxiliado por Braconnot, Level e Henrique Baptista, soube imprimir tal ordem e methodo nos afanosos trabalhos, que a producção do Arsenal se tornou maravilhosa.

Para dar uma idéa dos serviços prestados pelo almirante Jesuino Lamego Costa no cargo de inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, vamos transcrever o que disse

em sua obra *A Marinha d'Outrora* o venerando brazileiro visconde de Ouro Preto, no capitulo IV, ao tratar do material fluctuante da nossa marinha ao terminar a guerra do Paraguay:

« Na ultima phase da guerra e apesar de se terem perdido no decurso della cinco navios—o *Anhambahy*, na invasão de Matto Grosso, o *Jequitinhonha*, encalhado sob as baterias de Riachuelo e depois destruido, o encouraçado *Rio de Janeiro*, que se submergio em consequencia da explosão de torpedos na tomada de Curuzú, e os transportes *Oyapock*, que naufragou nas praias de Santa Rosa, á entrada do Rio da Prata, e *S. Francisco*, devorado pelas chammas no porto de Buenos Aires,— a marinha de guerra brazileira contava 94 vasos, dos quaes 16 encouraçados, 48 fragatas, corvetas, canhoneiras e transportes de madeira, e 12 lanchões de ferro, todos a vapor; 6 navios de vela, 7 pontões-depositos e 5 chatas armadas. Tripularam esta esquadra 6474 homens entre officiaes e praças de pret, e sua artilharia era de 237 bocas de fogo, predominando nesse armamento os canhões raiados de Witworth de 150, 120 e 70 e os de alma lisa a Paixans de 68 a 32. A força nominal era de 6122 cavallos.

« A esse tempo achavam-se escalados desde Montevidéo até Cuyabá 9 encouraçados, 6 monitores, 1 fragata, 5 corvetas e 23 conhoneiras a vapor, de madeira, 2 bombardeiras, 7 pontões e 7 transportes, guarnecidos por 4825 homens e 134 canhões (1).

« Em tres annos foi preparada a maior e melhor parte de tão poderosos elementos de guerra. A contar de 1868 não se alistou mais um marinheiro siquer, não se construio, nem se comprou um só navio, limitando-se o trabalho, ainda assim importante, dos arsenaes á reparação dos estragos da luta.

---

(1) Relatorios do Ministerio da Marinha de 1868-1869.

« Honra á administração do Imperio esse periodo, e manda a justiça que aqui mencione os nomes do chefe de divisão Jesuino Lamego Costa (depois vice-almirante, barão da Laguna) (1), dos capitães-tenentes Level e Braconnot e do capitão de fragata Henrique Baptista, aquelle inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e estes chefes das officinas de construcção naval, de machinas e do laboratorio pyrotechnico, que — verdadeiros titans do trabalho — mais contribuiram para os grandes resultados obtidos. Zelo, dedicação patriotica, habilitações profissionaes, difficilmente se encontram reunidos no gráo em que os manifestaram tão distinctos funccionarios. E convem advertir que em 1865 o Arsenal da Côrte, como então se denominava exactamente o melhor dos que possuia o Imperio, longe estava de poder attender ás necessidades do serviço, mesmo em epocas normaes. Faltavam-lhe espaço e muitos dos meios mechanicos adoptados pela industria moderna, que simplificam a mão de obra e economisam material e tempo.

« Não fôra o esforço extremo com que, desde os chefes do serviço até o menos graduado operario, porfiavam todos no

---

(1) Em lembrança deste prestimoso auxiliar e, annos depois, companheiro no Senado, citarei um incidente que a muitos parecerá sem importancia, mas que dá a medida de seu zelo no cumprimento do dever.

Resolvida pelos motivos que depois ver-se-ha a construcção de uma estrada de ferro no Chaco, ordenei que dentro de tres dias se preparassem os milhares de dormentes precisos, que embarcariam no immediato, para o que autorisei augmento de salario, de horas de serviço, e o engajamento de operarios civis, que se revesassem dia e noite com os arregimentados. Na segunda noite quiz verificar como se executavam taes ordens e inesperadamente apresentei-me, ás 2 horas da madrugada, na ilha das Cobras.

Por entre as turmas de trabalhadores divisei a imponente figura do chefe Lamego, que os fiscalisava e animava. *Não me apanham*, disse-me ao ponderar-lhe que assim prejudicava a saude. Ali permaneceu emquanto não vio prompto o que chamava a minha *massante encommenda*. E era conselheiro de guerra, official general, de avançada idade, enfermo, e tinha sob suas ordens um vice-inspector, ajudantes e outros subalternos em quem podia descançar.

desaggravo da honra nacional e seguramente não se poderia, a contar de 31 de Janeiro de 1865 até 8 de maio de 1868, não só levar a effeito importantes reparações nos cascos, machinas e accessorios dos navios existentes e a conclusão de construcções já encetadas, sinão tambem começar e terminar as de 3 encouraçados, 5 monitores e 2 bombardeiras, lançar as quilhas e adiantar a execução de mais uma corveta encouraçada e de 1 rebocador. Um dos encouraçados sahio ao mar em menos de 4 mezes, as bombardeiras fluctuaram em pouco mais de 3 e um dos monitores ao cabo de 5 mezes e alguns dias.

« Eis aqui as datas precisas:

Nome dos navios		Entrada para o estaleiro	Lançamento ao mar
Vapor	*Jaguary*	3 de Nov. de 1863	30 de Janeiro de 1865
Encour.	*Tamandaré*	31 de Janeiro de 1865	23 de Junho de 1865
»	*Barroso*	21 de Fever. de 1865	4 de Nov. de 1865
»	*Rio de Janeiro*	26 de Junho de 1865	17 de Fever. de 1866
Bomb.	*Pedro Affonso*	20 de Nov. de 1865	17 de Março de 1866
»	*Forte de Coimbra*	20 de Nov. de 1865	17 de Março de 1866
Corv.	*Vital de Oliveira*	14 de Março de 1863	21 de Março de 1867
Monit.	*Pará*	8 de Dez. de 1866	21 de Maio de 1867
»	*R. G. do Sul*	8 de Dez. de 1866	17 de Agosto de 1876
»	*Alagoas*	8 de Dez. de 1866	30 de Outubro de 1867
»	*Piauhy*	8 de Dez. de 1866	8 de Janeiro de 1868
»	*Ceará*	8 de Dez. de 1866	26 de Março de 1868
»	*Santa Catharina*	22 de Março de 1867	6 de Março de 1868
Cov.enc.	*Sete de Setemb.*	8 de Janeiro de 1868	
Reboc.	*Lamego*	8 de Janeiro de 1868 ».	

Como galardão a tantos serviços foi por decreto de 3 de setembro de 1866 nomeado Dignitario da Ordem da Rosa.

Em 21 de outubro seguinte obtinha licença para usar a commenda da Real Ordem Militar Portugueza de N. S^a^. da Villa Viçosa, e em 15 de janeiro de 1867 possuia tambem a commenda da Ordem de Carlos III, com que foi agraciado pela rainha de Hespanha.

Promovido a Chefe de Esquadra por decreto de 21 de janeiro de 1867, continuou a prestar serviços no Arsenal.

Nesse posto recebeu o diploma de Official da Legião de Honra com que fôra agraciado pelo Imperador dos Francezes em dezembro de 1866 e por decreto de 20 de dezembro de 1867 foi nomeado Conselheiro de Guerra.

Não era, como se vê, sómente o governo de seu paiz que aquilatava do valor de Jesuino Lamego Costa, mas tambem os governos estrangeiros que espontaneamente apreciando os seus meritos o distinguiam. Assim é que em 12 de fevereiro recebia mais elle o titulo de Commendador da Legião de Honra e o de Commendador da Ordem Neerlandeza, concedido este por Wilhem III em outubro anterior.

Por aviso de 12 de julho do 1868 foi louvado pela dedicação e zelo que sempre revelou pelo serviço.

Finalmente, o decreto de 17 de março de 1871, tendo em attenção os relevantes serviços por elle prestados em relação á guerra do Paraguay, veio agracial-o com o titulo de Barão da Laguna.

O bravo lagunense dava assim á sua terra um escudo vasado em bravura, honradez e patriotismo, para substituir o de Lecór bem desdourado, e que nenhuma significação tinha.

Ás muitas condecorações que lhe ornavam o peito veio reunir-se ainda a de Cavalheiro de 1ª classe da Ordem Real de S. Stanislao com que o agraciou o Imperador da Russia.

Não se esqueceram os seus conterraneos do filho illustre que tanto honrava a terra em que nascera; já o tendo levado á Camara como deputado, com a morte de outro lidador catharinense, o tenente-coronel José da Silva Mafra, que, de simples soldado do regimento dos *Barrigas-verdes*, chegou a occupar a cadeira senatorial, suffragaram seu nome para substituil-o nella. Assim é que tomou assento na Camara vitalicia em 26 de dezembro de 1872.

Em 2 de setembro de 1873 foi exonerado a pedido da Inspectoria do Arsenal de Marinha; mandando por essa occasião S. M. o Imperador que fosse louvado pelos relevantes serviços prestados naquelle cargo, especialmente no longo periodo da guerra.

Apesar de senador, não foram dispensados seus serviços profissionaes, pois por aviso de 16 de dezembro foi nomeado para commandar o Primeiro Districto Naval e em 23 de janeiro de 1874 foi nomeado para commandar em chefe a Estação Naval do Rio da Prata, para onde partio a 1 de fevereiro a bordo da corveta *Nitheroy*, chegando a Montevidéo a 15. Durante essa viagem, foi promovido a vice-almirante graduado em 7 de fevereiro.

Em 12 de maio entregou o commando da esquadra e regressou na mesma corveta ao Rio de Janeiro, onde chegou a 26, afim de tomar parte nos trabalhos legislativos.

Tendo pedido exoneração do commando em chefe da Estação Naval do Rio da Prata, mandou S. M. o Imperador louval-o por aviso de 18 de setembro de 1874 pelos bons serviços prestados durante o tempo que exerceu o referido commando.

Pelo ministerio da Agricultura foi por essa epoca requisitado, afim de seguir em commissão com o seu mais de uma vez citado comprovinciano Francisco Cordeiro Torres e Alvim, já então chefe de divisão e barão de Iguatemy, para examinar a barra de Paranaguá e os portos de Antonina e Pedro II, sendo pelo aviso de 16 de fevereiro de 1875 louvado pelo bom desempenho dessa commissão de que foi o presidente.

Por aviso de 24 de maio de 1876 foi nomeado para inspeccionar as forças navaes e estabelecimentos de Marinha no Rio da Prata, Santa Catharina, Rio Grande e Matto Grosso, partindo a bordo do vapor nacional *Rio de Janeiro*.

Desta commissão regressou a 27 de setembro do mesmo anno, sendo mandado louvar por S. A. a Regente pelo zelo e intelligencia com que desempenhou essa importante commissão.

Sentindo-se cançado, o vice-almirante Jesuino Lamego Costa requereu sua reforma, a qual lhe foi concedida no posto de almirante por decreto de 15 de dezembro de 1876, recebendo a 22 do mesmo mez e anno a gran cruz da Ordem de S. Bento de Aviz.

Eis em largos traços os relevantissimos serviços prestados pelo barão da Laguna, todos elles com bravura, honradez, probidade e dedicação. Conquistou, exclusivamente por merito proprio, todos os postos do quadro da Armada, mostrando sempre grande amor ao trabalho, uma lealdade a toda prova e uma honestidade immaculada.

A aureola de respeito e consideração que cercava a veneranda figura de Jesuino Lamego Costa fez com que o partido politico a que se filiara o escolhesse para um dos seus esteios, e que os chefes do mesmo aceitassem com enthusiasmo a indicação da sua candidatura.

Si o illustre catharinense não possuia volumosa e desenvolvida illustracção scientifica e litteraria, nem dotes oratorios tribunicios que o puzessem em alto destaque, recommendava-se entretanto pela perspicacia e bom senso que em alto gráo possuia, e viva intelligencia alliada a uma reputação, incontestavelmente merecida, de grande cavalheirismo e probidade.

A luta travada para a sua eleição foi apoiada pelo governo central que fez triumphar o seu candidato, e Lamego Costa em maio de 1860 tomou assento na Camara. Sua acção como deputado não se manifestou na tribuna, mas fez-se sentir nas commissões de que foi parte, mostrando-se invariavelmente comedido em suas opiniões, sempre ouvidas com acatamento, porque eram dictadas por um espirito pratico

e desejoso do progresso de seu paiz. Nunca foi partidario exaltado, nem envolveu-se em lutas estereis. A sua reputação como homem recto e criterioso ficou firmada entre os seus collegas, e as suas maneiras affaveis, seu porte varonil, sua nobreza e hombridade de caracter conquistaram a sympathia e a admiração de todos os seus pares.

Dissolvida a camara de deputados em 1863, em consequencia da ascenção do partido liberal ao poder, não se apresentou o illustre catharinense a disputar a reeleição e continuou, como vimos, a prestar seus serviços militares.

Escolhido senador em 1872, na vaga deixada pelo tenente coronel José da Silva Mafra, tomou assento na Camara vitalicia em 26 de dezembro do mesmo anno, como já ficou dito. Neste novo posto teve a opportunidade de prestar á sua terra natal o grande serviço de amparar com todo o seu esforço e prestigio o projecto da construcção da estrada de ferro D. Pedro I, que ligaria Santa Catharina ao Rio Grande do Sul.

Não só da tribuna, como tambem das suas grandes relações, lançou mão o barão da Laguna para ver realisado o justo desideratum de seus comprovincianos; e de seus esforços sahio vencedora a idéa. Infelizmente, os governos que se succederam não olharam para essa importantissima via de communicação, tão necessaria sob todos os pontos de vista, e ainda hoje em vão esperam os catharinenses e o Brazil inteiro que ella se transforme em realidade. Razão de sobra tinha o barão da Laguna quando escrevia a um articulista «...e applaudo muito, pelos artigos seus que tenho lido, o interesse que toma pela resolução do grande problema da estrada de ferro D. Pedro I. Eu por minha parte empregarei todos os meios, farei todos os esforços a meu alcance em prol da realisação de tão grande obra; e si for feliz no tentamen, como espero, considero o maior serviço que tenha prestado á minha querida provincia, digna de melhor sorte. . . »

O reconhecimento dos catharinenses ao barão da Laguna pelos serviços prestados á grande idéa ficou registrado no seguinte telegramma que lhe endereçou em 15 de Janeiro de 1883 a Associação Commercial do Desterro, assim concebido:

« A Associação Commercial da cidade do Desterro, interprete fiel do sentimento do povo catharinense, confessa-se agradecida a V. Ex. pela solicitude com que defendeu a causa do engrandecimento e riqueza desta provincia, a estrada de ferro D. Pedro I, tornando-se no seio da representação nacional o propugnador poderoso desse melhoramento, attrahindo assim as bençãos dos seus comprovincianos, que o inscrevem entre os seus bemfeitores ».

O illustre catharinense, que por tantos titulos fez juz á gratidão da patria, falleceu a 16 de fevereiro de 1886, contando perto de setenta e cinco annos de idade.

Ao ser conhecida a dolorosa noticia, foi a Familia Imperial a primeira a enviar á viuva um telegramma de condolencias; o Senado lavrou em acta uma declaração de que a noticia do fallecimento do barão da Laguna era recebida com o mais profundo pezar, resolveu tomar lucto por tres dias, convidando os seus empregados a fazer o mesmo, e nomeou uma commissão para acompanhar os restos mortaes. O Club Naval suspendeu suas sessões.

No dia seguinte baixou ao tumulo o venerando almirante barão da Laguna conduzido em coche mortuario da casa imperial, acompanhado por todo o ministerio e por mais de duzentos carros, muitos repletos de innumeras corôas.

Era elle tambem veador de S. M. a Imperatriz e exercera ainda os cargos de provedor do Asylo de Santa Leopoldina e de director de varias companhias.

Foi este illustre varão o primeiro filho de Santa Catharina que na marinha militar obteve os bordados de general.

Fiquem estes ligeiros apontamentos como um documento de sua bravura que foi muita; do seu trabalho que foi indefesso e proficuo; da sua honradez, lealdade, dedicação e alto espirito de justiça que foram proverbiaes; de seu cavalheirismo e nobreza, que o não foram menos: predicados estes que nos podem servir de exemplo e que fazem venerar a memoria do grande brazileiro que foi o Barão da Laguna.

Seu nome é ainda hoje pronunciado com respeito e funda saudade pela velha mestrança do nosso Arsenal de Marinha, operarios e aprendizes do tempo em que elle ali servio.

H. BOITEUX
Capitão de fragata

o autor

Rio, 26 Janeiro 1913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

IV

O capitão-tenente José Lamego Costa

I — O capitão de mar e guerra João Napomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Luguna).
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1912

SANTA CATHARINA NA MARINHA

IV

O CAPITÃO-TENENTE JOSÉ LAMEGO COSTA

Logo após a chegada á Bahia da expedição que transportara a côrte lusitana fugida á invasão de Portugal pelas tropas francezas, apresentou-se o sabio brazileiro José da Silva Lisboa, futuro viscon de de Cayrú, ao principe regente, a quem expoz, com solidos e irrefutaveis argumentos, a necessidade absoluta da abertura dos portos do Brazil ao commercio mundial, até então vedados a todas as nações, excepto á metropole.

Tão fundo calaram no animo de D. João as razões apresentadas pelo emerito cidadão que, apesar da opposição de seus ministros, ordenou fosse lavrado o respectivo decreto, que referendou.

Com esta decisão agitou-se em toda a sua vasta extensão o corpo da antiga colonia, sendo deste modo dado o primeiro passo para a sua futura emancipação politica e social; e desde então tomou surto o movimento commercial e industrial do Brazil.

Era, na época, Santa Catharina farto celleiro: innumeros navios de todos os portos começaram a aportar ali em busca de productos agricolas e industriaes para attender

á escassez existente no Rio de Janeiro, onde se havia estabelecido porfim a côrte, seguida por uma avalanche immigratoria nunca vista.

A frequencia de tantas embarcações nos portos catharinenses fez desabrochar, cheia de vigor, no animo dos filhos da terra a insita disposição marinheiresca, adormecida desde muito pelos alvarás prohibitivos de posse de navios e exercicio da profissão maritima aos filhos da colonia.

Para dar alento a esse espirito gerador de energias, foi sem duvida principal factor o commercio que se estabeleceu entre Santa Catharina e Rio de Janeiro e depois com Montevidéo; creou elle a escola maritima onde um grande numero de filhos da terra buscou assento, illustrando-se, para mais tarde honrarem-n'a com bravura e patriotismo.

O anno mais activo deste commercio foi o de 1812, pois recebeu o Rio de Janeiro, procedentes de Santa Catharina, 150 navios (5 galeras, 32 bergantins, 63 sumacas, um penque, 37 lanchas e 12 hiates), carregados de farinha de mandioca, aguardente, azeite de baleia, arroz, trigo, feijão, cebolas, alhos, linho fino, canhamo, tijollos, cal, telhas, madeiras e louça de barro. Devido ás guerras e occupação da Cisplatina, deslocou-se o commercio para o sul, mas apesar disso ainda em 1818-19 entraram no Rio de Janeiro, procedentes do Desterro, 24 embarcações, e da Laguna 21, sahindo 26 para o primeiro porto e 20 para o segundo. No anno seguinte entraram 29 do Desterro, 16 da Laguna e 7 de São Francisco, sahindo respectivamente 40 para o primeiro, 16 para o segundo e 9 para o ultimo. Desse ninho de marinheiros muitos foram os chamados, pela necessidade da guerra, ao serviço a bordo dos navios da esquadra.

A retirada da familia real para Lisboa acarretou a ida da maioria dos officiaes de curso, e logo após a proclamação da nossa independencia grande numero dos restantes, que não adheriram á nossa causa, regressou á patria. Nessas cir-

cumstancias, para poder guarnecer a esquadra em formação, contratou o governo officiaes no estrangeiro e buscou na marinha mercante os julgados mais dignos e merecedores de aceitação. Neste numero encontra-se José Lamego Costa, filho de Nicoláo José Lamego Costa e de D. Joaquina Antonia de Jesus, nascido na Laguna em 1804.

O empenho do governo de Buenos-Aires em chumbar á sua grei a provincia Cisplatina, que accitara voluntariamente a sua incorporação ao Brazil, apesar das solercias de D. Alvaro de Macedo, fez com que o nosso governo se oppuzesse ás insidias postas em acção por aquelle para realisar taes designios. Nesse sentido ordenou ao vice-almirante Rodrigo Lobo, tão impoliticamente conservado no commando das nossas forças navaes no Prata, que exigisse explicações daquelle governo, as quaes não foram attendidas.

Os recursos materiaes enviados pelo governo de Buenos-Aires aos partidarios na Cisplatina da separação do Brazil, separação esta fomentada por aquelle proprio governo, e o armamento de corsarios nos portos platinos contra o nosso commercio maritimo, e por fim a peremptoria declaração de que «o governo de Buenos-Aires auxiliaria por todos os meios ao seu alcance a separação daquella provincia e sua annexação ás demais platinas», fez com que o nosso governo não mais contemporisasse, pelo que foi declarada a guerra.

Aos navios que constituiam a nossa esquadra bloqueadora dos portos platinos e dos occupados na Cisplatina por tropas inimigas, foi reunir-se a escuna *Maria da Gloria*, a mesma que havia sido armada pelos confederados de Pernambuco e aprisionada no porto de Pedras pelo chefe Beaurepaire.

Sob o commando do segundo-tenente José Lamego Costa, partio ella no dia 11 de novembro de 1825, e em breve ia o joven catharinense revelar-se official de extremada bravura e digno emulo dos demais. Não possuimos infelizmente

detalhes que esclareçam seus antecedentes á nomeação para servir na marinha de guerra.

A epica repulsa ao formidavel ataque levado a effeito á colonia do Sacramento pela esquadrilha de Buenos-Aires ao mando do almirante Brown, e que para os defensores de terra e mar daquella praça exprime o mais alto expoente da bravura, representada pelo heroico brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues, o intemerato chefe que soube repellir a intimação de rendição com as seguintes palavras escriptas — *de que a sorte das armas decide da sorte das praças* — não foi aproveitada pelo vice-almirante Rodrigo Lobo, para de vez, si acudisse a tempo, como lhe fôra avisado, esmagar o poder naval inimigo.

O vigor de um salvou a honra nacional; a inercia, porém, do outro permittio que Brown continuasse a affrontal-a.

Tão frouxa foi a acção de Rodrigo Lobo e taes erros commetteu na direcção das operações, que o governo ordenou que se recolhesse preso ao Rio de Janeiro, afim de responder a conselho de guerra.

Em abril de 1826, tendo o almirante Brown deixado alguns navios em cruzeiro entre a colonia do Sacramento e S. João, aventurou uma arriada (1) até em frente a Montevidéo, levando com sua capitanea a *25 de Mayo* os brigues *Republica* e *Congresso*, todos acobertados pela bandeira franceza, com o fim de capturar os navios que encontrasse arvorando o nosso pavilhão.

No dia 11, perseguindo Brown uma embarcação nossa de commercio, approximou-se tanto do porto que foi logo reconhecido como sendo inimigo.

Chefiava a divisão que estava no porto de Montevidéo o capitão de mar e guerra Pedro Antonio Nunes. Era ella

(1) Termo puramente brazileiro, que significa o mesmo que *raid*.

composta da fragata *Nictherohy*, commandada pelo capitão de fragata James Norton, e das escunas *Conceição*, commandante 2° tenente Thomaz Thompson, *Itaparica*, 1° tenente Joaquim Leal Ferreira, *Maria da Gloria*, 2° tenente José Lamego Costa, e *Maria Thereza*. Immediatamente fez o chefe signal para suspender e seguir em perseguição dos navios platinos. Eram 11 horas da manhã e ás 3 da tarde empenhou-se o combate entre a *Nictherohy* e a *25 de Mayo* secundada pelo *Republica*, fugindo o *Congresso* á approximação das escunas, distanciadas da *Nictherohy* pela pouca marcha.

Com inaudita bravura o commandante Norton, ora contra a *25 de Mayo*, ora contra o *Republica*, despeja-lhes bandas inteiras, até que sentindo-se impotentes os inimigos contra tão valente luctador, abandonam o campo de acção, levando a *25 de Mayo* nove mortos e quinze feridos, alem de graves avarias no costado e no apparelho e o *Republica* um morto e dois feridos e muitas avarias. A *Nictherohy* teve cinco mortos e nove feridos.

Diz a parte official deste combate... «devendo assegurar a V. Ex. que faz honra ao commandante da fragata, o capitão de mar e guerra James Norton, e ao capitão-tenente Grenfell, que o acompanhou, o valor com que se bateram tanto tempo, assim como aos commandantes das escunas a promptidão com que seguiram o inimigo, e todos se comportaram muito briosamente, sendo até successo de mais importancia, por ter sido á vista de todos os habitantes de Montevidéo, que bem presenciaram como as nossas embarcações souberam desenvolver-se em combate».

Foi essa a primeira opportunidade que teve Lamego de entrar em contacto com o inimigo.

Em 2 de junho passou Lamego Costa para o brigue *Real João* e dois dias depois assumia o commando do brigue-escuna *Rio da Prata*, de dez canhões, fazendo parte da 1ª divisão da esquadra, conforme a nova organisação dada

pelo novo almirante Rodrigo Pinto Guedes; a capitanea de sua divisão era a *Ypiranga*, commandada pelo capitão-tenente Shepheard.

Reservou o destino o brigue *Rio da Prata* para arena de heroicas façanhas praticadas pelos irmãos Lamego Costa na defesa do nosso sagrado pavilhão nas aguas platinas; nelle como voluntarios embarcaram a 1 de setembro Jesuino Lamego Costa, futuro almirante e barão da Laguna, e seu irmão Firmino Lamego Costa.

Em serviço de cruzeiro no estuario do Prata se achava o navio de José Lamego Costa em principios de dezembro, quando, acossado por violento pampeiro, procurou abrigo no pequeno porto de Maldonado no dia 15 do mesmo mez, fundeando ao NW da ilha Gorriti, na parte abrigada dos ventos de SW, que é formada pela dita ilha e o parcel da rocha Monarcha.

Não contava, por certo, o tenente Lamego Costa, naquelle fundeadouro, que o inimigo tão procurado no mar e donde o esperava, surgiria daquelle recanto.

O audacioso corsario Cesar Fournier, francez de origem ao serviço platino, tendo conhecimento da chegada do navio áquelle ancoradouro, para se vingar da lição que havia recebido a 12 de setembro junto á Colonia do Sacramento, onde perdera a sua escuna e a maior parte dos seus commandados, pretendeu praticar com o *Rio da Prata* a mesma proeza que, dias depois daquella refrega, puzera em execução, aprisionando a 21 a escuna *Leal Paulistana*, que vendeu por 23 mil pesos ao governo de Buenos-Aires.

Para realisar o seu plano, fez transportar para Maldonado em carretas, dez lanchas baleeiras, cujas toleteiras foram forradas e os remos bem ascomados, e durante a noite de 17 para 18, em um lanchão e nas dez baleeiras bem armadas e tripuladas por cento e vinte homens, seguros de presa certa,

largaram silenciosos, occultos por detrás da ilha, em direcção ao fundeadouro.

Não contava, porém, o atrevido e astucioso flibusteiro, pelo silencio que reinava, que houvesse vigilancia a bordo do *Rio da Prata*; attento porem estava o official de quarto, o guarda-marinha Diogo Ignacio Tavares, o qual percebendo movimento em terra, communicou ao commandante e sem ruido despertou a guarnição e demais officiaes, e todos a postos esperaram o ataque.

Deixou o intrepido commandante que se approximassem as embarcações inimigas, as quaes, em duas columnas cerradas, silenciosamente avançaram para simultaneamente atacar por ambos os lados; mas antes que isso succedesse, lampejou de ambos os bordos do brigue uma descarga de artilharia acompanhada de cerrada fuzilaria, que poz momentaneamente em confusão os atacantes.

E durante uma hora inteira a tolda do pequeno brigue foi theatro de façanhas estupendas, desenrolando-se nella scenas de verdadeiro valor e prodigio; ora avançando, ora recuando, a ferro e fogo, batiam-se como leões, atacados e atacantes. A' valentia do commandante José Lamego alliavam-se a audacia de Jesuino e a bravura de Firmino, o trio fraterno que a todos dava exemplo de inaudita coragem, e nisso nada lhes ficaram a dever o guarda-marinha Tavares, o escrivão José Balbino Soares e o cabo do destacamento Manoel José Vieira. De popa a proa, com verdadeira furia, foi varrida a cutiladas a ultima chusma dos assaltantes.

Não contente o commandante, largou a amarra por mão e suspendeu em perseguição dos fugitivos, conseguindo capturar-lhes o lanchão, metter a pique diversas baleeiras e fazer-lhes numerosos prisioneiros. Mostrou Lamego Costa á população de Maldonado, apinhada nas eminencias da povoação, como sabiam os brazileiros castigar esses audaciosos atrevimentos.

Por victoria tão assignalada, o almirante Pinto Guedes promoveu José Lamego Costa ao posto de primeiro-tenente e ao de segundos-tenentes em commissão a Firmino e Jesuino.

Ao conhecer-se em Montevidéo o extraordinario feito, tal enthusiasmo despertou, que o corpo commercial da cidade, em reunião, deliberou cotisar-se e offerecer como premio á guarnição do brigue *Rio da Prata* um mez de soldo e viveres correspondentes ao mesmo tempo.

Entrava o anno de 1827. Chegando ao conhecimento do almirante Pinto Guedes que a divisão sob as ordens do capitão de fragata Senna Pereira, em operações no rio Uruguay, se achava encurralada pelas forças de Brown e que este havia fortificado a ilha de Martin Garcia, criminosamente mandada desguarnecer e abandonar pelo vice-almirante Rodrigo Lobo, ordenou que o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, seguisse no brigue *Principe Imperial* a tomar o commando da frotilha, composta da fragata *Maceió*, dos brigues *Caboclo*, *Rio da Prata*, *Real João* e das escunas *Maria Thereza*, *Conceição*, *Providencia*, *Itaparica* e *Dous de Dezembro*, então sob o commando do capitão de fragata José Ignacio Maia, que regressou a Montevidéo.

Por ter recebido ordem Mariath para fazer regressar o brigue *Rio da Prata*, deixou o primeiro-tenente José Lamego de tomar parte na brilhante defesa da *Maceió*, atacada isoladamente pelos navios do valente e astucioso Brown.

De Montevidéo partio José Lamego no seu navio para incorporar-se á divisão bloqueadora sob o mando do capitão de mar e guerra João Carlos Pedro Plitz e composta da fragata *Imperatriz*, corveta *Liberal*, brigues *Pirajá*, *29 de Agosto* e *Real João* e quatro escunas.

Estava esta divisão fundeada em frente a Quilmes quando no dia 24 de março fizeram-se de vela os argentinos, fundeados desde o dia 2 em Cochillas, onde Brown, depois de ter reparado as avarias soffridas no ataque á *Maceió*,

havia augmentado sua força com seis das escunas tomadas a Senna Pereira, no Juncal.

Sem demora fez-se de vela a nossa divisão em procura do inimigo e ás 4 1/2 horas da tarde empenhou-se encarniçado combate prolongando-se até o pôr do sol, batendo-se de lado a lado com igual ardor, e já se retirava do campo o inimigo quando uma bala por elle enviada acertando na escuna *Dous de Dezembro*, procedente da colonia do Sacramento, fel-a voar pelos ares.

Os clangores da victoria emmudeceram ante a enorme hecatombe. Conduzindo trinta barris de polvora e cento e dezesete marinheiros, e entre elles o bravo primeiro-tenente Carvalho, quasi todos sobreviventes e escapos do combate do Juncal, procurava aquella escuna, sob o commando do primeiro-tenente Boom, approximar-se da esquadra quando foi attingida.

Triste e malfadado fim dos superstites da ainda mais malfadada frotilha do Uruguay, entregue no entretanto a um official valente, illustrado, e cheio de serviços.

O inimigo levou do combate sete mortos e dez feridos e recolheu-se a Buenos-Aires para concertar as avarias soffridas no casco e apparelho de seus navios.

José Lamego nesse combate mostrou ainda uma vez que não sabia fugir ao cumprimento do dever, e do ardor com que atacou teve mostras o adversario e foram testemunhas seus companheiros.

A victoria de Patagones deu alento ao inimigo que se apresentou com todo o seu poder naval em 6 de abril a affrontar a nossa divisão bloqueadora : foi tambem para esse poder o ultimo lampejo de vida, pois dois dias depois era elle extincto pela bravura dos nossos.

Com ordens de levar a guerra onde se tornasse precisa e depredar na propria costa brazileira e no alto mar o nosso commercio, sahio ás 8 1/2 da noite do porto de Buenos-

Aires a esquadra platina, composta do *Republica*, capitanea, *Congresso*, *Independencia* e *Sarandi*, com o fim de reunir-se na Patagonia aos demais navios tomados a Shepheard.

Contava o almirante Brown dar plena execução ás ordens recebidas, começando por atacar vigorosamente os nossos navios de guerra. Audaz e respeitavel era o chefe; sempre dera provas de que o perigo e a superioridade de forças não o entibiavam, e conhecedor como era do estuario do Prata, cuja difficillima navegação era o maior dos tormentos para os navios bloqueadores, julgou que sahindo á noite illudiria a nossa vigilancia e não seria perseguido pela nossa divisão, receosa de encalhar nos bancos daquelle labyrintho de canaes.

A's 11 1/2 da noite, presentida a sahida dos contrarios, immediatamente suspenderam a fragata *D. Paula*, a *Imperatriz*, o *Independencia ou Morte*, *29 de Agosto*, *Rio da Prata*, escunas *Conceição*, *Maria Thereza* e *Rio* (ex-*Araçatuba* retomada) e procuraram cortar a retirada do inimigo do seu ancoradouro.

Conseguido o fim almejado e em posição conveniente, ordenou o almirante que fosse iniciada a caça, á qual se deu principio com vento fresco de N E. Comprehendendo o inimigo que não podia escapar, procurou attrahir para os bancos os perseguidores, sendo no entretanto victima dessa velha tactica os seus proprios navios *Republica* e *Independencia*, o que sendo percebido pelo *Congresso* e *Sarandi* fel-os virar de bordo e virem collocar-se em sua protecção e auxilio.

A pouca agua impedia os nossos de se approximarem e por isso contentaram-se em canhoneal-os á distancia até as 4 1/2 do dia 7; o muito mar que havia não consentia de modo algum tentar a abordagem.

O *Congresso*, que havia tambem encalhado, conseguio safar e forçando de vela foi abrigar-se na Ensenada.

Suspenderam os outros tres, mas perseguidos e procurando novamente attrahir os nossos para os bancos de Santiago, ainda desta vez lhes foi fatal o intento porque nelle se espetaram o *Republica* e o *Independencia*, e, apesar dos esforços feitos durante toda a noite para desencalharem, nada conseguiram.

Ao romper do dia 8, approximaram-se o mais possivel os navios da nossa divisão e ás 5 1/2 empenhou-se de novo o combate. Troou a artilharia até ás 10 1/2, hora em que tendo abrandado o mar e amainado o vento, julgou propicia o nosso chefe para ordenar a abordagem. Ao signal feito, rapido em todos os navios foram arriados os escaleres, os quaes, desafiando a metralha despejada sobre elles, velozes se dirigiram ao ataque, vigoroso de nossa parte e desesperadamente defendido pelo inimigo.

A's 4 horas da tarde ardia o *Independencia*, capitanea do inimigo, depois de perder quasi todos os officiaes; sua bandeira foi arriada pelo primeiro-tenente Subrá, secretario do chefe. Pouco depois chegou a vez do *Republica*, cuja guarnição não podendo conter o arrojo dos valentes atacantes procurou salvação, a nado, a bordo da *Sarandi*; e em tal estado ficou que foi mandado incendiar.

A *Sarandi* mais feliz, pelo seu pouco calado, conseguio escapar por sobre o banco, levando o almirante Brown ferido em uma perna e o commandante Grainville em um braço. Perderam os platinos neste memoravel combate de Santiago vinte sete mortos e tiveram 51 feridos.

Para Buenos-Aires levou a *Sarandi* a noticia do tremendo desastre, que reduzia á impotencia o poder naval inimigo.

Desse glorioso combate disse um escriptor argentino, não podendo esconder a tremenda derrota — *La gloria maritima de la Republica no quedó sepultada con los restos de su esquadra en el banco funesto del monte de Santiago.*

Em consequencia desse desbarato, que calou profundamente no espirito do governo platino, resolveu elle em 27 do mesmo mez enviar ao Rio de Janeiro um plenipotenciario para negociar a paz.

Nesse memoravel combate distinguio-se brilhantemente o primeiro-tenente José Lamego Costa, que no dia seguinte passou a commandar o *29 de Agosto*, devido á morte em combate do seu commandante.

Fazia parte o *29 de Agosto* da divisão bloqueadora do Rio Salado, quando foi visto sahir o corsario *Niger*, commandado pelo famigerado Cöe; ao seu encalço suspendeu José Lamego, acompanhado por uma escuna. Já contava o bravo commandante com a victoria, quando ás 9 1/2 da manhã de 23 de março, ouvindo o commandante Inglis do *Caboclo*, o cerrado tiroteio, forçou de vela e veio ao encontro do *Niger* effectuando a sua captura, depois de vivo combate.

Depois deste feito, veio Lamego fundear com os demais navios em frente a Buenos-Aires, nos Pozos.

No dia 12 de abril de 1828 ordenou o chefe da divisão bloqueadora que o *29 de Agosto* e uma escuna arrebatassem um brigue americano que ali se achava fundeado, carregado de contrabando de guerra. Fez-se de vela José Lamego para dar cumprimento á ordem recebida. Brown, porém, tendo percebido as suas intenções, fez sahir uma frotilha composta da *Sarandi*, *Ocho de Febrero*, *Nueve de Febrero*, *Maldonado* e diversas barcas canhoneiras para protegel-o. Ao approximar-se Lamego Costa, foi empenhado o combate, e sempre fiel á sua tactica, foi-se deixando o inimigo cahir para sotavento, attrahindo para os bancos os nossos navios.

No enthusiasmo da perseguição não attendeu Lamego Costa para o inimigo occulto, por isso encalhou. Dessa circumstancia, com vantagem, tiraram proveito os adversarios, atacando rudemente o *29 de Agosto*. Não se intimidou o valente lagunense, já experimentado e affeito a esses transes; ordenou

que por um momento cessasse o fogo de artilharia, emquanto, para alliviar de ré o navio, se fizesse a passagem dos canhões para vante.

Este silencio foi para o inimigo um indicio de fraqueza e fez com que elle redobrasse no vigor do ataque. Estava, porém, a bordo a trindade fraterna composta de José, Firmino e Jesuino, que velava pela honra da patria e pela sua propria.

Preparavam-se os atacantes para a abordagem e já disposto estava o commandante José Lamego a fazer voar o seu navio antes que a entregal-o, quando o segundo-tenente João Nepomuceno de Menezes, commandante da barca *Grenfell*, que se achava a barlavento, percebendo a critica situação do *29 de Agosto*, metteu em cheio e veio tomar posição na popa do brigue do seu comprovinciano, e assim se conservou até que o *29 de Agosto* fluctuou, atravessando o banco, devido á arriscada manobra de seu commandante.

Coube então á *Sarandi* e á *Nueve de Febrero* pagarem a ousadia: valentemente atacadas, retiraram-se para o porto, com muitas avarias no apparelho a primeira, e largo rombo no costado a segunda.

Pelo seu proceder no combate de Santiago foi José Lamego promovido ao posto de capitão-tenente (actualmente capitão de corveta), por decreto de 19 de outubro de 1827.

Continuou o distincto official no commando do *29 de Agosto*, até seu desarmamento.

Tendo em 3 de outubro de 1827 o governo comprado a galera portugueza *Aristides*, que se achava no porto do Rio de Janeiro, para armal-a em guerra, foi por aviso de 29 de novembro do mesmo anno incorporada á nossa esquadra, com o nome de *Bertioga*. Montava ella 20 peças, das quaes duas columbrinas e 18 caronadas de calibre 18, sendo guarnecide por 155 praças em tempo de guerra e 130 em tempo de paz, e foi incorporada á divisão do Rio da Prata.

Depois do desarmamento do *29 de Agosto* passou o capitão-tenente José Lamego Costa a commandar a *Bertioga*.

A 16 de junho de 1828 a nossa divisão naval, chefiada pelo bravo capitão de mar e guerra Norton, e composta da corveta *Bertioga*, capitanea, dos brigues escunas *Nove de Janeiro*, *Niger*, *Dous de Julho* e escunas *Dezenove de Outubro* e *União*, estava attenta quando foram avistadas no horisonte duas velas, que reputadas inimigas foram logo perseguidas. Eram o corsario *General Brandzen* e a presa *Cacique*. Pelo seu calado não poude a *Bertioga* partilhar do brilhante combate de que resultou o aprisionamento do valente corsario, porém contribuio para fazer calar o fogo do forte Brown, levantado mezes antes na Punta de Lara.

Não querendo o bravo Norton ser simples testemunha do combate terçado entre os dois contendores, *Brandzen* e *Nove de Janeiro*, deixa a sua capitanea e num escaler vae para bordo deste ultimo navio para dirigir a acção, no fim da qual é ferido no peito e fica com o braço direito quasi decepado. Assim mesmo ferido continua o intemerato chefe a dar ordens, recolhendo-se depois á *Bertioga*, onde lhe fizeram a amputação do braço.

Foi este o ultimo combate em que entrou Lamego, pois a 27 de agosto era assignada no Rio de Janeiro a convenção preliminar do tratado que devia terminar a campanha, assignada pelos plenipotenciarios platinos generaes Thomaz Guido e Juan Ramon Balcerce, enviados ao Brazil para esse fim.

A 4 de outubro, no porto de Montevidéo, o almirante Guilherme J. Brown e o general Miguel Azcuénaga assignaram a troca das ratificações.

Ainda no commando da *Bertioga* desempenhou José Lamego diversas commissões, uma das quaes á costa d'Africa, em 1830, na repressão do contrabando de escravos.

De regresso desta viagem ao Rio de Janeiro, tendo trazido alguns pretos que havia tomado para completar a

guarnição, ordenou o então ministro da marinha, marquez de Paranaguá que o mesmo commandante informasse si alem de sua tripulação havia trazido da costa d'Africa outros individuos, declarando o numero e mais circumstancias; e em vista de sua informação mandou por aviso de 16 de abril que entregasse o commando do seu navio ao official immediato até ulterior deliberação, nomeando em 21 do mesmo mez seu substituto o capitão-tenente Fowod Margell, que havia entrado para a nossa marinha nesse posto em 19 de junho de 1828.

Mandado submetter a conselho de investigação pela Auditoria Geral de Marinha foi absolvido no summario, ordenando o governo que os pretos que tinham vindo a bordo da *Bertioga* regressassem á costa d'Africa.

Muito soffreu o pundonoroso official com esse conselho, que, embora o absolvendo, não deixou comtudo de desgostal-o profundamente. Em fins de julho dava parte de doente, retirando-se para Santa Catharina.

De regresso, foi nomeado a 12 de abril de 1831 para commandar a fragata *D. Francisca* que se achava em reparo desde 17 de março, passando depois de prompta a denominar-se *Campista* por aviso de 29 de maio.

No commando deste navio salientou-se ainda como provecto marinheiro em diversas commissões, até 26 de janeiro do anno seguinte, data em que passou novamente a commandar a *Bertioga*, seguindo em commissão a 30 do mesmo mez.

Era, porém, a ultima commissão que desempenharia o bravo official: a molestia que o atacara fazia progressos rapidos. A 27 de fevereiro, regressava ao Rio a *Bertioga*, tendo em funeral a bandeira: era que seu digno commandante havia fallecido dois dias antes.

Morreu o valente official ainda no verdor dos annos, antevendo diante de si uma brilhante carreira, e deixando no caminho percorrido até o instante de seu desapparecimento

um ininterrupto traço de galhardia militar pouco commum. Si não chegou á méta almejada, deixou por alcançal-a, para honra sua, seu joven irmão Jesuino, o qual em sua missão nunca desmentio os exemplos de bravura, rectidão e honestidade por elle sempre dados quer na guerra quer na paz.

Honra-se Santa Catharina em ter produzido taes filhos.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

V

O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes

I — O capitão de mar e guerra João Napomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1912

SANTA CATHARINA NA MARINHA

V

O CAPITÃO DE MAR E GUERRA MANOEL DE OLIVEIRA PAES

A insidiosa politica posta em acção pelo governo platino contra o Brazil, fomentando por todos os meios, occultamente a principio e afinal abertamente a separação da provincia Cisplatina da nossa grei, afim de annexal-a á sua, fez com que rumassem para Montevidéo as nossas forças navaes no intuito de, pelas armas, exigir daquelle governo o respeito á nossa integridade territorial e desaffrontar nossos brios offendidos.

Santa Catharina, pela sua posição geographica, considerada a chave meridional do Brazil, era ponto obrigado no trajecto das forças, destinada ao estuario do Prata, não só para abastecimento e reparos, como para reunião; e a constante chegada desses navios ao porto, conduzindo galhardos rapazes, cheios de enthusiasmo e esperanças, animados de vivo ardor da conquista de glorias e respeito para si e para a patria, estimulava e aguçava ainda mais nos filhos da terra o desejo de imital-os, tanto mais quanto em todos elles, por instincto natural e hereditario, era a vida do mar a que mais profundamente os attrahia.

No numero destes jovens contava-se Manoel de Oliveira Paes, filho de José de Oliveira Paes e de d. Felizarda Maria de Oliveira, nascido na então villa do Desterro, em dezembro de 1807.

Feitos seus primeiros estudos, seguio para o Rio de Janeiro em busca de matricula na Academia de Marinha,

onde por aviso da Secretaria da Marinha, de 19 de janeiro de 1826, teve praça de aspirante a guarda-marinha no dia 25 do mesmo mez e anno.

Deu assim entrada na Academia de Marinha o primeiro filho de Santa Catharina. Tão distincto foi elle no seu curso que, por aviso de 10 de dezembro do mesmo anno era promovido a guarda-marinha, obtendo por outro de 22 de dezembro seguinte a nomeação de chefe de brigada.

Completos os seus estudos teve carta geral.

Ao deixar os bancos academicos e iniciar sua carreira militar, pensou o guarda-marinha Oliveira Paes em colher louros, compartilhando glorias com seus camaradas no estuario do Prata, onde ainda se batiam os nossos contra os raros navios platinos escapos das derrotas soffridas e que por esforço ousaram apparecer.

Naquellas aguas, porém, o ardor dos prelios começava a amortecer; os navios que lá se achavam eram de sobra, pois o inimigo sentindo-se impotente pedira a paz; deste modo esvaio-se o sonho do joven official.

Muito opposta foi a sua missão: quiz o destino que a sua acção fosse empregada, quasi que exclusivamente, durante a vida, não contra o inimigo alienigena, mas sim, infelizmente, contra os seus proprios patricios, arrastados uns por justos sentimentos de protesto contra a politica iniciada por D. Pedro, toda ella, por ultimo, contraria ás aspirações nacionaes e outros por interesses occultos.

Mal apagava-se o facho revolucionario em uma provincia, irrompia elle com mais violencia em outra, e assim successivamente, alastrando-se com alternativas, do norte ao sul, campeando por mais de um quarto de seculo.

Nessas lutas os serviços prestados por Oliveira Paes, como veremos a seguir, foram mais de mantenedor da ordem e da paz interna do que os exigidos, no campo da honra, para salvar a dignidade nacional. Os louros que nellas

poderia facilmente colher, pelos seus sentimentos, se transformariam, sem duvida, em verdadeiros goivos.

Mandado embarcar na fragata *Dona Francisca* em 23 de dezembro de 1828 logo depois de promovido, seguio viagem de instrucção, da qual regressou em fevereiro seguinte, passando a 27 do mesmo mez para a fragata *Principe Imperial*, depois que aquella regressara do cruzeiro feito ao sul. Neste navio se conservou até 5 de junho, data em que foi mandado embarcar na corveta *Maria Isabel*, empregada em vigilancia da costa, sendo promovido a segundo-tenente por decreto de 18 de outubro.

A preoccupação de D. Pedro I em organisar elementos para assegurar o throno de Portugal á sua filha D. Maria da Gloria, abalado pelo procedimento de D. Miguel, fez congregar no Rio de Janeiro os melhores navios da esquadra e guarnecel-os de accordo com os conselhos que lhe enviára o marquez de Barbacena, que a 5 de julho de 1828 havia acompanhado a rainha nas fragatas *Imperatriz* e *Dona Francisca* a Lisboa, sob o commando em chefe do vice-almirante Farinha, conde de Souzel. Dizia Barbacena «que os vasos brazileiros, quer sejam fretados ou vendidos á rainha, quer sejam fornecidos em consequencia do tratado de alliança, devem ser commandados por Norton, Beaurepaire, Grenfell, João das Bottas e outros officiaes já experimentados no rio da Prata, e devotadissimos a V. A. Imperial, com o menor numero possivel de officiaes da marinha portugueza, e nenhum absolutamente dos que têm sido admittidos de poucos annos a esta parte da classe de pilotos e contramestres de navios mercantes».

Attendendo a esta recommendação foi nomeado Oliveira Paes para novamente embarcar na fragata *Principe Imperial* em 13 de fevereiro de 1830.

Os successos que começaram a desenrolar-se no Rio de Janeiro, devido á lucta travada entre o partido exaltado e

o do imperador apoiado no elemento portuguez, tiveram por epilogo a abdicação de D. Pedro, e assim outro destino tiveram os navios.

Em 3 de março de 1831 passou a embarcar na fragata *Bahiana* e desta para a *Defensora* em 10 de maio do referido anno.

A agitação em Pernambuco requeria forças para dominal-a e para isso foram para lá enviadas. A maioria dellas, provinda da Ciplastina, onde tinha operado, trazia comsigo o germen da vontade popular; soldados e officiaes tinham aprendido pela longa permanencia naquella escola liberal que era preciso desafogar a patria dos arroxos absolutistas que ainda tolhiam os seus braços, por isso onde chegava era logo assediada pelos patriotas exaltados.

Assim é que em 14 de abril de 1832, no Recife, rebenta a revolução chefiada pelo tenente-coronel Francisco José Martins, irmão do mais tarde general David José Martins Canavarro, e pelo major José Gabriel de Moraes Meyer, á frente do batalhão 54 e parte do 53, chegando a tomar a fortaleza do Brum, cuja guarnição passou-se para os revoltosos. (*)

(*) Temos elementos para affirmar que David Canavarro nasceu na ilha de Santa Catharina. São seus irmãos: Leonardo José Martins, nomeado em 15 de novembro de 1791, cabo de esquadra da 1ª companhia de infanteria-de auxiliares, da Lagôa; Francisco José Martins, citado tenente-coronel, nomeado em 24 de novembro cabo de esquadra da mesma companhia; Manoel José Martins, nomeado cabo de esquadra da 2ª companhia, em 1795; seu primo Manoel Martins Gallego, idem em 1796. Da 1ª companhia era sargento, por nomeação de 12 de outubro de 1791, Antonio Martins da Silveira, denominado «Mestre». Era capitão José Joaquim Jacques Nicóz.

O sr. Luiz Nunes Pires, irmão de Feliciano Nunes Pires, em sua auto-biographia escripta em inglez, quando então em Nova York, diz textualmente: «Nasci em 1790 em Cacopé (onde seu pae tinha uma serraria), o logar mais aprazivel da ilha de Santa Catharina, *celebre por ter sido patria de homens illustres, entre elles David Canavarro*, meu companheiro.

De Pernambuco seguio Oliveira Paes para o Pará, onde foi mandado estacionar o seu navio, do qual desembarcou em 30 de novembro de 1832, por ter sido chamado ao Rio de Janeiro, como declarou o aviso de 13 de maio de 1833.

Mandado embarcar no paquete *Conceição* por aviso de 4 de julho, deste passou para a fragata *Bahiana* e desta para a *Campista*, no Pará.

A revolução que rebentou no Pará em 7 de janeiro e depois em 19 de fevereiro de 1834 pela posse da presidencia por Francisco Vinagre, e da qual resultou o assassinato do presidente Lobo de Souza, do commandante das armas Silva Santiago e do commandante da força naval capitão-tenente James Inglis, presenciou-a Oliveira Paes.

Protestou com os demais officiaes da força naval, reunidos a bordo da *Defensora*, contra a ordem do desarmamento que dera Vinagre da dita corveta, ordem esta secundada pelo inspector do arsenal de marinha capitão de mar e guerra Guilherme Cypriano Ribeiro, visto ser conhecido o intento do intruso presidente de enfraquecer aquella força.

Da fragata *Campista* desembarcou em 8 de abril de 1835, passando por aviso de 3 de junho a servir a bordo do brigue-barca *S. Christovão*, depois denominado *Sete de Setembro* e armado á corveta.

Foi promovido a 1° tenente por decreto de 18 de fevereiro de 1837, contando antiguidade de 22 de outubro de 1836, conforme declarou o decreto de 15 de setembro do mesmo anno de 1837.

Na Bahia, onde a 7 de novembro é proclamada a republica, na revolução conhecida pelo nome de Sabinada, e auxiliada por soldados de artilharia, batalhões de linha e corpo de permanentes, veio prestar serviços o 1° tenente Oliveira Paes. Assim é que no dia 18 de novembro saltam os revoltosos, em numero de 111, no porto de Manguinho,

na ilha de Itaparica, então em poder das forças legaes e atacam a fortaleza, sendo repellidos pela força de terra e parte das guarnições da corveta *Sete de Setembro*, sob o commando do capitão de fragata Leal Ferreira e do brigue *Vinte Nove de Agosto*.

A revolução que desde 1835 campeava no Rio Grande do Sul, chamou em seguida Oliveira Paes para aquella provincia, para onde seguio no navio em que se achava embarcado.

Em 1 de dezembro regressou ao Rio de Janeiro na escuna *Bella Americana*, apresentando-se ao quartel-general em 16 do mesmo mez.

Nomeado a 14 de abril de 1838 para embarcar no brigue barca *Vinte Nove de Agosto*, dois mezes depois desembarcou por ter entrado o navio em desarmamento.

Em julho foi nomeado para embarcar no brigue-escuna *Andorinha* e nelle seguio para o Rio Grande do Sul, onde passou a commandar o brigue barca *Sete de Setembro* em 26 de agosto de 1839, tornando para o brigue-escuna *Andorinha* em 6 de dezembro do mesmo anno.

Era este brigue commandado pelo capitão-tenente Francisco Romano da Silva, que perdeu a vida quando teve de levar soccorros á villa de S. José do Norte, atacada pelos republicanos, no dia 16 de julho de 1839.

Por ordem do presidente da provincia desembarcou Oliveira Paes do brigue *Andorinha* e assumio a 23 de julho de 1840 o logar de vice-inspector do arsenal de Marinha de Porto Alegre, do qual era inspector Antonio Pedro de Carvalho, como fez publico o aviso de 14 de agosto.

Promovido a capitão-tenente por decreto de 23 de julho de 1842 foi por aviso de 25 de agosto communicado que ficava pertencendo á 1ª classe, que constituia o quadro da Armada, na conformidade do decreto de 1 de dezembro de 1841.

Assumio a inspectoria do arsenal no impedimento do respectivo inspector, desde 1843 a 1844.

Foram inestimaveis os serviços que neste posto exerceu, revelando-se administrador eximio.

A politica local arrastou-o no seu torvelinho. Eleito deputado á Assembléa Provincial, na qual tomou assento em 16 de abril de 1846, soube com galhardia desempenhar o mandato. Encerrados os trabalhos, assumio a direcção do Deposito Naval, por ter sido extincto o arsenal de Marinha.

De passagem na barca a vapor *S. Sebastião* seguio em março de 1847 para o Rio de Janeiro, onde requereu seis mezes de licença para gosal-os no Rio Grande, o que lhe foi concedido por aviso de 26 de junho.

Concluida a licença foi nomeado delegado da capitania do porto do Rio Grande, em Porto Alegre.

Em remuneração de seus serviços militares foi por decreto de 2 de dezembro de 1854 nomeado official da ordem da Rosa.

Por decreto de 2 de dezembro de 1857 foi promovido ao posto de capitão de fragata.

Completado que foi o seu tempo de embarque foi nomeado capitão do porto do Rio Grande, em cujo exercicio se conservou por algum tempo.

Sentindo-se adoentado pedio inspecção de saude na qual foi julgado incapaz para continuar no serviço activo da armada sendo reformado no posto de capitão de mar e guerra, em 1864.

E na cidade de Porto Alegre, onde para sempre fixou residencia, falleceu a 12 de dezembro de 1876, deixando um nome aureolado de probidade e a lembrança de sua clara e brilhante intelligencia.

Rio - 25 - 4 - 913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

VII

O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim

(BARÃO DE IGUATEMY)

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

VII

ALMIRANTE FRANCISCO CORDEIRO TORRES ALVIM

(Barão de Iguatemy)

Os inconditos traços biographicos que apresento do preclaro almirante graduado Francisco Cordeiro Torres e Alvim, barão de Iguatemy, não são mais do que delidos raios de escassa luz projectados sobre uma personalidade que no dizer de um escriptor excedia das dimensões do quadro que o destino lhe traçara.

Fidalgo de avita herança, attributo este de certo de pouca monta para realce das qualidades que o exornavam, destacou-se o almirante Alvim em toda a sua brilhante car-

reira militar por sua acaçalada intelligencia, inteireza de caracter perfeita, lealdade a toda prova, conhecimentos profissionaes completos, clareza de intuição, audacia de plano, firmeza de acção, bravura indomita sem alardes, tendo tudo alliado a uma inflexa probidade, lhaneza de trato e bondade profunda.

Nelle havia o nobre orgulho do militar brioso incapaz de desistir da sua opinião, devesse embora cruzal-a contra a vontade do superior; sua consciencia só admittia o justo e o honesto.

Sejam estas incompletas notas aceitas como um culto ao homem que, ao iniciar minha carreira militar naval, me apontou o caminho a seguir e tambem a prosecução da serie rememorativa dos officiaes filhos de Santa Catharina que na Marinha de Guerra têm servido á sua Patria.

Bem presente na memoria tenho gravado o seu porte varonil e gentil e seu fino e energico semblante quando me apresentei no Collegio Naval em busca de matricula. Apoiado sobre uma secretaria, conversava elle com o actual almirante Fortunato Forster Vidal, então director daquelle extincto estabelecimento. Ao ouvir pronunciar o nome do tambem actual almirante João Justino de Proença, que na época exercia o cargo de capitão do porto de Santa Catharina e de quem eu trouxera uma carta de apresentação, voltou-se com manifesta curiosidade e perguntou-me: *Menino, você é barriga verde? Sim, senhor*, respondi-lhe, ignorando todavia com quem tratava.

Olhe, disse-me elle, *si vem para cá é para estudar, pois eu não admitto que um catharinense faça figura triste na Marinha.*

Tão fundo calaram no meu espirito aquellas palavras proferidas em tom incisivo, porém paternal, reveladoras sem duvida do muito amor dedicado á sua terra natal, que, tomando-as como a primeira ordem recebida em um estabeleci-

mento militar, procurei cumpril-a á risca. E guiando-me por ella, não me arrependi, pois tive a inaudita ventura de, ao terminar o meu curso na Escola Naval, receber como recompensa uma espada de honra em cujo punho estava gravada a inscripção — *Premio Barão de Iguatemy*. Este premio fôra instituido pelo almirante Fortunato Forster Vidal, director então da Escola Naval, em memoria daquelle preclaro official general.

Desculpe-me o leitor este vituperio; elle apparece como um preito de gratidão a quem tanto mereceu da Patria pelos serviços prestados quer na paz, quer na guerra, servindo sempre de exemplo aos vindouros.

Nasceu Francisco Cordeiro Torres e Alvim na cidade do Desterro em 4 de agosto de 1822; era o segundo filho dos treze que houvera o chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim do seu matrimonio com d. Mauricia Elysia Alvim. Seu pai que deste capitão-tenente tantos serviços prestára á Santa Catharina, para mais se vincular á Patria adoptiva, deixou brilhante progenie para continuadora de sua fecunda acção na Marinha e na administração.

Contando apenas 16 annos e sete mezes seguiu Torres e Alvim para o Rio de Janeiro onde, por aviso da Secretaria de Marinha de 4 de março de 1839, foi mandado assentar praça de aspirante a guarda-marinha, matriculando-se no 1° anno do curso mathematico como alumno interno.

Com a maior distincção, concluiu o curso, sempre com *approvações plenas*; era naquelle tempo a maior nota de apreço com que aquilatava a Academia de Marinha os esforços dos melhores estudantes. Entre os distinctos companheiros conquistou Alvim reputação de bom estudante e era admirado pela clareza e presença de espirito com que expunha as lições logo apoz passar os olhos sobre os livros.

Promovido a guarda-marinha por aviso de 11 de dezembro de 1841, foi nomeado para embarcar na fragata *Para-*

guassú afim de fazer a viagem de instrucção, que finalisou em 19 de janeiro do anno seguinte. Deste navio passou a servir a bordo da corveta *Sete de Abril*, ex-*D. Amelia*, em 11 de fevereiro e mar em fóra, em viagem pela costa, foi até a Bahia, donde regressou no patacho *Patagonia* afim de embarcar na fragata *Constituição* que se preparava para seguir viagem.

Embarcado na *Constituição* a 27 de outubro, capitanea da divisão composta das corvetas *Euterpe* e *Dous de Julho* que, sob as ordens do chefe Theodoro de Beaurepaire, deveria ir a Napoles e transportar ao Brazil a imperatriz D. Thereza Christina Maria, partiu a 3 de março de 1843.

De regresso dessa viagem desembarcou a 5 de setembro passando a servir a bordo do *Dous de Julho*.

Promovido a segundo-tenente por decreto de 21 de dezembro de 1843, regressou para a mesma corveta a 3 de janeiro de 1844, donde havia desembarcado por exceder da lotação, e em junho seguinte passou a servir na charrua *Carioca*, sempre em commissão de cruzeiro.

Não se satisfazia porém o joven official com a missão imposta á Marinha; sua lucidez de espirito bem comprehendia que mais alta era a funcção reservada á força maritima da Nação e que seu papel não era unicamente o de fazer marinheiros. De facto a Marinha arrastava-se pejada de enferrujadas engrenagens e preceitos obsoletos a entorpecerem seu desenvolvimento.

A falta de comprehensão dos governantes acerca do seu valor como factor principal da nossa existencia tinha feito com que fosse o mais descurado possivel este importantissimo apoio da nossa soberania. Creada de subito, dos destroços de uma marinha decrepita, para a factura de nossa independencia, desenvolveu-se ella sem bases é cheia de defeitos, não sendo possivel cuidar de seus fundamentos pela razão de, desde logo, se ver em luta contra o inimigo externo em desafronta aos nossos brios e internamente para abafar as

explosões originadas pela paixão politica, causa de nossos males, permanecia ella defeituosa e sem organisação. Os officiaes, oriundos de outras marinhas mais adiantadas attrahidos pelo nosso appello e que continuavam a prestar seus serviços, viram seus reclamos desprezados e não eram ouvidos pelos nossos homens publicos : eram por estes considerados simplesmente como cabos de guerra e cumpridores de ordens e nada mais. Estes, por sua vez, comprehendendo que nada podiam fazer e vendo o rodar constante do eixo politico trazer em constante mutação os partidos, cada qual com o seu programma e oppostas idéas, accommodavam-se ás condições do meio, na esperança de que algum dia fossem lembrados.

Cheio de ardor, desejoso de aprender com o intuito de, quando em posição, poder applicar remedio ao mal de que soffria a nossa força naval, pediu e obteve licença Alvim para praticar na marinha de guerra americana.

Embarcado na fragata americana *Congress* da divisão do commodoro Turner, de estação na costa do Brazil, seguiu em 13 de janeiro para os Estados Unidos, regressando á Patria em 8 de março de 1846. O attestado que trouxe, de que o joven brazileiro *honraria a propria marinha norte americana si nella quizesse servir*, era o mais honroso que Alvim podia apresentar.

Com effeito, diz Eloy Pessoa, Alvim, filho de uma provincia que sempre deu bons marinheiros, era um exemplo que se offerecia á joven officialidade da Marinha Nacional. Os seus emulos o admiravam ; aquelles que não podiam imital-o fizeram esforços vãos para lhe descobrir de longe os senões e defeitos. Desses ultimos alguns se converteram á verdade, reconheceram a superioridade de quem tinha por natureza o destino ; os outros sotaventearam-se até dar á costa nos parceis da reforma ou do esquecimento.

O guarda-marinha passou a segundo-tenente e desde logo se tornou notavel no serviço de bordo.

Os annaes da Marinha não contam a perda de um navio, um desastre, uma commissão mallograda sob sua direcção.

E entretanto poucos officiaes desde moços commandaram tantas vezes, em todos os postos, nem tiveram tantas incumbencias difficeis e arriscadas, como as que foram confiadas ao illustre catharinense.

Isto prova a realidade incontestavel dos seus merecimentos de official de marinha.

Não era a protecção da fortuna nem um effeito do acaso que o distinguia, porque acaso e fortuna em factos positivos explicam-se por leis infalliveis e desde que ha um insuccesso a razão conclue que houve desvio na observação de preceitos.

Alvim sempre procedeu reflectidamente em todos os actos da sua vida. Dahi a felicidade que nunca o abandonou.

Nas cousas do mar, quer se tratasse de guerra, de viagens, de administração, de disciplina, em todos os casos elle recorria sempre ao seu admiravel bom senso e á fonte inesgotavel dos seus conhecimentos profissionaes.

E, portanto, as combinações que fazia conduziam-no logicamente ao acerto.

Cumpre confessar que mereceu constantemente a protecção do governo. Mas defina-se bem a palavra protecção.

O governo deve-a, no interesse do serviço publico, a todo funccionario de alto merecimento e aptidão reconhecida pelo desempenho de anteriores commissões. Não é de bom conceito nas occasiões difficeis pôr de parte o merecimento ainda vigoroso para experimentar habilitações novas, que terão a sua opportunidade de aproveitamento.

Em condições taes o protegido tambem protege o protector, porque lhe salva a responsabilidade garantindo a execução irreprehensivel das ordens recebidas.

Não é tão certo como se acredita que o tempo e a idade apuram os sentimentos de prudencia e discernimento pelos quaes devemos nos dirigir para satisfazer encargos sociaes.

Quem na mocidade não revelou os dotes attribuidos á experimentada velhice não passará de mediocridade e depois de velho difficilmente será um homem superior.

Na vida militar e na politica, que é tambem uma vida de lutas, o general e o estadista prenunciam-se immediatamente.

Estão na historia os nomes daquelles que, ainda na adolescencia, venceram batalhas e governaram nações com tal pericia e acerto que suppriram tudo quanto dariam longos annos de experiencia.

E em mal dos velhos diremos que os vicios da mocidade elles os *aperfeiçoam* com o tempo; o que não lhes acontece com aquellas virtudes que dependem do entendimento.

Torres e Alvim revelou-se desde joven o que havia de ser.

Logo que se apresentou de regresso dos Estados-Unidos, foi por aviso de 28 de março do mesmo anno mandado apresentar ao inspector de Arsenal de Marinha afim de ser incumbido de diversos trabalhos na ilha das Cobras conforme foram determinados.

Não estava porém no temperamento de Alvim a funcção que exercia; fascinava-lhe o mar com attracção inaudita e elle o amava mais que tudo; assim é que pediu dispensa da incumbencia da fiscalisação das obras de que estava encarregado, o que lhe foi concedido por aviso de 26 de março, embarcando na fragata *Constituição*, capitanea da divisão do sul, que comprehendia desde o cabo de S. Roque até o extremo meridional do Brazil, onde se tornou notavel no serviço.

Da fragata *Constituição* passou para o brigue *28 de Fevereiro* em 1848, seguindo para o Rio da Prata, onde embarcou na corveta *Dois de Julho*, em 11 de maio do mesmo anno, e donde desembarcou em 20 de março do anno seguinte.

A promoção ao posto de primeiro-tenente, por decreto de 14 de março de 1849, trouxe-lhe tambem o primeiro commando que foi o do brigue-escuna *Eolo*, armado em guerra. Começou desde então para Alvim a trilha para os seus triumphos na conquista de louros que desde o inicio de sua carreira vinha brilhantemente tecendo.

Si já havia dado verdadeiras provas de marinheiro consummado, o joven official ia agora, aos 29 annos, dar como guerreiro exemplos de bravura e sangue frio que em nada ficavam a dever aos demonstrados pelo chefe que o guiava, o veterano Greenfell.

A ascenção ao governo do Estado Oriental do general d. Manoel Oribe em 9 de março de 1835, por influencia de d. Frotuoso Rivera que de capitão do porto de Montevidéo e seu inimigo politico o fizera ministro da guerra em seu governo, foi para aquella Republica causa das maiores desgraças e para o Brazil, que pelo tratado de agosto de 1828 devia manter a independencia da sua antiga provincia, a causa da guerra contra o dictador Rosas, de Buenos-Aires.

As violencias e crueldades praticadas por Oribe, influenciado pelo seu alliado e protector d. João Manuel Rosas, contra os partidarios do ex-presidente Rivera, fizeram com que este se puzesse em campo á frente de seus amigos e batesse em Palmares e depois em Paysandú, onde se achava um contingente de tropas argentinas, as forças do execrando homem, em tão má hora elevado ao poder.

Refugiado Oribe em Buenos-Aires, teve como recompensa ser elevado ao generalato argentino.

Rosas, que sonhava reconstituir o vice-reinado do Prata, ordenou a Oribe que invadisse o Estado Oriental á frente de 14.000 homens e sitiasse Montevidéo. Logo que deste facto teve conhecimento, o nosso governo por mera formalidade pediu explicações ao ministro argentino Guido, acreditado no Brazil, visto não se achar em condições de poder agir devido ás lutas intestinas que o assoberbavam; obteve em resposta que se tratava de uma guerra internacional, provocada por ultrages feitos á Confederação Argentina.

«As queixas do Brazil, diz o illustrado escriptor militar marechal José Bernardino Bormann (*Rosas e o Exercito Alliado*, campanha de 1851—52), contra o procedimento de Rosas e Oribe augmentaram, pois estava verificado que emissarios destes dois dictadores tinham vindo mais uma vez ao Rio-Grande para sublevar escravos, sublevação que foi felizmente suffocada.

Além desse facto, na fronteira e no interior das duas Republicas, eram os brazileiros assassinados e roubados, chegando a perseguição, quando não matavam os nossos compatriotas, ao ponto de os obrigar a servir no exercito e marinha e accrescente-se a isso o roubo de gado de toda a especie e ver-se-á quão justificado ficaria o governo brazileiro quando tivesse de ajustar contas com os seus dois implacaveis inimigos.

Não será pois sómente o facto do dictador Rosas tentar contra a independencia do Estado Oriental, auxiliado pelo general Oribe, com as suas pretenções de annexar o Paraguay, considerado pelo tyranno como uma provincia rebellada da Confederação, que dentro de um futuro proximo levaria o Brazil á luta: tinhamos de vingar sangue patricio covardemente derramado, insultos e ultrages á Nação, depredações, emfim toda sorte de brutalidades e crueis violencias de que foram victimas os nossos compatriotas.

Só mesmo as difficuldades internas do nosso paiz creadas pela politica poderiam concorrer para o governo imperial não agir com energia no Rio da Prata, pois quando não houvessem os motivos já apontados, mais que sufficientes para uma declaração de guerra; só o facto do governo argentino conservar como prisioneiros de guerra cidadãos brazileiros nas fronteiras com indios selvagens, sujeitos a tratamento cruel, cidadãos aprisionados na guerra que cessara com a Convenção de agosto de 1828 e que por isso deviam ser postos logo em liberdade, só este facto, como diziamos, era bastante para um rompimento serio cuja consequencia seria a guerra mais justa que consignassem os annaes militares.

E convem notar que muitos destes prisioneiros foram passados pelas armas; e para taes execuções os chefes militares eram ferteis em fantasiar pretextos.

No Estado Oriental 322 estancias, propriedades de brazileiros, foram parte embargadas, parte abandonadas e seus donos, em sua maioria, emigraram para o Brazil afim de fugir dos bandos de malfeitores de Oribe que não lhes poupavam a vida, si um máo fado os aconselhasse a permanecer na Republica ».

Conhecedor o Brazil dos intentos de Rosas, auxiliado por Oribe, que já antes quizera entregar seu paiz á Inglaterra, resolveu intervir e, em maio de 1851, ajustou um tratado de alliança offensiva e defensiva com os governos de Montevidéo e o Estado de Entre-Rios, então dissidente da Confederação Argentina, com o fim de manter a independencia e pacificar o territorio da Republica Oriental e no qual se estipulou:

Art. 1°. Obrigam-se as partes contratantes a fazer sahir do territorio oriental o general d. Manuel Oribe e as forças argentinas por elle commandadas, cooperando para que, res-

tituidas as cousas a seu estado normal, se proceda á eleição livre do presidente, segundo a Constituição.

Art. 2°. compromettem-se fornecer as forças de terra e mar que forem necessarias.

Pelo art. 15° ficou estabelecido que, embora a alliança tivesse por fim a independencia da Republica Oriental, si por causa della o governo de Buenos-Aires declarasse a guerra individual ou collectivamente aos alliados, voltar-se-ia a alliança contra o mesmo governo. Nos arts. 23 e 24 estabelecia-se o compromisso de convidar o Paraguay a adherir á alliança e de conservar secreto o tratado.

Para dar execução ao tratado foi mister augmentar o numero de navios no Rio da Prata e mesmo organisar alli uma esquadra de operações; em breve tempo, portanto, acharam-se reunidos no porto de Montevidéo os seguintes navios: fragata *Constituição*, corvetas *Januaria*, *União*, *D. Francisca*, *Berenice*, *Euterpe*, *Bahia*, *Bertioga*, brigues *Capiberibe*, *Eolo e Calliope*, vapores *D. Affonso*, *Pedro II*, *Golfinho*, *Paraense*, *Recife* e *D. Pedro*, todos sob o commando do chefe Greenfell.

Estabelecido rigoroso bloqueio na Colonia e no Buceo e apertado pelas nossas forças de terra, capitulou Oribe a 11 de outubro de 1851.

Como era de esperar, o governo de Buenos-Aires declarou guerra ao Brazil.

E' preciso ficar consignado que, estando prompto o Brazil para entrar em campanha, esperou entretanto pelo seu alliado o general Urquiza, governador de Entre-Rios, o qual se mostrava vacillante em dar cumprimento ao estipulado no tratado de alliança, em vista do que o nosso governo lhe dirigiu uma nota terminante, communicando que *com elle, sem elle ou contra elle* entraria proximamente em campanha. Esta attitude fez com que d. Justo Urquiza se resolvesse ao cumprimento do tratado.

Como dissemos, Alvim, que se achava no commando do brigue *Eolo*, seguiu logo para o Rio da Prata, onde passou a commandar o brigue *Calliope* por aviso de 5 de junho, prestando valiosos serviços no bloqueio.

Livre Montevidéo, nada mais restava do que atravessar o rio e marchar sobre Buenos-Aires, onde Rosas organisava novo exercito, cuja vanguarda, sob as ordens do general Manalla, occupava posição bem fortificada no Paraná, na barranca Acevedo, no passo do Tonelero.

Organisada a esquadra em duas divisões, composta a 1ª dos vapores *D. Affonso*, *Pedro II*, *Recife* e *D. Pedro*, corvetas *D. Francisca*, *União* e brigue *Calliope* e a 2ª dos vapores *Imperador*, *Paraense*, *Uruguay* e corveta *D. Januaria*, seguiu ella para a Colonia do Sacramento, donde sahiu a 14 de dezembro, depois de ter recebido a bordo dos tres vapores da 1ª divisão 1.198 homens da 1ª brigada de infanteria, destinados a se reunirem á vanguarda do exercito alliado no Diamante.

Na tarde de 16, tendo chegado em frente á villa de S. Pedro, onde já se achavam os tres navios a vela da mesma divisão, foram pelo chefe Greenfell dadas as ordens para subir o rio pela madrugada de 17. Nessa manhã, tomando o *D. Affonso* a reboque a *D. Francisca* e tendo ao costado os vapores *D. Pedro*, o *Pedro II*, a *União*, o *Recife* e o *Calliope*, promptos para combate, começou a subida. Transposto o passo Obligado, que se achava desoccupado, ao approximar-se a esquadra do passo do Tonelero viu estar alli o inimigo.

Para evitar grande mortandade nos soldados do exercito ordenou o chefe que elles se recolhessem ás cobertas dos vapores, o que foi cumprido muito a contragosto dos bravos soldados, ficando em cima porém o commandante da brigada coronel Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, seu major, commandante dos corpos, al-

guns officiaes e atiradores e os coroneis do exercito alliado d. Wencesláo Paunero, d. Domingos Sarmiento e tenente-coronel d. Bartholomeu Mitre.

Ao meio dia, estando toda a divisão a meio tiro de fuzil das baterias, cahiu sobre ella uma chuva de fogo despejada por 16 peças de artilheria e por 2.000 homens de infanteria. A' saraivada de balas ardentes, metralha e fuzilaria responderam os navios com decidida bizarria.

Vagorosos subiam os navios e com tanta precisão alvejavam as baterias inimigas que cada tiro disparado fazia desmontar um canhão argentino; tal perturbação causou nos defensores do passo o nutrido e certeiro fogo da esquadra que logo foi conhecido por ella que a victoria era certa. E durante oitenta minutos o fogo começado pelo *D. Affonso* e *D. Francisca* continuou ininterrupto, com extraordinario vigor pelos demais; o enthusiasmo a bordo era incrivel: officiaes, marinheiros e soldados, cada qual com mais ardor, batiam-se a peito descoberto, dando as maiores provas de valor e sangue frio.

O *Calliope*, o mais fraco em estructura e armamento, porém um dos mais fortes pelo espirito que o dirigia e animava, com ufania seguia impavido as evoluções da capitanea. Alvim, cujo semblante risonho de satisfação, como se comprazendo daquelle espectaculo, denunciava uma calma admiravel e bravura sem igual, seguia o exemplo do chefe que *com toda serenidad en los tambores del vapor con su anteojo en la mano, de gran uniforme como se trataba de un dia de fiesta, afronta el peligro, mientras lloviam las balas en su derredor.*

Foi o *Calliope*, como diz a parte official, que, por occupar a cauda da linha, soffreu por isso o mais aturado fogo do inimigo. Uma bala de artilharia cortou o estay da bujarrona e penetrou no gurupés, outra arrombou a canoa içada

nos turcos, e algumas tocaram o costado; teve o panno furado por balas de fuzil.

Para galardoar o brilhante feitio, foi Alvim condecorado com a commenda de cavalleiro da Ordem do Cruzeiro, por decreto de 3 de maio e, dez dias depois, promovido a capitão-tenente graduado em attenção aos seus serviços.

Certo não era a graduação do posto, mas sim a effectividade delle que deveria ter Torres e Alvim; fundando-se porém o ministro em escrupulos na execução do alvará regulador das promoções e coagido por influencias politicas que amparavam interesses de outros que não partilharam do brilhante feito e que se achavam commodamente na Côrte, deixou de contemplar o bravo commandante do *Calliope* na promoção feita para premiar aquelles que tão denodadamente se expuzeram no Tonelero. Sómente em 1854 lhe foi dada a effectividade desse posto.

Torres e Alvim nunca reclamou contra essa injustiça; seu nobre orgulho de militar brioso, que nunca enfraqueceu, e sua altivez de caracter entendiam que não devia fazer allegações de serviços ou merecimentos; julgava os homens pelo seu estalão. Os ministros passam, dizia elle, com o bem e o mal que fizeram, mas a Nação tem um chefe que observa e aprecia os factos e com a necessaria influencia para promover a reparação das injustiças.

Por decreto de 1 de abril foi condecorado com a medalha de prata n. 2 da campanha do Rio da Prata e por aviso de 8 de julho foi elogiado nominalmente com outros officiaes, entre elles seu irmão, segundo-tenente José Maximiano de Mello e Alvim, pelos serviços prestados na extincção de um grande incendio que teve logar no edificio das obras publicas no dia 30 de junho de 1851.

Por aviso de 9 de agosto de 1852 foi nomeado commandante do brigue-barca *Berenice*, no Rio da Prata, entregando o commando do brigue *Calliope* a 12 do mesmo mez. Era

então commandante da divisão o capitão de mar e guerra Jesuino Lamego Costa, mais tarde barão da Laguna.

Tão perito conhecedor do estuario do Rio da Prata se tornou Torres e Alvim, cujos canaes, por entre perigosos bancos, faziam terror aos navegantes, que nelles se afoutava quer de dia quer de noite, soprasse ou não rijo pampeiro; os segredos daquella navegação tão cheia de cuidados não existiam para o ousado marinheiro. Offereceu-se por isso ao governo para exercer no Rio da Prata as funcções de pratico a bordo de seu navio, o que lhe foi concedido por aviso de 6 de setembro de 1852, com a responsabilidade por este e qualquer acontecimento independente das obrigações de commandante.

Capitão-tenente effectivo por decreto de 2 dezembro de 1854, passou a commandar a corveta *Imperial Marinheiro*, a primeira deste nome, a 15 de agosto de 1855, e os mares do sul desde as Malvinas a Montevidéo tornaram-se então a arena de façanhas marinheirescas de Torres e Alvim; nas azas dos pampeiros comprazia-se o destemido nauta e mestre sem rival em alisar as suas ondulações e revoltas superficies.

Conta-se como façanha sua o facto de uma feita, ao entrar no porto de Montevidéo de regresso de um cruzeiro, tangido por violento pampeiro, ao avistar a *Congress*, navio onde fizera sua aprendizagem, que acabava de chegar tendo ainda o pessoal ás vergas a ferrar o panno, ordenou Alvim ao gageiro grande de seu navio que se postasse no laes da verga afim de apertar a mão de seu companheiro daquella fragata. E seguro de sua manobra, fel-a com tal precisão que ao passar a contra bordo da *Congress*, as vergas de ambos os navios quasi se tocaram, dando logar a que os ditos gageiros se apertassem as mãos. Um *hurrah* unisono em ambos os navios victoriou tão ousada quão galharda manobra.

Promovido a capitão de fragata por decreto de 2 de dezembro de 1856, continuou no commando do mesmo navio, regressando ao Rio de Janeiro.

Ainda no commando da *Imperial Marinheiro*, em viagem de instrucção com uma turma de guardas-marinhas, seguiu para Lisboa e depois para diversos portos do Mediterraneo. O brilhantismo com que Alvim se desempenhou desta commissão e o relatorio que apresentou, o qual foi mandado publicar em avulso porque continha esclarecimentos de incontestavel utilidade para os seus companheiros de profissão, valeu-lhe o louvor que lhe foi mandado fazer pelo aviso de 11 de fevereiro de 1858, pela digna e briosa conducta civil e militar de que deu excellentes provas em todos os paizes visitados pelo nosso pavilhão.

Os segredos da profissão de marinha, que é a mais especial de todas e que precisa ser aprendida desde a infancia com dedicação da vida inteira, foram ensinados por Alvim aos futuros officiaes que sob sua direcção fizeram a viagem regulamentar.

Ao peito de sua farda já estrellado, veiu refulgir o officialato da Ordem portugueza da Torre e Espada, conforme autorisou o aviso de 7 de janeiro de 1859, e em 9 de maio seguinte obtinha o habito de cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz.

Fazendo parte da divisão naval estacionada no Rio da Prata, por aviso de 5 de janeiro de 1860, assumiu o commando da mesma, substituindo o chefe de divisão Jesuino Lamego da Costa, eleito deputado geral pela sua então provincia natal.

Tendo obtido licença para vir ao Rio de Janeiro, em seu regresso foi nomeado interinamente commandante da força naval do Rio da Prata, conforme determinou o aviso de 3 de agosto, arvorando o seu pavilhão na *Imperial Marinheiro*.

Ao enfrentar a *Beberibe* as baterias, uma bala rompe-lhe um dos gualdropes do leme, fazendo-a desgovernar e atravessar a correnteza. Nesse transe terrivel, do qual se aproveitou immediatamente o inimigo, fazendo convergir sobre ella o fogo de seus canhões e fuzis, não se perturbou o chefe Alvim ; com aquella clareza de intuição e firmeza de acção que o caracterisavam e confiado na sua proverbial força muscular, verdadeiramente herculea, auxiliado pelo então primeiro tenente Forster Vidal e por alguns marinheiros agarra, o gualdrope partido consegue metter o navio a caminho e continua imperturbavel com uma serenidade heroica a dirigil-o, durante todo o tempo respondendo ao fogo.

Não deixou comtudo a nossa esquadra de receber grande numero de projectis, alguns dos quaes lhe abriram rombos, outros despedaçaram a mastreação e obras vivas. Os navios que mais soffreram foram a *Amazonas*, *Ypyranga* e *Beberibe* ; a primeira recebeu mais de 40 balas e as outras mais de 30, tendo a ultima o maior numero de mortos e feridos.

Fundeou a esquadra no rincão do Soto, onde procedeu aos reparos das avarias, que se pode dizer, foram maiores do que as soffridas no Riachuelo. A existencia de uma força paraguaya de 4 batalhões de infanteria e um regimento de cavallaria, postada no Passo da Patria, levou o chefe Barroso, de combinação com o general Caceres, a proceder a uma acção contra ella e para isso foi escolhido Alvim.

Na manhã de 4 de novembro, arvorando o seu pavilhão na *Belmonte*, seguiu elle de Corrientes acompanhado pela *Araguary*, *Itajahy*, *Ivahy*, *Mearim* e vapor argentino *Libertad* e aviso *Victoria*, chegando até Tres Boccas, regressando no mesmo dia por ter o inimigo abandonado a posição.

Com a chegada do almirante visconde de Tamandaré a Corrientes a 21 de fevereiro de 1866 ficou a nossa força naval composta de 22 navios, entre elles quatro couraçados, dividida em tres divisões ; coube a Alvim o commando da

3ª, constituida pela *Beberibe*, capitanea, *Mearim*, *Tamandaré*, *Ypyranga* e *Parnahyba*.

Em ordem do dia n. 1 do almirante Tamandaré, de 1 de março foi louvado Alvim ainda uma vez, juntamente com todos os bravos que tomaram parte na passagem de Cuevas, pelo seu comportamento militar e pela resignação com que souberam supportar as provações, as vigilias, os rigores do clima e toda a sorte de sacrificios, sem abaterem o animo verdadeiramente militar, em bem da causa nacional, congratulando-se o almirante com os mesmos dizendo que o governo saberia premiar taes feitos.

No dia 17 de março de 1866, seguiu de Corrientes a esquadra para Tres Boccas e duas horas depois de alli fundear, teve Alvim, commandante da 3ª divisão, composta da *Beberibe*, capitanea, *Mearim*, *Tamandaré*, *Ypyranga* e *Parnahyba*, ordem de reconhecer o forte de Itapirú e ver si conseguiria aprisionar um pequeno vapor paraguayo que foi avistado, o que não se realisou por ter elle desapparecido mettendo-se por um braço do rio. Alvim, a bordo do *Tamandaré*, chegou até meia milha do forte e não recebeu a menor hostilidade.

Tornando-se necessario conhecer si, nas immediações do Passo da Patria haveria outro ponto que se prestasse á passagem do nosso exercito para o Paraguay, dessa difficil e espinhosa commissão foi encarregado o chefe Alvim ; o rio Paraná, completamente inexplorado, sem uma carta e não dispondo de pratico do rio, sabido como é difficultosa a sua navegação, não só pelo pouco fundo como tambem por ser inçado de pedras e bancos por cujos canaes a agua passa com violencia, pode-se avaliar por isso do quanto era arriscada a tarefa. Era preciso andar ás apalpadellas.

No dia 21 seguiu Alvim no encouraçado *Tamandaré*, acompanhado pela *Araguary* e canhoneira *Henrique Dias*, fazendo o reconhecimento dos passos do Alto Paraná até

Itaty, indo até a Ponta de Toledo. Preenchida a commissão, regressaram os navios, porém ao chegar no passo entre a ilha Carajá e a costa paraguaya, bateu em uma pedra e encalhou a *Araguary*. Graças aos esforços de Alvim, conseguiu-se desencalhal-a. Neste trabalho encalhou, porém por pouco tempo, o *Tamandaré* que nada soffreu, ao passo que a *Araguary* teve de seguir para Corrientes afim de soffrer reparos.

Por estes serviços foi Alvim louvado em ordem do dia n. 6 do almirante Tamandaré, pelos esforços perseverantes que empregou para desencalhar aquelles navios em frente ao forte de Itapirú. Ao enfrentarem os navios o forte de Itapirú, foram saudados com oito tiros porém sem resultado.

Foi nesse dia 22 que pela primeira vez troou o canhão brazileiro nas margens do Paraguay, como foi nesse dia que começou a guerra das chatas que deu logar a multiplicar seus episodios.

No dia 25, tendo os paraguayos collocado uma chata junto ao forte de Itapirú e com ella incommodado o vapor *Apa*, onde se achava o almirante, ordenou este que o encouraçado *Tamandaré* e a canhoneira *Henrique Dias* sob as ordens de Alvim a destruissem, batendo ao mesmo tempo o forte. Não se deteve Alvim no cumprimento dessa ordem: approximando-se o mais possivel da chata, quanto lhe permittia o fundo do rio, avançou para o forte que havia principiado a atirar com grossos canhões e fel-o emmudecer; regressou depois para junto da chata e ordenou que os escaleres a tomassem. Ao approximarem-se os escaleres da barranca foram recebidos pela fuzilaria de 1.000 homens emboscados, que tiveram de recuar diante da metralha do *Tamandaré*.

Não podendo os nossos desencalhar a chata por estar, além disso, presa por duas grossas correntes, ordenou Alvim a retirada dos escaleres e a tiro de canhão metteu-a a pique.

Das 4 as 8 1/2 da noite não tinha cessado o fogo de artilheria e fuzilaria. Algumas bombas do *Tamandaré*, cahindo no acampamento da infanteria paraguaya, incendiaram-no.

Nesse ataque, Alvim, como sempre, deu o exemplo de intrepidez e serenidade. A elle coube iniciar no Paraguay as hostilidades por parte de nossa esquadra.

No dia seguinte nova chata veiu substituir a outra e esta foi por sua vez posta a pique.

No dia 27 outra chata, escondida por detraz de uma ponta de pedras, iniciou seus tiros contra a esquadra; coube ao *Tamandaré*, *Barroso* e *Bahia*, que arvorava o pavilhão de Alvim, a missão de desalojal-a e duellar-se com o forte. A's 10 horas começou o tiroteio, que continuou de lado a lado, embora pausado mas não interrompido, até ás 4 horas; a posição em que se achava a chata era pouco vulneravel, abrigada por detráz de uma ponta de pedras, por isso mais soffreu o forte. A essa hora, fatigadissima a guarnição em consequencia não só dos trabalhos inherentes ao bombardeio como ao calor intoleravel que então reinava, começou o *Tamandaré* a descer o rio de popa, por não poder fazer a volta devido á estreiteza do canal, quando uma bala o alcançou batendo nas correntes que protegiam uma portinhola, e penetrou na casamata, produzindo medonha catastrophe.

Trinta e quatro pessoas, entre officiaes e praças, foram victimadas pelo projectil e pelos élos das correntes que defendiam a portinhola: mortos, o immediato 1° tenente Vassimon, o commissario Accioli, o escrivão Alpoin e dez praças; mortalmente feridos, o commandante Mariz e Barros, o 1° tenente Silveira e quatro marinheiros: feridos levemente, além dos outros, os 2os tenentes Lamare e Manhães Barreto que assumiu o commando do encouraçado.

Nova chata vem no dia 28 occupar a mesma posição e os mesmos encouraçados, menos o *Tamandaré*, voltam a batel-a e depois de duas horas de fogo é posta ella a pique.

Deixou o commando da força naval em 26 de fevereiro de 1861 recolhendo-se ao Rio de Janeiro.

O estabelecimento do cabo submarino, ligando o Brazil á Europa, veiu exigir da nossa Marinha serviços importantes tal a sondagem do Atlantico e do mar das Antilhas; para executal-os, foi Alvim nomeado em julho de 1861 commandante da corveta a vapor *Beberibe* e nella desempenhou com brilhantismo pouco commum a ardua commissão de sondagem do Atlantico, do cabo de S. Roque ás ilhas de Cabo Verde.

Foi e sa commissão uma verdadeira exploração scientifica. Alvim, que herdára a modestia de seu illustre pai e só revelava o que sabia quando o dever e as circumstancias o exigiam, demonstrou nos trabalhos apresentados á Secretaria de Marinha que os seus estudos profissionaes eram de uma esphera muito superior e abrangiam toda a variedade de conhecimentos exigidos do moderno official de marinha.

Pelo satisfatorio desempenho dado a este importantissimo trabalho, foi Alvim louvado por aviso de 5 de fevereiro de 1862, já então promovido ao posto de capitão de mar e guerra por decreto de 2 de dezembro de 1861.

Em 1 de março passou a commandar a corveta *Bahiana*, commando esse que deixou por ter sido nomeado membro effectivo do Conselho Naval.

Por essa época foi nomeado para fazer parte da commissão composta do barão de Tamandaré, chefe de esquadra Diogo Tavares, chefe de divisão Lamego Costa, capitão de fragata Gomensoro, capitão-tenente Eloy Pessoa e engenheiros navaes Level e Mattos, afim de apresentar e discutir as modificações que á arte militar naval decorreram dos combates travados entre as forças federadas e confederadas dos Estados Unidos.

Homem do mar, antes de tudo, aceitou com prazer a nomeação de commandante da estação naval na Bahia, para

onde seguiu, mas alli mesmo o foi buscar o governo para envial-o á Europa e aos Estados Unidos, em commissão de acquisição de material bellico. Por essa razão deixou elle o commando da estação naval em 29 de janeiro de 1863, seguindo a dar desempenho ao que lhe fôra commettido.

De regresso em 18 de dezembro, foi nomeado novamente em janeiro seguinte para membro do Conselho Naval em logar do barão de Muritiba, em cujo cargo se conservou até 1 de dezembro para assumir o commando do 2° districto naval.

As provas que antes déra no Conselho, do respeito que tinha á justiça, da rectidão do seu espirito e do interesse com que estudava a legislação para conscientemente elucidar as questões, qualquer que fosse o serviço ou a pretenção sobre que devesse informar, estão consignadas em diversos pareceres: era a lei a sua bussola. Sua opinião era tida em tal conta que por aviso de 3 de dezembro foi nomeado, na conformidade da imperial resolução de 9 de novembro, tomada em consulta da secção de marinha e guerra do Conselho de Estado de 6 de outubro, tudo do mesmo anno, para fazer parte do Conselho Naval na sessão que tinha de dar parecer sobre um requerimento em que varios officiaes da Armada pediam ser remunerados nos termos da resolução da Assembléa Legislativa de 15 de outubro de 1836 pelos serviços relevantes que prestaram nas provincias do Pará e Rio Grande do Sul.

No paquete *Paraná* seguiu para a Bahia no dia 7 de dezembro, onde assumiu pela 2ª vez o commando da divisão naval.

Chegou porém a vez de Alvim pedir um favor: o seu caracter de soldado patriota exigia um logar entre os combatentes que se destinavam ao Paraguay, onde foram chamados os brazileiros em desafronta dos brios da Nação offendidos pelo dictador Lopez que, esquecido do que havia feito o Brazil

pela independencia daquelle paiz, voltava agora contra o seu protector o exercito organisado por habeis officiaes brazileiros, apoiado nas fortificações levantadas pelos mesmos, afim de defender o accesso a Assumpção, além de lhe ter facultado recursos de todo o genero.

Sendo attendido deixou o commando em 24 de junho de 1865; foi nomeado para servir na força naval em operações no Rio da Prata, conforme julgasse mais conveniente o vice-almirante que a commandava em chefe, devendo porém assumir o commando da esquadrilha de navios encouraçados logo que esta alli se apresentasse.

E a 7 de julho seguia Torres e Alvim no paquete *Mersey*, chegando cinco dias depois a Montevidéo e a 13 a Buenos-Aires, onde se apresentou a bordo da corveta *Nitheroy*, capitanea da esquadra. Sem demora, tomou passagem no vapor inglez *Espigador* para o rio Paraná afim de tomar o commando da 3ª divisão da esquadra em virtude da ordem do vice-almirante visconde de Tamandaré. Alli chegando apresentou-se a bordo da corveta a vapor *Beberibe* em 2 de agosto.

Pelo chefe Barroso, commandante da 2ª divisão em operações, foi reconhecido em ordem do dia n. 12, de 3 de agosto, commandante da 3ª divisão, içando sua insignia no navio onde se apresentára.

Si não teve Alvim a ventura de compartilhar das glorias de Riachuelo vamos d'ora em diante mostrar qual a intervenção que teve na tremenda luta o bravo, intelligente e ousado official. Comprehendia Alvim que para triumphar não era só preciso desprezar a morte, era preciso ter fé na vida e elle a tinha inquebrantavel.

Depois da batalha do Riachuelo, achava-se a esquadra fundeada na volta do Chimboral, algumas leguas acima de Bella Vista, apezar deste ponto ter cahido em poder dos paraguayos; com a chegada do vapor *Esmeralda*, recebeu o

chefe Barroso ordem do vice-almirante Tamandaré para vir fundear abaixo de Cuevas.

No dia 10 suspendeu a esquadra logo apoz a cerimonia de içar a bandeira; coube á *Ivahy* a vanguarda, depois a *Itajahy*, logo atraz a *Beberibe*, em seguida o *Amazonas* e assim os demais navios. O *Guardia Nacional* (vapor argentino), vinha nas aguas do *Amazonas*. O *Apa*, transporte, trazia aos costados o brigue *Peperiguassú* e a barca *Quarahim* e a *Mearim*, uma chata com gado.

No dia 12, tudo disposto para a passagem de Cuevas, onde o inimigo havia construido fortes baterias, armadas de 40 peças de todos os calibres, algumas raiadas e guarnecidas por 3.000 infantes, suspendeu ferro a esquadra ás 9 h. da manhã. A canhoneira *Ivahy*, que servia de testa, emquanto alguns navios faziam a volta para entrar em linha, approximou-se da barranca e rompeu fogo; o inimigo, não querendo sem duvida dar a conhecer sua força, respondeu lentamente. Ao signal do chefe de bordo do *Amazonas*, estando a esquadra em linha, avançou a 3ª divisão, composta da *Ivahy*, *Itajahy* e *Beberibe*, vindo depois a *Amazonas* e assim os demais e por ultimo a *Ypyranga* e com denodo investiu a barranca. Ao enfrental-a recebeu a queima-roupa o fogo das 40 peças e granadas de mão, além do de dez estativas de foguetes a Congrève e de toda a fuzilaria, tudo convenientemente disposto, de tal fórma que batiam os nossos, um por um, de proa, de travéz e pela popa.

Nada disto servia de obstaculo aos nossos e durante meia hora, aguas abaixo, respondendo o fogo, seguia impavida a nossa esquadra.

O fogo violentissimo e destruidor que vomitava aquelle vulcão atroador envolvia todos os navios ; tal era a vivacidade delle que dir-se-iam descargas successivas de fuzilaria ; com galhardia inaudita partia de cada navio a resposta terrivel e devastadora.

regado não tem sido menos digno pelo zelo e actividade de que o é pelo seu valor sempre que entra em combate.

A chegada do marechal marquez de Caxias para commandar em chefe o exercito mudou completamente a face dos negocios da campanha. Ia finalmente dar-se alento á vagarosa marcha sustentada por Mitre durante todo o tempo de sua direcção.

Determinou o commandante em chefe ao almirante que mandasse para o rio Paraná uma divisão de navios pequenos, commandada por um official activo e intelligente para evitar que de Corrientes, onde havia individuos que forneciam a Lopez, lhe enviassem o que o exercito inimigo precisasse, principalmente munições. Para essa commissão foi designado Alvim que, embora pouco satisfeito, seguiu immeditamente commandando a divisão composta da *Mearim*, *Ivahy* e *Henrique Martins*.

Tal desempenho deu elle á commissão que por ordem do dia de 12 foi louvado pela maneira digna por que a desempenhou, policiando e impedindo as communicações dos paraguayos com a provincia de Corrientes.

Da canhoneira *Mearim*, passou o seu pavilhão para o encouraçado *Mariz* e *Barros* em 13 de janeiro de 1867, tendo como almirante o chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, que substituira o almirante Tmandaré, no commando da esquadra em 22 de dezembro.

Nomeado commandante da 1ª divisão da esquadra, passou a 25 de janeiro o seu pavilhão para bordo do enconraçado *Silvado*. No memoravel bombardeio ao forte de Curupaity, a bordo desse navio, no mesmo dia, desde 6 horas ás 8 1/4 da manhã, fez troar os canhões, causando estragos enormes no tremendo baluarte paraguayo, defendido por 13 boccas de fogo e 500 infantes. Foi nesse duello que morreu o glorioso e emmerito official capitão de fragata Vital de Oliveira. Havia o chefe Alvim ordenado a substituição dos es-

taes da chaminé que eram de correntes por outros de cabo, afim de evitar que as balas batendo nelles fizessem dos élos estilhaços.

Mal acabava de dar esta ordem, uma bala de 68 resvalou pela chaminé do *Silvado* cobrindo de poeira as pessoas que estavam á ré

Com aquella calma imperturbavel que o distinguia disse o chefe Alvim ao commandante Vital: «Felicito-o; o seu navio acaba de receber o baptismo de fogo.»

Vital levou a mão ao bonet agradecendo o comprimento do chefe. Uma segunda bala partiu um turco de escaler de bombordo. Vital de Oliveira caminhava para a proa a dar uma ordem, quando uma terceira bala, cortando as correntes dos estaes da chaminé, dispersou os élos em todas as direcções Vital, rodou sobre os calcanhares levou a mão ao peito e cahiu.

Correram logo o chefe Alvim e o 1º tenente João Justino de Proença que o tomaram nos braços e passando-o pela escotilha, disse Alvim baixo:

— Tomem o commandante, que está... ferido!

De facto, Vital de Oliveira estava ferido no coração. Entre a sobrecasaca do uniforme e o corpo foi achado um élo do corrente. A morte foi instantanea.

Promovido a chefe de divisão por decreto de 21 de janeiro de 1867 só teve conhecimento dessa distincção mais tarde. O novo almirante, desejando tirar vantagem da força que commandava, resolveu levar outro ataque ás trincheiras de Curupaity no dia 3 de março e, ouvidos os pareceres dos chefes Alvim, da 2ª divisão, e Costa, da 3ª, e do capitão de fragata Henrique Baptista, director da artilheria ordenou o almirante o bombardeio e que foi iniciado pela 2ª divisão. Seguiu esta avante e, descobrindo a bateria, fez-lhe fogo durante alguns minutos e foi dar fundo encostado á matta do lado do Paraguay, por sobre a qual lançou bom-

bas sobre o acampamento inimigo e durante 1 1/2 horas sem cessar o fustigou.

Em virtude da ordem do dia do commandante em chefe sob numero 44, de 26 de março, passou Alvim a commandar a 1ª divisão da mesma esquadra, entrando em fogo novamente contra as baterias de Curupaity em 29 de maio, sustentando com toda a galhardia o nome brazileiro. Na vespera da passagem de Curupaity mudou seu pavilhão para o *Lima Barros* na mesma qualidade de commandante da 1ª divisão, em virtude da ordem do dia n.º 59, de 28 de junho.

No dia 15 de agosto, escrevia-se nos annaes da nossa Marinha uma das paginas mais empolgantes e da maior valentia, pericia e abnegação, realisando um feito como os mais famosos levados a cabo por outras marinhas. As celebres baterias de Curupaity, posto avançado de Humaytá, declaradas quasi inexpugnaveis, defendidas por mais de 30 peças, foram transpostas galhardamente, apezar do desespero com que resistiam, pondo em acção todos os meios alli accumulados pela engenharia estrangeira e indigena para evitar a passagem dos nossos navios. Impavidos seguiram avante o *Brazil*, o *Mariz e Barros*, *Tamandaré*, *Colombo*, *Bahia*, *Cabral*, *Barroso*, *Herval*, *Silvado* e *Lima Barros*, arrostando as estacadas, torpedos, batelões afundados carregados de pedra e fogo nutrido e desesperado.

O *Lima Barros*, que cobria a retaguarda, por ser o melhor e o mais forte, recebeu 47 balas.

Por esta acção foi em ordem do dia n. 77, de 17 de agosto, elogiado o chefe Alvim pelo brilhante serviço que prestou.

Este glorioso feito foi julgado de pouca importancia pela imprensa argentina, aliás explicavel porque a esquadra não era daquella nacionalidade e não estava sujeita á autoridade de Mitre.

Começou desde então Humaytá a soffrer o fogo de nossa esquadra e o *Lima Barros*, onde se achava Alvim, foi fundear do lado do Chaco e dahi, descobrindo as formidaveis baterias casamatadas de Londres, abriu cerrado fogo.

Tornando-se de urgente necessidade a construcção de uma via ferrea de seis milhas de extensão, lembrada por Alvim, para o abastecimento da esquadra e communicações entre a esquadra encouraçada, fundeada acima de Curupaity, e a de madeira fundeada abaixo de Curuzú, foi ella construida por ordem do ministro da Marinha. Sem ella, os encouraçados teriam de apagar fogos por falta de combustivel e não poderiam receber munições e provisões de bocca. Com ella, em uma hora, era supprida a esquadra.

A esta estrada estão ligados os nomes de tres illustres filhos de Santa Catharina: o de Alvim, que a ideou; a do então capitão de fragata José Marques Guimarães, que a construiu e o do chefe de esquadra barão de Laguna, que como inspector do Arsenal de Marinha, providenciou para em tres dias serem serrados e embarcados 5.000 dormentes.

Mereceu esta operosidade inegualavel louvores do então ministro da Marinha conselheiro Affonso Celso.

Com a chegada de tres monitores que passaram a 13 de fevereiro as baterias de Curupaity e que se foram reunir á esquadra encouraçada, resolveu o vice-almirante forçar a passagem de Humaytá.

A missão do forçamento da pedra angular da defesa do Paraguay ia caber a Alvim, mas assim não aconteceu, era preciso que Alvim cedesse a outrem as glorias da empreza e o *destino* disso se encarregou.

A molestia do chefe Elisiario dos Santos, que occupava o logar de chefe do estado maior da esquadra, fez com que Alvim fosse chamado a exercel-o, conforme a ordem do dia n. 102 de 3 de fevereiro, do commando da esquadra, assumindo cumulativamente o commando da 2ª grande divisão

Neste canhoneio o *Barroso* foi attingido por 20 balas e perdeu seis homens e o *Bahia* recebeu 39 mas não perdeu um só homem; uma bala de 68, batendo de encontro á couraça, fez-se em estilhaços contundindo o chefe Alvim, seu secretario 1° tenente Forster Vidal e o 2° tenente Saturnino de Carvalho.

O ferimento recebido por Alvim não o fez entretanto abandonar seu posto.

Sendo de todo destruida a chata que os paraguayos haviam trazido nesse dia, cessou tambem o apparecimento dellas, ficando assim encerrada a pagina de combates parciaes da nossa esquadra, para ser iniciada a das atrevidas e heroicas passagens sob formidaveis baterias a cavalleiro das margens do Paraguay, julgadas inexpugnaveis e impossiveis de atravessar.

Tendo encalhado o *Brazil* no dia 30, conseguiu Alvim, depois de doze horas de inauditos esforços, desencalhal-o e ainda desta vez valeu a sua força muscular, já experimentada na *Beberibe*, para evitar que o encouraçado ficasse atrevessado á corrente do rio.

Ao tratar-se da passsgem do nosso exercito para a margem paraguaya, coube a Alvim a escolha do ponto em que o mesmo safaria. Assim é que a 5 de abril subiu o Paraná commandando a expedição composta das conhoneiras *Itajahy*, *Henrique Dias e Greenhalgh* e os dois vapores argentinos *Chacabuco* a *Buenos-Aires*, em um dos quaes estava o general Hornos.

A 19 de maio na *Mearim*, acompanhada pela *Henrique Martins* e o pequeno vapor *Lindoya*, subiu novamente o Paraná, indo acima de Toledo em serviço de reconhecimento.

Coube-lhe proteger o transporte das tropas que se apossaram da ilha da Redempção, indo com o *Bahia*, *Tamandaré*, *Greenhalgh* e *Henrique Martins* tomar posições o mais perto possivel da ilha, bombardeando o forte de Itapirú.

A gloriosa repulsa dos paraguayos no dia 10 de abril da ilha recentemente occupada, para a qual muito concorreram o destemido 1º tenente Gonçalves, na *Henrique Martins*, e e Marques Guimarães, na *Greenhalgh*, teve proeminente acção o chefe Alvim. Foi por esse facto elogiado em ordem do dia do chefe da esquadra pela prompta reparação das avarias soffridas pela *Henrique Martins*. Nessa mesma ordem do dia se declara que á actividade e pericia desse official se devem o embarque e desembarque de nossas tropas na passagem do Paraná e a invasão do Paraguay feita com toda a promptidão, methodo e segurança.

Realmente foi para a nossa esquadra e para o nosso exercito um dos feitos mais brilhantes e de mais destaque naquella guerra o embarque e transporte de 40.000 homens para a margem do Paraguay. As disposições tomadas foram de tal ordem e tão bem cumpridas nos seus menores detalhes que sem a minima confusão transportou o exercito alliado para o territorio inimigo. Esta passagem, pela ordem, methodo e disciplina observados, serve de exemplo a qualquer nação.

Ao preparar-se a esquadra para subir o Paraguay, coube a Alvim, no commando da divisão composta da *Mearim*, *Henrique Dias e Lindoya*, a incumbencia de subir o Paraná até a ilha do Toledo, emquanto uma outra subia o Paraguay até Palmas. De regresso ao Passo da Patria, novamente subiu a 5 de junho o Paraná, nevegando durante seis dias, fazendo minucioso estudo dos canaes e da costa, onde de longe em longe eram avistadas guardas inimigas. Nenhum accidente soffreu a expedição porque, embora sem praticos, punha Alvim em acção os seus dotes intellectuaes e de prudencia militar.

No dia 11 a expedição achou-se defronte da ilha do Apipé onde se conservou, esperando ordens do barão do Porto

Alegre para receber a tropa que deveria conduzir ao Passo da Patria.

A informação que dera Alvim sobre a navegabilidade do Paraná fizera com que o almirante Tamandaré organisasse uma expedição de quatro canhoneiras e oito transportes e confiasse a Alvim a conducção do 2° corpo do exercito do ponto em que se achava para o Passo da Patria. Partiu Alvim a 15 de julho e a 29 punha no Passo da Patria 7.500 homens, muito se distinguindo pelas acertadas medidas que tomou para cumprir a ardua e fatigante commissão e merecendo por isso brilhante elogio do barão de Porto Alegre.

Eram as canhoneiras *Itajahy*, *Araguay*, *Greenhalgh* e *Henrique Martins* e transportes *Marcilio Dias*, *Presidente*, *Wiper*, *Galgo*, *Diligente*, *S. Paulo*, *Duque de Saxe* e *General Flores*.

A respeito do modo pelo qual Alvim se desempenhou desta commissão, diz um official do 2 ° corpo do exercito:

«No trajecto de Loreto até aqui, foi uma verdadeira festa, graças á gentileza e amabilidade do distincto chefe Alvim, o official da nossa Armada que mais confiança inspira ao Exercito pela intelligencia, pericia, zelo e bravura de que tantas provas ha dado. Sem praticos, sem agua sufficiente, por logares desconhecidos, soube esse intrepido marinheiro conduzir a divisão de seu commando até ao ponto em que recebeu 7.500 homens que hoje attrahem a attenção de todos pela saude, moralidade e disciplina que revelam.»

A deliberação tomada de levar avante a guerra, tão procrastinada pelo general em chefe d. Bartholomeu Mitre, teve por inicio o ataque aos fortes de Curupaity e Curuzú, que ficava meia legoa abaixo daquelle e quasi defronte da ilha de Palmar.

No dia 22 de agosto, commandando Alvim a divisão composta da *Greenhalgh*, *Henrique Martins*, *Maracanã* e *Ivahy* e transporte *General Argollo* transportou de Itaty

para o Passo da Patria a infanteria, artilheria e bagagem do 3º corpo de exercito.

No dia 30 de agosto coube-lhe embarcar na *Marcilio Dias*, *Isabel*, *Leopoldina*, *Riachuelo*, *Galgo*, *Pedro II*, *Presidente*, *General Flores*, *Diligente* e *Dezeseis de Abril*, do Itapirú para as proximidades de Curuzú, 8.835 homens e leval-os para o Palmar. Nesse penoso e duro serviço, Alvim desenvolveu tal actividade e tão acertadas foram suas providencias que o levou a cabo com exito completo e sem o menor desastre.

E' duvidoso que outro que não elle, para não sermos injusto para com outros, talhado como era para os grandes commettimentos, poderia levar a termo com tanta segurança e presteza taes commissões. Alvim, com o bom humor que nunca o deixava, sempre ridente e prompto para exaltar meritos alheios, amesquinhava os proprios, chamando a este serviço de tanta responsabilidade e para a execução do qual toda a capacidade de sua energia era exigida — *serviço de bagageiro*. Para o seu orgulho de militar entendia elle que só tinham valia aquelles em que fazia praça o canhão.

Por todos estes serviços foi em ordem do dia n.º 6 de 30 de agosto, declarado que o chefe Alvim tres vezes subiu o alto Paraná, commandando as flotilhas destinadas ao transporte do 2.º corpo do Exercito commandado pelo barão de Porto Alegre e que o bom exito destas importantes expedições deve-se á actividade e intelligencia deste official.

No bombardeio de Curuzú, commandando a 4.ª divisão da esquadra, composta da *Araguay*, *Iguatemy*, *Araguary*, *Maracanã* e *Henrique Dias* e dos transportes acima mencionados, teve por missão proteger o desembarque das tropas emquanto os demais navios bombardeavam aquella fortaleza.

Para demonstração dos serviços prestados por Alvim nessa occasião declarou a ordem do dia n.º 7, de 12 de setembro, que esse official no serviço de que tem estado encar-

com todos os vencimentos e gratificações que lhe competiam.

Diz a ordem do dia: S. ex. o sr. chefe da divisão Francisco Cordeiro Torres e Alvim passa a occupar o emprego de chefe do estado maior da esquadra, com todos os vencimentos e gratificações do sr. general que vae substituir. Sinto afastar s. ex. do commando de sua divisão que exercia com honra e gloria para o paiz e para si proprio. O emprego que vae exercer é da maior categoria, não menos importante, e só pode ser conferido a um official como s. ex. de minha inteira confiança. Commandará tambem a 2ª grande divisão.

Tendo deixado o commando da 1ª divisão apresentou-se no dia 4 de fevereiro a bordo do vapor *Princeza de Joinville* e assumiu o commando da 2ª grande divisão e o cargo de chefe do estado maior da esquadra.

A passagem dos monitores *Pará*, *Alagoas* e *Rio Grande*, que estavam em Curuzú, sob o commando do capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, pelas baterias de Curupaity, na noite de 13 de fevereiro, para se incorporarem á esquadra, foi um desses feitos que honram e ennobrecem qualquer nação pelo denodo e valentia revelados pelos seus filhos. Nesse glorioso e memoravel feito, o digno e brioso chefe Alvim não se deixou ficar impassivel: não esperou e e veiu em auxilio delles, fazendo calar o fogo do inimigo.

Por essa razão, em ordem do dia n. 116, de 14 de fevereiro foi Alvim contemplado com as seguintes palavras: S. ex. sr. chefe Alvim recebá tambem meus agradecimentos e louvores pela parte activa que tomou não só na promptificação dos monitores como na coadjuvação que prestou á sua brilhante passagem. De tudo vou informar o governo imperial com a devida clareza e imparcialidade.

Combinada a passagem de Humaytá por uma divisão de tres couraçados para o dia 19 de fevereiro ás 3 horas da manhã, ella se realisou debaixo de uma tormenta de fogo

vomitada por 100 canhões. Impassivel em face de todos elles, seguiu a divisão composta do *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré*, *Pará*, *Alagoas* e *Rio Grande*.

O *Standart* de Buenos Aires, que sempre foi hostil ao Brazil, não podendo esconder a evidencia do extraordinario feito publicou o seguinte:

« Grande victoria naval — Batalha de Humaytá: — Os canhões dos encouraçados brazileiros quando forçaram o passo de Humaytá echoaram neste continente e se farão ouvir na Europa. Nenhum acontecimento de igual importancia occorreu nesta parte do mundo nesta geração e, para honra do pavilhão brazileiro, é necessario confessar que a victoria naval alcançada é a todos os respeitos digna de figurar a par de Aboukir e de Trafalgar.

O Brazil póde bem ufanar-se de sua victoria, porque não só lhe dará o dominio completo do rio Paraguay mas deu ainda um dia de gloria ao poder naval, que a posteridade ha de venerar.

O espirito de partido e o rancor politico poderão procurar despir esta grande victoria naval da sua grandeza e attribuir o feliz resultado menos á bravura do marinheiro brazileiro do que á condição gasta e exhausta do inimigo, mas sabemos de fonte insuspeita que os canhões da fortaleza fizeram fogo com rapidez incessante e que os effeitos terriveis dessa descarga medonha de artilheria pesada eram taes que a terra tremia em Itapirú, distante sete ou oito milhas de Humaytá, e que a agua do rio arrebentava em ondas nas suas margens.

Isto prova que a artilheria de Humaytá estava bem guarnecida e que, a despeito da grande demora, o inimigo estava bem preparado para disputar a passagem. Officiaes conhecidos das marinhas americana, ingleza e franceza, que haviam visto Humaytá, examinado a posição e percorrido as baterias, concordaram unanimemente na sua extrema força.

Ha tres annos que a maior esquadra que jamais sulcou estas aguas tem estado ancorada fóra do alcance dos canhões; a difficil navegação do rio, as voltas constantes do canal faziam crer a um povo que duvidava e que talvez tinha zelos que a esquadra brazileira nunca passaria Humaytá. O Brazil, porém, afinal reivindicou a sua honra e estabeleceu uma reputação naval ante a qual o resto da America do Sul ha de se curvar.

A passagem de Humaytá é tambem um triumpho da sciencia e recommendamos o facto á attenção dos officiaes da marinha ingleza—tres encouraçados brazileiros, todos construidos na Inglaterra, sustentaram durante 42 minutos o fogo combinado de 180 canhões e pelo menos metade desse tempo foi em distancia de tiro de pistola. (1)

Nada ha anteriormente na historia naval que iguale este feito: pelo contrario, os profissionaes depois da batalha de Lissa perderam a fé nos encouraçados; nós, porém, pensamos que a batalha de Humaytá estabelece para sempre a supremacia, e a Europa pode aprender com este combate. Nenhuma batalha da America do No.te, nem no mar alto, póde ser comparada a este feito.

Os navios tiveram que dobrar pontas de terra para ganhar o canal e ahi chegando achavam-se logo ao alcance do fogo da bateria de Londres que os varria de proa a popa.

Debaixo deste fogo tiveram de seguir e encostar-se á margem onde estava assestada a melhor artilharia da America do Sul para os crivar de balas; tiveram que navegar quasi que á bocca das peças, enfiadas por artilheria de 140 da margem opposta do rio.

---

(1) Engana-se o escriptor —O *Tamandaré*, o *Barroso*, o *Alagoas*, o *Rio Grande* e o *Pará* foram construidos no Arsenal do Rio de Janeiro, os dois primeiros em 1865 e os tres ultimos em 1866.

Obrigados a seguir uma pequena volta do canal, chegaram ao ponto onde se acham as correntes que atravessavam o rio e as baterias dessas correntes na margem esquerda.

As chapas de ferro, na verdade estabeleceram a sua supremacia e ninguem o pode negar, quando se vê que tres monitores não foram submergidos por este fogo.

Nem devemos perder de vista a bravura dos officiaes e praças que afrontavam uma morte quasi certa para o triumpho de seu pavilhão em uma hora dessas. Não, o commandante brazileiro mostrou-se o bravo dos bravos, elle e os seus commandados merecem as mais altas recompensas que o paiz póde dar.

A fortaleza de Humaytá não é de construcção recente. Foram precisos tres annos para humilhal-a e dez vezes esse tempo para construil-a. Os rendimentos de uma nação inteira, a riqueza de um paiz, auxiliados pelos melhores engenheiros da Europa, tudo contribuiu para tornar Humaytá inexpugnavel. Ninguem que viu a praça ainda duvidou da sua força.

O velho presidente Lopez tinha uma fé tão robusta na sua inexpugnabilidade que acreditavá que si o proprio Xerxes atacasse o Paraguay, não passaria Humaytá.

Essa mesma confiança incutiu-se no povo paraguayo. A sua senha era o Humaytá! e talvez á idéa exagerada da sua força que tinha o Lopez actual, podem se attribuir os graves erros politicos que passo a passo desviaram esse infeliz homem da politica cautelosa de seu pai, para se arvorar campeão do equilibrio do Rio da Prata.

O Brazil com esta victoria abriu ao mundo a navegação do Paraguay. Poderá alguem duvidar da importancia de um combate que deu resultados destes?

E' possivel que os valentes paraguayos ainda se reunam em torno da bandeira de seu chefe até hoje invicto; talvez nos cumes dos montes da sua patria ainda se accendam

fogueiras de signal e que elles disputem palmo a palmo ao invasor o seu solo natal.

Este povo extraordinario já deu provas de coragem e patriotismo que têm conquistado a admiração e o respeito dos seus proprios inimigos. Mas a bem da humanidade appellamos agora para a paz. O principal e grande fim da guerra está proximo. Humaytá, e não Lopez, era a verdadeira pedra de escandalo; a estupidez dos estadistas sul-americanos tolerou a sua construcção; o sangue de milhares de homens desmoronou afinal os seus baluartes.

Do ponto de vista politico e moral a victoria é completa e si esta guerra tem custado milhões e torrentes de sangue, esperamos que para o Rio da Prata e Brazil haverá, resultados que compensem.»

Depois da rendição de Curupaity, deixando de existir a razão que aconselhava o almirante Inhaúma a dividir a esquadra em duas grandes divisões, ficaram ellas extinctas, reassumindo aquelle almirante o commando geral da mesma esquadra, a qual, segundo a regra de serviço, ficou composta de quatro divisões. Continuou Alvim como chefe do estado maior della.

O vapor *Princeza*, os pontões e os transportes ficaram debaixo do commando directo do chefe Alvim. Por esta occasião foi Alvim, como fez publico a ordem do dia n. 131, de 23 de março, louvado com toda a effusão de coração pelo excellente e muito proveitoso serviço que prestou como commandante da 2ª grande divisão da esquadra.

Tendo adoecido o almirante Inhaúma, assumiu temporariamente o commando em chefe da esquadra em operações, içando o seu pavilhão a bordo do encouraçado *Brazil*.

O bombardeio contra Humaytá continuou pelos navios collocados acima e abaixo dessa fortaleza e tendo sido deliberado fazer-se um geral, foi elle iniciado ás 9 h. da manhã

de 11 de abril pelas duas divisões dirigidas pessoalmente pelo chefe Alvim e que durou até o meio-dia.

Para effectuar esta operação, de bordo do *Princeza*, onde se achava, levando em sua companhia o 1° tenente João Justino de Proença, dirigiu-se o chefe Alvim na lancha *Couto* para a 2ª divisão, cujo capitanea era o *Lima Barros*, tendo antes dado as precisas ordens afim de se dirigir para alli o encouraçado *Brazil*, levando a reboque a bombardeira *Pedro Affonso*. Fez suspender os encouraçados *Lima Barros*, *Cabral*, *Herval* e *Mariz e Barros* e approximarem-se das baterias inimigas, rompendo logo fogo o *Lima Barros*, que ia na vanguarda e que foi attingido por quatro projectis. Com a chegada do *Brazil* passou-se Alvim para bordo deste navio, onde içou o seu pavilhão, tomando novamente parte no fogo.

O cerco de Humaytá, cada vez mais apertado, tinha posto os paraguayos no mais angustioso apuro; os nossos navios em continuo movimento não lhes deixavam receber soccorros da margem opposta e o reconhecimento feito pelo exercito no dia 16 de julho veiu trazer-lhes o desanimo e o abandono da praça.

O chefe Alvim, que estava na vanguarda, percebendo durante a noite movimento na fortaleza, mandou avisar ao general Rivas no Chaco que grande numero de canoas carregadas de gente se dirigia para aquelle lado. Sabedor disto o marechal Caxias ordenou um bombardeio geral á praça.

Ao amanhecer do dia 16, deu-se o ataque e Alvim, a bordo do *Silvado*, fizera approximar-se o *Cabral* até debaixo das fortificações inimigas quando chegou o almirante, com os demais navios, afim de evitar a fuga dos defensores da praça inimiga.

Tendo sido resolvido o forçamento de Humaytá no dia 21, seguiram os encouraçados *Cabral* e *Silvado* e o monitor

Piauhy afim de se reunirem a 1ª divisão. Foi encarregado o chefe Alvim de executal-o.

Foi mais um dia de gloria para a marinha brazileira, que ainda uma vez mostrou o seu valor.

Para dar execução á ordem recebida, seguiu Alvim para a vanguarda levando em sua companhia os 1ºs tenentes Palmeira e Proença, ajudante de ordens do almirante, e a bordo do *Lima Barros* determinou aos commandantes dos navios designados para o forçamento das baterias o modo pelo qual deveriam afrontal-as.

Depois de ter feito embarcar nos ditos navios a maior quantidade possivel de mantimentos e munições de guerra e de haver procedido aos necessarios preparativos moveram-se os navios.

Logo que os tres navios avançaram, as baterias da barranca começaram a alvejal-os e em seguida a elles puzeram-se em movimento o *Lima Barros* e *Brazil*, que romperam vivo e certeiro fogo sobre as baterias inimigas, seguindo-se o *Mariz e Barros*, *Herval* e *Colombo*.

O fogo da 2ª divisão fez calar as baterias baixas da fortaleza.

A's 5 h. e 20 minutos da manhã, tres foguetes annunciavam que se havia realisado a passagem com toda a felicidade. Descansou Alvim pelo bom exito da empreza, sentindo, como manifestou, não lhe ser dado satisfazer seu desejo, de compartilhar com os seus commandados da immensa gloria colhida. Cada qual tinha um ponto designado e uma missão a cumprir e a Alvim coube, como organisador da expedição, o mais glorioso triumpho.

A retirada do inimigo de Humaytá em pequenas canoas para o Chaco deu novo ensejo a Alvim de demonstrar suas qualidades de chefe que tudo prevê e providencia. Foram tão acertadas as suas ordens que pensando a guarnição de Humaytá nos surprehender, foi ella completamente

burlada, ficando sitiada pela nossa tropa no Chaco, pelos navios fundeados em toda a extensão do rio nesta parte e pelos escaleres armados que bloqueavam o interior da lagoa do Chaco, protegidos pela *Beberibe*, fundeada em posição conveniente.

Alvim a bordo do *Lima Barros*, onde arvorou o seu pavilhão, multiplicava a sua actividade.

Para se poder avaliar do que foi a parte da guerra conhecida pelos combates do Chaco, é preciso compulsar a historia daquella homerica luta travada no Paraguay. Desde o dia 28 de julho até 5 de agosto, dia da rendição dos paraguayos, a Marinha Nacional não descansou para a realisação de um dos mais bellos serviços prestados nessa guerra, compartilhando as fadigas e a gloria desta notavel operação militar.

Em 16 de agosto o visconde de Inhaúma, com os encouraçados *Brazil*, *Cabral*, *Tamandaré* e *Colombo* e os transportes *Princeza*, *Guaycurù* e *Dezeseis de Abril*, suspendeu de Humaytá, forçou a passagem do Timbó e foi fundear em frente ao Pillar. Alvim ahi já se achava.

Tendo ordenado o almirante que os encouraçados *Brazil*, e *Cabral* e o monitor *Piauhy* seguissem a reunir-se á divisão do barão da Passagem, tinham elles que forçar o passo de Angustura, defendido por quinze boccas de fogo. Ao chefe Alvim, ainda uma vez, foi commettida a incumbencia de dirigir semelhante operação. Tudo disposto, no dia 26 de novembro, com os encouraçados *Herval*, *Colombo*, *Cabral*, e *Mariz e Barros*, canhoneiras *Belmonte*, *Henrique Dias*, e *Felippe Camarão* e bombardeiras *Pedro Affonso* e *Forte de Coimbra*, violentamente bombardeou o forte e abriu passagem á divisão que o devia transpor.

Sendo necessaria a descida de navios para o abastecimento da esquadra, coube ao *Lima Barros* e ao *Silvado* esta missão e por esse motivo tiveram que forçar Angustura. Em ordem

do dia n. 198, de 23 de novembro, que deste assumpto trata consta o seguinte:

«Todo o serviço foi desempenhado com a maior presteza e zelo e mais uma vez mostrou sua actividade e pericia o sr. chefe Alvim pelas acertadas ordens que deu para a promptificação de tudo quanto receberam os ditos navios».

Sentindo-se Alvim extenuado de tantas lutas e inclemencias passadas naquellas inhospitas paragens durante tres annos e quatro mezes ininterruptos, reconheceu que não podia continuar, tanto mais que a guerra tocava o seu termo e nada mais tinha a Marinha a fazer. Si as balas o tinham respeitado, não obstante tel-as afrontado em todos os combates em que entrou, foi entretanto uma das victimas daquella cruenta guerra.

O seu organismo estava depauperado: pallido, alquebrado, quasi sem forças, tinha perdido a imponencia da physionomia e da sua estatura marcial. Nesse triste estado deixou o logar de chefe do estado maior da esquadra em 6 de fevereiro de 1869, passando para a corveta *Nitheroy* afim de regressar ao Rio de Janeiro, onde chegou a 23 do mesmo mez.

Promovido a chefe de esquadra por decreto de 2 de dezembro desse anno, foi nomeado membro effectivo do Conselho Naval.

Coube-lhe o voto de louvor e gratidão, approvado pela Camara dos Deputados, em sessão de 11 de maio de 1870, a todos que conquistaram para a Patria gloria imperecivel na guerra do Paraguay, até o brilhante feito de 1 de março, termo da guerra provocada pelo ex-presidente daquella Republica.

Apezar da molestia que o abatia, teve Alvim bastante força de vontade e admiravel dedicação pelos interesses do seu paiz, para assim mesmo, quasi sem forças, continuar no desempenho de commissões que não eram sinecuras, muito

ao contrario, accrescidas de enorme trabalho de organisação devido á guerra que vinha de findar.

Não se deixou Alvim ficar muito tempo em terra; queria procurar no mar, onde sempre se encontrou bem, o seu avigoramento; assim é que a 17 de novembro foi nomeado para commandar o 1º districto naval, arvorando sua insignia a bordo do encouraçado *Brazil*.

Em 25 de maio seguinte sahiu para Santa Catharina. Tendo-se, porém, dado uma avaria nas machinas do capitanea, regressou ao porto do Rio de Janeiro, partindo novamente a 14 de junho, chegando a seu destino a 16. Até outubro alli esteve em constantes exercicios.

Nomeado, por aviso de 26 de setembro, para exercer o cargo de encarregado do Quartel General, logar que equivalia ao actual chefe do Estado Maior General da Armada, entregou em Santa Catharina, a 14 de outubro, o commando da 1ª divisão da esquadra ao seu substituto o barão da Passagem, regressando ao Rio de Janeiro na corveta *Belmonte* e chegando a 21 do mesmo mez.

Ia occupar o chefe de esquadra Torres e Alvim no mesmo posto e no mesmo mez, vinte-tres annos depois, o mesmo cargo que tão brilhantemente havia exercido seu pai e a 27 de outubro assumia elle o alto posto.

Era chegada a occasião de Alvim pôr em pratica o que havia aprendido e o que a sua culta intelligencia lhe indicava.

Não tendo sido possivel tratar das instituições, pois até então, devido á longa guerra, só se tinha attendido ao urgente e momentoso, dedicou-se Alvim a organisar a sua repartição com o auxilio de sua illustração e experiencia, com verdadeira elevação de vistas.

Por decreto de 10 de julho de 1872 foi agraciado com o titulo de barão de Iguatemy. Por essa occasião apresentou o diploma de commendador da Ordem de Aviz, que lhe fôra

concedido por decreto de 14 de julho; o de official da Ordem da Rosa, conferido por decreto de 8 de junho; o de official do Cruzeiro, por decreto de 28 de dezembro de 1867; o de dignatario da mesma Ordem, por decreto de 28 de dezembro de 1868, e o aviso da Secretaria do Imperio permittindo aceitar e usar a gran-cruz da Ordem de S. Estanisláo com que foi agraciado pelo Imperador da Russia.

Nas funcções que exercia foi nomeado em 12 de agosto presidente da commissão encarregada de dar nova organisação ás lotações dos navios da Armada e, em 20 de fevereiro seguinte, presidente da commissão encarregada de apresentar um projecto de revisão das tabellas relativas ao material nautico carregado aos mestres, tanto dos navios armados como desarmados, de modo a serem removidos os embaraços encontrados na execução das mesmas.

Tendo-se suscitado uma questão entre a legação peruana e a Companhia de Reboques do Rio de Janeiro, pelos serviços prestados ao monitor daquella nacionalidade *Manco-Capac*, foi, para derimil-a, escolhido como arbitro o barão de Iguatemy. O seu laudo foi tal que a 23 de julho de 1873 dava sciencia a Secretaria de Estado da Marinha que pela Repartição da Guerra e Marinha do Governo da Republica do Perú foi communicado á nossa legação ter expedido ordem para o pagamento de 20 contos devidos á Companhia do Reboques pelos serviços prestados ao dito monitor *Manco-Capac*, pedindo ao mesmo tempo que fossem apresentados a s. ex. o chefe de esquadra barão de Iguatemy os devidos agradecimentos daquelle governo, pela justiça com que, na qualidade de arbitro, procedeu na questão que se suscitou por semelhante motivo.

O decreto n. 5.278, de 10 de maio de 1873, poz em execução o novo regulamento do Quartel General da Armada apresentado por Iguatemy ao ministro da Marinha, conselheiro Ribeiro da Luz. Por força deste regulamento o encar-

regado do Quartel General passou a chamar-se ajudante general da Armada, no qual foi confirmado o mesmo chefe de esquadra.

Diz Eloy Pessoa: «Passados certos periodos na evolução do tempo e dos acontecimentos, todas as leis naturalmente se prestam a alterações, salvando-se sómente os principios fundamentaes, si foram escriptas com criterio e sabedoria. Neste caso está o regulamento que apresentou o barão de Iguatemy, cujos fundamentos ainda existem e tanto mais que sua organisação não conseguiu completar o pensamento da reforma em alguns pontos essenciaes, como fosse por exemplo collocar sob a direcção do ajudante general todo o pessoal disponivel de embarque, assim como todo o material estaria sujeito a uma só autoridade que reuniria as attribuições do intendente e do inspector do Arsenal de Marinha do Rio.

Eram idéas um tanto ousadas naquelle tempo, mas sempre sustentadas pelo illustre organisador do regulamento referido.»

Na sua gestão do cargo de ajudante general da Armada não se esqueceu o barão de Iguatemy de seus commandados, os indefectiveis irmãos de trabalho do official de marinha, sempre prestimosos na condição de soldados,-os marinheiros. Quiz pagar-lhes um tributo de consideração e sympathia, elle que durante annos consecutivos com elles viveu, partilhando glorias e dores, na paz e na guerra; quiz deixar patente o quanto valia.

Por meio de uma subscripção iniciada por elle, ergue-se hoje na ilha de Willegaignon, quartel central dos marinheiros, um monumento aos dois ministros que dotaram a Marinha com essas admiraveis instituições — o Corpo de Marinheiros e as Escolas de Aprendizes Marinheiros, pelas quaes se lhe garante pessoal idoneo para o serviço.

A 15 de dezembro de 1876, foi inaugurado o monumento que tem 10^{m},5 de altura por 0^{m},75 de diametro ; é de

ferro fundido e assenta a columna de ordem corynthia em um pedestal de granito. Em uma das faces lê-se: *Ao general Salvador José Maciel, creador do Corpo de Imperiaes Marinheiros em 1836*; em outra — *Ao senador visconde de Albuquerque, creador da 1ª Companhia de Aprendizes Marinheiros em 1840*; na terceira — *Tributo de reconhecimento da corporação da Armada*; na quarta e ultima: — *Inaugurada no anno de 1876.*

A essa inauguração assistiram a princeza regente, a officialidade da corveta americana *Richmond* e grande numero de officiaes de terra e mar.

Com este monomento, hoje infelizmente mutilado, em cujo cimo depois de restaurado deveria figurar Marcilio Dias, intelligentemente demonstrou o barão de Iguatemy «que a instituição honrando os instituidores cada vez ergue mais alto aquelle monumento, symbolo de gratidão, entre ambos repartido.»

Deixou o barão de Iguatemy o cargo de ajudante general da Armada por aviso de 28 de agosto de 1873, sendo louvado pelos importantes serviços que prestou na direcção do Quartel General, para ter outro, cujo desempenho dependia de um complexo de qualidades distinctas, reveladas no mais alto gráo pela probidade, intelligencia e alto tino administrativo. Todas essas qualidades possuia-as o barão de Iguatemy e por essa razão foi o escolhido.

Muito havia que fazer no Paraguay depois de tantas desordens, estragos, desperdicios, apoz uma luta tão porfiada e de tamanha duração.

Somente a actividade e lucidez de espirito de Iguatemy poderiam estabelecer a ordem, fazer retirar e proceder á necessaria arrecadação do immenso e volumoso material que desde Cerrito até Assumpção atulhavam os arsenaes provisorios e depositos de toda ordem.

Tendo entregue no dia 31 de agosto, na vespera do seu embarque, a chefia do Quartel General, por ter sido nomeado para commandar em chefe as forças navaes do Brazil no Paraguay e Matto Grosso, como determinou o aviso do Ministerio da Marinha, isto para continuação do bom desempenho do serviço, seguiu no transporte *Vassimon* a 1 de setembro. A 9 estava em Montevidéo e a 20 assumia, no porto de Assumpção, o commando em chefe de nossas forças navaes no Paraguay e Matto Grosso, servindo-lhe de capitanea o encouraçado *Barroso*.

Com incrivei actividade fez transportar para Matto Grosso grande quantidade de material que se achava em Cerrito e Assumpção e poz em ordem todos os serviços. A 14 de janeiro seguinte, foi até Matto Grosso, donde regressou em 31 de janeiro.

Concluida a sua espinhosa e afanosa incumbencia pediu exoneração do cargo que exercia, o que foi concedido por aviso de 19 de maio de 1874. A 5 de julho fez entrega do commando ao seu substituto o barão da Passagem e, embarcando nesse mesmo dia no transporte *Bonifacio*, chegou á Santa Catharina a 21 e a 24 ao Rio de Janeiro.

Pelo zelo e intelligencia de que deu inequivocas provas no desempenho dessa importante commissão foi mandado louvar pelo Imperador.

Nomeado por decreto de 6 de agosto para membro effectivo do Conselho Naval assumiu essas funcções. Foi por decreto de 3 de novembro nomeado director da Escola de Marinha e por decreto de 28 de dezembro promovido a vice-almirante graduado.

A questão levantada sobre a preferencia dos portos de Antonina ou Paranaguá para ponto de partida da estrada de ferro que deveria ligar o littoral ao planalto central na antiga provincia do Paraná levou o ministro da Agricultura de então a requisitar do da Marinha a nomeação de uma commissão

para o exame da barra de Paranaguá e dos portos de Antonina e Pedro II. Para ella foram nomeados os dois illustres officiaes barão da Laguna e Iguatemy.

Foram por aviso de 16 de fevereiro de 1875 mandados louvar com os demais membros da commissão que procedeu ao exame por terem bem desempenhado os trabalhos de que foram encarregados, dando-se-lhes conhecimento do aviso do Ministerio da Agricultura de 11 do mesmo mez que declarou terem desempenhado satisfatoriamente a commissão de que foram encarregados, pelo ministro anterior do exame dos portos.

Na Escola de Marinha deixou o barão de Iguatemy impressa a sua extraordinaria acção. Um homem de sua tempera, com tal firmeza de caracter, com tanto espirito de justiça que era a sua lei, tão assiduo e serio no cumprimento de seus deveres, era justamente o que convinha á Escola, onde se preparavam pela instrucção, pela disciplina e pela elevação dos sentimentos os continuadores de tantos illustres officiaes que ainda hoje são apontados como exemplos.

Com tenacidade e paciencia conseguiu imprimir aos serviços da Escola a mesma acção de progressivos melhoramentos que estava em seu genio empregar, desde que desempenhasse qualquer commissão.

«Leal e franco, algumas vezes em phrase rude, só aconselhava o justo e honesto.

Quando a deliberação tomada não estava de perfeito accordo com a indicação que fizera, apenas protestava com o silencio, mas em casos identicos, desde que esses appareciam e invocava-se o vicioso argumento do precedente, confirmava e repetia nos mesmos termos o que havia dito anteriormente.

Esta foi a norma do seu procedimento em todos os empregos que exerceu, mormente no ultimo, de director da Escola de Marinha.

O regulamento da Escola era cheio de confusões a ponto de abrigar o pró e o contra em certos artigos combinados com outros; separar a verdade do sophisma e dar á disposição regulamentar a sua exacta e real intelligencia foram difficuldades que elle teve algumas vezes de vencer com a integridade do seu caracter e a lucidez do seu espirito, afrontando, entretanto, a censura bem intencionada do pretendente, convencido de suppostos direitos.»

Como director da Escola de Marinha não transigia com o dever, respeitava e impunha obediencia á lei, mas não resistia, entretanto, aos impulsos generosos do seu coração.

Instituiu premios annuaes á sua custa, para galardoar alumnos que com maior distincção houvessem concluido o curso.

Em 9 de dezembro de 1878, aproveitou o periodo das ferias para obter uma licença de 45 dias, com os vencimentos da lei, para tratamento de sua saude. Apresentou-se a 24 de janeiro de 1879.

Por decreto de 31 de dezembro de 1880 foi promovido a vice-almirante

Um ultimo serviço prestou o barão de Iguatemy durante as ferias da Escola de Marinha no anno de 1881. O seu estado de saude exigia repouso e tratamento, sendo, porém nomeado por aviso de 13 de janeiro de 1881 para ir em commissão ao sul do Brazil afim de inspeccionar todos os estabelecimentos e forças de Marinha, não se excusou elle e tendo recebido as instrucções, com seus auxiliares, foi executal-as fiel e escrupulosamente, como era seu costume.

Missões de tal importancia e melindre só podiam ser confiadas a quem em alto gráo gozasse de nome e conceito. Com tanta verdade e justiça procedeu que os queixosos tiveram de emmudecer.

Foi-lhe por decreto de 29 de janeiro conferida a gran-cruz da Ordem de S. Bento de Aviz.

A 4 de fevereiro apresentou-se ao Quartel General de Marinha, interrompendo assim o exercicio de director da Escola de Marinha, seguindo a serviço no paquete *America*, para Santos, onde iniciou sua commissão, passando em seguida á Santa Catharina, Rio Grande e depois ao Alto Uruguay e Matto Grosso. A 29 de junho regressou ao Rio de Janeiro.

Durante sua penosa commissão, para que não tardassem as providencias, em relatorios parciaes, indicou as que lhe pareciam conveniente serem dadas com urgencia, o que de facto aconteceu, porque eram de muito acerto todas as medidas propostas, revelando mais uma vez o criterio com que procedia o honrado e intelligente delegado do governo.

A grande somma de informações e providencias lembradas nos seus relatorios parciaes, embora attendidos em certos pontos, servem de base á resolução de problemas que ainda hoje estão por ser attendidos.

Muitos trabalhos importantissimos têm ido parar ás mãos do archivista, que lhes faz as honras solemnes da cova, cobrindo-os com o pó do esquecimento e esquecendo-os elle mesmo.

Já em 1851 dizia um escriptor naval tratando dos serviços prestados pelos nossos ministros:

«Na nossa Marinha não ha esse principio de continuidade que em outras nações insensivelmente solicita todas as partes desse grande corpo a um movimento progressivo. O viver da nossa Marinha é uma successão interrompida, em periodos incertos, de vidas ephemeras. Ella morre com a demissão de um ministro e renasce com a nomeação de outro. Por isso ainda não acabou de nascer e está sempre para morrer.»

A 1 de julho voltou á Escola e por aviso de 5 do mesmo mez foi louvado pelo interesse, zelo e dedicação que mostrou no desempenho da commissão de que foi encarregado por

aviso de 12 de janeiro, cujo serviço o governo tomou na maior consideração.

Promovido a almirante graduado por decreto de 22 de abril de 1882, continuava o barão de Iguatemy na sua missão de educador, inflexivel comsigo mesmo, todos os dias afrontando o rigor do tempo e sofreando sensações ingratas de cruel enfermidade, para alli caminhava já extenuado de forças physicas.

Procurava com aquella energia, que não conhecia desfallecimentos, esconder o soffrimento que o torturava sem treguas.

O rijo ipê começava a cernar.

Quantos lhe admiravam a coragem, compungiam-se da alquebrada apparencia daquelle que fôra um guerreiro de busto erecto e de fórmas athleticas.

Poucos mezes antes de sua morte, diz H. Correia Moreira, Alvim, que tinha uma saude de ferro, começou a queixar-se de fortes dores no braço direito. Qualificada a molestia como rheumatismo por empyricos, applicaram-lhe remedios que nada aproveitaram.

Quando no fim do anno o Imperador visitou a Escola de Marinha, recebeu-o Alvim, com a sua costumada e ridente alegria, em mangas de camisa, tendo apenas lançada sobre os hombros a sobrecasaca do uniforme, que já não podia vestir.

Recorrendo a medicos abalisados, estes viram claramente caracterisado um aneurisma.

Um dos homens mais illustres do Brazil, o conselheiro Pertence, com a lucidez de intuição e audacia que são o apanagio do genio e nelle pareciam apurar-se com os annos, insistiu que se fizesse a operação immediatamente. O temperamento de Alvim levava-o a aceitar o conselho. O eminente cirurgião tinha admiração pelo bravo almirante, mas o risco que corria não podia nem devia dissimular.

Dahi surgirem hesitações... indecisões. Alvim chegou a mandar fazer a mesa conveniente. Nesses poucos dias parece que a morte trabalhou acceleradamente na sua obra sinistra! Entre os mais prudentes começou a segredar-se uma opinião:

—Era tarde!

A um amigo que o visitara contou Alvim essas occurrencias; calmo, como si estivesse debaixo do fogo de uma bateria inimiga, ponderou com um sorriso triste que só lhe restava esperar a morte. Essa não tardou.

Assistiu ao trespasse de sua digna mãi (nascida a 8 de setembro de 1802 e fallecida a 26 de janeiro de 1883) que se finára de velhice, mas não poude acompanhar seu enterro que se effectuou debaixo de um temporal pavoroso.

Quinze dias depois Alvim, no leito da morte, cercado de parentes e amigos, teve um sorriso indefinivel para todos e, com os labios tremulos e uma lagrima arrancada do coração, beijou na face o netinho de dois annos de idade que amava extremecidamente e por quem fizera todos os sacrificios e todos os votos; recommendou-o a Deus e, em breve, prostrado, em modorra perguntava a seu irmão o coronel João Alvim, com inquietação e desfallecida voz:

—Então já acabaram as guerras?

E aos amigos que tentaram despertal-o respondeu cansadamente.

— Deixem-me dormir.

E a 10 de fevereiro de 1883 dormiu para sempre o almirante barão do Iguatemy, o illustre homem descendente de uma raça que por largos annos só manejára a espada e a penna e que mais que tudo, e com razão, presava o seu nome na intimidade que as qualificações officiaes jámais lograram abafar—Chico Alvim.

A esse respeito lemos na *Revista Maritima*:

« Alvim morreu com 44 annos de ininterruptos serviços, sem uma nota, uma só mancha que, mesmo levemente empanasse o brilho de sua fulgurante e extensa carreira; sem um unico desgosto que lhe proviesse de seus actos ou commettimentos. Não perdeu navio que commandasse; jámais com desastre algum o mortificou a má fortuna; nunca se mallogrou empreza que tentasse; em tudo lhe respondia o successo ao designio.

Parecia que dominava o acaso e que uma fada benevola e poderosissima, fascinada por aquella organisação privilegiada, lhe alastrava de rosas o caminho da vida. E entretanto nenhum seu contemporaneo se expoz mais aos caprichos da sorte».

Essa roda viva politica, em que os governos e os partidos se succedem rapidamente como bandos de açores, não impediu que á porfia e seguidamente lhe fossem confiadas as mais difficeis e delicadas commissões; de todas deu conta com tão acabado primor, que se tornou proverbial na Armada a *boa estrella* de Alvim.

Os que, porém, melhor o conheciam e pesavam com aturado exame os processos por que elle realisava seus intentos encontravam a explicação de tanta fortuna nas qualidades de espirito que os delineava e alcançava: clareza de intuição, conhecimento profissional, audacia de plano e firmeza de acção.

Modesto no trato e na conversa, jámais fazia praça de estudos, mas na occasião opportuna excedia sempre a expectativa. No Conselho Naval, na Escola de Marinha, deu sempre exuberante testemunho de se achar a par do progresso da sua profissão.

Entretanto, amava mais do que tudo e ardentemente a vida do mar, parecia impacientar-se com a papelada, porque, dizia elle, *não estudára para doutor*. Nenhuma residencia para elle valia o convéz de uma fragata e quem isto escreve (Correia

Moreira) encontrou-o deitado em uma esteira, no jardim, em mangas de camisa (elle vestia-a sempre inteiramente de lã, ainda na estação mais ardente) todo molhado por uma chuva fina, que cahia surda e fresca o que parecia delicial-o infinitamente.

Não admira pois que se lhe tornasse a voz rouca e velada, que assim mesmo lhe permittia essas risadas estridentes, tão usual em suas conversações.

Essencialmente benevolo e leal, não hesitava em manifestar francamente a sua opinião, mesmo censurando, quando da censura podia resultar proveito. Nesses lances sahia lhe a phrase frequentemente rude e pittoresca, como uma lufada de pampeiro, salgada do rocio da onda e colorida pela imagem emprestada á vida do mar; phrase para escandalisar as virtudes postiças de elegantes salões.

Mais que a tudo queria ao oceano.

O heroismo nelle era tão natural e singelo que seus actos de bravura pareciam a cousa mais simples do mundo e não se apercebia delles.

Ainda um facto para mostrar a inteireza de caracter de Alvim.

Poucos dias depois de encerradas as aulas da Escola de Marinha, por motivo de ferias, apresentou-se alli um certo bacharel protegido do ministro, nomeado para reger, embora interinamente, uma das cadeiras vagas, afim de assumir as funcções.

Estranhando o facto Alvim, pois não tivera antes conhecimento de tal nomeação, com aquella franqueza que lhe era toda peculiar, em resposta disse ao nomeado: « Admiro-me da sua falta de acanhamento em solicitar do ministro tal logar, sabendo que as aulas estão encerradas. Quer o senhor gozar de uma sinecura o que é improprio de homem de brio. Não lhe dou posse de semelhante logar. Estou certo de que o sr. ministro foi illudido. »

E sem detença se dirigiu ao Ministerio da Marinha a expor o facto. Não foi confirmada a nomeação.

Fiquem nas toscas referencias acima todo o nosso profundo preito ao grande marinheiro, cuja vida cheia de nobreza de caracter foi uma serie ininterrupta de serviços relevantissimos e assignalados, já pela coragem e calma nos combates, já pela competencia nas missões scientificas, já pela pericia como organisador e administrador de instituições militares e particularmente de instrucção naval.

Almirante José Marques Guimarães

Rio, 12-7-913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

VIII

O almirante José Marques Guimarães

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

VIII

O ALMIRANTE JOSÉ MARQUES GUIMARÃES

A pesca da baleia em Santa Catharina, onde outr'ora em cada dente de sua serrilhada costa, póde-se dizer, existiu uma armação cujas ruinas ainda hoje attestam o que foi a halieutica naquelles mares, serviu de escola e innumeros filhos daquella terra, grangeando-lhes nomeada, bem verdadeira e merecida, de excellentes marinheiros, qualidade essa já herdada de seus ascendentes, os açorianos.

Era administrador de uma dessas armações, a de Garopaba, situada pouco ao sul da ilha de Santa Catharina, o capitão Manoel Marques Guimarães, homem de cultivo intellectual desenvolvido, cheio de actividade e progerssista, chronista a quem a historia catharinense deve assignalado serviço pelo registro diario e detalhado dos successos da época e do movimento de pessoas e tropas dirigidas para o Rio Grande, pela Laguna, ou de lá procedentes e que naquelle tempo tinham por ponto de passagem obrigatorio a citada armação de Garopaba. Ao seu lapis, deve-se tambem o retrato do inolvidavel e façanhudo lagunense Raphael Pinto Bandeira, chefe das celebres arriadas que dilataram as fronteiras do continente do Rio Grande e que chegou a brigadeiro dos reaes exercitos e governador da capitania do Rio Grande.

O filho desse prestimoso cidadão, o tenente Manuel Marques Guimarães, continuador de seu pai no paciente trabalho de annotar os acontecimentos desenrolados então na

capital da provincia, foi o progenitor do nosso biographado, havido do seu consorcio com d. Anna Alexandrina de Abreu.

Nasceu José Marques Guimarães, na então cidade do Desterro em 25 de abril de 1838. Feitos os seus estudos no collegio fundado por d. Mariano Moreno, illustre expatriado argentino fugido ás perseguições de Rosas, tendo por companheiros Trajano de Carvalho, Victor, Meirelles, Henrique Carlos Boiteux, pai de quem escreve estas linhas, e outros, levado pela sua inclinação, seguiu para o Rio de Janeiro afim de se matricular na Academia de Marinha onde verificou praça na companhia de aspirantes a guardas-marinha no dia 2 de março de 1854.

Com realce, devido á sua lucida intelligencia, concluiu o almejado curso, sendo promovido a guarda-marinha por aviso de 7 de dezembro de 1857. Contava pois, 19 annos o joven catharinense quando iniciou a bordo dos navios da Armada a trilha que soube illuminar pelo brilho dos seus dotes intellectuaes e pela competencia profissional que o levara a inscrever seu nome entre os da pleiade que tanto tem elevado o nome da nossa Marinha de Guerra.

Teve José Marques Guimarães para primeiro embarque o brigue *Maranhão*, construido no Arsenal de Marinha, armado com 16 canhões Paixhans, calibre 30, e deslocando 549 toneladas, facto que se deu a 9 dezembro; nelle devia fazer a sua viagem de instrucção. Tendo, porém, resolvido o governo fazer sahir antes o *Itaparica*, dois dias depois para este passou e nelle seguiu viagem.

De regresso, no anno seguinte, destacou Marques Guimarães para o *Recife*, a 23 de março, e para o *D. Pedro*, a 27 do mesmo mez, que partiu em commissão para o Rio Grande do Sul, onde passou a servir a bordo da barca a vapor *Camaquan*.

Não por muito tempo o tiveram as aguas da lagoa dos Patos nem as da Mirim, pois preferia elle as salsas do

oceano, por essa razão embarcou-se na corveta *Isabel*, em 6 de julho para o Rio de Janeiro onde, logo que chegou, foi nomeado para novamente servir a bordo do *Maranhão*, apresentando-se a 13 do mesmo mez.

Comprehendendo o nosso governo que sem a existencia de uma forte marinha não poderia o Brazil manter altas e firmes a sua autoridade e soberania, fazendo-se respeitar pelos seus irriquietos e truculentos visinhos, em boa hora ordenou a construcção de doze canhoneiras de 400 a 450 toneladas cada uma. A fiscalisação da construcção foi confiada ao inclito almirante barão de Tamandaré que, com aquelle criterio, actividade, saber e immaculada probidade, soube dar cabal desempenho á commissão que lhe fôra confiada. Assim é que em 1 de julho aportavam ao Rio de Janeiro a *Tieté*, *Ibicuhy*, *Mearim* e *Itajahy* e, em 23 de agosto, o segundo grupo composto da *Araquay*, *Ivahy*, *Iguatemy* e *Araguary*.

De facto o autocrata do Paraguay, annullando as franquias concedidas pelo convenio de 6 de abril de 1856 aos navios brazileiros que navegavam no rio Paraguay em demanda de Matto Grosso, fez com que o nosso governo em nota de 26 de janeiro de 1857, reclamasse contra a violação do tratado Berges-Paranhos. Dessa reclamação veiu a convenção addicional ao tratado de amisade, commercio e navegação de 1856, obtido pela habilidade diplomatica de Silva Paranhos em 12 de fevereiro de 1858, derogar todos os decretos restrictivos da navegação do rio Paraguay promulgados por Lopez, cedendo ao temor de provocar uma guerra com o Brazil, como tres annos antes fizera o mesmo em presença da esquadra sob o mando do chefe Ferreira d'Oliveira.

Bem hajam os estadistas da época que souberam em tempo, pelas disposições tomadas, evitar que o nosso Brazil, por imprevidencia, soffresse tremendo desaire.

Tendo de seguir para Montevidéo a *Ivahy*, para ella passou Marques Guimarães a 3 de setembro, chegando áquelle porto a 12 do mesmo mez; em seu regresso fez escala em Santa Catharina, voltando a embarcar no brigue *Maranhão* a 10 de abril para novo cruzeiro ao sul.

Dos navios mandados construir na Inglaterra em 1855, sob a fiscalisação do capitão de fragata J. Raymundo De Lamare, *Beberibe, Magé, Viamão* e *Jequitinhonha* foi este ultimo designado para sahir em commissão até Montevidéo e nelle seguiu Marques Guimarães a 22 de junho.

De volta dessa viagem passou a servir a bordo do hiate *Capeberibe*, onde se apresentou a 2 de agosto. Nesse navio, sob as ordens de Alvaro de Carvalho, fez diversos cruzeiros.

Tendo completado o joven official o tempo exigido pela lei para a promoção, feito de modo brilhante, pois se tornara eximio na profissão com tanto amor abraçada, foi, por decreto de 2 de janeiro de 1860, promovido ao posto de segundo-tenente.

Nomeado para embarcar na corveta *D. Isabel*, que se aprestava para sahir em viagem de instrucção com uma turma de guardas-marinha aos portos do Atlantico e do Mediterraneo, nella seguiu, tendo por commandante o perito marinheiro capitão-tenente Bento José de Carvalho.

Nessa viagem, no porto de Marselha, teve occasião Marques Guimarães de, no dia 2 de outubro, mostrar os seus sentimentos de humanidade, salvando com risco de sua propria vida uma das naufragas do vapor hespanhol *Marselha* que do escaler em que se achava fôra arrebatada por um golpe de mar.

Depois de uma brilhante estadia, havia a corveta deixado o porto no dia 30 de outubro, onde com orgulho representára o nosso paiz e velejava em demanda do estreito de Gibraltar, quando ao sahir do mesmo foi acossada por violento temporal de OSO e SO. Na tremenda luta sustentada pelo valente

commandante da *D. Isabel* contra os elementos desencadeados em furia, foi elle o vencido: assim é que ás 9 horas da noite de 11 de novembro na costa de Marrocos, seis milhas ao sul do cabo Espartel, no logar conhecido por Mseves, naufragou a linda e garbosa corveta.

Nessa tremenda catastrophe pereceram o commandante, dois primeiros-tenentes, tres segundos-tenentes, dois cirurgiões, onze guardas-marinha, um escrivão, um pharmaceutico e cento e uma praças.

Desse terrivel naufragio salvou-se o tenente Marques Guimarães. Resoluto, com outros companheiros, seguiu em demanda de soccorros, encontrando felizmente por parte dos arabes humanitario acolhimento.

Tendo conseguido chegar a Tanger, pediu ao consul inglez protecção para os que tinham ficado na praia deserta.

Sabedor do succedido, o nosso consul em Gibraltar, sr. Drummond Hay, immediatamente partiu na corveta *Argus*, posta á sua disposição pelo governo inglez, e foi recolher os sobreviventes, levando-os para Gibraltar, donde foram transportados para Lisboa e embarcaram no vapor *Extremadure* que os conduziu ao Rio de Janeiro.

De uma carta escripta oito dias depois, dirigida a seu pai e publicada no *Jornal do Commercio* de 20 de dezembro, em que o tenente Marques Guimarães relata com minuciosidade aquelle lutuoso acontecimento já que pela sua extensão não podemos trasladal-a na integra, damos alguns excerptos della para que se avalie dos soffrimentos physicos e moraes que passaram naquelle amargurado transe não só o valente official como todos aquelles que escaparam á morte. (1)

(1) Como reliquia, conserva o Museu Naval um escudo do portaló da corveta, enviado pelo nosso consul sr. Drummond Hay.

Diz o illustre official:

«. . . Cheios de esperança assim seguiamos, corridos por terrivel temporal, quando ás 9 horas da noite uma forte pancada annunciou estar o navio em um escolho. — *A bombordo o leme*, grita o commandante, *orça. . . caça a vela ré. . . ala braços á bolina. . . amura papafigos. . . orça. . . orça. . .*

Era impossivel sahir do perigo; estavamos perdidos e aos clarões dos relampagos distinguia-se uma nuvem preta que parecia terra. O navio atravessou immediatamente e as vagas, que o cobriam até o cesto de gavea apoderaram-se delle, fazendo-o em pedaços em 30 ou 40 minutos.

. . . Subi ao meio da enxarcia do mastro da gata para me livrar do mar e pouco depois colloquei-me no cesto de gavea por ver que mesmo alli corria risco de vida. Já todo o costado de barlavento estava em pedaços, achando-se já em baixo o mastro grande que, ao cahir, causou a morte de grande numero de marinheiros e mesmo de alguns officiaes que se tinham agarrado ás enxarcias; pouco depois cahia o do traquete, que não se partiu, mas arrancou o fundo do navio, morrendo tambem nessa occasião muitos marinheiros que estavam á proa e não podiam passar para ré. No meio dos gritos e da confusão, ouviu-se a voz de um imperial marinheiro que, havendo perdido a razão, desafiava e ameaçava com uma faca em punho seus camaradas; esse infeliz precipitou-se no abysmo. Era um quadro horrivel!. . . Uns bradavam soccorro, outros despediam-se dos objectos mais caros que possuiam, outros, emfim, soltando gritos agonisantes pareciam lutar com a morte e ceder á sua ferocidade.

Quando o mastro começava a perder os cabos que o seguravam, desci ao tombadilho e pouco depois cahiu elle, arrastando comsigo os infelizes que estavam seguros á enxarcia e supponho não terem descido receiando serem arrebatados pelas ondas, restando ainda os que se

achavam em baixo. Colloquei-me então nas mesas de enxarcias e, amarrando-me com um cabo á malagueta de ferro, alli supportei por algum tempo os repetidos golpes de mar que, cobrindo todo o tombadilho, me impediam ás vezes de respirar.

Desfez-se todo o navio, restando sómente a popa até a altura do mastro de gata...

Gritei então para todos que se achavam dispersos, que procurassem o tombadilho, o que fizeram alguns, tentando outros fazer o mesmo, o que não conseguiram por ser a força do mar superior ás suas ou a isto obstarem os pedaços do navio que, com grande força, jogavam de um para outro lado. Agarrado a este pedaço do navio com quatro guardas-marinha e algumas 30 ou 50 praças lutámos com as ondas toda a noite, esperando a morte a cada momento.

Cansados de esperar pelo dia e expostos ainda ás ondas, notámos que o tombadilho ia ficando rapidamente em secco, pelo que mandei saltar um homem em terra para examinar a passagem e este gritando que estavamos com agua pelos joelhos, demos graças á Divina Providencia por nos ter salvado a vida...»

Nesse naufragio, Marques Guimarães usando de sua herculea força, salvou abnegadamente, de uma morte certa, o guarda-marinha Andréa, que exhausto, já não se podia suster no tombadilho.

Ao chegar ao Rio de Janeiro a 19 de dezembro foi o tenente Marques Guimarães mandado embarcar em um dos navios no porto. Desejoso de ver sua familia, em Santa Catharina, pediu e obteve uma licença de tres mezes, finda a qual se apresentou ao almirante Tamandaré que alli se achava commandando uma esquadra de evoluções. Determinou o almirante seu embarque na *Araguary*, na qual se apresentou a 8 de maio e nella regressou para o Rio de

Janeiro, onde permaneceu até 25 de junho, passando então, por determinação do Quartel General de Marinha, a servir na *Biberibe*, ahi se conservando até fevereiro do anno seguinte, fazendo os cruzeiros determinados.

Da *Beberibe* passou para a corveta *Januaria* e desta para a *Paraense* em 20 de fevereiro de 1862, sahindo em viagem de instrucção.

Por aviso de 5 de julho foi mandado elogiar, conjuntamente com o commandante e mais officiaes de bordo, pela galhardia e distincção com que se houve por occasião do incendio a bordo de um navio no porto de New-York.

Ainda no porto de New-York teve José Marques Guimarães occasião de demonstrar o seu arrojo e quanto o seu coração era bondoso. No dia 2 de dezembro, acossado por violento tufão, naufragou a escuna americana *Marrokin*; prestes a sossobrar bradavam por soccorro as pessoas da equipagem e o valente official, promptamente, embarcou em um escaler e, afrontando o temporal reinante, conseguiu salval-as.

Promovido a primeiro-tenente por decreto de 2 de dezembro de 1862, ao regressar de viagem passou em 10 de abril de 1863 para a fragata *Constituição*.

O genio altivo do joven official, que se não arredava do principio do justo e do legal, levou-o á barra do tribunal de seus pares; sendo unanimemente absolvido pelo Supremo Tribunal Militar, regressou para o mesmo navio, do qual passou em 4 de dezembro para a fragata *Amazonas*.

Sua terra natal, que já o considerava como um de seus brilhantes filhos, escolheu-o para fazer parte de sua Assembléa Legislativa elegendo-o deputado á mesma; por essa razão, por aviso de 16 de fevereiro de 1864, obteve licença para tomar assento naquella Assembléa.

Terminada a sessão legislativa na qual se salientou pela sua operosidade, talento e illustração, regressou ao Rio,

sendo mandado embarcar na corveta *Berenice* em 4 de junho, passando a servir em 26 de julho na corveta *Itajahy*.

Por decreto de 1 de outubro foi-lhe concedida a medalha de distincção de 1ª classe pelos serviços humanitarios que com risco da propria vida prestou em Marselha e New-York, já referidos.

Na corveta *Itajahy*, pertencente ás forças que sob as ordens do almirante barão de Tamandaré bloquearam os portos da Republica do Uruguay, tomou parte Marques Guimarães.

De regresso de Montevidéo, na *Paraense*, para onde havia partido a 25 de março, desembarcou em 7 de abril seguinte por haver obtido licença para tomar assento na Assembléa Provincial.

Não podia ficar Marques Guimarães alheio ao que então se passava no sul: os echos victoriosos da maior façanha naval, praticada por seus companheiros na memoravel batalha do Riachuelo, chamaram-no ao seu posto militar. Veiu pedir um logar em substituição ao bravos que em holocausto á Patria haviam perecido.

Nomeado commandante da canhoneira a vapor *Chuhy* a 27 de julho, nella partiu para o sul, tocando em Santa Catharina a 20 de outubro, onde se demorou esperando ordens. Em 21 de novembro estava em Montevidéo.

Emquanto uma divisão de nossa esquadra, entregue a si mesma, dava mostra do valor dos officiaes, marujos e soldados que a tripulavam, outra parte em Montevidéo, anciosa de compartilhar novas glorias, esperava que se lhe desse ordem para seguir.

O mesmo se dava com o exercito. Parado nas provincias argentinas esperava que o general Mitre, pelo tratado de alliança, o fosse commandar e depois esperou que o dito presidente argentino fosse assistir á tomada de

Uruguayana, no que se passaram cinco mezes, de maio a setembro: é que os nossos tratadistas de então, pelo tratado firmado, deram a Mitre o commando em chefe dos exercitos alliados; consentiram que elle determinasse o caminho que devia seguir o exercito brazileiro, fazendo com que os nossos soldados desalojassem em tres mezes os paraguayos da provincia de Corrientes e deixasse occupada e devastada a brazileira de MattoGrosso durante quatro annos.

De Montevidéo seguiu Marques Guimarães para o Paraná. Em chegando ao theatro das operações, por determinação do almirante Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes em operações no Paraguay que, por felicidade nossa, ficaram independentes do mando do general Mitre, foi em 15 de março de 1866 o 1º tenente Marques Guimarães nomeado commandante da canhoneira *Greenhalgh*, partindo a 17 de Corrientes para as Tres Boccas, fazendo parte da 3ª divisão da esquadra sob as ordens do intemerato chefe Francisco Cordeiro Torres e Alvim, mais tarde barão de Iguatemy.

Não tendo os generaes alliados chegado a um accordo sobre o ponto por onde se devia fazer a transposição do rio Paraná para invadir o Paraguay, foi incumbido o chefe Alvim da espinhosa missão de subir no dia 5 o rio Paraná e explorar os melhores passos protegendo antes com as canhoneiras *Itajahy*, *Henrique Dias* e *Greenhalgh* a occupação da ilha Itapirú, tomando posição o mais perto possivel da ilha.

Ao regressar á tarde a expedição, que tinha subido além de Itati até o passo das Linguas, ao passar em frente á ilha de Sant'Anna, descobriram os paraguayos uma bateria de canhões e foguetes a Congréve, fazendo sobre os navios alguns disparos, dos quaes um acertou na *Greenhalgh*, mas sem lhe causar maior damno.

Recebeu nesta passagem o joven commandante Marques Guimarães o seu baptismo de fogo.

No dia 7 tomou elle parte no bombardeamento do forte do Itapirú em protecção aos occupantes da ilha do mesmo nome. Iam dar os brazileiros um exemplo de inaudito heroismo aos seus camaradas argentinos e orientaes, mostrando-lhes que sabiam vencer e mesmo sacrificar-se quando a Patria lhes exige esse sacrificio.

Na noite de 9 para 10 de abril, 1.200 paraguayos favorecidos pela densa nevoa, em canoas abordaram a ilha pelo N e NO. Excepção das sentinellas, dormiam os bravos defensores prostrados pela fadiga, pois haviam quatro dias que não tinham sinão ligeiros momentos de descanso, occupados durante o dia em bater as posições inimigas fronteiras e á noite em abrir fossos e reforçar trincheiras. Não quiz a guarnição ser rendida, pedindo que a deixasse alli ficar até alcançar uma victoria sobre o inimigo.

Narra o general dr. Pinheiro Guimarães:

«Algumas vedetas são mortas; outras, antes talvez de terem despertado, lutam a ferro frio algumas buscam as trincheiras. O rumor, um tiro agora, outro depois acordam a guarnição que dormia ao lado das armas ensarilhadas. Alguns dos assaltantes já estão no fosso, outros galgam as trincheiras e um immenso grito de triumpho— *viva* os *paraguayos*! seguido de feroz vozerio, atrôa os ares. Mas uma fita de fogo orla a crista das trincheiras: a valente guarnição estava a postos e acolhia o inimigo com uma descarga cerrada. A essa descarga succedeu um fogo por filas admiravelmente sustentado; não se diria que por detraz daquelles parapeitos estavam recrutas que pela primeira vez entravam em fogo...

Repellidos das trincheiras os audazes que no primeiro impeto a iam galgando, debalde insistem os outros, pretendendo romper aquella chuva de fogo que os dizima.

Foi reforçada a primeira com a segunda columna : sobra-lhes valor e disciplina ; mas os grupos que formam cambaleam sob a fuzilaria e os tiros de metralha que sobre elles faz disparar o bravo capitão Moura. Não tardam se rarear ; cahem os homens como espigas ceifadas por destro lavrador, Porém não fogem os bravos ; deitam-se na macega e mesmo deitados fazem fogo sobre as trincheiras. Não mais esperando tomal-as, querem ao menos vender caro a vida.

Aos primeiros tiros disparados acordaram os exercitos alliados. . . Os batalhões formaram immediatamente sem saber onde era o combate, mas a direcção de onde vinham os tiros e a vozeria demonstram que a luta se travara na ilha.

Pouco a pouco a margem esquerda ficou coberta de espectadores. O mesmo acontecia á direita e assim quatro exercitos debruçados sobre o largo Paraná, assistiam, testemunhas offegantes, a esse duello ingente que tinha por theatro um banco de areia erguido alguns palmos sobre o nivel das aguas. . .

Como batiam todos os corações ! Como o olhar se aguçava debalde por descortinar os accidentes da luta ! Ardia em fogo a ilha, a fuzilaria incessante illuminava-a com mil relampagos a um tempo. Ouviam-se os gritos dos paraguayos, mas respondiam-lhes as nossas cornetas, tocando « fogo » sem cessar. . .

De subito um raio de sol, rompendo as trevas da noite e as brumas da manhã, bateu em cheio sobre a parte superior da haste da bandeira, um brado unisono sahiu de todos os peitos.

A victoria era certa ; mas o dia que surgia cheio de fulgores devia marcar a data de outros nobres feitos.»

Faziam parte da vanguarda da nossa esquada a *Henrique Martins*, commandada pelo intrepido 1º tenente Gonçalves, a *Greenhalgh*, sob o mando do não menos valente Marques Guimarães ; ambos, tomando a si a responsabilidade,

suspendem a todo o e vapor caminham para a ilha, chegando a tempo de metralhar pelo flanco os paraguayos fugitivos e evitar que outras canoas carregadas de atacantes, chamadas durante a noite por signaes de foguetes, tentassem de novo o ataque.

Dando volta ambas as canhoneiras, contornando a ilha, sahiram-lhes em frente, lançando sobre ellas e sobre os que fugiam um mortifero e certeiro fogo de metralha. As que escaparam das balas eram postas a pique pela proa e pelas rodas dos navios. O canal por onde enveredaram, completamente desconhecido, estava defendido por canhões de 68: alli estavam o forte e uma chata fazendo fogo. Nada as impede, perseguindo sempre e mettendo a pique as canoas, approxima-se a *Henrique Martins,* seguida pela *Greenhalgh*, a tiro de revólver e chega á distancia de 4 a 5 braças da costa paraguaya. O inimigo descobrindo então uma bateria de seis peças occulta no matto, descarrega sobre a *Henrique Martins*, atravessando-lhe o casco em tres logares, não impedindo isto que seja transposto o passo. Encalha Gonçalves o seu navio afim de tapar os rombos e depois vai apresentar-se a seu almirante e bem assim Marques Guimarães.

Decidida no dia 14 de abril a passagem do exercito para o territorio paraguayo, fazendo parte da 1ª divisão da esquadra, commandando Marques Guimarães a canhoneira *Chuhy*, para onde voltara a 13 de abril, foi fundear na linha parallelamente ao forte do Itapirú e em distancia de 50 braças e tomou parte no bombardeio do mesmo emquanto se operava a passagem de nossas tropas e dos alliados, cabendo-lhe por fim no dia seguinte entrar com seu navio e com a *Henrique Martins* na enseada do Itapirú e obrigar o forte a arriar a bandeira. Pelos factos expostos foi e ogiado em ordem do dia n. 5 de 22 de agosto do commando em chefe da esquadra, declarando-o digno dos maiores louvores.

No bombardeio que effectuou a esquadra em protecção ao desembarque do 2º corpo do nosso exercito sob o commando do general Porto Alegre na costa de Palmar, tomou parte Marques Guimarães, protegendo os transportes *Marcilio Dias*, *Isabel*, *Leopoldina*, *Riachuelo*, *Galgo*, *Pedro II*, *Presidente*, *General Flores* e *Diligente*, onde se achavam 8.385 homens.

O bombardeio ao forte do Curuzú, em frente ao qual foi a pique o couraçado *Rio de Janeiro* pela explosão de uma mina, foi motivo para pôr em destaque o valor do commandante da *Chuhy*. O vigoroso fogo feito pela esquadra, apoiando as tropas desembarcadas, deu em resultado a tomada do segundo baluarte da defesa do rio Paraguay e logo em seguida foi iniciado o bombardeio ás formidaveis fortificações de Curupaity.

Combinado o ataque ás citadas fortificações, ordenou o almirante Tamandaré o bombardeio da praça, executado com a maxima galhardia por todos os navios, debaixo de uma saraivada de balas e de metralha. Por essa occasião foi Marques Guimarães elogiado em ordem do dia do commando em chefe da esquadra, sob n. 8 de 27 de outubro, e collectivamente em nome do imperador por aviso de 6 de outubro publicado em ordem do dia da esquadra sob n. 10.

Promovido ao posto de capitão-tenente por decreto de 21 de janeiro de 1867, foi nomeado para commandar a canhoneira *Araguay*, conforme determinou a ordem do dia do commandante em chefe da esquadra n. 27 de 9 de fevereiro, tomando parte no commando desse navio com a *Iguatemy*, *Pedro Affonso*, *Lyndoya*, *Mercedes* e João das Botas no bombardeio feito a Curupaity da parte da Lagoa Pires, isto é, contra a direita das trincheiras paraguayas, emquanto os encouraçados *Colombo*, *Mariz e Barros* e *Cabral* e canhoneiras *Parnahyba*, *Beberibe* e *Forte de Coimbra* e duas chatas o faziam pelo lado do rio Paraguay.

A famosa Curupaity deixou no dia 15 de agosto de ser o formidavel baluarte, cheio de torpedos, estacadas, batelões carregados de pedra afundados e que por tanto tempo resistiu ao bombardeio de nossos navios: transpuzeram-na os nossos encouraçados com extraordinaria galhardia, emquanto os navios de madeira, tomando posição junto ás baterias, despejaram-lhe sua artilharia.

Por decreto de 21 de junho, pelos serviços de campanha, foi nomeado Marques Guimarães official da Imperial Ordem da Rosa.

A passagem de Humaytá pela 3ª divisão da esquadra encouraçada exigia, para suas communicações com os demais navios de madeira fundeados abaixo e recebimento de munições e victualhas, a construcção de uma via ferrea, conforme havia lembrado o chefe Alvim ao almirante. Desse importantissimo serviço foi incumbido Marques Guimarães, de cujo desempenho se sahiu galhardamente.

Nomeado commandante do encouraçado *Colombo* por ordem do dia n. 134 de 9 de abril de 1868, foi por decreto de 19 do mesmo mez agraciado com a commenda da Imperial Ordem da Rosa em attenção aos serviços de guerra.

Em ordem do dia n. 150 do commando em chefe, de 13 de junho, foi louvado pelo empenho e esforços que empregou na construcção da via ferrea que liga o porto de embarque da costa paraguaya, abaixo do ponto do ancoradouro da 2ª divisão da esquadra, com a lagoa Correntina, serviço esse de que fôra encarregado, bem como da inspecção da mesma via ferrea.

Resolvido que os encouraçados *Cabral* e *Silvado* e monitor *Piauhy* forçassem a passagem de Humaytá para se reunirem á divisão do chefe Delphim, suspendeu a 2ª divisão da esquadra, da qual fazia parte o encouraçado *Colombo*, e iniciou o bombardeio em protecção á passagem dos citados navios. Foram impotentes as baterias das barrancas contra os navios

que as transpuzeram com relativa facilidade. A's 5 horas e 20 da manhã, tres foguetes annunciavam que mais tres encouraçados tinham zombado das formidaveis baterias.

Nesse bombardeio com toda a galhardia se portou Marques Guimarães, approximando-se o mais possivel, das baterias inimigas, afrontando violentissimo fogo, o que lhe valeu ser elogiado em ordem do dia do commando em chefe da esquadra sob n. 162 do dia seguinte, pela maneira brilhante por que se portou nesse combate.

Rendida Humaytá, a obra mais potente que Lopez havia erguido nas margens do Paraguay, onde esperava elle que ruisse todo o valor de nossos marinheiros e soldados, seguiram os nossos navios rio acima. Já não eram sómente os protegidos por couraças que desafiavam os canhões paraguayos, os de madeira, que já tinham nas barrancas de Mercedes e Cuevas demonstrado que nada resiste a quem quer vencer, percorriam as baterias alinhadas pelo inimigo.

Levantava-se ainda orgulhosa uma bateria em Angustura : coube em 1 de outubro á divisão do chefe Mamede e composta dos encouraçados *Bahia*, *Barroso*, *Tamandaré* e *Silvado* a incumbencia de forçal-a e aos encouraçados restantes a missão de bombardear o acampamento inimigo.

Com o mesmo brilhantismo com que se houvera anteriormente, desempenhou-se neste combate o bravo commandante Marques Guimarães, pelo que foi elogiado em ordem do dia n. 180 de 6 do dito mez.

A longa permanencia a bordo, as vigilias constantes e os afanosos trabalhos de uma tão prolongada luta depauperaram o organismo do athleta que era Marques Guimarães ; sua saude exigia outro clima e por essa razão deixou o commando do encouraçado *Colombo*, retirando-se para o Brazil.

Ao deixar o commando do dito encouraçado, foi louvado em ordem do dia n. 1.936 de 21 de dezembro de 1868, pelos serviços prestados durante o tempo que esteve na esquadra.

Embarcou no transporte *Bonifacio* em 29 de dezembro, chegando a Montevideo a 4 de janeiro de 1869; passou em 20 do mesmo mez para bordo do *Vassimon* que o transportou ao Rio de janeiro onde, por aviso de 4 de fevereiro, obteve tres mezes de licença para tratamento de saude, gozados em sua terra natal.

De regresso de Santa Catharina, finalisada a licença, apresentou-se ao Quartel-General, sendo nomeado commandante da fragata encouraçada *Lima Barros*, por aviso de 15 de junho, onde se conservou até 6 de setembro, por haver pedido para regressar ao Paraguay afim de servir novamente na esquadra.

Para seu destino seguiu no paquete inglez *City of Lenroth* em 26 de setembro. Em Montevidéo, apresentado que foi ao commandante em chefe da esquadra, este, em ordem do dia n. 113 de 4 de outubro, deu conhecimento que fôra o commandante Marques Guimarães nomeado para dirigir o estabelecimento naval do Cerrito, estabelecimento este que prestou extraordinarios serviços nos concertos, reparos e fornecimentos á nossa esquadra no Paraguay. No transporte *Isabel* seguiu a 15 de outubro com destino a Cerrito, onde chegou a 16, assumindo nesse mesmo dia a direcção do estabelecimento.

Os extraordinarios serviços que prestou Marques Guimarães, já promovido ao posto de capitão de fragata no quadro extraordinario por decreto de 2 de dezembro, só poderão ser avaliados por aquelles que conheceram a sua extraordinaria actividade, a sua intelligencia e a sua capacidade administrativa. Para Marques Guimarães não havia difficuldades, promptamente resolvia todos os assumpto a elle affectos.

Tão assignalada foi a sua administração que os officiaes generaes que commandaram em chefe a esquadra no Paraguay o reconheceram: assim, a ordem do dia n. 70, de 11 de

dezembro de 1870, dizia, referindo-se a Marques Guimarães: «louvavel pelos requisitos com que sempre mereceu a confiança do commando em chefe, sustentando a mais não ser a disciplina, ordem e actividade desse indispensavel estabelecimento e manifestando um verdadeiro tino administrativo.»

Por ordem do chefe da força naval sob n. 48 de 14 de junho de 1871, foi louvado pelo bom desempenho de seus deveres na administração naval de Cerrito durante o tempo que esteve sob suas ordens.

Por decreto de 18 de março foi nomeado cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz e apresentou diploma geral da campanha do Paraguay, concedido por decreto n. 4.560 de 6 de agosto de 1870 do Exercito e feito extensivo á Armada por decreto n. 4.573 de 20 de agosto do mesmo anno, tendo o passador de ouro e a inscripção 3, numero de annos da campanha.

Tendo feito entrega em 1 de abril de 1872 do estabelecimento naval do Cerrito ao capitão-tenente Manuel de Araujo Cortez, seguiu para Assumpção, de passagem no monitor *Piauhy*, onde se apresentou ao chefe da força naval, a bordo do transporte *Princeza*.

Teve Marques Guimarães o prazer de, ao deixar o estabelecimento naval, ser elogiado pelo commando em chefe da força naval em ordem do dia n. 134 de 15 de abril, pelo zelo e dedicação ao serviço publico, pelo criterio e intelligencia com que se houve na afanosa commissão de que tão dignamente esteve encarregado durante quarenta e dois mezes e onde prestou assignalados serviços.

De regresso, embarcou em Assumpção no paquete *Cuyabá* a 4 de junho; chegou a Montevidéo a 9, onde se apresentou a bordo da corveta *Belmonte*, navio chefe da estação, passando logo para o transporte *Leopoldina*, que se aprestava para seguir para o Rio de Janeiro. De facto, no dia 20 do mesmo mez, deixava o porto de Montevidéo e quatro

dias apoz chegou á Santa Catharina e tres dias mais tarde ao porto do Rio de Janeiro, onde lhe esperava o commando do encouraçado *Bahia*, que assumiu a 1 de julho.

Não descansava porém Marques Guimarães: seu alto espirito de observação já demonstrado em uma memoria apresentada ao Ministerio da Marinha e publicada no Relatorio de 1864 sobre a conveniencia da adopção de duplo leme nos navios encouraçados, facto este demonstrado no rio Paraguay onde em muitas occasiões, devido ás revessas d'agua, desgovernavam os navios e da sua observação sobre a difficuldade de transporte de grossa artilharia para assedio, apresentou ao Ministerio da Guerra um processo de sua invenção, para com mais facilidade ser feito o transporte.

O meio lembrado consistia em fazer do canhão um eixo sobre o qual gyravam duas grandes rodas, em cujos cubos se adaptava o canhão. Com o memorial apresentado, acompanhava um modelo. Foi por essa razão mandado louvar pelo Imperador, conforme o aviso de 16 de março de 1874, pelo interesse com que se dedicava ao estudo de melhoramentos reclamados pelo Exercito e Marinha de Guerra, apresentando um apparelho de sua invenção para mobilisar artilharia de grosso calibre nos acampamentos e praças de guerra. (1)

Tendo o nosso governo encommendado á casa *Forges et Chantiers de la Mediterranée* a construcção de dois possantes monitores — *Javary* e *Solimões*, foi Marques Guimarães nomeado a 30 de abril para commandar o primeiro delles, deixando por essa razão o commando do encouraçado *Bahia* em 2 de maio seguinte. No paquete inglez *Patagonia* seguiu para Bordeaux, donde por Paris se dirigiu ao Havre, onde tambem possue a firma outros estaleiros.

No anno seguinte, a 10 de março, passou mostra de armamento no navio.

---

(1) Muitos annos depois Percy Scott adoptava semelhante processo, com exito, na guerra Sul Africana.

Não se satisfazendo Marques Guimarães, depois das experiencias feitas, com as qualidades evolutivas do navio, persistiu em não se fazer ao mar sem que fossem feitas certas modificações no apparelho de governo. Não se conformando a casa constructora, nem tão pouco os fiscaes, com essa exigencia foi por essa razão substituido no commando a 29 de novembro, com ordem de regressar ao Brazil, o que se deu a 1 de dezembro, chegando ao Rio de Janeiro em 1876.

Pelo cadinho em que se acrysolam as acções do militar, no dizer do conselheiro Zacharias de Góes, quando ministro da Marinha, passou Marques Guimarães, para se justificar da falta de execução das instrucções dadas pela Secretaria de Marinha relativas á construcção do *Javary*. Dessa prova sahiu puro o illustre official, como proclamou o Supremo Tribunal Militar em sentença de 10 de fevereiro de 1877.

Nomeado por aviso de 28 de fevereiro para commandar a corveta *Belmonte*, nella desempenhou diversas commissões até 28 de janeiro do anno seguinte, em que deixou o respectivo commando para assumir o da fragata *Amazonas*, capitanea da divisão de estação em Montevidéo, conforme determinou o aviso de 19 de janeiro do mesmo anno.

No commando da *Amazonas* conservou-se até 9 de setembro de 1879, quando teve ordem de regressar ao Rio de Janeiro. Desejando, porém, visitar sua familia na sua terra natal pediu e obteve demorar-se alli, em sua passagem, até segunda ordem.

Tendo o governo determinado a montagem de um pharol de 1ª ordem na ilha do Arvoredo, entrada norte da bahia de Santa Catharina, foi por aviso de 10 de abril de 1880 designado Marques Guimarães para dirigir a sua construcção.

Quem conhece o local, distante vinte e cinco milhas do porto de Florianopolis, batido constantemente pelos ventos reinantes, de difficil accesso, pois a ilha é bastante ingreme,

é que poderá avaliar do arduo e afanoso trabalho que teve o distincto official para levar a cabo tal commissão.

O transporte do material necessario á feitura de estradas e construcção de galpões, tudo emfim foi resolvido com rapidez e executado com aquella celeridade e tino que tanto caracterisavam Marques Guimarães.

Nessa obra, no meio dos operarios animados pelo seu ardor, seu agigantado porte destacava-se e muitas vezes tornava-se admirado quando, para os estimular, empregava a sua proverbial musculatura de aço em auxilio de qualquer um delles occupado em suspender ou remover pesadas peças.

Foi em uma dessas occasiões que ao ser içada, desprendendo-se, por estar mal segura, uma trave de ferro, recebeu-a de raspão pela cabeça, levando comsigo parte do couro cabelludo e quebrando-lhe a perna junto ao artelho. A robusta constituição de Marques Guimarães triumphou de tão grande desastre, pois somente no dia seguinte é que recebeu os primeiros soccorros medicos.

Promovido a capitão de mar e guerra por decreto de 24 de dezembro de 1881, continuou a dirigir o trabalho de que estava incumbido.

Não estava elle terminado quando, por aviso de 9 de dezembro de 1882, foi nomeado commandante do cruzador *Almirante Barroso*, continuando porém na commissão em que se achava.

Em 1 de maio de 1883, concluida a montagem do pharol, deu por finda a sua missão, embarcando-se no dia 4 a bordo do paquete *Rio Negro* para o Rio de Janeiro, onde assumiu o commando do navio para o qual havia sido nomeado, fazendo parte da 1ª divisão naval de evoluções

Sendo nomeado commandante geral das torpedeiras. entregou o commando do seu navio no dia 3 de setembro, deixando o exercicio desse cargo em 2 de novembro para assumir o commando do monitor *Solimões*, sahindo em divisão

para exercicios em 5 de fevereiro de 1885 e assim continuadamente.

O senador Luiz Antonio Vieira da Silva escolhido para occupar a pasta da Marinha em março de 1888, tirou o capitão de mar e guerra Marques Guimarães do commando do seu navio para exercer o cargo de seu official de gabinete.

A pouca duração do ministerio não deu logar a que Marques Guimarães pudesse prestar o concurso de sua intelligencia e de sua capacidade administrativa áquelle ministro e á sua classe. A 4 de fevereiro de 1889 era exonerado a pedido do logar que occupava, voltando ao commando do *Solimões* até outubro, quando foi nomeado para commandar a flotilha do Alto Uruguay, commando esse que não chegou a assumir porque os successos que se desenrolaram no Rio de Janeiro e que deram em resultado a proclamação da Republica no dia 15 de novembro de 1889, exigiram o concurso de Marques Guimarães na administração de uma das antigas provincias.

Podia a Republica contar com toda a dedicação do illustre official: suas idéas eram bem conhecidas.

Nomeado a 21 de novembro de 1889 governador do Estado do Paraná, embarcou-se a 20 de dezembro do mesmo anno no paquete *Rio Pardo*, assumindo o governo em 30.

Pouco tempo se demorou no governo; tendo sido promovido por decreto de 8 de janeiro ao posto de contra-almirante, deixou a administração do Estado em 18 de fevereiro seguinte, sendo nomeado intendente da Marinha. Nesse importantissimo logar se conservou o contra-almirante Marques Guimarães até 7 de fevereiro de 1891, sendo por decreto de 12 do mesmo mez nomeado commandante da divisão de cruzadores, içando seu pavilhão a bordo do cruzador *Guanabara*.

No impedimento do chefe do Estado Maior da Armada assumiu as funcções deste cargo desde 14 de setembro até 20 de outubro.

O papel saliente que tomou Marques Guimarães na, questão politica sobrevinda depois de ter resignado a presidencia da Republica o exmo. sr. marechal Manuel Deodoro da Fonseca e tel-a assumido o illustre marechal Floriano Peixoto foi considerado pelo governo como um acto de indisciplina, acto esse manifestado por treze generaes.

Por esse motivo, dictatorialmente, foi Marques Guimarães exonerado do commando da divisão em 7 de abril de 1893 e reformado administrativamente na mesma data, no posto de vice-almirante com a graduação de almirante.

Não se conformando o illustre official com tal modo de proceder recorreu desse acto do Executivo para o Supremo Tribunal Federal, que lhe deu ganho de causa.

Assim é que por decreto de 31 de outubro de 1895 e em cumprimento do accordão do Supremo Tribunal Federal datado de 19 de setembro foi revogado o decreto de sua reforma, revertendo ao quadro activo da Armada.

Em 1 de novembro apresentou-se prompto para o serviço.

Nomeado, por decreto de 18 de junho de 1896, para o cargo de inspector do Arsenal de Marinha da Capital Federal, foi elogiado por aviso n. 2.059 de 21 de novembro pela leal e efficaz coadjuvação que prestou no desempenho da respectiva commissão, em que mais uma vez empregou sua intelligencia, zelo e actividade.

Graduado no posto de vice-almirante por decreto de 25 de novembro de 1898 e effectivo no anno seguinte por decreto de 11 de outubro, continuou na mesma commissão, onde novamente voltou a tratar do assumpto que tanto o preoccupava — o governo dos navios.

Exonerado do cargo de inspector do Arsenal de Marinha por decreto de 16 de janeiro de 1901, passou a ter exercicio no Conselho Naval, para o qual foi nomeado membro effectivo, cujo cargo assumiu em 4 de fevereiro seguinte, sendo louvado por aviso n. 150 de 14 do mesmo mez pelos bons serviços prestados no Arsenal.

Por decreto de 11 de junho de 1902 foi-lhe concedida a medalha militar de ouro, tendo antes apresentado o diploma da grã-cruz da Ordem de Aviz.

Veiu finalmente o decreto de 8 de outubro promovel-o ao ultimo posto da marinha militar—o de almirante.

Exonerado de membro effectivo do Conselho Naval por decreto de 5 de dezembro, sendo louvado pelos serviços que com honra, zelo e intelligencia alli prestou, foi nomeado para o importantissimo cargo de director da Escola Naval, donde a morte o veiu arrebatar, levando-o na passagem do anno de 1902 para 1903 para as regiões de Além Tumulo.

Nada fazia prever a morte do illustre e operoso official, cujo trato affavel e distincto o fizera estimado pelos seus camaradas, querido e respeitado pelos seus subordinados.

Depois do jantar, entretivera-se conversando com as pessoas de sua familia até ás 10 horas da noite, quando se serviu de uma chavena de chá, entregando-se depois a endereçar cartões de boas festas a seus amigos.

A' meia noite em ponto o almirante Marques Guimarães deu por terminado o trabalho e dirigiu-se para o aposento de sua extremecida esposa para saudal-a pelo advento do anno novo.

Acordados todos de casa, entre si trocaram boas festas e o almirante retirou-se para o seu quarto. Momentos depois sentia uma ancia terrivel; teve apenas tempo de chamar por sua esposa e communicar-lhe o que sentia. Inuteis foram os soccorros medicos: á 1 hora da madrugada exhalava o ultimo suspiro.

O bravo marinheiro, o illustre filho de Santa Catharina, que se orgulha de o possuir entre os mais distinctos, além dos trabalhos já citados e outros ineditos, é autor de um canhão quebra-mar, experimentado com successo e das seguintes memorias: *Tactica naval*, *Governo de navios*, *A catastrophe do «Victoria»* e *Descripção e emprego do canhão quebra-mar*.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

X

Coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

X

O CORONEL DE ENGENHEIROS JOÃO DE SOUZA MELLO E ALVIM

Director das Obras Civis e Militares da Marinha

A idéa nascida em 1808, logo depois da chegada da familia real portugueza ao Brazil, de crear em Santa Catharina uma base naval, como havia lembrado Thomaz Antonio da Villa Nova Portugal, ia ser posta em pratica.

Coronel de engenheiros João de Sousa Mello e Alvim

Assumira o governo da capitania o coronel do 2° corpo de cavallaria da Divisão de Voluntarios d'el-rey João Vieira Tovar de Albuquerque em agosto de 1817, quando por decreto de 14 de dezembro do mesmo anno foi creada a Intendencia de Marinha, sendo provido no cargo o capitão-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim, official de nomeada e de lucida intelligencia e que posteriormente, tendo adherido á nossa nacionalidade, representou com destaque brilhante papel na vida politica e administrativa do paiz.

Tão ignorante, estouvado e brutal era o governador como intelligente, circumspecto e polido era o intendente, no dizer de Vasconcellos Drummond. A Tovar, porque era incapaz, se lhe ajuntou Miguel de Souza, intendente da Marinha e ajudante d'ordens do governo, e deu-se instrucções áquelle para que nada fizesse sem o conselho e approvação de Miguel de Souza. Tovar era limpo de mãos no exercicio do governo; alguns despropositos praticou, mas Miguel de Souza evitou muitos outros e deu uma fórma regular ao governo da provincia.

A' acção de Miguel de Souza Mello e Alvim deve Santa Catharina, além de muitos outros utilissimos serviços, taes como o estabelecimento de estaleiros de construcção naval, a fundação do hospital das Caldas nas thermas de Cubatão, a incorporação de Lages e todo o seu termo ao seu territorio, desannexando-a da capitania de S. Paulo, e a fundação da colonia Ericeira em Porto Bello, primordios da base naval premeditada.

Si nada disso bastasse para honral-o, havia ainda o facto de ter dado á provincia, considerada sua, uma progenie que a encheu de gloria.

Era João de Souza Mello e Alvim o terceiro filho do consorcio do conselheiro de Estado chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim com D. Mauricia Elysia de Mello e Alvim, nascido na cidade de Desterro em 6 de outubro de 1823.

Não perdeu o atavismo na pessoa de João Alvim: as qualidades que exornavam seus ascendentes, nelle figuraram com realce.

Quem se deleitar no estudo de prosapias e linhagens poderá ver que a lei não falhou; seu pai, notabilisado na guerra e na paz, como hydrographo e administrador, distinguiu-se ainda por suas nobres qualidades, pelo extremado amor ao trabalho; seu tio, visconde de Jurumirim,

tenente-general e conselheiro de Estado, nome indissoluvelmente ligado a obras de engenharia, á organisação da Escola Militar e da Caixa de Amortisação, ficou celebre pela vastidão de seus conhecimentos e pela agudeza de engenho; neto de Antonio de Souza Mello e Alvim, senhor do morgado de Olaia, termo da villa de Ourem, que ainda hoje anda na familia, e de sua mulher D. Maria Barbara da Silva Torres, da mais nobre familia dos morgados de Sanguichal; bisneto de Antonio de Souza Mello e Alvim e de D. Maria Theodora de Souza e Gouveia, do morgado de Cadaval; trineto de Antonio de Souza de Noronha de Alvim e de D. Maria de Souza Barreiros, da primeira nobreza da villa do Porto da Móz; tetraneto de João de Souza Alvim e de sua segunda mnlher; quinto neto de Pero de Souza e Alvim e de sua mulher D. Theophila de Menelau; sexto neto de Jorge de Souza e Alvim e de sua mulher D. Francisca de Noronha, da illustre familia desse appellido, da villa de Thomar, descendente de D. Affonso, conde de Gigon e Noronha e de sua mulher, filha natural d'el-rey dom Fernando; setimo neto de d. Simão Fernandes da Costa, commanditario de S. André de Rendufe e sua mulher d. Felippa de Alvim e Souza, remontando a sua nobreza á mais alta antiguidade e contando no numero de seus maiores o condestavel d. Nuno Alves Pereira, conde de Ourem, casado com d. Joanna de Alvim, e d. João Rodrigues Pimentel, que foi grão-mestre da Ordem de Aviz e combateu ao lado de d. Affonso na batalha de Salado.

Contando quinze annos, em companhia de seu pai, partiu João de Souza Mello e Alvim no dia 27 de outubro de 1838 para o Rio de Janeiro, onde chegou a 8 de novembro, afim de se matricular na Academia Militar, facto esse que se realisou a 5 de março seguinte.

A 19 de novembro recebia João Alvim a recompensa de seus brilhantes estudos: approvado plenamente no pri-

meiro anno, seguiu a gozar as ferias em sua terra natal. Matriculado seguidamente nos annos do curso, a 23 de julho de 1841, com data de 18 do mesmo mez, era nomeado alferes-alumno. Approvado plenamente no quinto anno, voltou em dezembro á Santa Catharina, em gozo de férias, para regressar a 6 de março seguinte e frequentar o penultimo anno do curso.

Promovido ao posto de segundo-tenente de engenheiros em 11 de setembro de 1843, concluiu o sexto anno. Por aviso de 23 de agosto de 1844 foi passado para a artilharia, contando antiguidade de praça de 5 de março de 1839 e de segundo-tenente de 18 de julho de 1841, conforme determinou o decreto de 9 de março de 1844.

Promovido, a 6 de maio de 1845, ao posto de primeiro-tenente, contando antiguidade de 25 de março, concluiu a 7 de outubro o setimo e ultimo anno do curso, sempre com approvações plenas.

Mal havia deixado os bancos escolares, teve logo que se preparar para uma commissão ao norte do Brazil. Os successos que se desenvolviam em Pernambuco e Alagoas, onde a politica, em luta accesa, promettia a perturbação da ordem, fizeram com que o governo ordenasse o embarque do 1° batalhão de artilharia para a primeira daquellas provincias, do qual fazia parte João Alvim.

Na charrua *Carioca*, embarcou a 27 de outubro o batalhão ; as más qualidades veleiras desse navio fizeram-no arribar, depois de um mez de viagem, ao porto da Bahia, onde por ordem do general Andréa, então presidente da provincia, desembarcou o batalhão.

Novamente embarcado a 13 de dezembro, teve que desembarcar tres dias depois afim de esperar outro navio para conduzil-o.

Tendo chegado ao porto da Bahia a corveta *Sete de Abril*, ex *Dona-Amelia*, a 22 de janeiro de 1846, nella foi embarcado o batalhão, seguindo finalmente a seu destino aportando ao Recife a 31 do mesmo mez. Nesse navio achava-se embarcado seu irmão Miguel.

Pouca foi a demora de João Alvim no Recife, pois no mesmo navio regressou ; tendo partido de Pernambuco a 8 de fevereiro e depois de ter tocado na Bahia, chegou ao Rio de Janeiro a 1 de março.

Poucos dias depois de sua chegada foi nomeado para servir no Archivo Militar, passando em 18 de junho para o Corpo de Engenheiros.

A attracção que sentia João Alvim pela sua terra natal era de tal ordem que absorvia por completo toda a sua alma juvenil, cheia de dourados sonhos. Não descansou emquanto não conseguiu ser nomeado para alli servir em commissão activa. Partiu o joven tenente de engenheiros, pois contava apenas 23 annos de idade, a 23 de junho a bordo do vapor *S. Sebastião*, chegando a 26 do mesmo mez.

Cheio de ardor e desejoso de prestar à Santa Catharina os seus esforços, empregando a pujança do seu talento e o extremado amor ao trabalho, alliado a uma actividade pouco commum, deu-se pressa em iniciar a série de trabalhos de sua especialidade que o tornaram inegualavel e apontado pela sua capacidade productiva.

Assim é que desde logo deu começo ao levantamento da planta do littoral da cidade natal, procedendo conjuntamente á sondagem do porto desde á Rita Maria até Menino Deus, e em seguida das plantas dos fortes de Santa Cruz, de Inhatomirim e de S. José da Ponta Grossa, abrangendo os padrastos e mais terrenos ; trabalhos estes que foram enviados ao Archivo Militar.

Encarregado de serviços não só militares como civis iniciou, mal havia terminado os trabalhos citados, o nivela

mento e consequente melhoramento da rua do Passeio, na cidade, e entregou-se á confecção dos planos para o edificio da nova alfandega e para um novo trapiche municipal.

Por esse tempo apresentou uma carta da provincia, em grande escala, por elle desenhada, além de outra da ilha de S. Francisco e das terras pertencentes á princeza de Joinville, sitas no continente.

Tendo obtido dois mezes de licença, partiu em novembro para o Rio de Janeiro, donde regressou em 8 de fevereiro, entregando-se desde logo ao estudo de um plano de cáes com rampa, escadaria e gradeamento para o largo do Palacio. Esse trabalho de aformoseamento do principal ponto de desembarque na cidade foi apresentado ao presidente da provincia, que o remetteu á consideração da Assembléa Provincial.

Em março seguinte apresentou novo projecto de embellezamento, desta vez, porém, muito ampliado, pois o caes projectado abrangia todo o littoral; teve esse projecto o mesmo destino que o primeiro e foi morrer asphyxiado pelo pó do archivo. Procura-se hoje pol-o em execução, como aconteceu com o de seu pai, que havia projectado, em 1810, um quebra-mar partindo da ilha Fiscal até a ponta do Calabouço, no Rio de Janeiro, para fazer um seguro ancoradouro destinado ao commercio de cabotagem. Ainda nesse mez, levantou João Alvim a planta da fortaleza de Santa Barbara e seus edificios.

A resolução do governo em estabelecer uma colonia nos terrenos nacionaes que pertenciam á antiga armação da Piedade veiu tirar João Alvim da cidade para trabalhos de campo, serviço a que deu cabal desempenho em quinze dias, medindo e distribuindo lotes de terras a 150 colonos allemães já alojados na dita armação de pesca.

Coube a João Alvim proseguir o serviço de colonisação, anteriormente entregue a seu pai que fundou, em 1818, na

enseada de Garoupas uma colonia de pescadores vindos da Ericeira, Portugal, a qual por isso tomou o nome de Nova-Ericeira e depois o de Porto Bello, seu primeiro nome.

O desenvolvimento que tomara o valle de Tijucas, cujas uberrimas terras attrahiam numerosos povoadores, obrigou a administração da provincia a tomar disposições para alli formar uma nova povoação em proporção a tornar-se futuramente um centro de actividade agricola, commercial e industrial. Para executar o pensamento do governo foi encarregado João Alvim, que para lá seguiu, fazendo não só o levantamento do rio, como delineando a planta de uma nova povoação — o arraial de S. Sebastião de Tijucas, donde é filho quem escreve estas notas e que se sente bem em prestar á memoria do illustre conterraneo esta grata homenagem.

De volta desta commissão fez na Capital a medição dos terrenos de marinha destinados a logradouros publicos e remetteu para o Archivo Militar uma planta reduzida do projecto de arruamento da villa de S. Miguel, organisada pelo coronel Ewerard.

Em julho deu-se ao serviço do levantamento da planta da ilha das Vinhas, para nella ser construido um deposito de explosivos, fazendo as respectivas sondagens para um caes de atracação, e apresentou o projecto e orçamento para o edificio do mercado publico.

Para o Archivo Militar remetteu uma carta, em escala reduzida, da provincia, acompanhada de uma memoria descriptiva e estatistica.

O arraial de Garopaba, pelo seu desenvolvimento, chamava a attenção e, tornando-se necessario dar-lhe feitura de freguezia, foi encarregado Alvim de seu arruamento, o que fez, levantando a respectiva planta.

Em sua passagem por S. José, de regresso da commissão á Garopaba, foi-lhe requisitado um projecto com o

respectivo orçamento para a construcção da igreja matriz daquella cidade, o que executou.

A passagem do rio Biguassú, na estrada geral, que da capital segue para o norte, era feita por meio de canoas e tão primitivo processo de transporte não permittia o transito de vehiculos; por essa razão foi pelo presidente da provincia determinado a Alvim que para alli seguisse afim de estudar a possibilidade do estabelecimento de uma barca e apresentar o respectivo orçamento, o que fez em poucos dias.

De regresso, entregou-se á confecção de uma carta das estradas velhas e modernas em projecto entre as provincias de Santa Catharina, S. Paulo e Rio Grande do Sul.

Os extraordinarios serviços de Alvim, o grande numero de relações que fizera em todos os pontos onde andara, devido á sua natural jovialidade e lhaneza, fizeram-no idolo de todos e por essa razão não poude escapar ás malhas da politica.

O partido liberal, a que se filiára, incluiu-o no numero de seus candidatos á representação na Assembléa Provincial, para a qual foi eleito em 8 de fevereiro de 1848, obtendo 94 votos dos 131 de que se compunha o eleitorado. Foi o segundo em votação.

Na Assembléa, como era de esperar, distinguiu-se Alvim propugnando pelo desenvolvimento da viação e outros assumptos de importancia para o futuro de sua terra natal.

Encerrados os trabalhos legislativos, entregou-se de novo aos seus arduos trabalhos de engenharia. Assim é que levantou a planta do terreno onde se acha edificado o matadouro publico, dirigiu as obras da matriz de S. José, fez a medição e levantou a planta dos terrenos da freguezia das Necessidades de S. Antonio e, como trabalho de escriptorio, concluiu uma cópia da planta da armação da Piedade

e da colonia D. Affonso, levantadas pelo coronel Ewerard, e ainda da do campo do Manejo, hoje praça General Osorio, e da ilha dos Ratos, levantada pelo capitão de mar e guerra J. Bernardino de Senna, e finalmente uma dos terrenos do patrimonio do hospital das Caldas da Imperatriz.

A 13 de fevereiro de 1849 casou-se João Alvim com D. Thomazia Isabel de Almeida, filha do tenente Ricardo José de Almeida e de D. Maria Ricardo de Almeida, seguindo no dia seguinte para o Rio de Janeiro, no gozo de dois mezes de licença.

Em 2 de março estava, porém, de regresso e tomou assento na Assembléa, onde se esforçou para que diversos projectos por elle apresentados, todos de alto interesse, fossem traduzidos em lei e postos em pratica.

Encarregado pela presidencia de examinar si a continuação da rua Aurea, embaraçada pelo edificio construido pelos jesuitas, era util ao aformoseamento da cidade e conveniente ao publico, deu conta dessa commissão e bem assim de outras da Camara Municipal, relativas a vias de communicação na ilha. Nessa mesma occasião seguiu para Cannavieiras, onde mediu e demarcou o logradouro publico sito na mesma freguezia, cuja planta apresentou.

Conjuntamente com o coronel Sepulveda Ewerard, apresentou os planos e orçamentos para os edificios da Assembléa, da Provedoria, do consulado e de uma escola publica.

Em julho desse anno, depois de ter feito a medição dos terrenos de marinha pertencentes á Camara Municipal, seguiu para Tijucas Grandes, onde presidiu ao arruamento da então villa e em continuação foi a Itajahy examinar as estradas que margeavam aquelle rio.

Promovido a 27 de agosto de 1848 a capitão graduado de engenheiros, continuou na commissão em que se achava.

Em outubro, de volta á capital, foi encarregado de examinar os fortes e estudar a canalisação das aguas para um chafariz.

Mal havia terminado este serviço, seguiu da capital com a incumbencia de fazer o levantamento da planta da estrada que vai a Lages, planta esta começada a levantar pelo capitão Bacellar; concluido o serviço, teve o encargo das obras do calçamento e abastecimento de agua ao matadouro publico, do concerto da ponte do Araujo, na villa de S. José, e por fim o exame da estrada que de S. Francisco se dirige á Curytiba, pelas Tres Barras.

Dessa viagem ao extremo norte da sua antiga provincia, sempre a cavallo, pois outro meio de locomoção não podia encontrar para se valer, trouxe a convicção de que se tornava uma necessidade publica a construcção de uma ponte sobre o rio Biguassú, em substituição da balsa existente, por não satisfazer esta o movimento estabelecido naquella estrada, e ainda os melhoramentos que reclamava a baixada do Inferninho.

Ao chegar á capital, já os seus serviços eram reclamados no sul, em Garopaba, para onde foi mandado segui afim de examinar uma nova estrada, cuja construcção havia levantado seria questão entre os habitantes daquella povoar a çoe os de Villa Nova de Sant'Anna.

O seu pleno conhecimento da topographia da ilha de Santa Catharina mostrou-lhe que a solução mais natural e economica a estabelecer nella estava na construcção de um canal ligando a lagoa da Conceição, que jaz no centro da ilha, ao mar pela baixada do rio Tavares e nesse sentido apresentou um projecto, constando de planta, estudos e orçamento de despeza e de tempo.

Infelizmente esta obra de tanta utilidade não teve andamento, pelo descaso com que são tratadas as questões que dizem respeito ao bem publico.

Certamente, si tal obra fosse executada naquella época, outras seriam as condições de salubridade e prosperidade da ilha; não soffreriam os habitantes daquellas localidades os effeitos da malaria e ankylostomiase, que os perseguem.

Depois deste serviço seguiu novamente para as Tres Barras afim de examinar as obras ordenadas na estrada de S. Francisco á Curytiba.

Com surpresa sua, em 1 de fevereiro de 1850, foi desligado da commissão em que se achava, recebendo ordem para recolher-se ao Rio de Janeiro.

Em dar execução á ordem recebida não se demorou João Alvim e a 9 do mesmo mez, a bordo do vapor *Imperatriz*, em companhia de sua mulher, seguia viagem.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, foi mandado apresentar-se ao presidente da provincia do Rio de Janeiro, que o nomeou para uma commissão especial relativa á estrada normal da Serra da Estrella. Era que o presidente da provincia, conhecendo a capacidade de Alvim e sabedor de que para elle não havia obstaculos, o havia requisitado.

Por demais dispendiosa tal commissão, não a acceitou Alvim e por influencia de seu pai conseguiu voltar para Santa Catharina, para o mesmo logar, o que se deu por nomeação de 8 de março. A 28 de abril, de passagem no vapor *S. Sebastião*, do commando de Torrezão, partiu para o Desterro, onde chegou a 30, apresentando-se ao presidente da provincia, dr. João José Coutinho.

Empossado do logar a 1 de março, tomou a direcção das obras do edificio para o mercado, cuja planta havia organisado. Em junho seguinte deu principio á exploração do littoral da ilha para mudança da estrada de Pirajúbahé, cujo serviço concluiu no mez seguinte, partindo logo depois para examinar a estrada das Tres Barras, no Sahy.

A ponte sobre o rio Biguassú tornava-se cada dia mais rpecisa e insistindo Alvim pela sua construcção, resolveu-

se finalmente o presidente a mandar construil-a, exigindo, porém, que fosse semelhante a uma lançada sobre o rio Mambucaba, districto de Angra dos Reis, sua terra natal, e para isso determinou a Alvim que para alli seguisse afim de estudal-a e copial-a.

No dia 7 de setembro, de passagem no vapor *Imperatriz*, seguiu João Alvim para o Rio de Janeiro e dahi para Angra afim de dar cumprimento á incumbencia recebida e com tal celeridade della se desempenhou que a 29 do mesmo mez estava de regresso, apresentando uma planta por aquella para a ponte sobre o rio Biguassú que foi approvada.

Tendo concluido a construcção do mercado e dado inicio ao nivelamento da praça do Palacio e mandado construir as carretas para os canhões da fortaleza de Santa Anna, teve Alvim ordem de seguir para Biguassú, afim de iniciar a construcção da ponte.

E' preciso consignar que em todos esses serviços não recebia Alvim nenhuma gratificação especial nem diarias além dos seus parcos vencimentos. Muitas vezes lhe foram adiantados seus vencimentos para poder executar as commissões ordenadas, como nos faz ver o expediente da presidencia.

Não dispondo o presidente de verba sufficiente para tal emprehendimento e desejoso Alvim de dotar de tão indispensavel melhoramento aquella região, valeu-se de sua grande popularidade para conseguir o fim almejado. Por tres vezes foi a Biguassú, onde existiam diversos engenhos de serrar madeira e entre os proprietarios promoveu uma subscripção e dadivas de materiaes para a alludida ponte. E emquanto se accumulavam os materiaes necessarios para as fundações, deu inicio á incumbencia que teve, de demarcar novo quarteirão no campo do Manejo, com as competentes ruas para nellas se edificarem casas, afim de tornar mais regular e symetrico o sobredito campo, que era então de fórma pentagonica irregular.

Teve ainda no mez de dezembro a missão de ir examinar uma mina de estanho e dar parecer sobre o seu valor, verificando ao mesmo tempo o estado das estradas do littoral. Para o local da mina voltou em janeiro seguinte, desta vez levando pessoal e material para a extracção do minerio para as devidas analyses. De regresso dessa commissão tomou a direcção dos trabalhos da construcção da ponte de Biguassú e bem assim a obra da estiva do Inferninho, obra essa de real vantagem porque, atravessando a estrada um varzedo bastante grande e bravio, em épocas de chuvas, com o transbordamento do rio Inferninho, tornava-se um tremedal pavoroso. Não era atôa que o povo appellidára aquelle local de Inferninho...

Teve ainda durante esse tempo a direcção das obras do Lazareto de Ratones, da matriz de S. José, e das pontes de Serraria e dos Bobos, na mesma estrada geral, porém distantes uma da outra.

A 6 de janeiro de 1852 pediu Alvim licença de dois mezes, prorogada por mais um, para gozal-a no Rio de Janeiro.

Tendo o governo resolvido crear uma colonia militar no sertão proximo á estrada de Lages, na encosta da Serra Geral, em boas terras devolutas, com o duplo fim de proteger os moradores e o transito da mesma estrada contra as incursões dos selvicolas e servir de centro e nucleo de população, foi encarregado João Alvim da medição e demarcação da dita colonia. E logo que chegou, a 22 de abril, tendo por ajudante o 2° tenente de engenheiros Rosa e Gama e como auxiliar o prussiano Hermann Lepel, tratou de organisar as turmas de exploração e tudo dispor, de modo que a 9 de maio dava inicio aos trabalhos.

Suspenso temporariamente o serviço, devido a muitas chuvas, foi nesse intervallo incumbido do exame da ponte do Silvestre, na enseada do Brito.

Promovido a capitão effectivo a 13 de junho de 1853 continuou João Alvim na sua missão de desbravar florestas, applicando sua incansavel actividade e talento na construcção de estradas e pontes. Conquistava elle louvores pela sua dedicação ao engrandecimento de sua terra, facilitando o seu desenvolvimento, emquanto seu irmão, a bordo dos navios da nossa esquadra, no Rio da Prata, adquiria brilhantes glorias para ella. Um, o marinheiro audaz, que pela sua valentia sabia varrer do caminho o inimigo, o outro, conquistador dos sertões—ambos em ingente trabalho para grandeza da nossa Patria.

Em novembro seguinte teve João Alvim a incumbencia de explorar o sertão ao sul de Boa-Vista, afim de abrir uma estrada marginal ao rio dos Bugres, estrada essa a que em janeiro de 1853 deu inicio. Na mesma occasião foi encarregado do exame da estrada do morro dos Cavallos, do calçamento a pedra da estiva do Inferninho e do concerto da estrada que de S. José vai á Caldas da Imperatriz, desde Patural a Espindola, bem como das obras no morro de N. Senhora, nas Caldas do Norte.

Em julho seguinte, depois de explorar uma passagem pelo morro Chato, na estrada que se dirige á Lages, continuou na medição de lotes na colonia militar.

Como de costume, pediu e obteve dois mezes de licença, embarcando no dia 5 de setembro no vapor *Pernambuco*, seguindo para o Rio de Janeiro, donde regressou a 11 de novembro, vindo a bordo do brigue-escuna de guerra *Fidelidade*, do commando do capitão-tenente Basilio de Siqueira Barbedo, reassumindo cinco dias depois o exercicio do cargo que occupava.

A 15 de novembro já se achava Alvim no interior afim de examinar os concertos ordenados nas estradas e no morro Chato e ao entrar o anno de 1854 em Biguassú, para ver o estado dos encontros da ponte em construcção.

Nomeado interinamente director e commandante da colonia militar de Santa Thereza, no Trombudo, exerceu João Alvim o cargo desde 17 de fevereiro até 11 de julho, quando foi encarregado da construcção de oito barracões para receber colonos ilhéos portuguezes, na Invernadinha da Boa-Vista, e abrir uma estrada desde o rio Bonito até Olhos d'Agua, além de Boa-Vista, e fazer a exploração do rio Itajahy do Sul, afim de pelas suas margens construir uma estrada da colonia militar á Boa-Vista.

Depois de ter executado estes serviços e inspeccionado os concertos determinados na estrada de Lages, desde o rio dos Bugres até a mesma colonia militar, recolheu-se o infatigavel engenheiro á capital, para dar inicio á medição, demarcação e levantamento da planta do campo de Ponta Grossa a Cannavieiras, na ilha de Santa Catharina.

Em janeiro de 1855 seguiu a examinar os trabalhos executados nas estradas de Lages, no rio dos Bugres, no morro do Gongo, além de Boa-Vista.

Tendo a presidencia da provincia contratado com o allemão Antonio Vicente a medição de uma legua de terras e das datas para as colonias em Santa Thereza, foi João Alvim incumbido de distribuir o serviço.

Nomeado novamente director interino da citada colonia militar em fevereiro, nesse logar se conservou até 17 de maio, tendo no exercicio desse cargo verificado a medição das terras, contratada com Antonio Vicente.

Em attenção a seus serviços foi nomeado a 14 de março do mesmo anno cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa.

Encarregado do exame da estrada para Lages e bem assim dos dois caminhos que daquella então villa central iam a Campos Novos, seguiu João Alvim no desempenho da ardua tarefa, achando preferivel o caminho que ia de Curitybanos. Desse serviço regressou a 15 de junho, tendo palmilhado perto de novecentos kilometros de caminhos e picadas.

Pouco tempo de descanso teve ao chegar á capital, pois a 10 de julho seguia para o sul, em companhia do residente da provincia, em visita a S. José, enseada de Brito, Garopabas Mirim, Villa Nova, Laguna, Tubarão, Pescaria Brava e Imaruhy, no exame de estradas, igrejas, escolas e cadeias.

De regresso dessa viagem deu-se a trabalhos de escriptorio, apresentando a planta da medição das terras para os Engajados, do perfil da estrada de Lages e das que vão ter a Campos Novos, a do Logradouro de Cannavieiras e a de um hospital para ser construido na cidade da Laguna.

Nomeado mais uma vez, em 23 de julho, director interino da colonia militar de Santa Thereza, nessa commissão emprehendeu o reconhecimento do rio Itajahy do Sul, das cabeceiras para a foz, em uma distancia de 54 kilometros e foi ainda incumbido do exame dos limites, pelo centro, entre as freguezias de S. Miguel e de S. Pedro de Alcantara.

Nomeado por decreto de 13 de fevereiro delegado do director geral de Terras Publicas em Santa Catharina, tomou posse do cargo a 14 de abril e nelle não descansou o capitão João Alvim; sua extraordinaria actividade não teve solução de continuidade. A 18 de julho seguia para S. Francisco com a incumbencia de examinar o rio Cachoeira, que atravessa a séde de Joinville, afim de canalisal-o; dos trabalhos de calçamento da estrada de Tres Barras, no Sahy, e estudar uma picada para communicar Joinville com o Paraná. Ao regressar desses serviços, a 28 de agosto, entregou-se ao desenho da planta da cidade de S. Francisco, que levantára, e do traçado das picadas de Joinville ao Paraná, tudo em uma carta em grande escala.

Promovido a major de engenheiros por merecimento, a 2 de dezembro de 1856, continuou na mesma commissão.

Coube-lhe em meados de janeiro de 1857 acompanhar o presidente da provincia á Barra do Sul, á bordo do *D. Pedro*, para escolha do local afim de ser montado um pharol, o que foi resolvido ser na ponta dos Naufragados; em 7 de fevereiro, com o mesmo presidente, visitou S. Francisco, Joinville e Sahy, regressando a 11 do mesmo mez e depois, a 6 de março, visitou Blumenau.

No vapor *Paraense* seguiu a 16 de maio para a colonia D. Francisca, encarregado pelo governo imperial do exame das picadas para o Paraná, de cuja commissão regressou a 30.

Organisou nessa occasião uma nova carta da provincia, que remetteu ao conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Mello; traçou o plano para o pharol dos Naufragados e organisou uma outra carta itineraria da provincia, contendo a posição relativa das cidades, villas e freguezias, para o serviço dos Correios e a planta do palacio com os terrenos adjacentes.

Em 18 de novembro, em companhia do presidente, seguiu para a colonia militar afim de proceder á inspecção dos trabalhos ruraes e de regresso foi á Cannavieiras, onde mediu e demarcou o logradouro publico da freguezia de S. Francisco Xavier.

A 4 de fevereiro, no gozo de tres mezes de licença, seguiu para o Rio de Janeiro, donde regressou a 27 de abril no vapor *Conde d'Aquila* e já no dia 5 de maio seguia para Itajahy a verificar a medição das terras publicas, sob a inspecção do engenheiro Carlos Riviére; regressou á capital a 21 e a 12 de junho seguinte partia para a colonia D. Francisca para ajuizar das obras em execução na estrada de Joinville para o Paraná, inspeccionando não só as igrejas, casas de padres, escolas, casas de detenção, canalisação do rio Cachoeira, como tambem as estradas coloniaes. De passagem em S. Francisco procedeu á medição dos terrenos de

marinha, requerida por José Rodrigues Ferreira e Flores, regressando á capital a 26 do mesmo mez.

Tendo requerido ao governo a compra de dois terrenos em Blumenau, seguiu a 26 de julho para aquella localidade afim de verificar a sua medição, fazendo nessa occasião a medição das terras no Itajahy-mirim, trabalho esse que finalisou em 17 de agosto.

A 11 de setembro seguiu para a colonia D. Francisca em serviço de inspecção, donde voltou a 25, e depois de apresentar seu relatorio seguiu em 31 de outubro para Itajahy para verificação da medição de terras destinadas á colonisação, donde regressou a 13 de novembro, para de novo seguir a 10 de dezembro afim de mandar proceder a derrubadas e arranchamentos para cem colonos.

O anno de 1859 não lhe trouxe descanso, pois tendo regressado de Itajahy a 6 de janeiro, partia a 13 em companhia do presidente para visitar a estrada de Lages no rio dos Bugres e procurar dar nova direcção á sobredita estrada; partiu a 10 de fevereiro para inspeccionar as obras a seu cargo na colonia D. Francisca, donde regressou a 23 para acompanhar em 21 de março o conselheiro Pedreira em sua visita á colonia Santa Isabel e Caldas e logo em seguida a D. Francisca e Blumenau e dahi novamente a D. Francisca, regressando á capital a 23 de abril, donde cinco dias depois seguiu para a serra do Trombudo a examinar a estrada contratada com Joaquim Gregorio.

De regresso de Trombudo, a 6 de maio, poz-se a caminho cinco dias depois para o Itajahy-mirim afim de localisar colonos, ordenar serviços de derrubadas e construcção de ranchos; dessa commissão voltou a 22.

Para galardoar tanto serviço foi, por decreto de 14 de junho, nomeado official da Ordem da Rosa e fidalgo cavalleiro da Casa Imperial. Era cavalleiro da Ordem de Aviz.

O segundo semestre desse anno empregou-o João Alvim em examinar, em julho e setembro, as obras encetadas na colonia D. Francisca, em fazer no mez de agosto o nivelamento do monte de N. S. da Vargem Grande; em nivelar e medir o morro do Cemiterio na capital e orçar as obras do quartel da Companhia de Menores, segundo o plano que lhe fôra apresentado e finalmente verificar no Itajahy a planta do rio desse nome e seus affluentes, levantada por Carlos Rivière e da medição das terras vendidas pelo Estado a diversos particulares. Dessa ultima commissão regressou a 1 de janeiro de 1860, para seguir para a colonia D. Francisca, onde esteve até 10 do mesmo mez.

Desejoso o presidente, dr. Araujo Brusque, de conhecer a provincia, com elle seguiu João Alvim no dia 28 de fevereiro para a cidade de S. Francisco e colonia D. Francisca, donde regressaram a 3 de março, indo com o mesmo no dia 9 visitar as obras do pharol da Barra do Sul, na ponta dos Naufragados.

Nova commissão teve João Alvim em Itajahy, para onde seguiu a 28 de abril, encarregado da abertura de uma estrada desde o rio até a entrada do territorio medido (4.000 braças); da desobstrucção do rio Guabiruba (na extensão de 3.600 braças) e de mandar limpar a picada da antiga medição, levando a effeito este trabalho dentro de um mez.

No dia 30 de junho partiu elle para a colonia Dona Francisca afim de examinar os trabalhos em execução, regressando por terra a 18 do mesmo mez, para partir novamente a 24 com o presidente Brusque, no vapor *Belmonte*, para Itajahy, afim de estabelecer 59 colonos no territorio medido.

De regresso a 29, já a 4 de agosto estava em inspecção ás obras do pharol, donde regressou para seguir no dia 12 com 144 colonos afim de estabelecel-os na nova colonia denominada Brusque, em honra do presidente Araujo Brusque.

Por decreto de 6 de outubro de 1860 foi João de Souza Mello e Alvim exonerado de delegado das terras, entregando a repartição a 19 do mesmo mez ao dr. Manuel da Silva Mafra, o illustre jurisconsulto catharinense que muitos annos mais tarde pelo seu talento mostrou á luz da verdade, perante a Nação inteira, o direito que tinha Santa Catharina a todo o territorio que a esforços do não menos illustre pai de Alvim, pelas razões que soube expor em 1820, tinha sido, de direito mandado desannexar da antiga capitania de S. Paulo, que arbitrariamente tinha espoliado de Santa Catharina.

Deixava o illustre e infatigavel engenheiro a sua terra natal que havia perlustrado por inteiro, mas em toda ella estava o seu nome, pois os vestigios de sua passagem ficaram gravados nos corações de seus habitantes, que o admiravam e queriam.

A 5 de abril de 1861, com um mez de licença, seguiu para o Rio de Janeiro, onde o esperava commissão de alto destaque. Assim é que a 15 de maio foi nomeado director das Obras Civis e Militares do Ministerio da Marinha pelo almirante Joaquim José Ignacio, que havia assumido a pasta a 3 do mesmo mez.

Vinha deste modo o major de engenheiros Alvim prestar á Marinha de Guerra o concurso de sua alta capacidade profissional, de seu talento de élite e de sua nunca desmentida actividade.

Em 13 de julho, em commissão com o chefe de divisão Parker e primeiro-tenente Mattos, partiu para Cabo Frio afim de examinar o novo pharolete alli construido, regressando tres dias depois para novamente voltar áquelle local em agosto seguinte.

Tendo obtido licença para ir á Santa Catharina, seguiu a 21 de agosto no vapor *Marquez de Caxias* e regressou ao Rio de Janeiro no vapor *Imperador* a 10 de setembro.

Tendo o governo contratado a construcção de um segundo dique na ilha das Cobras e o prolongamento do primeiro para mais 120 pés, coube a João Alvim a nomeação de engenheiro fiscal da importantissima obra, da qual se houve com verdadeira galhardia.

Por aviso de junho de 1861 foram-lhe conferidas as attribuições de ajudante do inspector do Arsenal de Marinha, na ilha das Cobras. Devido ao seu tino administrativo e sua proverbial actividade só teve a lucrar o governo em lhe conferir taes funcções.

Pretendendo o Ministro da Marinha estabelecer em terra a Escola de Marinha, em 24 de novembro foi nomeado para, em commissão com o chefe de divisão Couto e conlheiros Meirelles e Sayão, examinar o palacete da Saude e ver si se prestaria para nelle installar a dita Escola.

A nomeada de Alvim como engenheiro tinha ganho vasto campo: seus pareceres eram respeitados e acatada a sua opinião.

Odesomoro namen thavido no morro do Castello, devido a enxurradas, ameaçava as construcções subjacentes e por essa razão necessitavam obras de segurança. Para dirigil-as, em 10 de janeiro de 1862, foi João Alvim requisitado ao Ministro da Marinha pelo das Obras Publicas, que era então o conselheiro Manuel Felizardo e com tal promptidão e proficiencia se houve que dentro de um mez havia concluido o serviço, Foi por esse motivo elogiado por aquelle ministerio.

Em maio ne 1862 foi incumbido da fiscalisação dos encanamentos e gazometros do Arsenal e da illuminação do mesmo estabelecimento.

Tendo-se dado um violento incendio na 4ª secção do Almoxarifado da Marinha, taes medidas tomou João Alvim que graças a ellas foi o incendio extincto e restricto áquella secção. Por essa razão foi pelo aviso de 15 de dezembro

elogiado pelas acertadas medidas e bons serviços prestados naquella occasião.

A 30 de dezembro de 1863 foi nomeado commendador da Ordem da Rosa, pelos importantes serviços prestados ao Estado na repartição da Marinha.

A provincia de Santa Catharina não podia esquecer os inestimaveis serviços prestados por seu illustre filho e elegeu-o seu representante na Camara dos Deputados.

A 1 de janeiro de 1864 tomava João Alvim assento na Camara e ia perante a Nação advogar os interesses da sua provincia no esbulho que lhe queria fazer a do Paraná, do territorio que seu pai tanto fizera para que de vez fosse annexado á Santa Catharina.

Terminada a sessão legislativa, apresentou-se João Alvim a 13 de setembro e reassumiu a direcção das Obras Civis e Militares do Ministerio da Marinha.

Estava no poder o ministerio de 31 de agosto de 1864, no qual dirigia a pasta da Agricultura o deputado pelo Paraná conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá e pretendendo este resolver o conflicto existente entre a sua provincia e a de Santa Catharina, conseguiu do ministro do Imperio o decreto n. 3.378, de 16 de janeiro de 1865, publicado nos jornaes de 19 do mesmo mez, satisfazendo a desarrazoada e descommunal pretenção do Paraná.

Não duvidou Alvim de logo no dia seguinte vir pela imprensa protestar com vehemencia contra o espantoso e injusto acto do ministro do Imperio, classificando-o de verdadeira conquista. Pelo decreto publicado obtinha o Paraná, além das descabidas pretenções territoriaes, outras que jamais tinham sido contestadas.

A 6 de maio de 1865 tomou assento na Assembléa e tendo assumido o poder o gabinete de 12 de maio, logo na sessão de 20 João Alvim e Silveira de Souza apresentaram um projecto, motivado pelo primeiro no esbulho do

territorio de Santa Catharina produzido pelo decreto de 16 de janeiro (Annaes da C. dos Deputados, 1865, 1º vol., pag. 49).

Tendo sido adiada a assembléa geral, por decreto de 8 de julho, para 4 de março de 1866 e sendo conveniente sobrestar-se nos effeitos do decreto de 16 de janeiro, tão prejudiciaes á Santa Catharina, coube ao eminente professor de direito das gentes na Faculdade do Recife João Silveira de Souza, de accordo com o seu conterraneo Alvim, dirigir um memorial ao marquez de Olinda, presidente do conselho de ministros do Imperio, reclamando contra a execução do espoliativo decreto, que tirava 2.000 leguas quadradas de territorio á Santa Catharina. Deste modo foi sobrestada a iniquidade.

Com o adiamento da assembléa voltou Alvim ao seu emprego no Arsenal.

Promovido a tenente-coronel por merecimento a 22 de janeiro de 1866, tomou a 1 de maio assento na Camara, cuja sessão terminou a 16 de setembro e a 22 do mesmo mez foi distinguido com a honrosa incumbencia de dirigir os destinos da provincia do Ceará em substituição do dr. Francisco Ignacio Homem Marcondes de Mello. Embarcando no vapor *Cruzeiro do Sul* no dia 26 do mesmo mez, chegou á Fortaleza a 5 de novembro e no dia seguinte prestou juramento e tomou posse da presidencia.

O primeiro acto de João Alvim, afim de harmonisar a politica, foi expedir uma circular-programma de seu governo e publicar no dia seguinte uma proclamação aos cearenses concitando-os á harmonia, attendendo á crise que atravessava o paiz devida á cruenta guerra que sustentavamos com o Paraguay. Convocou extraordinariamente a Assembléa Provincial, causando todos esses actos bom effeito, dando-lhe o apoio de toda a imprensa dos tres partidos em que se achava dividida a provincia.

Ao abrir a Assembléa Legislativa no dia 1 de dezembro, leu sua mensagem, que foi muito louvada.

Na presidencia da provincia não cuidou sómente da administração local: para attender os claros do nosso Exercito enviou 120 voluntarios para o Exercito e 8 para a Marinha, embarcados no vapor *Cruzeiro do Sul* a 17 de novembro.

A sua provincia natal, porém, não podia dispensar os serviços de seu illustre e operoso filho: elegeu-o novamente deputado geral no dia 4 de março, dando-lhe 192 votos, perdendo apenas sete. Por esse motivo entregou a administração da provincia no dia 6 de maio ao 1° vice-presidente dr. Sebastião Gonçalves da Silva e no dia seguinte embarcou para o Rio de Janeiro no vapor *Paraná*, a occupar o logar de deputado. Chegando a 22 tomou assento a 23.

Por decreto de 14 de agosto de 1867 foi nomeado commendador da Ordem de Christo pelos relevantes serviços prestados ao Estado como presidente do Ceará.

No dia 9 de maio de 1867 tomou assento na Camara dos Deputados; tendo porém a 20 de julho sido dissolvida a Camara, apresentou-se ao Quartel General da Marinha e tomou de novo o encargo de director das Obras Civis e Militares.

De novo entregue ás suas funcções, interrompidas pela politica, reatou João Alvim a serie de trabalhos que a sua actividade sem limites exigia. Dir-se-ia que um novo e ultimo periodo de nevrose do trabalho delle se apoderara.

As obras no Arsenal e na ilha das Cobras, onde se construiam estaleiros, depositos e se montavam officinas, traziam João Alvim em constante actividade e si não bastassem esses serviços para occupal-o, outros longinquos appareciam que requeriam sua presença.

Assim é que a 14 de maio de 1869 foi, em commissão com o engenheiro Julio Alvaro Teixeira de Macedo e 1°. tenente José Maria do Nascimento Junior, escolher o local na

barra da Victoria, no Espirito-Santo, para a montagem de um pharol. Dessa commissão regressou a 22, tendo escolhido a ponta do monte Moreno, sobre uma collina.

As obras executadas no Arsenal de Marinha, em Willegaignon, ilha Rasa, na ponta da Armação, Mocanguê, ilhas das Cobras, Governador, quebra-mar de Boa Viagem, assentamento da artilharia das fortalezas da ilha das Cobras e Willegaignon, reconstrucção do quartel de Bragança, etc., retiveram-no por muito tempo no seu posto no Rio de Janeiro.

Em 5 de fevereiro de 1872 seguiu para Cabo-Frio em commissão, regressando dois dias depois, tendo examinado as obras em Marmoretá.

Sendo-lhe determinada a commissão de, na Bahia, examinar as obras do caes e de duas officinas alli em construcção, escolher o local para um pharol e tomar as dimensões da barra, seguiu no dia 7 de junho no paquete *Gironde*. Depois de dar cumprimento ás instrucções regressou a 31, no paquete *Bahia*.

Em novembro seguiu novamente para Cabo-Frio afim de examinar as obras que se faziam no Marmoretá e bem assim as da casa dos pharoleiros no Focinho do Cabo. Para essa commissão seguiu na canhoneira *Braconnot*, commandada pelo 1º tenente Eliezer Tavares e dahi para Macahé, para estudar o porto, e regressou a 24 do mesmo mez.

Por aviso de 4 de dezembro de 1872, pelo ministro Ribeiro da Luz foi nomeado para exercer interinamente o logar de membro adjunto do Conselho Naval durante o impedimento do brigadeiro Ricardo José Gomes Jardim, tomando posse do cargo a 6 do mesmo mez.

Embora membro do Conselho Naval não descansava João Alvim. Assim é que a 30 de maio de 1873 estava em Cabo-Frio, tendo seguido na *Braconnot* para receber as obras de Marmoretá e os aquartelamentos. Em novembro seguiu para o mesmo local no transporte *Vassimon* para

receber o edificio construido junto ao pharol. Dessa commissão regressou a 3 de dezembro.

Exonerado a 28 de fevereiro de 1874 do logar de membro adjunto do Conselho Naval, que exercia interinamente, entregou-o ao seu substituto tenente-coronel Francisco J. Cardoso Junior, nomeado effectivamente, seguindo a 20 de maio para Santos no paquete *Paulista* para, em commissão com o engenheiro Antonio Paulino Limpo de Abreu, examinar e dar parecer sobre as obras da cathedral de Campinas. De regresso foi a Friburgo.

Promovido ao posto de coronel por merecimento, por decreto de 11 de novembro, teve a commissão de ir ao Maranhão e ao Pará afim de examinar naquellas provincias o dique em construcção no primeiro e escolher no segundo local apropriado para outro. Seguiu no dia 15 de dezembro, regressando a 10 de fevereiro de 1875.

Em agosto do mesmo anno seguiu no rebocador *Guarany* para Cabo Frio, a examinar as obras alli em construcção, para onde de novo voltou em outubro no mesmo rebocador.

Convidado pela directoria da Companhia Macahé e Campos para examinar e dar parecer sobre as obras executadas por aquella companhia no porto de Imbetiba, para alli seguiu a bordo do vapor *Goytacaz* no dia 15 de março de 1876, regressando a 19 do mesmo mez.

Em outubro do mesmo anno foi incumbido de, em Santos, examinar e dar parecer sobre o estado do quartel de Aprendizes Marinheiros naquella cidade.

A Sociedade de Engenheiros Civis de Paris, fundada em 1848, tendo em vista os seus trabalhos, concedeu-lhe em 3 de maio de 1878 o titulo de membro societario.

Tendo subido ao poder o partido liberal a que sempre pertencera, acudiu ao chamado de seus comprovincianos para disputar novamente um logar de representante na

Camara dos Deputados. Por esse motivo, pediu um mez de licença, embarcando-se a 29 de julho para Santa Catharina, chegando a 2 de agosto a S. Francisco onde, depois de se entender com os chefes politicos, tomou passagem no vapor *S. Lourenço* para Itajahy, alli chegando a 3 e dahi seguiu para S. Pedro Apostolo. A 10 estava em Camboribú e a 11 em Tijucas, onde pornoitou na casa do chefe politico da localidade, coronel Henrique Carlos Boiteux, chegando no dia seguinte á capital, sendo recebido festivamente.

De Santa Catharina partiu a 1 de setembro, chegando ao Rio de Janeiro a 4, certo de que o eleitorado de sua terra continuaria a lhe confiar o mandato que antes soubera tão proficua e intelligentemente desempenhar.

A 15 de dezembro tomou assento na Camara dos Deputados pela terceira vez.

A 18 de julho foi a Macahé assistir á inauguração da ferrovia Barão de Araruama, complemento dos melhoramentos iniciados pela Companhia Macahé e Campos.

Adiadas as sessões legislativas para 15 de abril de 1880, apresentou-se o coronel João Alvim ao inspector do Arsenal de Marinha, assumindo as funcções do seu cargo de director das Obras Civis e Militares, seguindo tres dias depois para Cabo Frio com o pessoal da secção hydraulica, para iniciar a desobstrucção do banco da barra de Cabo Frio, iniciando o serviço dois dias depois.

A 28 foi ao pharol orçar as obras e concertos na casa dos pharoleiros, regressando a 16 de abril no patacho *Independencia*, chegando a 17 visto ter de tomar assento na Camara dos Deputados o que realisou a 19. A 7 de maio voltou por terra a Cabo Frio, chegando a 8 em Araruama e a 9 na barra de Cabo Frio, embarcando-se no vapor pertencente a José Jorge de Souza, regressando a 13 de junho no patacho *Independencia*. Novamente voltou a 7 de julho a

Cabo Frio por terra, regressando a 28 de agosto no patacho *Mercurio*.

Era que João Alvim, empenhado na obra da abertura da barra de Cabo Frio, não media sacrificios; para elle não havia obstaculos, nem se preoccupava tão pouco com os meios de locomoção: o primeiro que lhe apparecia, delle lançava mão para não perder tempo.

A 15 de setembro seguiu no vapor *Orion* em busca de um sino hydaulico para o arrebentamento da lage Marmoretá que obstruia o canal, sendo acompanhado pelo engenheiro fiscal e pelo engenheiro Barrandon.

Fez-lhe festiva demonstração a população de Cabo Frio pelos serviços prestados, offerecendo-lhe um baile e fazendo cantar um *Te Deum*.

Tendo-se suscitado uma questão entre elle e o barão de Teffé sobre a execução das ditas obras, a 22 de outubro, na sala verde do Lyceu de Artes e Officios, perante os socios do Instituto Polytechnico Brazileiro, respondeu á conferencia feita pelo segundo. Era então presidente do Instituto o illustrado professor da Escola Militar o distincto catharinense dr. Francisco Carlos da Luz, que falleceu como marechal.

Na citada discussão ao apparecimento de uma planta da barra de Cabo Frio apresentada ao Instituto, foi reputada falsa por Alvim a assignatura nella lançada, pelo que pediu exame, o que se realisou no dia 16 do novembro na policia perante o 2° delegado dr. Possolo, confirmando os peritos tabelliães Ramos e Castro a falsidade.

A 11 de janeiro de 1881 reassumiu João Alvim o exercicio do cargo de director das Obras Civis e Militares da Marinha e em 1 de fevereiro seguinte entrou no gozo de tres mezes de licença, obtendo a prorogação da mesma por tempo igual.

Logo que se apresentou em 9 de julho, foi pelo ministro conselheiro Lima Duarte mandado a examinar o recife das Rocas afim de alli ser montado um pharol. No paquete *Pernambuco* seguiu a 20 do mesmo mez para o Recife, onde chegou a 27.

A bordo da canhoneira *Ypiranga*, sob o commando do capitão tenente Joaquim Domingos de Carvalho, seguiu no dia 22 de setembro para as Rocas onde chegou a 24, dando immediatamente começo ao estudo daquelle *atoll*, fazendo sondagens em terra.

A grande resaca que alli houve nos dias 22 e 23 de outubro inundou todo o parcel e a 26 indo um escaler á terra virou-se elle, perecendo quatro praças, salvando-se dez pelo prompto soccorro prestado por outro escaler dirigido pelo proprio commandante da *Ypiranga*.

Das Rocas regressou o coronel João Alvim no dia 27 e chegou a 29 ao Recife, donde partiu a 15 de novembro no mesmo paquete que o levára, chegando a 21 ao Rio de Janeiro, onde a 24 assumiu o seu logar na Directoria de Construcções Civis e Militares. Nesse mesmo dia apresentou um substancioso relatorio sobre o *atoll* das Rocas, que foi publicado no relatorio do ministro da Marinha em 1982.

Coube ainda a Alvim dar parecer sobre o exame da fazenda de S. Sebastião na ilha do Governador, para o Imperial Asylo dos Invalidos da Patria.

O illustrado e operoso inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, o então capitão de mar e guerra Arthur Silveira da Motta, depois barão de Jaceguay e hoje almirante reformado, na remodelação daquelle estabelecimento, encontrou no coronel João Alvim o seu principal e mais prestimoso auxiliar em actividade na execução do seu plano de reformas.

Em 22 de março de 1884 seguiu no vapor *Mayrink* para Victoria afim de examinar o edificio da capitania do

Porto e quartel de Aprendizes Marinheiros, donde regressou a 1 de abril.

A 13 de julho cahia João Alvim com uma pneumonia dupla.

Bem me recordo da causa contribuidora de sua molestia.

Era eu alumno da Escola Naval. Junto á escada semicircular de desembarque, na parte sul da ilha das Enxadas, existia uma lage que difficultava na baixa-mar a atracação da lancha que conduzia os lentes, dahi a necessidade da destruição; desse serviço foi encarregado o Arsenal de Marinha, pela secção de Obras Hydraulicas.

Trabalhava um sino hydraulico e presente estava João Alvim; ao subir o sino e não tendo o mergulhador dado satisfatoria informação, sem attender á sua idade nem tão pouco ao sol erdente a que estava exposto, levando em conta tão somente o seu temperamento, rapidamente envolveu ao pescoço um cache-nez, metteu-se dentro do sino e mandou arrial-o, afim delle proprio proceder ao exame.

Ao subir o sino, delle sahiu João Alvim e todos os aspirantes, que ao local haviám acudido para observar, o trabalho, viram-no levar a mão ao peito e quasi desfallecer. Era que havia recebido o golpe fatal que o levaria breve ao tumulo.

Em consequencia dessa grave molestia que influiu sobre a delicadeza dos seus sentimentos, convenceu-se João Alvim de que estava incompativel com o emprego que exercia e pelo qual se tinha sacrificado e por isso pediu sua exoneração, que lhe foi dada pelo seguinte aviso.

«3ª Secção. N. 172. Ministerio da Marinha, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1885. Sua Magestade o Imperador ha por bem conceder a exoneração que, por motivo de molestia, V. S. solicitou do emprego de director das Obras Civis e Militares do Arsenal de Marinha da Côrte e ao mesmo

tempo manda louvar a V. S. pela intelligencia e dedicação de que deu constantes provas no exercicio do referido emprego. Deus guarde a V. S. —*Joaquim Raymundo de Lamare.*— Sr. coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim.»

Pouco restava de vida áquella robusta complexão de infatigavel actividade e brilhante intelligencia. Consumindo-se aos poucos, a 17 de abril de 1885, aos 62 annos, deixou de existir o illustre engenheiro que tantos e tão assignalados serviços prestára á Patria e á Marinha em particular, deixando para honral-o um nome puro, honrado, respeitado e impolluto, que sempre será lembrado.

---

tempo manda louvar a V. S. pela intelligencia e dedicação de que deu constantes provas no exercicio do referido emprego. Deus guarde a V. S. — *Joaquim Raymundo de Lamare.* — Sr. coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim.»

Pouco restava de vida áquella robusta compleição de infatigavel actividade e brilhante intelligencia. Consumindo-se aos poucos, a 17 de abril de 1885, aos 62 annos, deixou de existir o illustre engenheiro que tantos e tão assignalados serviços prestára á Patria e á Marinha em particular, deixando para honral-o um nome puro, honrado, respeitado e impolluto, que sempre será lembrado.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XI

O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XI

PRIMEIRO TENENTE MIGUEL DE SOUZA MELLO E ALVIM

O illustre official da marinha portugueza Miguel de Souza Mello e Alvim, depois de haver dado á patria de nascimento o valor de sua espada na guerra contra os estados barbarescos do Mediterraneo, veiu servir no Brazil, onde desde logo se poz em evidencia pelos recursos de sua vasta e culta intelligencia, tanto em trabalhos de sua profissão como em funcções administrativas.

Primeiro tenente Miguel de Souza Mello e Alvim

A causa da independencia brazileira por elle com tanto ardor abraçada serviu para radical-o ao nosso paiz e perpetuar a tradição que de seculos acompanhava o nome de familia pela numerosa prole, havida de seu consorcio com d. Mauricia Elysia de Mello Alvim. Si não teve elle a dita de ver no seu primogenito e homonymo um galhardo marinheiro e valente cabo de guerra, herdeiro de seu meritos, como se fizera o terceiro

filho, Francisco, depois barão de Iguatemy, viu-o, entretanto, luzir pela sua illustração e saber desde inicio de sua carreira.

Causas nosologicas impediram-no de occupar com realce o logar que lhe reservava a marinha.

Nascido a 14 de julho de 1821, na antiga cidade do Desterro, onde exercera seu pai as funcções de Intendente de Marinha e secretario da Provincia, antes da independencia e a de presidente, depois della, seguiu Miguel de Souza Mello Alvim Junior para o Rio de Janeiro, em companhia de seus progenitores, depois dos successos que se desenrolaram na capital da provincia e que ficaram conhecidos na nossa historia pela *Abrilada*.

Feitos os estudos necessarios á matricula na Academia de Marinha, foi Miguel Alvim Junior, por aviso da Secretaria de Marinha de 4 de março de 1839, mandado assentar praça de aspirante a guarda marinha, sendo matriculado no primeiro anno do curso, como alumno interno.

Nos bancos escolares revelou-se estudante de lucida intelligencia, não desmentindo as brilhantes qualidades de seu tio, o visconde de Jerumirim, tenente-general, celebre pela vastidão de seus conhecimentos e pela agudeza de seu engenho, nem tão pouco as de seu pai, o hydrographo consumado que, em 1810, com mais tres officiaes, com meticuloso cuidado, levantou pela primeira vez a planta da bahia do Rio de Janeiro. Tão perfeito foi o trabalho, tão precisos foram os pontos determinados que o capitão de fragata De Lamare, annos depois, tratando de retifical-o, não encontrou um segundo de erro, como teve a lealdade de confessar. A unica differença notada foi simplesmente nas sondas moveis, o que era natural, depois de decorridos tantos annos.

A mesma commissão apresentou outro plano sobre o melhoramento do porto do Rio de Janeiro. A' vista da

planta competente e orçamento, propunha a construcção de um *quebra-mar* sobre o banco de areia que se estende desde a ilha dos Ratos (hoje ilha Fiscal) até ás proximidades da ponta do Calabouço (Arsenal de Guerra) onde começa o canal, proporcionando abrigo aos navios que alli costumavam fundear e protegendo o desembarque contra os effeitos da ressaca.

Esta referencia tem o seu proposito, porque passado mais de um seculo, trata-se agora de pôr em execução a obra projectada.

Com a maior distincção terminou o curso na Academia de Marinha o talentoso aspirante Miguel de Souza Mello e Alvim sendo promovido a guarda-marinha por aviso de 11 de dezembro de 1841; embarcado na fragata *Paraguassú*, fez-se ao mar em viagem de instrucção que terminou em 19 de janeiro de 1842. Nesse mesmo navio, poucos mezes depois, partiam deportados para Europa, os presos politicos Limpo de Abreu, Geraldo Leite Bastos, dr. Soares de Meirelles, dr. Salles Torres Homem, José Francisco Guimarães e dr. França Leite.

Da fragata *Paraguassú*, depois do seu regresso da viagem de instrucção, passou a ter embarque na corveta *Sete de Abril*, ex-*D. Amelia*, nella seguindo em commissão para o norte do Brazil.

Preparava-se com apuro uma divisão que deveria ir a Napoles transportar ao Brazil a imperatriz d. Thereza Christina Maria e para a composição da officialidade que deveria nella embarcar foi feita uma escolha rigorosa: procurou-se a *élite* na nobreza de raça e fidalguia no talento. Dispondo de ambos estes predicados, foi mandado regressar Miguel Alvim Junior da estação onde se achava, no Maranhão, vindo no patacho *Patagonia*, que se recolhia ao Rio de Janeiro, onde chegou a 22 de outubro; teve embarque na fragata *Constituição*.

A 3 de março de 1843, fez-se de vela sob as ordens do chefe de divisão Theodoro de Beaurepaire a divisão composta da fragata *Constituição*, capitanea, e das corvetas *Euterpe* e *Dois de Julho* em demanda do almejado porto. Na *Euterpe* seguia seu irmão Francisco.

De regresso dessa viagem, desembarcou a 5 de setembro do anno seguinte, embarcando a 28 na corveta *Dois de Julho* que sahia em commissão, para o norte.

Por decreto de 21 de dezembro de 1843 foi Miguel Alvim Junior promovido ao posto de segundo tenente e, por exceder da lotação, passou da corveta *Dois de Julho* a embarcar no brigue *Tres de Maio* em 2 de janeiro de 1844, donde, a chamado, regressou ao Rio de Janeiro, vindo de passagem no vapor *Imperador*.

Chegado que foi ao Rio de Janeiro, teve ordem de embarcar na fragata *Constituição* em 23 de janeiro, e partiu em viagem até ao Rio da Prata.

Combalido de saúde, sentia Miguel Alvim que não poderia por muito tempo continuar na vid extremamente penosa de continuadas canceiras; entretanto o desejo de bem servir a profissão que tanto o attrahia fazia com que della não se afastasse. Sentindo-se doente, desembarcou a 7 de julho de 1845 da *Constituição*, não podendo por essa razão fazer a commissão ao sul, reservada á esquadra que sob o commando do chefe de esquadra João Greenfell deveria acompanhar SS. MM. Imperiaes na sua visita ás provincias meridionaes.

Tendo-se apresentando a 4 de agosto, foi nomeado para embarcar na corveta *Sete de Abril*, seguindo para a Bahia, onde nella embarcou o 1º batalhão de artilharia que do Rio de Janeiro havia seguido na charrua *Carioca* para o Recife, e arribara áquelle porto, depois de 30 dias de viagem.

Fazia parte da officialidade deste batalhão, no posto de 1° tenente, seu irmão João de Mello de Souza Alvim, o illustre engenheiro que morreu coronel, director das obras hydraulicas do Arsenal de Marinha.

Desembarcou, ainda por doente, a 3 de março de 1846, depois de regressar da commissão feita ao norte.

Tendo dado parte de prompto em 18 de abril, foi por aviso de 30 de junho do mesmo anno nomeado lente substituto da 1ª cadeira de mathematica da Academia de Marinha, cargo que exerceu com toda a proficiencia e onde poderia, se não fosse a aggravação de seus males, evidenciar o seu pujante talento mathematico.

Nesse anno foi nomeado moço fidalgo da casa imperial, com exercicio, do que apresentou carta datada de 21 de agosto.

Dispensado a seu pedido do exercicio de lente substituto, como determinou o aviso de 10 de setembro de 1847, devido ao seu estado de saude, foi nomeado para servir no Corpo de Imperiaes Marinheiros por aviso de 16 do mesmo mez e na mesma data lhe foram concedidos tres mezes de licença para tratamento de sua saúde em Santa Catharina, para onde partiu.

O exellente clima de sua terra natal começou a avigorar-lhe o organismo restituindo-lhe certa energia perdida e, para accentuar essas melhoras, pediu prorogação por mais tres mezes da licença em cuje gozo se achava.

Promovido por decreto de 14 de março do 1849 ao posto de 1° tenente, continuou Miguel de Souza Mello e Alvim Junior a servir no Corpo de Marinheiros até que por aviso do 30 de novembro de 1849 passou a commandar a 2ª companhia do Corpo de Fuzileiros Navaes.

O brilhante guarda-marinha e depois esperançoso official, provecto professor, teve a perfeita intuicção de que poderia na carreira encetada obter os triumphos espe-

rados de sua alta capacidade: sotaventeara-se em demasia do ponto almejado e por essa razão procurou abrigo entre os parceis que formam o ancoradouro da reforma.

Tendo passado para reserva, nella se conservou por alguns annos, reformando-se por fim, para entregar-se a especulações industriaes.

Arredado da marinha, acompanhou o triumpho de seus irmãos até que em avançada idade falleceu a 23 de fevereiro de 1892, em Nictheroy, onde residiu na pittoresca ilha de Alvim, hoje de Santa Cruz.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XII

O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim

XIII

O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XII

O CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOSÉ MAXIMIANO DE MELLO E ALVIM

A fascinação pelo mar era de tal ordem na familia Alvim que d'ella não escapou José Maximiano; si das lides maritimas furtaram-se, Julio, que procurou carreira na diplomacia, Antonio, em começo no silencio dos claustros e depois na burocracia, os demais filhos do distincto chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim, até mesmo João, formado em engenharia pela academia militar, attrahidos pelo salso elemento, prestaram á patria inolvidaveis serviços.

Nascido José Maximiano, na então cidade de Desterro, a 21 de fevereiro de 1830, do consorcio do conselheiro de Estado, chefe de esquadra, Miguel de Souza Mello e Alvim com d. Mauricia Elysa de Mello e Alvim, partiu ainda muito joven em companhia de seus progenitores para o Rio de Janeiro.

Contando apenas quinze annos foi, por aviso da secretaria dos negocios da marinha de 22 de fevereiro de 1845, mandado assentar praça de aspirante a guarda-marinha em 24 do mesmo mez, como interno.

Matriculado no primeiro anno de curso, findo o qual embarcou na corveta *Bertioga* para fazer a viagem de instrucção a que eram obrigados os aspirantes no periodo

de ferias, de regresso foi matriculado novamente no primeiro anno a 28 de fevereiro de 1846, sendo approvado plenamente nas doutrinas que o constituiam e bem assim em apparelho dos navios em 1 de dezembro. Seguiu a 10 do mesmo mez na corveta *Euterpe*, em virtude do que ordenou o aviso da secretaria de Estado em 23 de novembro. Desse navio desembarcou a 27 de fevereiro de 1847, para continuar o curso encetado.

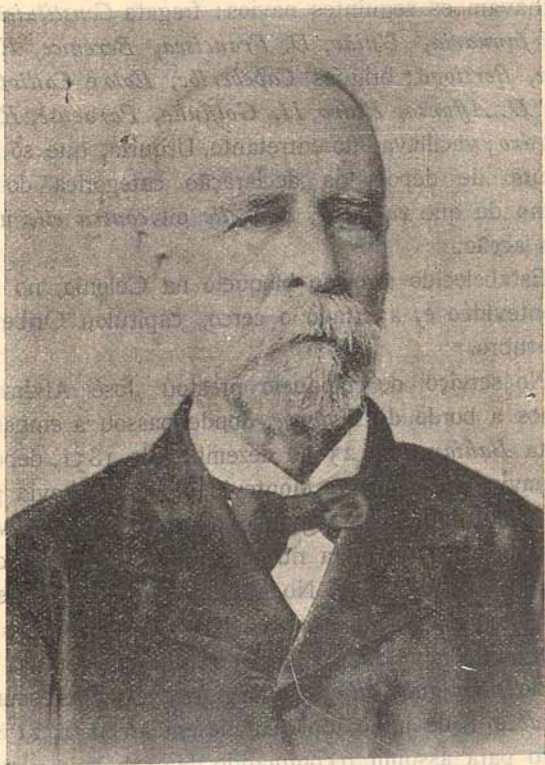
Com a mesma distincção com que fizera os exames do 1° anno, os concluiu no 2° e 3°, sendo promovido a guarda marinha por aviso da secretaria de Estado de 22 de dezembro de 1848.

Cheio de ardor e enthusiasmo ia agora o joven official encetar a sua brilhante carreira, tendo para guial-o seus irmãos, principalmente Francisco, já reputado provecto mestre.

Em 8 de fevereiro de 1849 teve embarque na fragata *Paraguassú* donde passou para o brigue *Capeberibe* a 11 do mesmo mez, afim de seguir em commissão ao Rio da Prata, nelle se conservando até 11 de dezembro, quando passou a servir a bordo do vapor *D. Affonso*. Deste navio passou em 3 de março de 1850 para a corveta *Euterpe*.

Promovido a segundo tenente, por decreto de 9 de janeiro de 1851, achava-se no porto do Rio de Janeiro no citado navio quando se deu um grande incendio no edificio das Obras Publicas a 30 de junho, os serviços que prestou na extincção do mesmo valeu-lhe um elogio nominal, bem como a outros officiaes, entre elles o seu irmão Francisco.

Precisava o nosso governo attender ao que se passava no Estado Oriental, onde os detentores do poder, na maioria inimigos do Brazil, procuravam todos os meios para nos hostilisar e burlar os tratados existentes.

Periclitava a independencia oriental e, não podendo o Brazil consentir nisso, pois era de seu dever garantil-a, fez um tratado de alliança offensiva e defensiva com o governo de Montevidéo, assediado por tropas argentinas ao mando do general Oribe, e com o general Urquiza,

Capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim

governador de Entre Rios, então dessidente da Confederação Argentina, governada pelo tyranno Rosas. Para esse tratado não deixou de ser convidado o Paraguay, que se absteve. Tinha por fim a alliança manter a independencia do Estado Oriental e pacificar o seu territorio, e para dar exe-

cução a elle foi mistér augmentar o numero de navios que tinha o Brazil no Rio da Prata, e mesmo organisar uma esquadra de operações.

Estava prompto o Brazil, pois no porto de Montevidéo, sob as ordens do vice-almirante João Pascal Greefell já se achavam os seguintes navios: fragata *Constituição*, corvetas *Januaria*, *União*, *D. Francisca*, *Berenice*, *Euterpe*, *Bahia*, *Bertioga*; brigues *Capeberibe*, *Eolo* e *Calliope*; vapores *D. Affonso*, *Pedro II*, *Golfinho*, *Paraense*, *Recife* e *D. Pedro*; vacillava, no entretanto, Urquiza, que só entrou na luta de depois da declaração categorica do nosso governo de que *com elle*, *sem elle* ou *contra elle* iniciaria a sua acção.

Estabelecido rigoroso bloqueio na Colonia, no Buceo e Montevidéo e, apertado o cerco, capitulou Oribe a 11 de outubro.

No serviço do bloqueio prestou José Alvim reaes serviços a bordo do *Euterpe*, donde passou a embarcar na corveta *Bahiana* em 23 de dezembro de 1851, depois que este navio regressou de Montevidéo, donde havia partido a 9 de outubro, nelle seguindo para o norte. Teve por isso a medalha de prata numero um, creada pelo decreto de 1 de abril de 1852. No anno seguinte, em 27 de maio, teve embarque na *Paraense*, nella seguindo para o norte, donde havia regressado e a 9 de junho passou a servir a bordo do brigue *Calliope* e deste para o brigue escuna *Fidelidade* a 1 de julho, do qual desembarcou a 21 de dezembro para assumir o commando da canhoneira *Campista*, empregada no serviço da Capitania de Porto.

Em 13 de abril de 1853, tendo pedido dispensa do commando em que se achava, foi mandado embarcar na fragata *Amazonas*, seguindo em commissão ao Rio da Prata; desse navio passou a servir no vapor *Pedro II*, onde se conservou até 9 de junho, quando passou a embarcar no brigue

Fidelidade, nelle desempenhando diversas commissões. Desse brigue passou para o *Pedro II* a 5 de setembro e cinco dias depois para a *Paraense* e desta novamente para o *Pedro II*, do qual desembarcou a 27 de outubro seguinte.

Por nomeação de 3 de novembro embarcou para o *D. Pedro*, do qual desembarcou a 30 do mesmo mez para assumir o commando da escuna *Tibagy*, o que se realisou a 2 de dezembro de 1853. No commando desse navio teve opportunidade de fazer commissões até Santa Catharina.

Promovido ao posto de primeiro tenente, por decreto de 2 de dezembro de 1856, continuou no commando do mesmo navio, até que por aviso de 7 de janeiro de 1857 foi exonerado, a pedido, sendo nomeado para embarcar na corveta *Imperial Marinheiro*, que se praparava então, sob o commando de seu irmão Francisco, para viagem de instrucção aos portos do Mediterraneo e do Atlantico.

A 12 de março chegava a Lisboa onde se demorou o navio recebendo naquelle porto a visita de D. Pedro V, de seu pae D. Fernando e principes D. Luiz e D. João. De Lisboa seguiu para Cadiz e Gibraltrar, donde, penetrando no Mediterraneo, visitou treze portos.

De regresso fez rumo para o norte, indo até Cherburgo, onde entrou no dique para fazer diversos reparos.

O modo brilhante pelo qual foi desempenhada esta commissão pelo illustrado e provecto commandante, valeu não só ao mesmo commandante como a todos os officiaes o louvor mandado fazer por aviso de 11 de fevereiro de 1858, pela digna e briosa conducta civil e militar de que deram excellentes provas em todos os paizes visitados pelo nosso pavilhão.

De regresso dessa viagem, pediu e obteve tres mezes de licença para gosal-a em Santa Catharina, apresentando-se a 31 de março, sendo nomeado para embarcar na corveta *Bahiana*, onde se conservou até 23 de agosto,

quando passou para o navio *Recife*, cujo commando assumiu em virtude do determinado pelo aviso de 21 de dezembro, em 4 de janeiro de 1859.

As condições em que se achava o navio, quasi incapaz de emprehender viagem, não serviu de obstaculo a José Alvim para fazer-se ao mar: taes os esforços e zelo empregados que conseguiu trazel-o a Santa Catharina, onde, depois de mais completos reparos, seguiu para o Rio de Janeiro. Por essa razão foi louvado pelo aviso de 27 de abril daquelle anno.

Por desarmamento do mesmo navio passou a commandar o *Capiberibe*, conforme determinou o aviso de 4 de março de 1861, o que se realisou a 27 do mesmo mez.

Nomeado commandante da corveta a vapor *Ypiranga*, conforme foi communicado por aviso de 11 de maio seguinte, nella desempenhou diversas commissões ao sul e ao norte, dando cabal desempenho de accordo com suas qualidades de provecto marinheiro.

Desejoso de servir na sua terra, foi nomeado para commandar a Companhia de Aprendizes Marinheiros pelo aviso de 18 de maio de 1863; deixou por essa razão o commando do *Ypiranga*. A 10 de junho assumia o exercicio do cargo para o qual fôra nomeado.

Rebentára a guerra contra o Paraguay. A postos chamara o governo os seus filhos e José Alvim promptamente acudiu, deixando o commando da Companhia de Aprendizes Marinheiros em 26 de julho de 1865, seguiu para o Rio de Janeiro no paquete *Santa Maria*; onde, apresentando-se ao Quartel General de Marinha, foi nomeado para commandar a corveta a vapor *Marcilio Dias*, cujo commando assumiu a 24 de agosto, seguindo para o Rio da Prata.

Ia por sua vez José Maximiano Alvim em afanosa lide prestar serviços na tremenda luta travada no Paraguay; si não lhe coube partilhar das gloriosas jornadas em que

se empenhou seu heroico irmão Francisco, futuro barão de Iguatemy, que desde o começo, em que na campanha appareceu, se tornou admirado pelo modo com que se houve, teve comtudo a missão, de certo muito mais suave e menos arriscada, de ser o mensageiro de nossas victorias e de transportador de elementos necessarios á consecução dellas.

Depois dos brilhantissimos feitos da nossa esquadra, em Riachuelo, Mercedes e Cuevas, que deram em resultado o livre caminho pelas aguas do Paraná, foi iniciada pelos navios que a compunham e outros que a ella se reuniram, a destruição dos obstaculos levantados á margem do Paraguay. Varridas della os baluartes erguidos, e derrocadas as baterias do Itapirú, apresentou a esquadra ao exercito a entrada que devia elle seguir na sua gloriosa marcha para a conquista final da victoria.

Devido a isso foi resolvida a passagem do exercito alliado para o territorio inimigo.

O chefe Alvim, com aquella galhardia natural que lhe era tão peculiar, abriu caminho, até então desconhecido pelo Paraná acima e certificou nada haver a temer por aquella parte, emquanto outra esquadrilha, explorando o Paraguay até o Atajo, reconhece que o melhor local para desembarque do exercito era justamente junto á embocadura do mesmo rio.

Para o embarque das tropas alli estavam os transportes necessarios, e no meio delles estava o *Marcilio Dias*.

Dadas as instrucções pelo almirante a todos os commandantes reunidos a bordo do capitanea, ao escurecer do dia 15 de abril de 1846, approximaram-se os transportes *Izabel*, *Presidente*, *Marcilio Dias*, *Duque de Saxe*, *Riachuelo*, *Galgo*, *Whiteinch*, *Viper*, *Suzan Bearn*, *Berenice*, *Voluntario da Patria* e *General Osorio*, em que embarcaram duas divisões, oito boccas de fogo do 1º regimento de ar-

tilharia a cavallo e um piquete de cavallaria, tudo ao mando do bravo general Osorio.

Coube ao chefe Alvim tudo dispor e organisar; tal a ordem, o silencio, methodo e exactidão com que foi feito o embarque que servirá de feito á nossa historia militar esta operação. Não foi preciso pedir lições a ninguem.

Era immenso o enthusiasmo das tropas, assevera uma correspondencia do exercito...

Os generaes de divisão, commandantes de brigada e de corpos, a joven officialidade dos tres exercitos davam e executavam com verdadeiro enthusiasmo as ordens que o serviço exigia. Quanto ás tropas, parecia que as cha mavam para grande festa, tal era a sua alegria...

Uma especie de agitação dominava no porto do Passo da Patria, mas agitação methodica e solemne, que principiava no *Apa*, navio chefe, e se transmittia aos extremos dessa numerosa frota... Era um quadro grandioso esse que apresentavam quarenta mil homens, arrumandose para o desembarque em território inimigo, o que importava dizer, para uma batalha, ao saltar em terra.

Depois deste importantissimo serviço, coube ao *Marcilio Dias* em 31 de agosto do mesmo anno, com o *Izabel*, *Leopoldina*, *Riachuelo*, *Galgo*, *Pedro II*, *Presidente*, *General Flores* e *Diligente*, transportar o 2º corpo do exercito, composto de 8.385 homens, para a guarda do Palmar.

Por ordem superior, passou José Alvim para o transporte *Izabel* em 30 de outubro, regressando a 28 de novembro ao Rio de Janeiro, onde assumiu o commando do *Marcilio Dias*. Partindo para o sul, chegou a Santa Catharina a 10 de Janeiro de 1867, a Montevidèo a 20 do mesmo mez e de regresso ao Rio em 26 de fevereiro. Por ordem superior, passou de novo a commandar, porém interinamente, o transporte *Izabel*, em 13 de abril de 1868,

seguindo para Montevidéo onde chegou a 20 do mesmo mez e de regresso ao Rio em 1 de Junho.

Por aviso de 11 de junho foi nomeado para effectivamente commandar o navio em que se achava, começando uma serie ininterrupta de viagens de ida e vinda a Montevidéo.

Assim, a 25 de julho chegava a Montevidéo, ao Rio a 29 de agosto; a Montevidéo em 17 de setembro, ao Rio a 14 de outubro; a Montevidéo em 28 do mesmo mez, ao Rio a 28 de novembro; a Montevidéo a 5 de janeiro de 1869, a Santa Catharina a 7 de fevereiro, a Montevidéo a 6 de março; ao Rio a 11 de abril, a Montevidéo a 6 de maio; a Santa Catharina a 9 de junho, a Montevidéo em 22 de setembro; a Santa Catharina a 26 de outubro; ao Rio a 4 de novembro; a 22 do mesmo mez a Montevidéo; ao Rio a 25 de dezembro.

A extraordinaria somma de actividade despendida por Alvim nessas constantes viagens, conduzindo tropas, munições, feridos convalescentes e prisioneiros, abalaram seu organismo.

Promovido ao posto de capitão tenente, hoje capitão de corveta, por decreto de 2 de dezembro de 1869, no quadro ordinario, pediu e obteve tres mezes de licença para tratamento de sua saude em Santa Catharina, finda a qual apresentou-se em 25 de julho. Em 17 de agosto apresentou seu pedido de reforma por motivo de molestia e sendo inspeccionado de saude foi julgado incapaz. Em 8 de agosto de 1870 foi passado para a 2ª classe.

Inspeccionado novamente em 31 de outubro de 1871, foi-lhe por aviso de 25 de novembro permittido continuar a gosar da licença em Santa Catharina, emquanto continuasse na 2ª classe.

No seio da familia que havia constituido a 10 de abril de 1858, casando-se com d. Adelaide Maria do

Valle Alvim, procurou José Maximiano descanso e allivio á sua molestia.

Sentindo-se fortalecido e apto para no mar continuar a exercer a sua profissão, pediu e obteve licença para se empregar em navios do commercio, o que lhe foi concedido por aviso de 9 de julho de 1872.

Na Companhia Nacional de Navegação a vapor obteve José Maximiano o logar de commandante em seus vapores onde com tanto zelo e dedicação deu provas de sua aptidão profissional.

Resolvido a dedicar toda a sua actividade á marinha mercante, apresentou em 17 de setembro de 1876 o seu pedido de reforma e sendo inspeccionado de saúde, foi a 30 de outubro julgado incapaz para o serviço activo da armada, continuando, porém, na segunda classe até que por decreto de 23 de fevereiro de 1876 foi reformado no posto de capitão de fragata graduado.

Deixava assim de vez a marinha de guerra o provecto official para dar ao commercio maritimo a sua infatigavel dedicação.

Em 1879 coube-lhe a honrosa distincção de conduzir ss. magestades imperiaes á provincia do Paraná por cujo desempenho foi mandado elogiar pelo ministerio do Imperio.

Dá testemunho do quanto era conceituado José Alvim na companhia da qual era um dos principaes elementos o relatorio dos annos de 1881 a 1882, no qual declara a directoria que só tinha expressões de louvor para pronunciar quando se réfere aos mais antigos commandantes José Alvim e Prado Seixas, contando que os novos procurarão imital-os.

Os serviços de José Alvim tornaram-se imprescendiveis á Companhia, sua alta capacidade administrativa, suas resoluções promptas e acertadas levaram-n'o ao cargo

de sub-gerente e depois á directoria de setembro de 1885 a dezembro de 1886.

Não se sentia bem José Alvim fóra de seu elemento; a vida do mar o chamava e por essa razão renunciou o cargo para voltar a commandar; os accionistas, porém, da Companhia o fizeram voltar ao cargo de director onde o encontrou a fusão da sua com a Companhia Brazileira de Navegação.

Organisado o Lloyd Brazileiro em 1890, foi José Alvim eleito um dos seus directores, posição em que se conservou em todas as phases por que passou essa empreza, excepto a da liquidação forçada da mesma companhia.

A dissolução da Companhia Novo Lloyd Brazileiro em 31 de março de 1906 pela transferencia do acervo á firma M. Buarque & C., fez com que deixasse o probo commandante Alvim a direcção da empreza.

Não podia, porém, a nova administração prescendir dos serviços e conselhos do proficiente marinheiro, que pelo governo, para galardoar seu zelo na direcção de uma companhia que tantos favores recebia do Thesouro, o havia promovido por decreto de 24 de fevereiro de 1897 ao posto de capitão de mar e guerra honorario. Nomeado consultor technico da nova empreza, veio a morte encontral-o a 10 de maio de 1906.

Deixava assim de existir o illustre official que, pelo seu caracter leal, franco, recto e generoso se tornou querido de seus chefes e idolatrado pelos seus subordinados e respeitado por todos os que o conheceram.

Incapaz de uma injustiça, verdadeiro de palavra, severo no cumprimento do dever, illibado de caracter, estava sempre prompto a auxiliar a quem a elle recorresse. Nelle encontravam os seus comprovincianos verdadeiro amparo.

XIII

O PRIMEIRO-TENENTE EMILIO AUGUSTO DE MELLO E ALVIM

(ENGENHEIRO DE MACHINAS)

Da progenie illustre deixada pelo chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim, havida de seu consorcio como Mauricia Elysia de Mello e Alvim, é o ultimo rebento masculino o nosso biographado.

Não degenerou elle do destaque em que no Brazil foi tida a notavel familia dos Alvins, nelle como nos irmãos, não se perderam os predicados de lucida intelligencia, de talento e de nobresa de caracter, apanagio esse que mais realçava os foros de fidalguia cuja linhagem ia esconder-se em passadas gerações.

Como a maioria de seus irmãos, procurou Emilio Alvim a carreira maritima, para terminal-a com proveito na engenharia naval, onde se especialisou.

Nascido na então cidade do Desterro a 7 de dezembro de 1837, seguiu em companhia de seus paes para o Rio se Janeiro, onde iniciou seus estudos, e como alumno externo da Academia de Marinha, e foi por aviso da secretaria de marinha de 22 de fevereiro de 1853 mandado matricular como alumno externo no primeiro anno do curso.

No anno seguinte teve praça de aspirante a guarda-marinha e, sendo approvado nas materias que constituiam o segundo anno do curso, seguiu para o Rio da Prata na fragata *Amazonas*, á disposição do chefe commandante da divisão naval, conforme determinou o aviso de 4 de Dezembro de 1854.

Era que seu irmão, o capitão-tenente Francisco Cordeiro Torres e Alvim, queria que o cherubim da familia se tornasse provecto na carreira abraçada. Sob as ordens

de tão intrepido quão emerito mestre, não descançou o joven aspirante no periodo de férias: tomou parte nos cruzeiros que fez nos mares do sul o navio de Francisco Alvim.

Approximando-se a abertura das aulas, regressou Emilio do Rio da Prata, na charrua *Carioca* e, apresentando-se a 27 de fevereiro de 1855 ao quartel general, foi mandado matricular no terceiro anno do curso a 1 de março.

Primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim

Promovido a guarda-marinha por aviso de 29 de novembro do mesmo anno, teve embarque na corveta *D. Izabel* em 18 do mez de dezembro para seguir em viagem de instrucção até ao cabo da Boa Esperança.

Desta viagem que se prolongou até 2 de fevereiro de 1856, regressou ao Rio de Janeiro, continuando, porém, embarcado no mesmo navio e nelle fez diversas outras commissões tanto ao norte, como ao sul do Brazil; basta dizer que, naquella época, pouco descançavam os navios no porto.

Preparava-se a corveta *Imperial Marinheiro*, a primeira deste nome, para emprehender uma viagem ao Mediterraneo e portos europeus banhados pelo Alantico.

Tinha esse navio por commandante o capitão-tenente Francisco Cordeiro Torres e Alvim cuja nomeada de official completo dia a dia mais crescia: cada commissão que desempenhava era um novo triumpho colhido a reunir aos

muitos que possuia, e nella embarcou Emilio a 12 de janeiro de 1857.

O que foi esta viagem diz-nos o brilhante relatorio escripto pelo provecto commandante e que foi publicado em avulso pelos muitos ensinamentos que encerrava.

Na Revista portugueza o *Panorama* os mais rasgados elogios são dedicados ao distincto official que a commandava e a todos os officiaes de sua guarnição: uma xylographia representa o navio ancorado no porto de Lisboa.

De regresso dessa longa viagem, em 4 de fevereiro de 1858, coube ser louvado com os demais officiaes e praças da guarnição pela digna e briosa conducta militar e civil de que deram exhuberantes provas em todos os paizes visitados pelo nosso pavilhão.

Nessa viagem, nas visitas feitas aos arsenaes e estaleiros, nasceu no espirito do joven official a idéa de dedicar-se ao estudo das machinas a vapor maritimas e nesse sentido começou com verdadeiro afinco o estudo theorico necessario, valendo-se dos seus conhecimentos adquiridos na Academia e do seu talento para, em bases firmes, assentar os elementos que fosse adquirindo pela leitura dos livros publicados sobre o assumpto.

Nesse proposito, logo que chegou ao Rio de Janeiro, pediu para praticar nas officinas de machinas do Arsenal de Marinha, o que lhe foi concedido por aviso de 9 de maio.

Promovido a segundo-tenente por decreto de 11 de junho de 1858, continuava seus estudos quando, a 19 de novembro do mesmo anno, foi mandado servir no brigue *Itaparica*, afim de completar o tempo de embarque exigido pela lei. Nesse navio pouco se demorou, pois passou para a corveta a vapor *Paraense*.

Decidido a seguir a nova carreira, pediu e obteve licença para na Europa estudar a especialidade escolhida;

foi-lhe esta concedida por aviso de 30 de novembro e da corveta *Paraense*, donde se achava, passou para a corveta *Jequitinhonha* em 3 janeiro de 1859, donde desembarcou em 21 de fevereiro.

Na Europa, em officinas francezas e inglezas, deu Emilio as maiores provas de interesse pela especialidade a que se dedicara.

Promovido a primeiro-tenente, por decreto de 2 de dezembro de 1861, acompanhava na Europa com vivo interesse o desenvolvimento da construcção naval e os progressos introduzidos nas machinas a vapor, do que deu provas, apresentando ao nosso governo, por intermedio da Legação em Paris, uma — *memoria indicativa das alterações introduzidas na arte militar naval pelo novo systema de navios encouraçados e de artilharia especial.*

A apresentação dessa memoria valeu-lhe ser elogiado por aviso de 4 de outubro de 1862, declarando o governo havel-a recebido com satisfação e esperar que continuaria a dar provas como esta de sua applicação.

No intuito de completar seus estudos, pediu e obteve o tenente Emilio Alvim mais um anno de licença concedida pelo aviso de 27 de fevereiro de 1863.

Necessitando o governo de seus serviços, expediu ordem á nossa legação em Pariz para que o fizesse regressar ao Brazil logo que findasse a licença: de facto, a 19 de maio de 1864, apresentava-se Emilio Alvim ao Quartel General.

Nomeado director das officinas de machinas do arsenal de marinha da Bahia, em 15 de junho seguinte, embarcou-se para aquella provincia, assumindo o respectivo cargo. As exigencias da guerra que sustentámos a principio contra o Estado Oriental e depois contra o Paraguay levaram os nossos arsenaes a um trabalho incessante: a actividade

dos chefes e operarios não tinha descanço na satisfação dos urgentes concertos dos navios entregues ás officinas e na fabricação de outras peças para serem remettidas directamente á esquadra.

Creado que foi o arsenal do Cerrito, no Paraguay, desafogados ficaram os demais e, aproveitando-se dessa circumstancia, pediu Emilio Alvim seis mezes de licença para tratamento de saúde na Europa. Sendo, porém, seus serviços necessarios, foi chamado ao Rio de Janeiro, conforme determinou o aviso de 12 de março de 1868, desistiu dessa licença, regressando em 26 desse mez á Bahia, onde reassumiu as funcções que exercia.

A navegação do caudaloso rio S. Francisco, depois das explorações feitas pelos engenheiros Halfeld e Krauss e pelo naturalista e astronomo Emanuel Liaes, foi assumpto a que se dedicou o presidente da Bahia, dr. Manuel de Souza Dantas, e nesse sentido foi ajustada em 1866 esse serviço com o sr. Justino Nunes Santa Sé.

Com a companhia — Ponta d'Areia, do Rio de Joneiro, pela quantia de 25 contos, foi contratada a construcção de um vapor de ferro, de 20 pés de comprimento, podendo ser transportado em peças desde o ponto terminal da estrada de ferro em Alagoinha até Joazeiro.

As difficuldades de transporte elevaram o preço desse vapor de 74 contos, posto na Bahia, a 138, posto no Joazeiro. Para a montagem desse vapor, que se chamou *Dantas*, requisitou o presidente da Bahia o engenheiro Emilio Alvim para dirigir tal serviço. Assim é que, por aviso de 15 de novembro de 1871, transmittido áquella presidencia, teve ordem de seguir para a villa de Joazeiro, levando os operarios necessarios á montagem do casco e machinas do dito vapor.

Em 3 de janeiro de 1872, partiu Emilio Alvim para dar cumprimento á ordem recebida, demorando-se naquella logar até 28 de junho. De regresso, obteve uma licença

de seis mezes, della se apresentando em 4 de fevereiro de 1873. Pediu em seguida para entrar no goso da que lhe fora concedido em 2 de maio, afim de tratar de sua saude na Europa.

Em 26 de setembro apresentou-se e reassumiu o exercicio do seu cargo no arsenal da Bahia, para deixal-o a 26 de setembro, visto ter que seguir novamente para o rio S. Francisco em commissão que lhe fora determinada pelo presidente da provincia: a montagem de um novo vapor. Dessa commissão regressou a 8 de abril de 1876, pediu e obteve nova licença de seis mezes da qual se apresentou a 6 de novembro do mesmo anno.

O precario estado de saúde de Emilio Alvim não consentiu que por mais tempo empregasse a sua actividade e talento no ramo de sua especialidade.

Aggravada por ultimo a molestia nas commissões ás margens do S. Francisco, onde imperavam as febres palustres, veio a fallecer no dia 21 de julho de 1877 na capital da Bahia, deixando um nome honrado e probo, aureolado pelas bellas qualidades que tanto illustraram a sua familia.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XIV

O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira

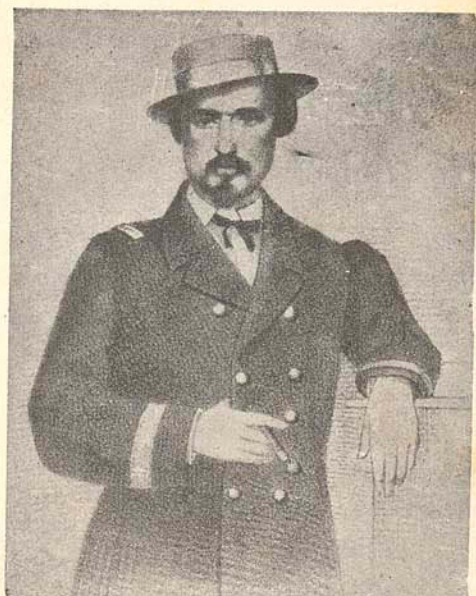
POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE FRAGATA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

PRIMEIRO TENENTE
José Ignacio da Silveira

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XIV

O PRIMEIRO-TENENTE JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA

O littoral catharinense, povoado pelos pacificos e, industriosos *carijós*, tão dados á pesca, dando guarida desde o seu descobrimento, a marinheiros transfugas e dispersos das frotas que para alli rumavam em busca de reparos, refrescos e repouso, antes de continuar suas explorações nos mares do sul e costas do Pacifico produziu homens talhados e dedicados á fadigosa profissão maritima. Nelles energia, vigor, intrepidez e valor nunca faltaram.

A colonisação succedida posteriormente em vez de abafar a virtude marinheira, assim adquirida pelos filhos da terra, veiu bem ao contrario, mais affirmal-a pelo desenvolvimento e aperfeiçoamente trazido pelos novos colonos, os açorianos. Deixaram os filhos dos penhascos dos mares do norte os seus lares para pousarem em ilha mais virente e mais abundosa, — paraiso terreal do Brazil — assim chamada e conhecida a Ilha de Santa Catharina.

Si o sentimento innato na população foi sopitado por leis iniquas, impotentes para destruir aquillo que a natureza criara, as lutas que se succuderam entre portuguezes e castelhanos para resolver seus conterminos no sul do Brazil, fizeram-n'o emergir com mais força, continuando mais vigoroso depois da independencia, prolongando por fim até ao presente.

Os prelios que tiveram por theatro o estuario do Prata, reflectiam-se em Santa Catharina, onde como chave do Brazil meridional iam os navios refazer-se para as lutas ou então dellas descançar, e raro era aquelle que em seu bojo não levasse numerosos filhos da terra amada.

A historia ahi está para dizer quantos delles se tornaram dignos de exemplo pelo heroismo de seu proceder.

Ninho de marinheiros, assim chamada a Ilha de Santa Catharina, em escripto na *Liga Maritima Brazileira* e na *Revista Catharinense*, pela snrª d. Jesophina Boiteux, é de facto a terra, donde relativamente maior numero de filhos tem sahido para no mar dar á patria os melhores de seus serviços: quer na paz, quer na guerra sempre se mostraram dignos do nome brazileiro.

De raça de marinheiros descendia o primeiro-tenente José Ignacio da Silveira, nascido na cidade do Desterro a 13 de dezembro de 1839, filho de Alexandre Ignacio da Silveira e de d. Anna Bernardina de Paula, e neto do capitão de fragata da marinha portugueza A. da Silveira e sobrinho do capitão de mar e guerra José de Oliveira Paes.

O pendor pelo mar desde cedo appareceu em Silveira amparado pelos desejos de seu avô e só se comprazia em brinquedos á beira-mar.

Feitos os seus estudos, seguiu para o Rio de Janeiro onde por aviso de 1 de março de 1855 foi mandado matricular na Escola de Marinha, contando apenas dezeseis annos. Tão galhardamente se revelou como estudante que, por aviso de 7 de dezembro de 1857, era promovido a guarda-marinha.

Ao lado de José Marques Guimarães, seu collega de turma, brilhava o joven catharinense; pela sua vivacidade e amor á careira; ambos faziam honra á terra de seu nascimento.

Mandado embarcar no brigue *Maranhão* a 9 de dezembro para nelle fazer a viagem de instrucção, dois dias depois passou para o *Itaparica*, visto ter resolvido o governo fazel-o sahir em viagem em vez do primeiro.

De regresso, no anno seguinte, de Montevidéo, chegou novamente áquelle porto no brigue *Calliope*, fazendo parte da força naval alli em estação sob as ordens do capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro e Alvim que havia substituido em 5 de janeiro o chefe Jesuino Lamego Costa.

Promovido ao posto de segundo-tenente por decreto de 23 de fevereiro de 1860, destacou do brigue em que se achava embarcado para o vapor *Tieté*, regressando quatro dias depois. Em 13 de junho seguinte passou para a corveta *Thetis* que seguia para o Rio de janeiro, onde ao chegar foi nomeado para servir na Estação Naval do Maranhão. Para essa commissão partiu no vapor *Tocantins* em 16 de outubro, onde se apresentou sendo-lhe designado embarque na canhoneira *Camaquan* a 21 do mesmo mez. Nesse navio se conservou até 17 de maio de 1861 quando passou a servir na conhoneira *Ibicuhy*.

Tendo o navio em que servia sido posto ás ordens do chefe da commissão de limites entre o Brazil e o Perú, nelle seguiu para o Alto Amazonas.

Promovido a primeiro-tenente por decreto de 2 dezembro de 1862, contando apenas 23 annos, antolhava-se a José Ignacio da Silveira uma brilhante carreira.

Uma parte dada contra elle pelo chefe da dita commissão de limites, fel-o responder a um conselho de guerra que o absolveu, confirmada esta sentença pelo Supremo Tribunal Militar de Justiça a 22 de julho de 1863.

Devido a esta parte, passou da *Ibicuhy* para a *Camaquan* em 6 de janeiro de 1863, desta para o *Pirajá* a 3 de março para o *Pedro* a 7 e o por fim para a *Parnahyba* a 9 de abril, quando baixou ao hospital do Pará em 14

do mesmo mez. Tendo tido alta do hospital e absolvido pelo conselho de guerra em 1 de maio, passou a servir na corveta *Bebiribe* a 13 de maio, seguindo para o Rio de Janeiro, onde embarcou na *Parnahyba* a 21 de agosto e pouco dias depois passou para o *Amazonas*, e desembarcou a 12 de setembro.

Tendo obtido dois mezes de licença para tratamento de saude, seguiu para gozal-a em Santa Catharina; dessa licença apresentou-se em 10 de dezembro de 1863 e a 13 de janeiro de 1864 foi nomeado para embarcar na canhoneira *Mearim* que seguia para o rio da Prata, onde eram chamadas as forças navaes brazileiras, bem como as do exercito para obrigar o governo oriental a respeitar a nossa soberania.

Foi nesse navio que encontrou Silveira, como carpinteiro de bordo, um dos seus antigos companheiros de escola primaria em Santa Catharina, e do qual tinha sido victima de algumas partidas.

Nos bons tempos de escola, ia com seus companheiros, depois das aulas, para a Rita Maria e Aracatá, disputar, quem mais ousado e mais rapido nadador, alcançaria a ilha dos Ratos, fronteiras áquellas praias. Naquelles banhos, tomados ás furtadellas, muitos dos companheiros ficavam á beira-mar, uns receiosos, talvez daaventura, outros, intencionalmente, para pregarem peças aos banhistas. Entre elles, achava-se um, o Thomaz Teixeira Couto, o *Malada*, o futuro carpinteiro de bordo, que para fazer uma troça a Silveira, de quem se queixava de identica, tomou-lhe as roupas e depois de humedecel-as, deu diversos nós nas mangas da camisa e nas pernas das calças; deste modo humida como estava a roupa, mais apertados ficaram os nós e por consequencia mais difficeis de serem desfeitos.

Taes nós são chamados entre os rapazes de *biscoutos*. E quando a victima delles, furioso e impaciente, procura

desfazel-os empregando maism comnumente os dentes, os autores da pilheria e os circumstantes, em côro, gritam *roe, roe biscoutos*.

Dessa peça, que valeu a Silveira severa punição, ao chegar em casa, nunca se esqueceu elle e prometteu a *Malada* que o não perdoaria.

Ao ver o carpinteiro a bordo, lembrou-se Silveira dos duros *biscoutos* roidos, e elle sempre com aquella verve e jovialidade que o não abandonavam, chamou-o e disse-lhe: Então, *Malada*, cahiste debaixo de minha escota? Lembras-te dos *roe biscoutos?*

Ao que, assustado, o carpinteiro, sabendo que Silveira, sempre traquinas, não deixaria de pregar-lhe alguma peça, lhe respondeu: «Ora, sr. tenente, aquillo foi brincadeira de criança».

— Nada, nada, atalhou o official, ainda os tenho atravessados na garganta, não os digeri. E todas as vezes que se achava de quarto em viagem, durante a noite, mandava acordar o carpinteiro para que sondasse os porões e lhe communicasse o numero de pollegadas dagua. Ao dar-lhe o resultado, dizia rindo Silveira. *Me fizeste roer biscoutos, gurna frio agora.* E lá sahia o carpiteiro a resmungar, tendo antes recebido ordem para, antes de deixar o quarto, vir fazer-lhe nova communicação.

Em outra occasião, no Rio Grande, ao passar o tenente Silveira por uma rua, onde em certo casa, havia um baile popular, percebeu nelle *Malada*, que mais do que qualquer outro se destacava pelo enthusiasmo. Chega-se Silveira á janella e faz signal a *Malada* para que lhe viesse fallar e, levando-o para um sitio mais retirado, faz com que este lhe emprestasse o seu jaquetão e bonet, em troca de seu uniforme.

Apezar dos protestos de *Malada*, a troca é feita e eis Silveira no festim.

Um conflicto tremendo sobreveio e Silveira, aproveitando-se d'elle seguiu para bordo, deixando em talas o carpinteiro, a engendrar um meio para se apresentar, sem incorrer em punição.

Da canhoneira *Mearim* passou Silveira a embarcar no vapor *Maracanan* em 1 de abril de 1863 e deste para a corveta *Belmonte*, em 17 de novembro de 1864, que fazia parte da força que sob o commando em chefe do almirante Tamandaré, bloqueava os portos do Estado Oriental.

No dia 5 de dezembro tomou parte no bombardeio da cidade e forte de Paysandú, com os navios *Recife*, *Parnahyba*, *Araguay* e *Ivahy* e do mesmo modo nos subsequentes.

Os brilhantes feitos praticados e mesmo a temeridade no ataque com a diminuta força desembarcada da esquadra auxiliada pelas forças de Flores, demonstraram que seria arrojo inutil dar segundo assalto áquella praça, sem maior numero de atacantes.

Resolveu o almirante, por essa razão, esperar mais alguns dias e nesse intervallo ordenou a *Parnahyba* que seguisse para Buenos Aires, afim de trazer recursos dos navios que ali se achavam, pois necessitava de munições de artilharia e, do mesmo modo, ao general Flores faltavam projectis para sua artilharia raiada e tambem polvora e cartuchame.

De facto, trouxe o *Parnahyba* muitos recursos bellicos, armamento de mão, munições e mais 100 praças do batalhão naval e marinheiros do *Paraense* e da *Nictheroy*, duas peças de calibre 30 e duas de 6, de desembarque.

Dizia o 1° tenente Francisco José de Freitas, um dos bravos do dia 6, em prova do descaso com que no Brazil sempre foram tratadas as forças armadas — *Tudo era contra nós; e porque? Porque estavamos como que abandonados*

de ha muito e á espera de um exercito que, sempre em marcha, nunca chegava... E porque? Seja dito de passagem, para corraborar esta ultima das nossas proposições que chegavam batalhões que não tinham 300 homens, quando o seu estado efficiente devia subir além de 800.

E para que mais? si algum dos nossos eminentes têm como como desnecessarios o exercito e a marinha? Para que mais? si para alguns é preciso que não vingue a força militar, nem mesmo com prejuizo sensivel para o paiz?

Assim foi e tem sido desde a nossa independencia. O legado de 1831 persiste como phanal que illumina a consciencia.

Era preferivel pedir desculpas pelas affrontas recebidas dos povos platinos e deixar os inglezes a policiar a nossa costa, commettendo todas as offensas á nossa soberania do que ter exercito e marinha.

Depois do heroico assalto e consequente tomada da praça, seguiram os navios para bloquear o porto de Montevidéo, cuja capitulação teve logar a 20 de fevereiro de 1865.

Para levar a boa nova ao Rio de Janeiro passou o tenente José Ignacio da Silveira para o *Recife* que partiu a 22 do mesmo mez. Ao chegar ao Rio de Janeiro, desembarcou em 7 de março, com licença.

As armas brazileiras eram chamadas de novo, para a campanha que se ia abrir contra o Paraguay, que, accudindo ao appello de Aguirre, havia preparado suas hostes contra o Brazil, invadindo sem prévia declaração de guerra, a provincia de Matto Grosso e aprisionado, antes, no porto de Assumpção, um vapor nacional, o *Marquez de Olinda.*

Para o Paraguay, seguia o encouraçado *Tamandaré*, construido no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro em quatro mezes e vinte e tres dias. Mas batida a quilha a

30 de janeiro de 1865, foi lançado ao mar em 23 de junho do mesmo anno, nelle teve embarque o 1º tenente José Ignacio da Silveira em 1 de julho de 1865.

Ao chegar a Corrientes, onde se achava o alludido encouraçado, o primeiro construido no Brazil, foi elle encorporada á esquadra bloqueadora, fazendo parte da 3ª divisão.

O papel que na campanha representou esta unidade naval foi brilhantissima. Si foi arma de extraordinario poder de destruição, confiada a valentes e destemidas almas, tambem, por uma fatalidade, serviu de uma só vez a tumulo de diversos heroes, e entre elles o nosso biographado.

Depois dos memoraveis e brilhantes feitos do Riachuelo, Mercedes e Cuevas, ia a nossa esquadra sob a direcção immediata do seu commandante, em chefe, o vice-almirante visconde de Tamandaré, iniciar uma segunda phase de triumphos e de gloriosas jornadas. Novos heroes iam apparecer augmentando assim o numero daquelles já sagrados anteriormente; os feitos desses serviam de incentivo aos que anhelavam passar pelas provas necessarias á tempera. Si muitos não conseguiram o triumpho na cruenta luta, outros demonstraram que não temiam a morte e pungidos embora pela dôr, encaravam-na com stoico animo : sabiam morrer ao menos.

Está nestes casos o primeiro tenente José Ignacio da Silveira : quiz a fatalidade, tão sómente a fatalidade que, logo ao começo, na primeira peleja, tivesse ceifada a vida. Perdeu-a, é verdade, porém como um espartano.

Para dizer como aconteceu o lutuoso facto é preciso epilogar, embora succintamente o grande drama desenrolado nas margens do Paraguay, para chegar ao ponto em que desappareceram tantos protagonistas.

Ordenara o vice-almirante Tamandaré, já impaciente pela demasia da demora em iniciar-se as operações contra o Paraguay, que a esquadra se fosse collocar em posição e neste sentido, no dia 17 de março de 1866, de Corrientes partiram para as Tres Boccas, ás 8 horas da manhã, a 2ª divisão composta do couraçado *Barroso*, com a insignia do chefe, capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues, da *Araguary*, *Ivahy*, *Iguatemy* e couraçado *Brazil* ás 9 horas, a 3ª divisão commandada pelo capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, que arvorava o seu pavilhão na *Beberibe*, seguida pela Mearim, couraçado *Tamandaré*, *Ypiranga* e *Parnahyba* e finalmente, ás 2 horas da tarde, a 1ª divisão sob o mando directo do visconde de Tamandaré que levava em sua companhia o barão do Amazonas. Compunha-se esta divisão de vapores *Apa*, com a insignia do commando em chefe, do *Onze de Junho*, navio hospital, couraçado *Bahia* e transporte *Princeza*, com tropa de desembarque.

Ao lado destes navios seguia o transporte *Cysne*, levando o conselheiro Octaviano, nosso ministro e o aviso *Lindoya*.

Ao suspender a esquadra das margens do Paraná, de uma immensidade de povo, partia enthusiastica manifestação ás forças alliadas, como aconteceu, na margem paraguaya, ao fundear a mesma esquadra, porém alli cheia de curiosidade por ver os primeiros couraçados que sulcavam aquellas aguas.

Duas horas depois de fundeada a esquadra em Santa Anna, foi presentida por ella, a cinco milhas de distancia e em frente ao forte de Itapirú, um vapor paraguayo que parecia espial-a, occulto por detraz de um pontal de areia, em cuja missão se occupou até ao anoitecer.

Pela manhã seguinte teve o chefe Alvim por incumbencia ver se o sorprehendia, para o que seguiu no cou-

raçado *Tamandaré*, onde se achava embarcado o tenente Silveira e com aquella galhardia a elle tão peculiar, chegou até meia milha do forte que immediatamente se preparou para combate, mas não hostilisou o navio. O vapor havia desapparecido.

A 19 incorporaram-se á esquadra a *Araguahy*, *Iguassú* e *Henrique Martins* e ainda ficaram no porto de Corrientes a *Amazonas*, *Magé*, *Belmonte*, *Maracanã*, *Itajahy*, *Igurey* e muitos transportes.

Tendo o almirante disposto a esquadra de fórma que a 1ª e 3ª divisões occupassem uma linha desde as Tres Boccas até á altura do forte do Itapirú, ficando o *Apa* na testa da linha e a 2ª divisão na embocadura do Paraguay, tambem em linha, cuja testa era o *Barroso*, deste modo interceptava todas as communicações do inimigo entre os dois rios Paraná e Paraguay.

Não dispondo a esquadra de praticos do Paraná, rio difficil de navegar, não só pelo pequeno fundo, como por ser eriçado de bancos de areia e pedras, além de haver correnteza forte, resolveu o almirante que por elle subisse o chefe Alvim, com instrucções para reconhecer os passos do Alto-Paraná até ao Itati, afim de escolher o logar mais favoravel para effectuar-se a passagem do exercito.

Para essa commissão seguiu o *Tamandaré*, acompanhado do *Araguary*, do commando do primeiro-tenente Hoonholtz, e nelle embarcados o primeiro-tenente Silveira da Motta, secretario do almirante, e do primeiro-tenente Cunha Couto, commandante do *Iguassú*, encarregados os tres do levantamento hydrographico e do reconhecimento, e, finalmente, a *Henrique Martins*.

Seguiram estes navios até á ponta de Toledo, duas e meia leguas acima do Passo da Patria, procedendo a minucioso estudo; encontraram muitas canôas cheias de soldados paraguayos que se refugiavam nos arroios apenas

eram avistadas, e viram além disso, entre a ilha do Passo da Patria e o forte de Itapirú, um vapor e duas chatas com peças de 68.

Ao regressar esta divisão varcu o *Araguary* sobre uma pedra situada entre a ilha Curajá e a margem esquerda do rio. Este incidente obrigou-o a ficar alli toda a noite, sem ter sido, entretanto, hostilisada.

No intuito de trazer auxilio desceu o primeiro-tenente Silveira da Motta em um escaler.

Os paraguayos que até então se tinham conservado na espectativa, romperam nesse dia as hostilidades; ás 2 horas da manhã uma bateria volante, collocada nas Tres Boccas dirigiu 14 tiros contra o *Barroso*, que não acertaram.

Para auxiliar a *Araguary*, havia enviado o almirante a canhoneira *Mearim* e o vapor *Voluntario da Patria*, indo na primeira o primeiro-tenente Silveira da Motta e neste o tenente Tamborim; ao passarem por Itapirú lhes foram feitos 19 disparos, sem serem attingidos.

Não esperou o chefe Alvim pelos auxilios; com aquella vivacidade e resolução prompta que caracterisavam suas acções, approximou-se da *Araguary* e de tal fórma manobrou que conseguiu pôr a nado o navio, tendo embora encalhado o seu por momentos. Ainda uma vez sua herculea força impediu que seu navio atravessasse á correnteza por se ter partido um dos gualdropes do leme.

Quando chegaram os navios, já se achava a nado a *Araguary*, a qual teve de seguir para Corrientes pela muita agua que fazia.

Ao descerem estes navios o forte de Itapirú, este os alvejou oito vezes, mas em pura perda.

Nesse mesmo dia pela manhã chegaram a bordo do *Apa* os generaes Mitre, Osorio, Flores, Hornos, Palleja e Netto, para uma conferencia, ficando deliberado que no dia 25 a esquadra destruisse as fortificações inimigas e que

o exercito se aproveitasse do ensejo para transpor o rio, e que antes se fizesse um reconhecimento do rio Paraná, assistindo a elle o vice-almirante, o conselheiro Octaviano e o general Mitre com o seu quartel general.

No dia 23, pelas 11 horas da manhã, poz-se em movimento a divisão composta do *Tamandaré*, da corveta *Beberibe* e da canhoneira *Henrique Martins*, escoltando o *Cysne*, onde se achavam o almirante, o general Mitre com seus estados maiores, e o conselheiro Octaviano.

Ao passar o *Cysne* defronte de Itapirú, foram-lhe feitos seis disparos cujas balas de grosso calibre cairam a diversas distancias do vapor sem nenhuma attingil-o; vendo isto, interpuzeram-se entre o *Cysne* e o forte os navios que o protegiam, sendo por isso alvejados pelos paraguayos, porém sem nenhum effeito.

Preenchido o fim da expedição, que chegou até Itaty 22 milhas acima, e que era reconhecer si nas proximidades do Passo da Patria haveria outro ponto que se prestasse á passagem do exercito, regressaram todos os navios aguas abaixo.

Os nossos navios que até então estavam mudos, pois não tinham respondido ao fogo feito pelos fortes, iniciaram nesse dia a peleja; deu-se começo ao duello de artilharia entre as chatas, o forte de Itapirú e os nossos navios.

Despeitados pelo silencio guardado pelos nossos e « levados pelo espirito ardiloso que formava a estrategia de Lopez, trouxeram os paraguayos uma das embarcações que aqui se denominam chatas, com uma peça de 68, e collocaram-n'a sob os fogos da artilharia do Itapirú, mas de modo que as suas balas alcançassem os navios da esquadra que formavam a vanguarda, e tambem o *Cysne*, e os tres vasos que o tinham acompanhado na digressão ao Paraná, quando á tarde tivessem de regressar. Um

pequeno vapor rebocava a chata. A chata é uma lancha excessivamente grande, pois chega a ter 120 pés de comprimento. Como seu nome indica, tem pouco pontal, de fórma que só se levanta dois palmos acima dagua. Todas as chatas são de uma construcção excessivamente forte, e o convéz que vai de popa a proa tem igual solidez. No meio desse convéz ha um grande buraco ou escotilha, que é onde se colloca a peça, a qual fica sómente superior á coberta da chata quando é necessario para poder fazer fogo desembaraçamente. A guarnição carrega a peça quasi sem descobrir-se, e logo se occulta de todo, no que se póde chamar porão da chata.

Sem grande hyperbole póde dizer-se que a chata é um monitor de madeira, porém de madeira quasi tão forte como o ferro, pela sua qualidade e pela grossura das peças. A circumstancia de ser tão rasa e de esconder a sua guarnição e a peça de grande calibre de que sempre usa, tornam uma chata pouco vulneravel, emquanto suas balas, correndo rectas ao nivel dagua, offendem bastante qualquer vaso de guerra ».

Um pequeno vapor paraguayo rebocando uma dessas chatas veio collocar-se ao alcance da nossa esquadra e começou a alvejar os couraçados *Brazil* e *Bahia*. Em vista disto tiveram ordem estes navios de alvejal-a com tiro lento, a modo de exercicio ao alvo.

Aos primeiros tiros da *Brazil*, uma das balas acertou na chata causando-lhe tal estrago que ficou inutilisada, sendo rebocada para a enseada de Itapirú, ao abrigo do forte e vindo pouco depois uma outra substituil-a.

Regressavam nesta occasião os navios da expedição e correndo risco o *Cysne*, que era um pequeno e fragil vapor, de ser mettido á pique si uma das balas de 68 o attingisse, ordenou o almirante que os outros navios o cobrissem e alvejassem a chata e o pequeno vapor que o rebocava.

Em consequencia dos disparos feitos fugiram o vapor e a chata.

No dia 24 repetiu-se a mesma scena: desde cedo começaram os paraguayos a atirar sobre a esquadra, fazendo vinte disparos, não offendendo, porém, nenhum delles a navio algum. Renovando-se á tarde o tiroteio, ordenou o almirante que fizessem exercicio de tiro ao alvo contra a chata, o que a obrigou a retirar-se por ter sido attingido o vapor que a rebocava.

A 24 achavam se reunidos a bordo do *Apa*, além do vice-almirante e seu estado maior, o conselheiro Octaviano com o pessoal da missão, o barão do Amazonas e todos os commandantes das divisões da esquadra em um agape, commemorativo ao anniversario do juramento da constituição, trouxeam os paraguayos á sirga pela margem direita do rio uma chata que situaram defronte do *Apa* e a distancia que as balas de 68 alcançavam facilmente e desde logo iniciaram com excellente pontaria um vigoroso bombardeio.

As balas começaram a cahir umas junto ao costado, jorrando agua no navio, outras passavam a duas braças acima da tolda e finalmente uma penetrando no casco foi fazer grandes destroços no paiol de mantimentos.

Tornando-se desagradavel e menos segura a posição em que se achava o *Apa*, que levou mais de duas horas a soffrer o fogo da chata, ordenou o almirante que, o couraçado *Tamandaré*, commandante Mariz e Barros e a bombardeira *Henrique Martins* commandante Jeronymo Gonçalves, e os dous vasos, sob as ordens do intemerato chefe Alvim, fossem destruir a chata, batendo ao mesmo tempo o forte de Itapirú, caso quizesse elle defendel-a.

Não se fez esperar o chefe Alvim, que ardia em desejos de empregar efficazmente a artilharia de seu navio e com elle o intemerato Gonçalves. Approximaram-se o

mais possivel da chata cuja guarnição, vendo a resolução dos nossos, saltou em terra amarrando-a, com grossas correntes. O forte do Itapirú, como era de esperar, á margem começou afazer fogo com seus grossos canhões, tendo immediata resposta do *Tamandaré* que para elle avançou e em pouco tempo fel-o emmudecer.

Voltou-se depois o chefe Alvim para perto da chata com o intuito de aprisional-a, para o que mandou arriar e guarnecer os escaleres levando alguma força de desembarque.

Os paraguayos só esperavam este momento e descobrindo uma força de infantaria de 800 a 1000 homens, occulta nos mattos da margem do rio, romperam contra os nossos escaleres um violento fogo de fuzilaria, e emquanto estes avançavam sobre a linha paraguay despejaram o *Tamandaré* e o *Henrique Martins* um vivo fogo de metralha que lhes causou horrivel estrago, correndo os paraguayos a abrigar-se em um fosso de ante-mão preparado.

Não conseguindo as guarnições dos escaleres desencalhar a chata e não podendo cortar as amarras que a prendiam á grossas estacas, sendo já noite e não querendo sacrificar seus homens, ordenou o chefe a retirada e a tiros de canhão destruiu a importuna chata, emquanto o tenente Gonçalves contiuuava a metralhar o inimigo.

Nesse combate, o primeiro sem duvida, portou-se brilhantemente o tenente Silveira, pela sua calma e sangue frio, o que lhe valeu ser elogiado pelo seu chefe e não era de esperar outra cousa delle e de todos os officiaes de bordo, tendo para dirigil-o a intrepidez de Alvim.

O primeiro-tenente Gonçalves mostrou nessa occasião, diz uma correspondencia, muito sangue frio e intrepidez. De pé no passadiço do seu vapor e com a bosina na mão, duas horas esteve sob uma chuva de balas, e, caprichos da guerra! não teve uma contusão.

Continua a correspondencia. Das 4 horas da tarde ás 8 1/2 da noite não se interrompeu o fogo de artilharia e de infantaria e, como pela distancia e escuridão da noite era impossivel conhecer de que lado se pronunciavam maiores vantagens, era geral o desejo de saber noticias. O pequeno vapor *Lindoya* ia e vinha com frequencia, levando a seu bordo o bravo primeiro-tenente Silveira da Motta, ajudante de ordens do vice-almirante.

Na esquadra não havia talvez um homem que não ardesse no desejo de ir tomar parte na peleja. Assim foi grande a alegria que se apossou da tripulação do *Apa* quando se mandaram embarcar 20 homens para reforçar a *Henrique Martins*. Todos queriam ser os 20 escolhidos.

Por essa occasião deu-se um facto que merece ser mencionado.

O capitão do 22° de voluntarios (Maranhão) Francisco Sabino Freitas dos Reis, que se achava empregado na missão brazileira, pediu ao sr. conselheiro Octaviano licença para ir com as 20 praças ao logar do combate, e, lá foi, tomando parte nelle com muita bravura até findar o mesmo combate.

Quanto aos officiaes e guarnições do *Tamandaré*, *Henrique Martins* e *Lindoya*, não era possivel excedel-os em bravura. O chefe Alvim dava o exemplo com a intrepidez que o fará breve um dos nossos generaes da armada.

O heróe Mariz e Barros era o mais audaz no perigo, e a sua face rubra de ardimento bellico, dominando o estrepido do combate com a imperiosa e unica voz de fogo, assemelhava-o ao heroe de alguma legenda titanica.

O já mencionado 1° tenente Gonçalves, commandante do *Henrique Martins*, o commandante do *Lindoya*, Antonio Joaquim, e 1° tenente Silveira da Motta, o pratico Etchbarne, que tem honras de 2° tenente por factos

anteriores de bravura, todos elles e os mais officiaes dos tres navios mostraram nesse prologo dos combates a que ahi chegam, de quanto são capazes nossos marinheiros, todos elles não satisfeitos com descobrir-se ás balas inimigas nos seus navios, iam já nos escaleres e sob a fuzilaria inimiga apossar-se da chata paraguaya, quando tiveram ordem positiva para retirar-se, abondonando-a.

Apagados os fogos de Itapirú, destruida a chata e a infantaria paraguaya, fugindo em desordem e dizimada pela metralha, não havia mais inimigo para combater, e pois os vasos brazileiros se recolheram ao seu fundeadouro. Ao passarem perto do navio chefe, as tripulações romperam em vivas ao vice-almirante, que respondeu com vivas ao Imperador.

Deu-se durante o combate a circumstancia de que algumas bombas do *Tomandarè*, cahindo no acampamento da infantaria paraguaya, que fica perto da costa, o incendiaram, estendendo-se rapidamente o fogo por todo elle, segundo podia julgar-se pelo espaço que as chammas abrangiam.

Tal foi o pequeno mas animado combate no dia 25 de março, o primeiro de nossa esquadra nas margens do Paraguay; e, si é exacto que de nossa parte não houve perdas consideraveis, não o é que igual causa succedesse ao inimigo.

A precipitação com que se viu fugir para o matto ou atirar-se ao chão, a interrupção de seus fogos por vezes, e até a circumstancia de não apresentarem nunca mais uma força de infantaria nem para defender as chatas, mostra que os paraguayos levaram uma lição bem dura. »

Não serviu de escarmento a mostra dada pela divisão do chefe Alvim naquelle dia, pois mais encarniçados se tornaram os paraguayos no emprego de suas chatas. Uma nova chata foi trazida como na vespera e collocado no

mesmo logar, donde começaram a alvejar o *Apa*, conseguindo metter neste vapor tres balas, uma das quaes causou ferimentos em um marinheiro e ligeiros estragos no navio.

Coube ainda ao *Tamandaré* e ao *Brazil* a missão de bombardear a chata, tendo antes feito o primeiro muitos tiros contra o forte, que se conservou mudo, talvez par ter ainda desmontadas as peças que empregára na vespera. Deixando o forte, approximou-se da chata, cuja guarnição, aos primeiros tiros do *Brazil*, a abandonou, fugindo para o matto.

Depois de alguns tiros, uma bomba alcançou a chata, acertando no paiol de munições, fel-a explodir, fazendo a ir pelos ares e a peça jogada ao rio. Um *hurrah!* coroou o effeito produzido pela pontaria feita pelo proprio commandante do *Tamandaré*, o primeiro-tenente Lima Barros, o pundonoroso official que se expunha a todos os perigos e abandonando-se de um modo temerario, para patentear o seu valor como pretexto a um indigno inimigo que ousou pôr em duvida a sua coragem e pelo desgosto que lhe causou, quando esperava com certeza a sua promoção, o recebimento da noticia de ter sido preterido.

Tendo os generaes alliados e o ministro Octaviano resolvido fazer no dia seguinte uma nova exploração pelo Alto Paraná até Itaty, com os vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos Aires* e a canhoneira *Henrique Martins*, foram dadas as providencias nesse sentido.

Nesse dia não ousaram os paraguayos trazer nova chata a descoberto, collocaram-n'a encoberta por detraz da ponta de pedras, de fórma que apenas se podia perceber a parte superior della, e do esconderijo iniciou o bombardeio.

Contra ella e o forte avançaram o *Tamandaré* e o *Bahia* e desde ás 10 horas da manhã até ás 4 horas da

tarde, embora pausadamente, troou a artilharia, nunca interrompida de uma e outra parte.

Si não soffreu a chata, pela posição que occupava, em compensação era o forte fulminado; pela poeira e destroços que subiam ao ar, calculava-se o estrago que as balas e bombas produziam.

Não guiava porém, o *Tamandaré* a boa estrella de Alvim.

A's 4 horas da tarde, o *Tamandaré* começou a retira andando atraz, porque o canal estreito não lhe permittia dar a volta; tornava-se necessario dar descanço á guarnição fatigadissima e afogueada por um calor intoleravel que reinava; regressava para seu logar na linha sem grandes avarias e felizmente sem perda de gente.

Estava já a bastante distancia do forte e da chata, quando uma bala do forte alcançou-o e por fatalidade, rompendo a téla de correntes que protegia uma das portinholas da casamata, nella penetrou, produzindo medonha catastrophe: das 50 ou 60 pessoas que se achavam na casamata, 34 foram feridas ou mortas pelos élos da téla convertidos em novos projectis e pela propria bala de 68 que, de recochete, de uma a outra parede multiplicava o seu effeito destruidor.

Para maior desgraça ainda não se tinham verificado os estragos da primeira bala quando uma segunda os veiu augmentar. Dos officiaes nenhum ficou de pé; reunidos todos perto do commandante, excepção feita do medico, dr. Castro Rabello, que descera á camara, acompanhando um ferido, foram victimas do desastre.

O limitado recinto da casamata do *Tamandaré* apresentava um quadro por demais doloroso: mortos e terrivelmente desfigurados e mutilados ficaram o immediato, 1° tenente Vassimon, o commissario Accioli Vasconcellos, o secrivão Alpoim e dez praças da guarnição, mortalmente

feridos se encontravam o bravo commandante Antonio Carlos Mariz e Barros e o valente 1° tenente José Ignacio da Silveira e quatro praças mais; ficaram ainda feridos, porém com menos gravidade, os 2°s tenentes José Victor Delamare e Dyonisio Manhães Barreto e mais onze praças da guarnição. Coube a este official, o unico que podia ter-se em pé, tomar o commando do navio e leval-o ao fundeadouro.

Aos signaes feitos de que o commandante se achava ferido e varios officiaes mortos, enviou o almirante ao encontro do *Tamandaré* um escaler com quatro medicos e elle proprio se dirigiu para bordo no mesmo instante.

Era horrendo o espectaculo, diz uma correspondencia, que apresentava a casamata do encouraçado, ao chegar ali o vice-almirante: o sangue a alagava e destroços de corpos humanos se alastravam por ella.

O intrepido Barros, a quem para logo se dirigiu o vice-almirante e que jazia sustentado por duas praças, pois a segunda bala lhe arrancára a perna direita abaixo do joelho, recebeu-o, rindo e apertando a mão a seu carinhoso chefe, o qual por sua vez escondia no intimo do peito a dôr que sentia, vendo quasi moribundo esse official, a quem amava a par de seus filhos.

O bravo 1° tenente Silveira, cujo corpo a bala destroçara, arrancando-lhe uma perna uem braço, ainda vivia; mas, sentindo que ia morrer, apertou tambem a mão de seu chefe e com a maior calma despedia-se delle e de seus companheiros e, pedindo uma imagem sagrada, beijou-a, dizendo: *Agora me vou... Adeus, camaradas!* e expirou.

Mais um heroe fazia a malfadada guerra.

Os outros feridos mostravam-se não menos serenos e corajosos.

O tenente Barros, transportado para bordo do *Onze de Junho*, seguiu para Corrientes, sobrevivendo algumas

horas á sua ferida. Combinada a amputação da perna acima do joelho, trouxeram o chloroformio, o que, visto pelo doente, sorriu-se, dizendo:

— *Isto é bom para as mulheres. Dê-me um charuto acceso e cortem.* De facto, sem dar um só gemido, levou a fumar durante o tempo que durou a operação.

Diz ainda a correspondencia citada: Elle sempre acreditou que succumbiria e assim o exprimiu até nas referencias que fazia ao facto de sua preterição. Revelam bem o seu tormento moral, suas primeiras palavras, quando, já moribundo, avistou o ministro Octaviano, dizendo: *Eis a que se acha reduzido um official preterido.*

A' meia-noite, porém, certo de que a morte se lhe approximava, o manifestou com toda calma e firmeza de animo. Deu ao dr. Carlos Frederico recados para a familia, repetindo esta phrase: *Mande dizer a meu pae que eu sempre soube respeitar o seu nome.* Depois adormeceu para sempre.

Esta morte, que lembra as de D. Fuas Roupinho e de Bayard, a do não menos intrepido 1° tenente Silveira e a resignação com que os mesmos marinheiros morriam, dão a medida de que o Brazil póde esperar de seus filhos!

Morte de Espartanos — as chamou um nobre jornal argentino e, de facto, menor elogio não lhes cabe.

Que a dor dos paes, esposas e filhos desses bravos seja mitigada pela certeza de que elles morreram como heroes e que os proprios e os estranhos dão a sua intrepidez o merecido tributo de admiração!

Barros foi sepultado em Corrientes. Vassimon, Silveira e os outros nas margens do Paraná, defronte do Passo da Patria. Cada um dos officiaes foi coberto com a bandeira brazileira e uma modesta cruz assignala um jazigo, até que a nação a faça levar ao sol da patria que tanto amaram e por quem morreram.»...

E ainda hoje, depois de passados 48 annos, não se lembrou a nação que festeja o triumpho inicial daquella campanha, de recolher os sagrados despojos que desde Montevidéo, Buenos Aires até Assumpção ficaram pelos cemiterios e margens do Paraná e do Paraguay como marcos illustrativos do heroismo brazileiro.

Para honrar a memoria de tão valente quanto estoico official, deu o governo brazileiro o seu nome a um transporte de guerra, que foi antigo o vapor «Mauá», adquirido em 16 de março de 1867; a sua cidade natal o nome de uma das suas principaes ruas e, finalmente, os seus comprovincianos fizeram esculpir o seu nome, bem como os demais filhos que naquella luta pereceram com valentia, em uma placa commemorativa, fixada a uma pyramide que se ergue na cidade de Florianopolis.

Si na sua vida militar, em principio, commetteu alguma falta, bem desculpavel é para quem aos vinte sete annos, cheio de ardor e mocidade, soube, como poucos, dar a sua vida em holocausto, deixando de ser homem para tornar se um heróe.

Rio 25-11-913

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XV

O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim
XIV — O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira
XV — O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XV

CAPITÃO-TENENTE HYPPOLITO DE SIMAS BITTENCOURT

A luta travada no Rio Grande do Sul, onde em 1835 havia sido proclamada a republica, trazia em difficuldades o governo imperial, e mais angustiosa se tornou a sua posição quando a visinha provincia de Santa Catharina acompanhou nesse ideal a sua irmã do sul.

Dahi a necessidade de accumular no porto da então cidade do Desterro fortes elementos de repressão e de ataque.

Si foi relativamente facil suffocar a nascente republica catharinense, proclamada a 22 de julho de 1839, na cidade da Laguna, com a entrada da esquadra imperial commandada pelo bravo capitão de mar e guerra Frederico Mariath naquelle porto, apezar da heroica defesa opposta por Garibaldi e pela intrepida e extraordinaria Annita, outro tanto não se deu no Rio Grande, onde as operações levadas a effeito para o mesmo fim foram muito mais prolongadas, pois que se desenvolviam mais em terra do que no mar.

Dos navios mercantes armados no porto do Desterro sob a direcção do chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim, guarnecidos pelo proprio pessoal que nelles mourejava, sairam muitos pilotos e mestres para refor-

çarem a esquadrilha necessaria a manter a autoridade imperial nas aguas das lagoas dos Patos e Mirim.

Commandava a força naval em operações no Rio Grande do Sul o chefe de divisão João Pascoe Greenfell, e por este foi nomeado em 11 de maio de 1841, Hyppolito de Simas Bittencourt como piloto extranumerario da Armada para servir a bordo da barca a vapor *Fluminense*.

Contava pois o joven catharinense 18 annos quando teve praça em um navio de guerra, sendo já perito na arte que desde cedo escolhera.

Em navios da praça do Desterro aprendera nas viagens que fizera ao Rio de Janeiro a ser util a si e á sua patria.

Filho de Antonio Bittencourt, appellido que cobre illustres filhos da terra catharinense, e de d. Amazia Caetana da Silva, nasceu Hyppolito de Simas Bittencourt na então cidade de Desterro, a 14 de março de 1823.

Dotado de intelligencia viva e de animo afoito, atirou-se á vida do mar.

Da barca a vapor *Fluminense*, onde servia, passou em 22 de julho de 1842 para o cutter *Guarany*, no qual exerceu tambem as funcções de escrivão desde 10 de setembro de 1843 a 12 de outubro de 1844. Em continuas viagens do Rio Grande para Porto Alegre, tornou-se verdadeiro pratico daquellas paragens e por isso considerado como precioso auxiliar.

Pouca foi a sua demora na escuna *Guahyba*, depois que deixou o *Guarany*, servindo nessa época de piloto e escrivão até 1 de novembro, pois em 1 de fevereiro de 1845 passou a servir a bordo do vapor *D. Amelia*, donde saiu para assumir o commando da canhoneira *Capivary*, em recompensa de seu merito e nunca desmentida actividade.

Do commando desse ultimo navio passou a exercer, em 15 de julho, o da escuna *Caçapava*, em cujo exercicio pouco se demorou, para regressar ao vapor *Amelia* donde passou a commandar a canhoneira *Quinze de Novembro*, em 1 de agosto. Feita a entrega do commando da citada canhoneira, regressou em 15 de setembro ao vapor *Amelia*, donde passou a commandar a canhoneira *Ibicuhy* em 4 de outubro, em cujas funcções se conservou até 18 de janeiro de 1846, data em que regressou ao navio chefe, onde já o esperava o embarque no patacho *Desterro*, o que fez a 30 do mesmo mez. Em 8 de março passou a servir na canhoneira a vapor *Jaguarão*.

Em virtude da ordem do dia de 20 de dezembro de 1847, tomou conta da escripturação da fazenda da mesma canhoneira, nella se conservando até ao seu desarmamento, passando então a servir a bordo da canhoneira *S. Gonçalo*, em 10 de janeiro de 1850, com guia da capitania do Rio Grande do Sul e requisição do commandante das forças navaes de 7 de dezembro de 1849.

Conhecedor como era o joven official dos canaes que correm entre os intrincados bancos de areia que entorpecem a navegação naquellas lagoas, foi elle requisitado por ordem do presidente da provincia para activar os trabalhos da abertura do canal do Sangradouro, na lagoa Mirim.

Da canhoneira *S. Gonçalo*, onde se achava, passou para a escuna *Bojurú* em 5 de outubro de 1852, e a 17 destacava para o serviço que lhe fora ordenado, tomando a direcção da barca de excavação.

Por determinação da mesma presidencia, de 8 de março de 1854, continuou na barca de excavação dirigindo os trabalhos de desobstrucção do ancoradouro da alfandega e arsenal de Marinha no porto da cidade do Rio Grande, findos os quaes e ainda por ordem da presi-

dencia, de 8 de junho, foi mandado apresentar-se a bordo do *Amelia* para nelle servir.

Novamente destacou em 10 de agosto para a barca de excavação, afim de dirigir a conclusão da abertura do canal do Sangradouro, regressando para bordo do vapor *Amelia* em 31 de maio de 1855.

Tendo o presidente da provincia determinado ao capitão do porto do Rio Grande que procedesse a um exame no baixo do *Cangussú*, foi Hyppolito Bittencourt nomeado em 22 de fevereiro de 1856 para coadjuvar aquella autoridade nos trabalhos a executar, findo os quaes regressou para o seu navio.

Tantos serviços prestados pelo infatigavel marinheiro não tinham tido recompensa por parte do governo. A instancias do presidente do Rio Grande, veio o aviso de 22 de outubro confirmar a nomeação de Hyppolito Bittencourt para piloto extranumerario da armada, passada em 11 de maio de 1841 pelo vice-almirante João Pascoe Greenfell, determinando o mesmo aviso que se deverá habilitar com a respectiva carta para aspirar o accesso.

Para dar cumprimento ao determinado, pediu ser chamado ao Rio de Janeiro, afim de fazer o competente exame, ficando embarcado em um dos navios no porto. Permittiu-lhe o aviso de 11 de julho de 1857, desembarcando por essa razão do vapor *Amelia* e de passagem no vapor *Tocantins*, partiu do Rio Grande a 22 de setembro, apresentando-se ao quartel general da marinha em 19 de outubro, sendo na mesma data nomeado para embarcar na corveta *D. Isabel*, destacando della para a *Magé*.

Em execução ao aviso de 22 de outubro do mesmo anno foi nomeado para servir na provincia de Matto-Grosso, regressando de bordo da *Magé* em 1 de novembro afim de seguir o seu destino.

Promovido a 2° tenente por decreto de 9 de janeiro de 1858, com a clausula de não poder passar a posto immediato sem apresentar carta e exame da sua profissão, galgou Hyppolito de Bittencourt o primeiro degráo da hierarchia militar naval.

Chegado que foi a Matto-Grosso, assumiu o commando da canhoneira *Jaurú* a 24 de julho de 1858 e depois o da *Constituição* em 24 de outubro de 1859, regressando novamente para o *Jaurú* em 11 de novembro.

Tendo obtido licença de tres mezes para vir ao Rio Grande do Sul, conforme determinou o aviso de 23 de março de 1860, aproveitou-se da estadia naquella antiga provincia para pedir licença, por seis mezes, para commandar um dos vapores da Companhia de Navegação do Alto Uruguay. Terminada esta licença, assumiu o commando da canhoneira *Anhambahy* em 4 de novembro de 1861 e logo depois o da *Jaurú*.

Tendo pedido prorogação da licença por mais um anno, desembarcou em Matto-Grosso, em virtude da communicação da secretaria da marinha de 18 de fevereiro de 1862.

Em 7 de julho de 1864 apresentou-se a bordo da *Anhambahy* a cuja guanição ficou pertencendo, assumindo o commando interino da mesma em 2 de setembro, em virtude de ordem do commandante da flotilha.

Francisco Solano Lopes, ditador do Paraguay, fazendo-se arauto das republicas platinas, entendeu envolver-se na contenda entre o Brazil e o Uruguay e sendo repellido nas suas pretenções, não duvidou um só instante de affrontar a nação que tanto tinha feito para garantir a independencia paraguaya.

Conhecedor por informações seguras e por incursões feitas anteriormente, do estado indefeso da provincia de Matto Grosso, traiçoeiramente aprisionou no porto de As-

sumpção a 12 de novembro de 1864 o vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, que se dirigia para Corumbá e fez seguir do seu acampamento da Conceição dois dias depcis, o coronel Resquin commandando um exercito de 6.000 homens, na maior parte montados, apoiados por cinco peças de campanha, para invadir aquella provincia.

Apezar da tenaz resistencia que oppuzeram as poucas tropas e os patriotas, apoderou-se Resquin de Dourados, Miranda, Nioac, indo até Coxim, levando tudo a ferro e fogo, roubando tudo quanto podera carregar e arrebanhando todo o gado encontrado que foi remettido para o Paraguay.

Para auxiliar Resquin, zarpou a 14 de dezembro de Assumpção uma esquadra de oito vapo.es de guerra, tres escunas artilhadas e duas chatas com canhões de calibre 68, levando 4.000 homens de desembarque com doze peças de campanha e foguetes a Congréve. Essa expedição tinha por fim atacar o forte de Coimbra, construido em 1772, situado á margem direita do Paraguay.

A's 5 horas da manhã de 27 de dezembro os escutas do forte avisaram que se avistavam alguns navios paraguayos e desde logo o heroico commandante, delle, o tenente coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, mandou preparar para o combate.

O forte que estava guarnecido por 46 praças commandadas pelo capitão Benedicto de Faria, tinha pouco antes recebido o reforço de mais sessenta e poucos homens e dispunha de cinco boccas de fogo em bateria. O pessoal que contava o forte compunha-se de 109 praças do 5° batalhão de artilharia e 12 officiaes: no recinto achavam-se alguns guardas da alfandega, paisanos, presos, dez indios canindés da tribu do capitão Livagata e setenta mulheres e crianças.

Na enseada que faz a volta do rio, abrigada pelo cabeço do morro, estavam ancoradas as duas pequenas canhoneiras *Jaurú* e *Anhambahy*.

A's 8 horas da manhã recebeu o commandante Porto Carrero um *ultimatum* que lhe mandara o chefe paraguayo coronel Barrios para render-se á descripção, no praso de uma hora, sob pena de serem passados pelas armas todos so que alli se achavam.

Não se intimidava o bravo official diante da superioridade numerica do inimigo de tão grande apparato bellico, lembrando-se do que no mesmo local se dera em 1801 entre Almeida Serra e o hespanhol Rivera—repelliu com brio e dignidade.

Não se fez esperar o ataque: ás 11 horas da manhã romperam fogo os navios, depois de desembarcada a tropa, auxiliando o bombardeio as baterias montadas em terra.

A's 2 horas a infantaria, desenvolvendo-se em quatro columnas, avançou vigorosa ao assalto, porém a artilharia brazileira e os atiradores abrigados pelos parapeitos do forte, com tal energia respondem ao ataque e tão certeiros são os tiros despejados pela *Anhambahy* que fazem recuar o inimigo com grandes perdas.

A's 7 horas e meia retira-se o inimigo.

Verificando o commandante Porto Carrero que suas munições estavam quasi esgotadas, pois só possuia 2.500 cartuchos de fuzil, tendo-se gasto 9.000, ordenou que as mulheres recolhidas ao forte se occupassem na sua confecção. E durante toda a noite, na falta de material, dirigidas e animadas por d. Ludovina, esposa do tenente coronel Porto Carrero, empregaram as mulheres suas vestes para confeccionarem 7.000 cartuchos.

No dia seguinte, desde cedo, começou o bombardeio; não descançou a artilharia dos navios e das baterias

assestadas em diversos pontos emquanto as chatas alvejavam o portão para abrir brecha, até que ás 2 horas avançou a infanteria dirigida pelo coronel Dappy; por vezes chegaram os assaltantes ás trincheiras, mas em todas tiveram de recuar. O fogo do forte e do *Anhambahy*, dirigido pelo bravo 1° tenente Balduino José Ferreira de Aguiar, o qual, fazendo-se ao largo, approximando-se ousado das baterias, atirando ora sobre as baterias, ora metralhando os assaltantes que contornavam a fralda do morro para assaltar o forte pela rectaguarda, fez com que ainda uma vez fossem repellidos os paraguayos com perdas enormes, ficando illesos os nossos.

Só restavam mil cartuchos e não existia mais chumbo para fazer balas: as mulheres estavam exhaustas pela lida e vigilia como todos; mas ninguem pensava em render-se. Era preciso salvar aquelle punhado de bravos e Porto Carrero, auxiliado por Balduino, o fez.

Deliberado em conselho abandonar o forte por falta de munições e não haver meios de obtel as, embarcaram todos durante a noite na *Anhambahy*, com as devidas precauções e sem serem presentidos pelo inimigo, o qual, ao alvorecer, acreditando serem sentinellas os manequins deixados nos mirantes do forte por Balduino, não deram pelo abandono senão muito tarde. Assim poude Porto Carrero reunir-se em Corumbá ás forças que alli se achavam.

Naquelle apertado transe ordenou o commandante Porto Carrero a *Jaurú* que seguisse para Corumbá, afim de communicar o que occorria e pedir reforços.

Simas Bittencourt que se achava doente, passou nesse dia o commando da *Anhambahahy* ao primeiro-tenente Balduino de Aguiar, afim de recolher-se ao hospital de Corumbá. Em viagem, aggravando-se os seus males, foi

desembarcado no logar denominado Tres Barras, fazenda de João Dias, na margem do Paraguay.

Invadindo os paraguayos esta fazenda, foi Simas Bittencourt obrigado com as demais pessoas a internar-se na matta para salvar a vida e, depois de penosa marcha, chegar a Melgaço a 28 de março de 1865, onde se achava a *Jaurú*; nella, ainda doente, se apresentou.

Mandado recolher ao hospital de Corumbá, foi pela junta de saude julgado incapaz do serviço em 17 de maio, por essa razão teve ordem de recolher-se ao Quartel General da Marinha em 6 de setembro.

Nomeado a 26 de setembro de 1866 para servir na flotilha do Rio Grande do Sul, seguiu a 24 de outubro, de passagem no vapor *Brazil*, apresentando-se a bordo do vapor *Amelia* a 1 de novembro. Por desarmamento deste navio, passou para o vapor *Tenente Silveira* em 15 de abril do anno seguinte.

Querendo Simas Bittencourt concorrer á promoção, pediu licença por tres mezes para preparar-se afim de prestar exame na Escola de Marinha, como era de obrigação, o que lhe foi concedido por aviso de 2 de outubro, licença essa que foi reduzida a dois mezes por aviso de 18 do mesmo mez e mais tarde prorogada.

Nomeado pelo Quartel General em 25 de março de 1868 para embarcar na corveta *Belmonte*, nella se apresentou na mesma data, desembarcando a 21 de junho.

Tendo feito exame e sido approvado, apresentou sua carta e foi nomeado para servir no Rio Grande em 3 de julho, para onde seguiu. Por ordem do commandante da flotilha foi nomeado para commandar o vapor *Cachoeira*.

Promovido a primeiro-tenente por decreto de 2 de dezembro, deixou em 21 de janeiro de 1870 o commando

de *Cachoeira*, passando para o vapor *Tenente Silveira* na mesma data e para a *Fluminense* em 31 do mesmo mez.

Por decreto de 9 de abril foi nomeado cavalleiro da merdo de S. Bento de Aviz.

Em virtude de ordem do Quartel General de Marinha, assumiu o commando interino do *Fluminense* em 2 de junho de 1871 e por aviso de 2 de junho do anno seguinte passou a commandal-o effectivamente até 9 de maio de 1874, data em que foi exonerado do commando por desarmamento do dito vapor, passando para o vapor *Apa*.

Por nomeação de 12 de maio, teve o commando da Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande onde se conservou até 1 de dezembro.

Sentindo-se Simas Bittencourt novamente doente, apresentou em 2 de novemero de 1877 seu requerimento de reforma do serviço, acompanhado do respectivo termo de inspecção feito pela Junta Militar de Porto Alegre. Em vez, porém, de reforma obteve licença para tratamento de saude por seis mezes e depois novamente prorogada.

Em 10 de fevereiro de 1879 foi nomeado para servir a bordo da canhoneira *Araguary*, estacionada no Rio Grande para onde e seguiu onde se apresentou a 21 de fevereiro, passando no mesmo dia a exercer as funcções de immediato a bordo da *Henrique Martins*.

Em 9 de abril destacou para exercer as funcções de ajudante interino da Capitania do Porto onde foi promovido ao posto de capitão-tenente por decreto de 3 de março de 1883.

Cada vez mais combalida a sua saude, Simas Bittencourt sentia-se alquebrado e, reconhecendo não poder mais ser util á profissão que abraçára com tanto amor e a qual

dedicara toda a sua actividade, pediu licença para tratamento de saude, apresentando-se em maio.

A 9 de janeiro de 1884, deixou de existir no Rio Grande do Sul o official que, á custa de seu proprio esforço conseguiu impôr-se como profissional, como bom amigo e recto cumpridor de seus deveres.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XVI

O segundo-tenente honorario José Francisco Alves Serpa

XVII

O segundo-tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa

XVIII

O segundo-tenente Domingos Moreira da Silva

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim
XIV — O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira
XV — O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt
XVI — O segundo-tenente honorario José Francisco Alves Serpa
XVII — O segundo-tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa
XVIII — O segundo-tenente Domingos Moreira da Silva

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XVI

O 2º TENENTE HONORARIO JOSÉ FRANCISCO ALVES SERPA

A intervenção do Brazil, posta em acção por forças de terra e mar reunidas nas fronteiras e aguas da Republica do Uruguay, afim de pôr termo ás continuadas affrontas feitas á nossa soberania por Aguirre, garantir a periclitante independencia daquelle Estado, a que eramos obrigados pelos tratados existentes e, finalmente, para estabelecer a ordem e a tranquillidade tão necessarias ao desenvolvimento daquelle paiz e ao socego nosso, teve como consequencia a guerra com o Paraguay.

2º tenente honorario José Francisco Alves Serpa

Conhecedor o emissario oriental no Paraguay, D. José Vasquez Sagastume, partidario de Aguirre, da fraqueza de Lopez, a quem nenhuma lisonja era bastante para seus ouvidos, preparou em Assumpção, em março de 1864, o fornilho que explodio com a recusa do Brazil em aceitar

os bons officios daquelle autocrata para resolver a questão com o Estado Oriental.

Ferido no seu orgulho o tyranno, aproveitou-se Sagastume da nefasta influencia que exercia no animo irritavel de Lopez, para suggerir-lhe e animar-lhe a declaração de guerra ao Brazil. Cego pelas palavras do raposo oriental, que o fizera julgar-se um genio militar, como o demonstrara em 1845, capaz de humilhar o Brazil, o soberbo tyranno, esquecido do proceder do nosso governo, que havia garantido a independencia paraguaya, fornecendo-lhe fundos para levantar seus fortes e officiaes para instructores de seu exercito, atirou-se á luta, como o arauto dos povos platinos.

De seu lado o governo brazileiro, pela versatilidade nos negocios publicos, via-se em situação precaria. A aberração em que se obstinavam os nossos homens politicos, (no que parecem querer, infelizmente, persistir) em governar o paiz sem a coparticipação da classe militar, havia destruido o equilibrio social ; não comprehendiam que sem o concurso de todas as classes sociaes, cada qual, bem entendido, girando dentro de sua esphera de acção, sem de modo algum invadir attribuições de outrem, esse equilibrio tão necessario á existencia nacional não poderia existir.

A nossa historia ahi está para demonstrar essa affirmativa : desde a nossa independencia que se pretende considerar as forças armadas massa bruta, sem vida e sem acção no governo do paiz.

Emquanto a nossa marinha batia-se com ardor e patriotismo nas aguas do Prata, pode-se dizer isolada e sem apoio na representação nacional, os politicos, cheios de odios, vendo nos triumphos obtidos por um punhado de heróes, mais gloria para o imperante do que para a nação, planejavam a destruição della e do exercito, depois de se

terem servido deste ultimo para os seus proprios fins, pois subordinados os commandantes das armas aos presidentes de provincia, as forças sob as ordens daquelles tinham por missão a garantia destes na politica seguida, quasi sempre pessoal e interesseira.

Si a marinha não chegou á mesma contingencia do exercito, transformado em policia nas provincias, é porque, separadas estas umas das outras, por falta de vias de communicação e meios de transporte, legado este de nossos antepassados, havia necessidade della para esse serviço.

Conseguido o anniquilamento das classes militares depois da revolução de 7 de abril de 1831, o peor legado que ella nos deixou, preferiram os politicos, para a sua estabilidade no poder, que a nação soffresse as maiores humilhações desde aquella época até 1864, a conservar uma instituição garantidora de seus direitos, prompta a fazer respeitar a sua honra e soberania. Tornou-se, pois, o Brazil, pela sua fraqueza, impotente para assegurar no exterior e no interior a inviolabilidade e o respeito dos direitos de soberania; achou-se á mercê da politica platina.

As palavras do sr. Schutzenberger, illustre patriota francez e publicista, devem ser repetidas diariamente, afim de que o nosso povo comprehenda que:

« Um governo que não dispõe de uma força material sufficiente para assegurar no exterior e no interior a inviolabilidade e o respeito dos direitos de que é depositario, é impotente e não pode preencher nenhum dos deveres que lhe são impostos pela delegação dos direitos de soberania. A existencia do Estado, as condições da paz publica, da ordem, da liberdade, do progresso, dependem da creação de uma força armada sufficiente para defender contra o estrangeiro a independencia, os direitos, os interesses, a honra e a dignidade do Estado; para manter no interior os direitos legitimos dos poderes.

« Um Estado que por sua fraqueza se ache á mercê do estrangeiro, não tem mais do que uma existencia precaria. O poder social paralysado pelas resistencias que não pode vencer, cessa de ser o representante da unidade pessoal do Estado. O enfraquecimento do poder é o signal precursor da decadencia, desorganisação e agonia dos corpo politicos; as attribuições que, no seu interesse, a, sociedade delega aos poderes publicos, tornam-se illusorias si elles não podem dispor de uma força material sufficiente para tornar exequiveis suas resoluções constitucionaes e decisões legaes.

....

« Os governos que se descuidam de preparar seus meios de defesa e de repressão ao nivel dos perigos exteriores e interiores, que os possam ameaçar, perecem. Uma nação que perde suas virtudes militares fica á mercê dos seus inimigos...

« O exercito é o ultimo asylo do patriotismo e da honra nacional. A segurança do futuro, a paz no exterior e no interior, a soberania do direito, todas as condições da vida social tornam-se precarias, e ficam ameaçadas desde que o exercito não possua a força material e as qualidades moraes necessarias para a sancção das decisões proferidas pelos orgãos do poder social. »

« Um exercito corajoso e bravo é a escola das virtudes civicas e dos grandes caracteres; um exercito devotado ao culto dos seus deveres, e animado dos nobres sentimentos de honra, de gloria e de amor da patria é o corpo de escol da nação. O exercito, guarda fiel da liberdade e do direito, sempre prompto a emprehender ou a empenhar-se na defesa dos interesses e dos direitos do Estado é a personificação a mais poderosa do principio de ordem e de autoridade ».

A inacção do Brazil em 1864 fazia dizer de Buenos Aires: Colloque-se o Brazil na situação que é sua, mostre sua promptidão e sua força e será sempre respeitado. De qualquer outra maneira, não. Ha de continuar a ser o ludibrio de qualquer governicho do Rio da Prata.

A demora na solução da questão oriental dera logar a que Carrera e Barra concebessem o plano e fizessem esforços para o vingar, aproveitando os elementos favoraveis que encontravam. Segundo elle, o Paraguay, Corrientes, Entre-Rios, Estado Oriental e Rio Grande formariam um estado confederado, para contrabalançar a influencia que poderiam ter no Rio da Prata a Confederação Argentina e o Brazil.

Emquanto isso se dava, o nosso habil diplomata conselheirc Silva Paranhos, em missão no Rio da Prata, empregava esforços, não coroados de exito, para conseguir a intervenção argentina na contenda. O general Mitre, porém, como fino politico que era, comprehendendo que qualquer intervenção sua teria como consequencia ter contra si os governos de Corrientes e Entre-Rios, esquivou-se de entrar na luta; assim procedendo, colheu as vantagens della, sem comprometter seu paiz. Limitou-se o presidente da Confederação Argentina a fazer comprehender a Lopez que só reputaria *casus belli* a violação do territorio e que havia de guardar completa neutralidade na guerra declarada ao Brazil.

Com essa habil politica pretendia fazer, como fez, a grandeza de seu paiz e livrou-se, á nossa custa, dos *blancos* e de Lopez.

O tyranno do Paraguay, por sua vez, contando com sympathias em Corrientes e Entre-Rios tendo á frente Urquiza, ao ter conhecimento da recusa do presidente Mitre, em consentir que suas tropas atravessassem pelas citadas provincias afim de invadirem o Rio Grande do Sul, no

intuito de anniquilar o nosso pequeno exercito e o de Flores, consolidar no poder o partido *blanco* e depois lançar a Republica Oriental contra nós, mandou, como havia feito comnosco, invadir, sem prévia declaração de guerra, o territorio argentino e apossar-se de alguns navios daquella nacionalidade, que estavam fundeados em frente á cidade de Corrientes.

Este facto obrigou Mitre a entrar na liça, mas como commandante em chefe das forças alliadas. A nossa politica assim o quiz e por essa razão o precioso sangue dos nossos soldados servio para resgatar o territorio argentino em seis mezes, emquanto o nacional, o de Matto Grosso, ficava entregue á sanha paraguaya durante quatro annos.

Para a homerica e porfiada luta de tanta duração que se seguio, e onde parece se alliavam a inimigos ferozes, aguerridos e numerosos tremendos obstaculos hydrographicos, climatericos e todos os meios postos ao alcance do ingrato tyranno que governava o valente e heroico povo paraguayo, para figurar impossivel o ataque e improvavel a victoria, deu Santa Catharina innumeros filhos que em terra e nos rios souberam mostrar que eram dignos da terra que os vio nascer. Assim, Polydoro, Guilherme Xavier, Jacintho Bittencourt, Fernando Machado, Fagundes, Gama d'Eça, Costa Junior, Resin Filho, Frota, Carlos da Luz, Mesquita, Caldeira, Alvim, Guimarães, Luz, Silveira, Pestana, Carvalho, Proença, etc.

Ao appellar o nosso governo para seus filhos, exigindo o concurso de todos, apresentou-se o piloto Joaquim Alves Serpa, pedindo logar a bordo de um dos navios de guerra, deixando assim o serviço na marinha mercante, onde pelos seus predicados gosava de alta consideração. Era que em sua alma de marinheiro, com ardor lampejava o sentimento do dever, e sua envergadura de albatroz, forte bastante para arrostar os perigos da borrasca que se

desencadeara no sul, inundando de sangue as campinas, ainda era bastante rija para nos embates compartilhar da sorte de seus irmãos da marinha de guerra com quem convivera anteriormente.

Em Cannavieiras, no extremo norte da ilha de Santa Catharina, ninho de açores, donde sairam muitos para tripular corsarios armados pelos federados americanos na guerra de seccessão, e ainda hoje saem para o serviço de praticagem da perigosa barra do Rio Grande, nasceu José Francisco Alves Serpa, a 13 de junho de 1822. Eram seus paes o capitão Raulino Alves de Brito, pessoa de destaque na freguezia de Santo Antonio, e d. Anna Joaquina de Jesus.

Desde menino nas lides da pesca da balêa e depois embarcado em baleeiras americanas que, de ida e de regresso da pesca desses cetaceos nos mares do sul, procuravam os ancoradouros de Santo Antonio, Sambaqui, Cannavieiras e Caieiras para refresco e abastecimento, tornou-se Alves Serpa marinheiro provecto e depois, no mourejo pela nossa costa, mais se affirmaram suas aptidões e qualidades de perfeito homem do mar.

Pelo então encarregado do Quartel General da Marinha, o contra-almirante Jesuino Lamego Costa, que de sobra o conhecia, foi nomeado a 22 de fevereiro de 1865 para servir na qualidade de piloto a bordo da canhoneira a vapor *Araguary*. Neste navio seguio para incorporar-se á esquadra que ia operar contra o Paraguay.

Os serviços de Alves Serpa já tinham sido apreciados no transporte de tropas para Montevideo, na occasião do bloqueio daquella capital e antes no assedio á praça de Paysandú, e como pratico a bordo do *Araguary*, em serviço de levantamentos hydrographicos sob a direcção do illustrado então 1º tenente Hoonholtz, hoje almirante e senador da Republica.

A 5 de abril partia de Buenos Aires a 3ª divisão da nossa esquadra, sob as ordens do capitão de mar e guerra José Secundino de Gomensoro e composta da corveta *Jequitinhonha*, capitanea, e canhoneiras *Araguary*, *Iguatemy* e *Ypiranga*, esta sob o commando do bravo catharinense primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho. Tinha essa força a missão de bloqueiar o rio Paraguay, nas Tres Bocas.

A bordo da *Araguary*, na occasião da subida, foi Alves Serpa mandado elogiar pelo commandante da divisão, pelo bom comportamento que teve por occasião do incendio a bordo, no dia 27 de abril do referido anno.

A tomada de Corrientes, levada a effeito a instancias do general Paunero, teve logar a 25 de maio, depois que o chefe de divisão Francisco Manoel Barroso, futuro barão do Amazonas, foi reunir-se á 3ª divisão da esquadra, que estava em Goya. Coube ás canhoneiras *Itajahy*, *Mearim* e *Araguary* a protecção das tropas de desembarque, e nesse ataque distinguio-se o valente marinheiro.

No dia 1 de junho teve ordem Alves Serpa de passar para bordo do vapor *Igurey*, empregado no serviço de abastecimento da esquadra.

A' circumstancia de ter ordenado o almirante ao *Igurey* que se aprestasse para levar feridos e doentes para o hospital em Buenos Aires, e cuja partida teve logar ás 3 horas da manhã do dia 11 de junho, deve-se o não ter Alves Serpa partilhado das glorias que tanto ennobrecem a Marinha nacional — a batalha do Riachuelo.

De regresso de Buenos Aires, a 16 do mesmo mez, foi pelo vice-almirante commandante em chefe da força naval em operações no Rio da Prata, nomeado commandante do dito vapor *Igurey*.

Sempre ao serviço da esquadra, cumprindo com brilho as commissões ordenadas, não descançava Alves Serpa.

Ao dar cumprimento o chefe Barroso á ordem recebida para transpor o passo de Cuevas, onde ainda uma vez ia a nossa marinha escrever uma brilhantissima pagina da nossa historia, teve Alves Serpa honrosa incumbencia.

Para verificar a existencia das fortificações de Cuevas, ordenou o almirante que o *Igurey* seguisse por um arroio que ia sahir abaixo das baterias, o que elle realisou com toda a segurança e sem ser molestado.

Depois que subio o almirante Tamandaré a assumir o commando da esquadra que ia operar no Paraguay, fez o 2° tenente honorario Alves Serpa, no commando do *Igurey*, parte della, prestando inestimaveis serviços.

Não quiz, porém, a fatalidade que elle compartilhasse dos louros que em breve iam colher os seus companheiros, pois a 7 de março de 1866 fallecia, sendo enterrado no cemiterio de Corrientes.

Sua terra natal não o esqueceu : seu nome se acha gravado, entre os dos demais filhos que naquella cruenta guerra pereceram, na modesta columna commemorativa que se ergue na principal praça de Florianopolis.

XVII

O 2º TENENTE DAMASO PINTO DE ARAUJO CORREA

Dos muitos filhos de Santa Catharina, marinheiros feitos nas lides em navios mercantes á vela, foi Damaso Pinto Corrêa um dos de que se valeu o nosso governo para preencher os claros então existentes na marinha de guerra. Certo, naquella terra podia escolhel-os, porque os havia, á farta, formados na escola pratica do mar que a intensa navegação na epoca existente, soube crear e desenvolver.

Filho do tenente-coronel do 10° batalhão de linha Antonio Pinto de Araujo Corrêa, tão em evidencia nos successos conhecidos pela *abrilada*, em Santa Catharina,

e de d. Maria Carolina Eloy de Mendonça, nasceu Damaso a 15 de maio de 1831 na então cidade de Desterro.

Em vez de procurar na carreira militar o seu futuro, foi buscal-o na marinha, seguindo a sua natural inclinação. De como iniciou sua carreira maritima nada podemos dizer; só nos apparece Damaso em 1851, nomeado pelo então encarregado do Quartel General o chefe de esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim, em 27 de fevereiro, para servir na qualidade de piloto-escrivão a bordo da canhoneira *Bojurú*, que fazia parte da divisão naval estacionada no Rio Grande do Sul.

Encontrou Damaso de Araujo Corrêa um apoio, no encarregado do Quartel General, esquecido este do preponderante papel que desempenhara o pae na sua deposição do cargo de presidente da Provincia de Santa Catharina devido aos successos politicos que agitaram a nossa patria depois da abdicação do primeiro imperador.

O velho fidalgo, que recusara o titulo de marquez porque não possuia fortuna para ostentar a distinção, pois bem avaliava o proverbio — de que honras sem dinheiro mais vale ser marinheiro —, na nomeação de Damaso não levou em conta a affronta que lhe fizera soffrer o tenente-coronel Antonio Pinto de Araujo Corrêa.

Da canhoneira *Bojurú*, passou Damaso Corrêa para o vapor *D. Pedro*, regressando ao Rio de Janeiro, deixando de exercer o logar de escrivão a 24 de outubro, em consequencia de ter sido nomeado um outro para substituil-o.

No vapor *D. Pedro* seguio para Montevideo a incorporar-se á nossa força naval estacionada ali e composta da fragata *Constituição*, corvetas *Januaria*, *União*, *D. Francisca*, *Berenice*, *Euterpe*, *Bahiana*, *Bertioga*, brigues *Eolo*, *Capeberibe* e *Calliope* e vapores *D. Affonso*,

Pedro II, *Golphinho*, *Paraense* e *Recife*, sob o commando em chefe do vice-almirante Grenfell.

Resolvida a guerra ao dictador Rosas, depois da queda de Oribe e consequente entrada de nossas forças em Montevideo, coube a uma parte da esquadra conduzir a 1ª divisão do nosso exercito acampada na Colonia para Entre-Rios.

A 16 de dezembro de 1851, tendo partido da Colonia o chefe Grenfell, depois de ter embarcado 1198 homens sob o commando do coronel Francisco Felix Pereira Pinto nos vapores de guerra *D. Affonso*, *Pedro II*, *Recife* e *D. Pedro*, entrou no Rio Paraná e, ao chegar á villa de S. Pedro, ali já encontrou sob o commando do capitão de mar e guerra Parker as corvetas *D. Francisca*, *União* e brigue *Calliope*, este sob o commando do 1º tenente Francisco Cordeiro Torres e Alvim.

As forças de desembarque eram destinadas a reunir-se á vanguarda do exercito alliado no Diamante.

Na madrugada de 17, tomando o *D. Affonso*, de commando do capitão de fragata Jesuino Lamego Costa, a reboque a *D. Francisca*, o *Pedro II* a *União*, o *Recife* o *Calliope* e com o *D. Pedro* junto ao *D. Affonso*, subio a esquadrilha prompta para o combate, sabido como era que o general Mancilla havia muito tempo estava occupado em preparativos para obstar a passagem dos nossos navios.

A contragosto dos soldados, foi ordenado que se abrigassem sob cobertas, pois todos desejavam participar dos riscos dos seus companheiros de armas; só ficaram na tolda as praças necessarias, os commandantes, alguns officiaes e atiradores.

Ao meio dia, ao approximarem-se os navios do passo Tonelero, estando elles a meio tiro de fuzil, rompeu da margem o fogo de 16 canhões e de 1500 fuzis, caindo

sobre todos como chuva de balas ardentes, metralha e fuzilaria. Ao mesmo tempo que isto se dava uma só nuvem de fumaça envolvia a divisão brazileira, e della eram despejados, com toda a intrepidez e valentia, tantos tiros quanto a presteza em disparal-os permittia.

Servia de estimulo ás guarnições dos navios o furor dos defensores do passo ; o fogo começado pela *D. Affonso* e *D. Francisca*, e mantido com a mesma galhardia pelos que se seguiam, foi tão certeiro que em pouco tempo teve o inimigo suas peças desmontadas.

No *Calliope* Torres Alvim e Mamede patenteiam-se os heróes que mais tarde tantas glorias deviam colher no Paraguay.

Durante trinta minutos, sustentaram os nossos com inaudito brio a honra nacional, saudando no fim delles com o hymno Nacional, a completa victoria; a transposição do passo e a completa derrota do inimigo eram o premio do dia.

A marinha brazileira tinha dado á sua Patria uma nova pagina de gloria — TONELERO. A bordo do *D. Pedro*, seguindo o exemplo do seu commandante, o piloto Damaso Corrêa portou-se com extrema valentia. Pelo seu comportamento nessa memoravel passagem foi por decreto de 3 de maio de 1852 condecorado com o habito de Christo.

Sempre a bordo do *D. Pedro*, em successivas viagens para o sul, regressou ao Rio da Prata, servindo ás ordens do capitão de mar e guerra Lamego Costa, commandante da Estação naval em Montevideo; desembarcando finalmente em 10 de agosto de 1853 no Rio de Janeiro, por doença.

Nomeado em 19 de abril de 1854 para embarcar na canhoneira *Campista*, seguio em cruzeiro, findo o qual ao regressar passou a servir a bordo do brigue *Xingú* em 23

de agosto do mesmo anno, desempenhando neste navio diversas commissões ao norte e ao sul do Brazil.

Em 27 de março de 1855 passou a embarcar na corveta a vapor *Ipyranga*, seguindo para o norte e depois para o Rio da Prata, passando deste navio para o brigue-barca *Tapajoz* em 20 de fevereiro de 1857.

Chegou a occasião de Damaso de Araujo Corrêa, perante a Academia de Marinha, submetter-se ás provas que o habilitariam a concorrer com seus collegas na conquista de galões. A 27 de julho entrou em exames e foi julgado com as habilitações de sota-piloto, do que apresentou certidão passada pela Academia de Marinha em 5 de agosto.

Nomeado a 31 de dezembro do mesmo anno para servir em Matto Grosso no navio que lhe fosse designado pelo presidente daquella provincia, desembarcou do *Tapajoz* a 8 de janeiro de 1858 embarcando na corveta *D. Isabel* que partia para o Rio da Prata.

Promovido a segundo-tenente por decreto de 9 de janeiro de 1858, com a clausula de não passar ao posto superior sem apresentar carta e exame da sua profissão, teve mais para ornar o seu peito as medalhas de prata n. 2 da Passagem do Tonelero e da campanha do Rio da Prata creadas pelo decreto de 1 de abril de 1852.

Ao chegar a Matto-Grosso foi pelo presidente nomeado para servir a bordo do vapor *Jaurú*, fazendo diversas commissões ao alto e baixo Paraguay.

O rigoroso clima daquella região não sendo propicio á sua saude, Damaso pedio tres mezes de licença para gosal-a no Rio Grande do Sul; o aviso, porém, de 3 de junho de 1858, determinou que fosse mandado servir na estação do Rio da Prata.

De regresso no vapor *Japurá*, em 1 de janeiro de 1859, passou a 1 de maio para a corveta *Ypyranga*,

regressando em 16 de julho ao Rio de Janeiro, onde desembarcou para gosar a licença que lhe fora concedida, finda a qual apresentou-se em 28 de outubro.

Nomeado para embarcar na corveta *D. Isabel*, seguio viagem para Montevideo, onde passou para a *Magé*. Em 12 de dezembro foi mandado servir na corveta *Dois de Julho*, e logo depois, em 4 de janeiro de 1860, na *Imperial Marinheiro*, a primeira desse nome, seguindo em cruzeiro até o norte.

A 1 de março seguio no paquete *Olinda* para Matto Grosso, onde chegado passou para o vapor *Paraguassú*.

A 18 de junho partio de Montevideo o dito vapor sob o commando do capitão-tenente Francisco Manoel da Silva Guimarães e desde logo acossado por forte temporal procurou o commandante arribar ao mesmo porto ou a qualquer outro entre Montevideo e Rio Grande; mas a grande quantidade de agua que fazia por hora, desde o dia 20, obrigou o commandante a procurar a costa e encalhal-o: salvou assim a guarnição, que se refugiou no porto denominado Olhos d'Agua, no Estado Oriental.

Nesse naufragio, dado a 23, falleceram quatro praças e uma criança filha do immediato do navio, embarcados em um escaler que sossobrou ao chegar á praia.

Em 3 de julho chegou Damaso ao Rio Grande do Sul onde, tomando passagem no vapor *Piratininga* seguio para o Rio de Janeiro e chegou a 22 do mesmo mez, sendo nomeado a 27 do mez seguinte para embarcar na corveta a vapor *Paraense*, sahindo em commissão; de regresso passou a embarcar na *Magé* em 7 de outubro.

Desejoso de continuar a servir na flotilha do Rio Grande pedio e obteve ser nomeado para ella, o que se deu em 31 do mesmo mez, embarcando por isso no vapor *Jaguarão* em 24 de janeiro de 1866.

Naquella flotilha passou a embarcar no vapor *Fluminense* a 16 de fevereiro; no *Amelia* em 3 de março; no *Apa* a 22 de maio e finalmente de novo no *Amelia* em 31 de outubro, desempenhando as commissões determinadas áquelles navios.

Mandado regressar ao Rio de Janeiro, passou a 27 de setembro para o *Tocantins*, e a 4 de outubro apresentou-se ao Quartel General sendo nomeado para enbarcar no couraçado *Cabral*.

Neste couraçado seguio viagem para o Rio da Prata onde ao chegar a Montevideo, teve que baixar ao hospital em 2 de dezembro. O seu precario estado de saude exigia repouso. Inspeccionado de saude foi julgado incapaz para o serviço.

Em vista do resultado da inspecção, passou a embarcar na corveta *Bahiana*, donde desembarcou para o vapor *Santa Cruz* afim de regressar ao Rio de Janeiro.

Inspeccionado novamente, foi por decreto de 1 de maio de 1867 transferido para a segunda classe, tendo licença para residir no Rio Grande do Sul.

Terminado que foi o tempo de permanencia na segunda classe, apresentou-se o 2° tenente Damaso de Araujo Corrêa ao Quartel General em 14 de maio de 1868 e sendo submettido a inspecção de saude foi julgado incapaz de continuar no serviço e por decreto de 29 do mesmo mez e anno foi reformado no mesmo posto.

Terminou assim Damaso de Araujo a sua carreira activa na marinha, começada com tanto brilho e destaque.

Os seus serviços, porém, ainda foram aproveitados: pois, embora reformado, foi nomeado em 23 de dezembro do mesmo anno para commandante interino da Companhia de Aprendizes do Rio Grande do Sul e em 27 de feve-

reiro de 1877 para commandante effectivo da mesma. Nessa commissão se conservou por alguns annos.

Falleceu o operoso e digno catharinense na cidade do Rio Grande em 1904.

XVIII

O 2º TENENTE DOMINGOS MOREIRA DA SILVA

Descende Domingos Moreira da Silva de marinheiro provecto e official de valentia demonstrada em diversos combates, dos quaes se destaca a ousada empreza do ataque, em 15 de novembro de 1839, ao porto da Laguna, em poder dos republicanos catharinenses, e onde se revelou heroina a legendaria Annita Garibaldi. Filho do tenente Manoel Moreira da Silva, pelas suas proezas alcunhado *Maneca Diabo*, e de d. Guiomar Moreira da Silva, nasceu elle na então cidade do Desterro a 10 de março de 1839.

Sob a direcção de seu pae estudou a arte para a qual tanta inclinação revelava e nella applicou toda a sua intelligencia e boa vontade.

Não tendo podido cursar a Academia como era vontade sua, procurou aperfeiçoar-se na profissão escolhida fazendo viagens em navios pertencentes á praça da capital de seu torrão natal, para depois concorrer a bordo dos navios da esquadra com os demais officiaes.

Contando apenas 19 annos, foi pelo Quartel General da Marinha nomeado em 27 de março de 1858 para embarcar na charrua *Carioca*, seguindo para o Rio da Prata donde passou para a canhoneira a vapor *Anhambahy* em 26 de junho.

De regresso de Matto-Grosso no vapor *Paraguassú* para onde embarcara em 19 de dezembro, por doente, recolheu-se ao hospital em Montevidéo.

Logo que se restabeleceu, apresentou-se ao navio chefe da Estação Naval do Rio da Prata, sendo mandado embarcar na canhoneira a vapor *Ypiranga*, onde se conservou até 2 de fevereiro do anno seguinte, fazendo viagens ao norte e ao sul.

Desse navio passou a embarcar na corveta *Imperial Marinheiro*, então navio chefe da Estação Naval do Rio da Prata, tendo como commandante da força o preclaro capitão de fragata Francisco Cordeiro Torres e Alvim, que havia substituido o chefe de divisão Jesuino Lamego Costa, eleito deputado geral pela sua então provincia natal.

Da corveta *Imperial Marinheiro* passou para a *Parnahyba*, onde servio até 1 de março de 1861, quando passou a servir a bordo da *Mearim*. Em ambos os navios não descançou Moreira da Silva, porque não deixavam os chefes os navios de suas divisões em inactividade.

O cuidado que tinham os chefes, commandantes dos districtos navaes e da estação do Rio da Prata em exercitar as suas guarnições e formar commandantes, era patenteado pelos constantes, embora curtos, cruzeiros que emprehendiam os navios sob suas ordens.

Ao regressar do cruzeiro que acabara de emprehender na *Mearim*, passou a 25 de abril, para o vapor *Viamão*, no qual se conservou até setembro seguinte, vindo ao Rio de Janeiro.

Desse navio passou a embarcar no vapor *Thetis* seguindo nelle para o Rio da Prata, onde ao chegar teve embarque no vapor *Jaguarão*, a 29 de novembro, e no mez seguinte na corveta *Berenice* em que regressou ao Rio de Janeiro.

A 6 de abril de 1862 na canhoneira *Irahy* partio para o Rio da Prata, onde baixou ao hospital francez em

Montevideo a 19 de maio seguinte, tendo alta a 15 de junho, passando a ter embarque na corveta *D. Januaria* em 12 de setembro.

Tendo de seguir para o Rio de Janeiro o brigue *Fidelidade*, nelle embarcou Domingos Moreira da Silva a 14 de outubro.

Comprehendendo elle que não mais devia demorar em satisfazer as exigencias legaes para ter accesso e concorrer com os seus companheiros na vida militar, ao chegar ao Rio de Janeiro requereu fazer os exames exigidos.

No dia 24 de novembro, foi na Escola de Marinha submettido a exame nas materias de que tratava o artigo 14 do regulamento que baixou com o decreto n. 2.163 de 1 de março de 1858, e no dia 25 do mesmo mez apresentou certidão de aprovação para 1° piloto, com excepção dos portos da Asia.

A 19 de dezembro passou a embarcar no brigue *Maranhão* seguindo para a Bahia e Pernambuco, a servir na estação do norte. Destacou para o hiate *Rio Formoso* a 11 de setembro de 1863, regressando ao seu navio em 2 de outubro seguinte. No Pará onde então já se achava baixou á respectiva enfermaria a 6 do mesmo mez.

Promovido a 2° tenente por decreto de 28 de novembro de 1863 foi nomeado para servir no Amazonas e a 16 do mesmo mez embarcou no Pará no paquete *Manáos* afim de seguir para Manáos, onde se achava a canhoneira *Ibicuhy*, onde se apresentou.

Deste navio passou a embarcar na canhoneira *Iguatemy* em 2 de setembro de 1864, nella seguindo para o sul, sendo mandado embarcar no patacho *Iguassú* a 5 de janeiro de 1865, tendo tomado parte no bloqueio de Montevideo e antes no bombardeio de Paysandú, cuja praça capitulou rendendo-se ás forças de mar e terra commandadas pelo almirante Tamandaré.

Sentindo-se doente, pedio e obteve um mez de licença para gosal-a em sua terra natal, para onde partio.

A 6 de maio foi novamente mandado embarcar no patacho *Iguassú*, incorporado á esquadra em operações contra o Paraguay, e nesse navio não descansou em continuas commissões exigidas pelo serviço de guerra.

Não teve a dita como muitos outros de seus camaradas de participar dos brilhantes feitos em que elles tanto se distinguiram, pois a 10 de setembro desse anno falleceu e foi sepultado na cidade de Salto, no Estado Oriental.

Sentindo-se doente, pediu e obteve um mez de licença para gosal-a em sua terra natal, para onde partiu. A 6 de maio foi novamente mandado embarcar no patacho *Iguassú*, incorporado á esquadra em operações contra o Paraguay, e nesse navio não descansou em continuas commissões exigidas pelo serviço de guerra.

Não teve a dita como muitos outros de seus camaradas de participar dos brilhantes feitos em que elles tanto se distinguiram, pois a 10 de setembro desse anno falleceu e foi sepultado na cidade de Salto, no Estado Oriental.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XIX

O segundo-tenente Antonio José da Silva

XX

O segundo-tenente João da Silva Fernandes

XXI

O piloto Francisco de Salles Cardoso

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1913

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim
XIV — O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira
XV — O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt
XVI — O segundo-tenente honorario José Francisco Alves Serpa
XVII — O segundo-tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa
XVIII — O segundo-tenente Domingos Moreira da Silva
XIX — O segundo-tenente Antonio José da Silva
XX — O segundo-tenente João da Silva Fernandes
XXI — O piloto Francisco de Salles Cardoso

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XIX

O 2º TENENTE ANTONIO JOSÉ DA SILVA

A chave do Brazil meridional, mui propriamente assim considerada pela sua posição estrategica desde o seu descobrimento e consequente povoamento, sempre foi a Ilha de Santa Catharina e como tal olhada com toda a razão pelo governo da antiga metropole, com verdadeiro carinho.

Em começo, aterragem obrigada a todos os navegadores, em suas viagens de explorações ás terras platinas ou aos mares do sul, quer dobrassem nessas ultimas o cabo de Horn ou se servissem do estreito de Magalhães em direcção ao Pacifico, tornou-se posteriormente a Ilha catharinense o mais cubiçado ponto imbercial para os hespanhóes, conhecedores da sua importancia como atalaia do imperio colonial que haviam fundado na America do Sul.

A' previdencia de Thomaz Antonio Villa Nova Portugal, ministro de D. João VI, depois que a familia real portugueza procurara no Brazil refugio, corrida á invasão franceza, deve-se o ter sido considerada de novo a importancia da ilha e de suas esplendidas bahias encravadas entre ella e o continente, para formação de uma base naval. Como, porém, a versatilidade na publica administração foi e ainda será o apanagio de nossos homens de governo, as disposições tomadas a respeito de tão magno assumpto não foram, infelizmente, levadas a termo ; a falta

de unidade de vistas na execução do plano concebido, veio demonstrar, pouco tempo depois, quanto de clarividencia havia na politica a seguir.

As successivas lutas travadas contra os visinhos do sul, si já no dominio colonial exigiam que fosse estabelecida uma solida base de operações, depois de nossa independencia os successos que se desenrolaram ainda mais vieram confirmar a necessidade de sua existencia.

A falta actual desse estabelecimento naval, cujas bases foram lançadas pelo capitão-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim, o futuro mais duramente nos fará conhecer.

Si não logrou até então a Ilha de Santa Catharina o papel que o futuro lhe reservou, de ser o principal porto militar do sul do Brazil, orgulha-se, no entretanto, de ter produzido homens de real merito e valor que illustraram a nossa historia naval militar. Certo, nem todos os dali sahidos poderam dar á patria, na carreira seguida, todo o concurso de seu denodo e de sua intelligencia, porque cahiram em meio da jornada; nenhum, porém, se deslustrou.

No caso acima está Antonio José da Silva, filho de Silvestre da Silva Flores e de d. Desideria Constança de Bittencourt, nascido na antiga cidade do Desterro em 1824.

Contando apenas quinze annos de idade seguio para o Rio de Janeiro, onde recebeo praça de aspirante a guarda-marinha por aviso de 4 de março de 1839, tendo por condiscipulo o seu comprovinciano Francisco Cordeiro Torres e Alvim, futuro almirante e barão de Iguatemy.

Concluido o primeiro anno do curso, embarcou na fragata *Paraguassú*, sob o commando do chefe de divisão e primeiro commandante da Academia de Marinha, Jacintho Roque de Senna Pereira, para fazer a viagem de instrucção. Era então de obrigatoriedade os commandantes da Academia de Marinha acompanharem os aspirantes nas viagens de fim de anno.

De regresso dessa viagem, que finalisou em 19 de janeiro de 1841, foi matriculado no segundo anno do curso, findo o qual com muito aproveitamento, embarcou na corveta *Euterpe*, tendo por commandante o mesmo chefe. Fazia este navio a sua viagem de experiencia, pois havia sido construido no arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e lançado ao mar no dia 24 de maio de 1842.

Dessa corveta desembarcou a 21 de janeiro de 1843, afim de cursar o ultimo anno; e por aviso de 9 de dezembro teve o justo premio de seus esforços, pois foi promovido a guarda-marinha.

No brigue *Imperial Pedro*, no qual foi mandado embarcar e em que se apresentou a 15 do mesmo mez de dezembro, ia o guarda-marinha Antonio José da Silva iniciar a sua carreira no mar, onde certamente o seu genio altivo e franco teria que soffrer os embates da rija e severa disciplina erigida pelas leis militares em vigor nos navios da armada. Nesse navio seguio viagem para a Bahia e depois para Montevidéo, e nelle se conservou até 25 de abril de 1845, quando passou a ter embarque no patacho *Argus*, que daquelle porto regressava ao Rio de Janeiro.

Ao chegar ao Rio foi mandado embarcar na corveta *União* em 5 de agosto, seguindo novamente viagem até Montevidéo, onde passou a servir, em 21 de março de 1846, na corveta *Dois de Julho*, na qual regressou ao Rio.

Promovido ao posto de segundo-tenente por decreto de 6 de maio de 1846, continuou a fazer parte da officialidade da *Dous de Julho* até 23 de julho, quando teve ordem de passagem para o patacho *Argus*, no qual seguio para Montevidéo, em cujo porto passou para o transporte *Pavuna* em 6 de janeiro de 1847. De volta dessa commissão, delle desembarcou para servir a bordo do brigue *Capiberibe* em 10 de abril, seguindo a incorporar-se ás forças navaes no Rio da Prata.

A necessidade em que se achava o nosso governo de estar a par do que se passava politicamente, não só em Montevidéo como em Buenos Aires, Entre-Rios, Corrientes e Paraguay, onde se desenrolava um dos capitulos da obra que tinha por fim evitar que se constituissem em uma só nacionalidade as antigas provincias que formaram o vice-reinado do Rio da Prata, como era magno pensamento dos patriotas portenhos, tudo isso fazia com que estivesse em constante actividade a nossa marinha de guerra.

No brigue *Andorinha*, para onde havia passado em 26 de janeiro de 1848, regressou de Montevidéo, e, ao chegar ao Rio de Janeiro em 10 de fevereiro, logo em seguida teve ordem de passagem para o brigue *Olinda* que zarpava para o Rio da Prata, donde voltou em novembro na fragata *União*.

A luta ainda accesa no norte do paiz, principalmente em Pernambuco onde se alastrava, muito embora a derrota dos «praeiros» no Recife, reclamava a attenção do governo e por isso exigia forças sufficientes para dominar as paixões em effervescencia.

Tendo o Brazil pela sua politica conseguido a intervenção da França e da Inglaterra para fazer cessar a guerra civil que se alastrara no Estado Oriental, fomentada pelo tyranno Rosas e garantir a livre navegação dos rios platinos, cheio de resentimentos ficou ao ver as forças anglo-francezas entrarem em luta contra o tyranno, prescidindo do concurso das nossas; por essa razão, quando essas duas potencias solicitaram a sua cooperação, julgada indispensavel, negou-se com justa razão o Brazil.

Apesar do triumpho parcial em Obligado, fracassou a intervenção; sem contar com auxiliares poderosos era empresa difficil vencer Rosas, o tyranno portenho, que se

julgou desde então mais forte que nunca e que, desembaraçado das forças bloqueadoras, rompeu relações com o Brazil e tratou de preparar-se para tornar effectiva a reincorporação do Paraguay á Confederação Argentina.

Estava, porém, na segurança do Brazil apparelhar meios para derrocar o poder de Rosas e o conseguio.

Não podia caber a todos os officiaes compartilhar da missão gloriosa de vingar as affrontas lançadas á nossa nacionalidade. Emquanto uns, mais felizes, tiveram essa suprema dita, almejada pelo brio e dignidade, outros tiveram missão mais penosa, qual a de servir de sentinellas ás paixões politicas que agitavam o nosso povo.

Assim é que, no dia seguinte á sua chegada ao Rio de Janeiro, foi o tenente Antonio José da Silva nomeado para embarcar no vapor *Thetis*, construido na Ponta da Areia, que ia fazer parte da força naval de estação no norte. Ao chegar a Pernambuco passou a servir na fragata *Paraguassú*, em 3 de junho de 1849, nella se conservando até que passou para o brigue-escuna *Canopus*, em virtude de ordem do Quartel General da Marinha.

Nesse navio regressou ao Rio de Janeiro, onde procurou ficar; não o conseguindo, porém, teve ordem de passar em 7 de novembro para a *Januaria*, designada para substituir a precedente.

No vapor *D. Affonso*, para onde passou a 14 do mesmo mez, seguio viagem e ao chegar ao Maranhão apresentou-se a bordo do brigue-escuna *Leopoldina* no dia 19, e na mesma data teve embarque no brigue-escuna *Guararapes*.

A permanencia do tenente José da Silva na estação naval do Maranhão não foi longa, pois a 10 de dezembro, por ordem do commandante da estação naval, foi mandado destacar para o brigue *Pirajá* que se achava estacionado

no Pará, e no vapor *S. Sebastião* seguio de passagem, apresentando-se a bordo do dito navio a 26 do mesmo mez.

Nesse navio, não se conformando com certas determinações de seu commandante e prisão soffrida, contra elle reclamou por escripto; porém de tal fórma o fez que pelos seus termos e phrases descommedidas empregadas foi considerado passivel de punição disciplinar pelo chefe da Estação em fevereiro de 1850.

Tendo dado parte de doente baixou ao hospital do Pará em 27 de maio de 1851, tendo alta em 5 de junho.

Do brigue *Pirajá* passou a embarcar na escuna *Guahyba* onde se conservou até 1 de setembro, quando embarcou no vapor *S. Sebastião* para ser transportado ao Rio de Janeiro, onde chegou a 6 de outubro.

Não era mais o brioso e ardoroso official que fôra Antonio José da Silva ao regressar do extremo norte. Elle, cujo maior esforço era o de ser util á patria, constantemente pedira um logar entre os seus companheiros que se achavam no extremo sul em guerra constante, vendo sempre no entretanto seus pedidos relegados. Combalido moral e physicamente, voltava sem forças para compartilhar dos louros que iam colher os seus collegas de turma.

Recolhido ao hospital de marinha, logo que se achou melhor pedio e obteve tres mezes de licença para tratamento de saude, concedido por aviso de 10 de novembro. Em 10 de dezembro, entrou no goso dessa licença, seguindo para a sua terra natal, onde pedio prorogação por mais dois mezes, que lhe foram concedidos.

Em 3 de maio de 1852 apresentava-se Antonio José da Silva ao Quartel de Marinha e pedia para de novo ser recolhido ao hospital, onde a 22 de junho seguinte expirou, contando apenas 28 annos de idade.

XX

O 2º TENENTE JOÃO DA SILVA FERNANDES

A guerra travada entre o Brazil e o Paraguay, devido á occupação da praça de Montevidéo por nossas forças de mar e terra em fins de 1864 e principios de 1865, fez acudir ao campo de honra todos os patriotas, para lavarem a affronta feita pelo tyranno que dominava omnipotente o valente e heroico povo paraguayo.

Para engrossar as fileiras do nosso exercito e completar as guarnições dos navios da esquadra, innumeros foram os voluntarios alistados. Melhor do que os politicos dirigentes, comprehendia o patriotismo nacional que a nação precisava dispôr da força material sufficiente para assegurar no exterior a inviolabilidade e o respeito dos direitos de sua soberania

Entre os patriotas que se apresentaram para servir na esquadra acha-se João da Silva Fernandes, filho de Manoel Vieira Fernandes e de d. Maria Magdalena Vieira da Silva, nascida na então cidade do Desterro, hoje Florianopolis, a 19 de fevereiro de 1847.

Seguindo a sua natural inclinação, a commum naquella terra de marinheiros, procurou desde muito cedo no mar a carreira na qual mais tarde se havia de salientar o joven santacatharinense.

Tendo feito seus estudos de nautica, mourejava nos navios mercantes, como praticante e sota-piloto, quando resolveu, attendendo ao appello de sua consciencia, prestar seus serviços na marinha de guerra, em operações no Paraguay.

Contando apenas 19 annos, foi por nomeação do Quartel General da Marinha, de 1 de maio de 1866, mandado embarcar, na qualidade de piloto, a bordo do trans-

porte *Oyapock*, navio em que seguio logo para Montevidéo, levando a reboque a bombardeira *Forte de Coimbra*, construida no arsenal de marinha e lançada ao mar com sua irmã gemea *Pedro Affonso* no dia 18 de março de 1866, tendo cada uma um morteiro de 13 polegadas e que foram os navios que menos tempo têm gasto na construcção, por durar esta apenas 3 mezes e 27 dias.

Nessa viagem, a 11 do mesmo mez, achando-se a 20 milhas ao sul da ilha dos Lobos, e tendo-se rebentado os cabos de reboque, devido ao máo tempo, deixou o commandante do transporte que a pequena bombardeira seguisse só sem comboio, unicamente com a véla de estai.

Estava fadado que o *Oyapock* teria que afundar nas costas orientaes, a pontilhal-a com muitos outros cascos, patenteando ao navegante quanto ellas são perigosas quando ruge o pampeiro ou cahe a cerração. De facto, em agosto seguinte deixava o *Oyapock*, sob o commando do capitão-tenente Castro e Costa, o porto do Rio de Janeiro, carregado de sobresalentes e munições para a esquadra, além de passageiros, officiaes e praças. Conduzia tambem 160 mil libras esterlinas para pagamentos. Navegava descuidadamente quando na noite de 9, no logar denominado *Tuescas* ou ponta das Pedras Negras, nella se foi espetar, perdendo-se totalmente. Do naufragio felizmente salvou-se a gente e o dinheiro que conduzia.

De Montevidéo seguio João da Silva Fernandes no transporte *Lamego*, com o demais pessoal, para o Rio de Janeiro onde ao chegar foi mandado embarcar na corveta *Bahiana*, em 3 de setembro. Em virtude da ordem do dia do commando da divisão naval do 1° districto, de 14 de outubro, passou do *Bahia* para o brigue *Maranhão*, onde pouco se demorou, pois a 31 do mesmo mez passou para o couraçado *Silvado*, recentemente chegado ao Rio de Janeiro. Esse couraçado, adquirido em França, havia sido

primitivamente construido para o governo paraguayo, de accordo com um contracto com um agente daquelle paiz.

No *Silvado* partio Silva Fernandes, e desta feita directamente para o theatro da guerra; em 3 de dezembro se achava em Montevidéo e a 15 de janeiro de 1867 em Corrientes, onde baixou ao hospital, em que permaneceu cinco dias. Logo que teve alta foi mandado embarcar no aviso *Onze de Junho* e depois na canhoneira *Chuhy* a 27 do mesmo mez, donde destacou para a *Ivahy* em 10 de março, regressando para a *Chuhy* a 19, no Alto Paraná.

Coube a Silva Fernandes partilhar do importantissimo serviço confiado ao illustre chefe Alvim, qual o de evitar que pelo rio Paraná recebesse o inimigo, do Passo da Patria para cima, recursos enviados pelos partidarios de Lopez, que muitos havia em Corrientes.

O arduo trabalho em que esteve João Fernandes levou-o novamente a baixar ao navio hospital *11 de Junho*, onde esteve até 30 do citado mez.

Na marcha emprehendida pelo 3° corpo do exercito ao mando do general Osorio (marquez do Herval), que havia partido de S. Carlos e fôra acampar em frente ao Cerrito, em Yapé, coube á divisão composta das canhoneiras *Greenhalgh*, *Henrique Martins* e *Chuhy* e transportes *Andarahy* e *General Argollo* flanquear em protecção o alludido corpo de exercito.

No dia 5 haviam chegado ao Passo de Lenguas e ahi permaneceram á espera de ordens do marquez de Caxias, e no dia 10 a duas leguas de Itaty. Nessa descida, pela margem correntina do Alto Paraná, notaram os sobreditos navios que o inimigo vinha pela margem opposta observando todos os nossos movimentos.

O transporte deste corpo de exercito de Itaty para o Passo da Patria, feito por aquelles navios e mais o vapor *Maracanã*, realisou-se no dia 13 de julho.

Dois dias depois da chegada dessa expedição ao Passo da Patria, passou João Fernandes para a canhoneira *Henrique Dias* e a 22 do mesmo mez, para o vapor *Maracanã* que seguio a incorporar-se á esquadra que se achava em Curuzú. Neste navio se conservou até 28 de janeiro do anno seguinte, quando foi nomeado para servir a bordo da bombardeira *Forte de Coimbra*.

Quando a 19 de fevereiro de 1868 deu-se a gloriosa passagem da divisão de couraçados pelas baterias de Humaytá, onde a coragem, o brio e o heroismo assignalaram em o mais alto gráo o caracter brazileiro, fazia parte a *Forte de Coimbra* da 2ª grande divisão da esquadra sob as ordens do chefe de divisão Francisco Cordeiro Torres e Alvim, chefe do estado-maior da mesma esquadra em operações. Essa divisão que estava em Curuzú, composta da *Princeza de Joinville*, capitanea, *Magé*, *Beberibe*, *Ypiranga* e *Araguary*, commandada esta pelo capitão-tenente José Marques Guimarães, tambem colheu louros nesse memoravel e heroico dia. Com seus bravos companheiros foi louvado João Fernandes.

Foi ainda elogiado o valente marinheiro pelo seu comportamento nos bombardeios de Curupaity e Passo Pocú realisados a 11 de abril pela esquadra dirigida pelo chefe Alvim.

A *Forte de Coimbra* conservando a sua posição em frente a Humaytá, durante o bombardeio, teve depois em frente a Curupaity que substituir a *Pedro Affonso* no mesmo perigoso serviço.

Por tão assignaladas provas de valor, obteve João Fernandes como recompensa a nomeação de segundo-tenente

em commissão, feita em 18 de maio pelo chefe de esquadra Elisiario Antonio dos Santos.

Não ficaram nestes somente os serviços de guerra do tenente João Fernandes, pois tambem tomou parte no reconhecimento e consequente bombardeio de Angustura, effectuados a 19 de novemhro.

Depois destes brilhantes feitos, foi mandado servir a bordo do transporte *Vassimon*, na ilha do Cerrito, em 16 de janeiro de 1869, partindo em seguida para o Rio de Janeiro onde chegou a 24 do mesmo mez.

Em consecutivas viagens de ida e volta do Rio de Janeiro a Montevidéo esteve em seguida, até que a 6 de novembro destacou nesse ultimo porto para o vapor *Amazonas*, navio chefe de estação no Rio da Prata, em 9 de janeiro de 1870.

Tendo de regressar para o Rio de Janeiro a corveta *Beberibe*, para ella destacou em 12 de maio, e a 21 do mesmo mez chegava a seu destino, para poucos dias depois passar para o transporte *Bonifacio*, que partia para Montevidéo, onde chegou a 7 de junho; apresentando-se no dia seguinte a bordo do *Amazonas*.

Não se descuidava o 2° tenente João Fernandes de aproveitar seus lazeres para estudar e preparar-se theoricamente nas doutrinas exigidas para os exames a que deveria ser submettido para a conquista da effectividade de seu posto, tão honrosamente ganho na guerra. Tendo tido ordem a *Araguary* para recolher-se ao Rio, nella embarcou o tenente João Fernandes em 15 de fevereiro de 1871, e um mez depois se achava em Santa Catharina. Ao chegar ao Rio de Janeiro, sujeitou-se aos exames necessarios, sendo approvado.

Pela circular do Quartel General da Marinha sob n. 143 de 16 de agosto, consta ter sido promovido a 2° tenente da Armada por decreto de 28 de julho.

Em 19 de outubro baixou ao hospital por doente e, finda a licença obtida para tratamento de saude, apresentou-se, em 28 de novembro, sendo mandado embarcar na corveta *Nitheroy*, que se aprestava para sahir em viagem de instrucção com uma turma de guardas-marinha.

A 24 de fevereiro de 1872 sahia a *Nitheroy*, chegando um mez depois a Pernambuco; seguindo dali rumo a Lisboa, onde aportou a 20 de maio.

De regresso ao Rio de Janeiro em 4 de outubro, passou a ter embarque o tenente Silva Fernandes na canhoneira *Ivahy* em 23 de dezembro.

A saude do distincto official, bastante combalida desde o Paraguay, era precaria. A 12 de fevereiro de 1873, com 26 annos incompletos, cessava de existir, deixando nomeada de valente e perfeito homem de mar. Perdeu assim a sua terra natal mais um dos seus filhos que, pelo seu amor ao trabalho e á gloria, souberam fazer-se pelo esforço proprio.

XXI

O PILOTO FRANCISCO DE SALLES CARDOSO

A legendaria cidade da Laguna, desde os tempos coloniaes, pela riqueza agricola de suas terras, nunca perdeu a supremacia de ser o emporio commercial do sul de Santa Catharina; razão porque sempre ostentou em seu porto innumeres navios pertencentes á praça.

Do convéz de muitos delles sahio uma pleiade que illustrou a nossa historia naval. Assim os irmãos Lamego Costa—Jesuino, José e Firmino—, que tão brilhantes papeis desempenharam nos prélios travados no estuario do Prata; João Henriques, José de Jesus e a propria Annita de Jesus Ribeiro— Annita Garibaldi—, que souberam, pelo seu ideal, na tolda dos navios, dar ao mundo exem-

plos de extraordinario valor. Foram todos educados naquella boa escola.

Embora tenha presentemente desapparecido a navegação daquelle tempo, supplantada hoje pela do vapor, mas não local, ainda assim conserva a cidade os mesmos foros tão nobremente adquiridos.

Nessa cidade a 29 de janeiro de 1831 nasceu Francisco de Salles Cardoso, que soube dar á Patria os seus bons e leaes serviços, quando chamado ás armas. Filho do major Antonio Cardoso Cordeiro e de d. Florinda Claro de Oliveira, da conhecida e antiga familia lagunense dos Claros, desde muito joven atirou-se á vida do mar.

Em navios da praça, sob a direcção de seu tio Albino Fernandes Claro, terceiro filho de Francisco Claro, marinheiro feito em continuas viagens entre Rio Grande, Montevidéo e Rio de Janeiro, e depois em navios pertencentes ao negociante e armador da praça do Desterro José Maria da Luz, fez sua aprendizagem Francisco Salles Cardoso.

Em uma dessas viagens naufragou na costa do Rio de Janeiro, desastre esse que não foi o ultimo a soffrer. Foi nesse naufragio que seu tio, homem avesso ao casamento, vendo-se completamente perdido, fez solemne promessa de, caso se salvasse, casar com a donzella mais pobre e feia que ao chegar á praia o acolhesse. De facto o fez e com a filha de um pescador que, além de não ser dotada de belleza, soffria de um desvio da espinha dorsal. Si não levou para sua companhia uma encantadora creatura, encontrou, entretanto, um thesouro de bondade, de boas qualidades e carinhos, por todos admirada e considerada.

Affeito á vida do mar, Francisco Salles Cardoso offereceu seus serviços ao governo e foram elles aceitos. Por nomeação do Quartel General da Marinha de 19 de março de 1861, foi mandado embarcar como piloto extranume-

rario a bordo do brigue-escuna *Tonelero*, construido no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e lançado ao mar em 23 de setembro de 1854.

Seis dias depois de sua apresentação a bordo, destacava em 1 de abril para a canhoneira *Araguaya* que seguio em commissão ao sul. De regresso dessa viagem, em 7 de maio seguinte, novamente destacou para o patacho *Desterro*, em 1 de julho, para desempenho de outra commissão. Tendo determinado o Quartel General da Marinha que passasse Francisco Cardoso a fazer parte da lotação do vapor *Pedro II*, ao regressar em 11 de outubro recolheu-se ao dito vapor que se preparava para seguir para o sul.

A constante remessa de material bellico e de tropas que fazia o nosso governo, não só para attender ás necessidades de nossa fronteira, como para abastecer os navios de estação no Rio da Prata e em Matto Grosso, fazia com que os navios da nossa esquadra se achassem em constante actividade; accrescia a tudo a falta de communicações telegraphicas não existentes naquella época.

Para uma destas commissões partio o vapor *Pedro II* carregado de sobresalentes e trem bellico para a esquadra. Tendo chegado na manhã de 23 de outubro a Santa Catharina, zarpou no mesmo dia com destino a Montevidéo. Na tarde de 26 do mesmo mez, depois de haver montado a ilha das Flores, foi, porém, o *Pedro II* encalhar ás 8 horas da noite na Ponta Brava, onde se perdeu. Desse naufragio, onde muito se distinguio Salles Cardoso, salvou-se a guarnição bem como parte do trem naval e dos sobresalentes. Recolhidos os naufragos, ficaram depositados a bordo do vapor *Viamão*, seguindo depois para o Rio de Janeiro.

Em 14 de janeiro de 1862, passou Salles Cardoso a ter embarque no brigue-escuna *Tonelero*, de onde passou para o *Recife* a 27 do mesmo mez, fazendo neste navio constantes viagens para o sul e para o norte até 5 de junho, data em que passou a embarcar no vapor *Beberibe*; regressou a seu navio a 15 de julho seguinte, desembarcando em 7 de novembro.

Novamente precisando o governo de seus sesviços prestados até então á Marinha, por nomeação de 6 de março de 1865 foi Salles Cardoso mandado embarcar no brigue-barca *Itamaracá*, passando para o patacho *Iguassú* em 19 de maio e nelle seguindo para o Rio da Prata,onde, depois de pacificado o Estado Oriental pelas nossas forças de mar e terra, começava o nosso governo a accumular elementos bellicos para iniciar a campanha contra o Paraguay, cujo dictador, sem prévia declaração de guerra, iniciara as hostilidades.

Do patacho *Iguassú* que se achava em frente á cidade do Salto passou a embarcar no transporte *Apa*, em 19 de setembro, depois de ter tido alta do hospital daquella cidade, a que baixara.

Em chegando a Buenos Aires, baixou de novo ao hospital, recolhendo-se depois, a 15 de novembro, ao navio chefe, que era então a corveta *Nictheroy*.

Desse navio passou para o transporte a vapor *S. José Romão*, afim de seguir para o Rio de Janeiro, onde, ao chegar, baixou ao Hospital de Marinha em 20 do mesmo mez. Em 15 de janeiro de 1866 teve alta sendo mandado embarcar no vapor *Paraense*, de onde passou para a *Berenice*.

A actividade na construcção de navios no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, sob a direcção do chefe de divisão Jesuino Lamego Costa, futuro barão da Laguna, tinha chegado a um auge tal que não podia ser

excedido. Não conheciam difficuldades Level, Trajano, Braconnot e outros engenheiros; couraçados, monitores, canhoneiras e toda a especie de embarcações destinadas á guerra não dormiam nos estaleiros; basta dizer que duas bombardeiras, a *Forte de Coimbra* e a *Pedro Affonso*, levaram apenas tres mezes e vinte sete dias para serem construidas, sendo lançadas ao mar no dia 18 de março de 1866.

Por ordem do dia da Divisão Naval do 1° districto, de 13 de abril, passou Salles Cardoso para a *Pedro Affonso*, onde se apresentou dois dias depois e nella partio para Montevidéo a cujo porto chegou a 10 de maio.

Incorporada á esquadra a bombardeira *Pedro Affonso*, começou para Salles Cardoso a serie de serviços de guerra que tão merecidos elogios lhe valeram. Sendo essa bombardeira enviada para Corrientes, onde chegou a 22 de junho a reboque do transporte de guerra *Leopoldina*, logo a 27 de julho seguinte era de novo rebocada pelo mesmo transporte para a boca do rio Atajo, afim de, com os demais navios, proteger o desembarque de nossas tropas, e quatro dias depois fez ella os primeiros tiros com seus morteiros em direcção ao campo inimigo de Curuzú.

A 28 de agosto baixou Salles Cardoso por doente ao hospital de marinha de Corrientes; com alta a 22 de setembro, voltou para o seu navio, onde continuou em actividade.

Veio o anno de 1867 e tendo o novo commandante em chefe da esquadra, o almirante Inhaúma, tudo disposto para uma acção mais energica, determinou a 8 de janeiro que a esquadra operasse um reconhecimento sobre Curupaity e Lagoa Pires. Coube á *Pedro Affonso* apoiar o renhido fogo dos demais navios, desde as 5 1/2 da manhã até 1 1/2 da tarde dirigido sobre Curupaity. Registra a parte do almirante que os tiros dessa bombardeira foram muito efficazes e certeiros.

Depois desse reconhecimento, teve ordem Salles Cardoso de passsar para a *Magé* em 22 de janeiro. Neste navio com brilhantismo tomou parte nos bombardeios executados em fevereiro, e ainda no ataque ás trincheiras inimigas de Curupaity, levado a effeito a 3 de março, ataque esse dirigido pela divisão da esquadra ás ordens do chefe Alvim. Por estes brilhantes feitos foi Salles Cardoso elogiado, recebendo tambem as felicitações de que trata a ordem do dia n. 39 de 12 de março.

A 30 de março destacou Salles Cardoso para o couraçado *Colombo* e a 4 de abril voltou para a *Magé*, destacando logo depois para o couraçado *Barroso*, onde se conservou um mez, tomando parte nos bombardeios quasi diarios, dentre os quaes se tornou saliente o que foi feito a 1 de maio, durando algumas horas.

A 4 de maio regressou de novo para a *Magé* e no reconhecimento formal sobre as baterias de Curupaity, dirigido pessoalmente pelo almirante, brilhantissima parte tomou a *Magé*, pois formou entre dez couraçados, tendo por companheiras a *Parnahyba*, duas chatas e duas bombardeiras. O cholera que grassava na esquadra não conseguira abater o animo daquelles heroicos e valentes marinheiros que levaram o chefe a dizer: « Não era possivel dar a todos o primeiro logar; a estreiteza do canal, a necessidade forçosa de collocar-se cada um em posição conveniente para não se offenderem mutuamente, o plano da operação, sobretudo, que requeria poucos navios, só a tres permittiam essa gloria. Nem por isso deixaram todos de cumprir o seu dever ».

Em execução ao officio da 1ª Divisão n. 279, de 28 de junho, passou Salles Cardoso para o transporte a vapor *Isabel*, deixando assim o theatro da guerra. A 15 de julho

chegou ao Rio Grande do Sul e a 20 de agosto desembarcava no Rio de Janeiro.

Vendo Salles Cardoso que não poderia ter accesso na carreira sem ter o curso necessario e que não bastavam seus serviços de campanha para galgar á posição almejada, deixou-se ficar embarcado em transportes, fazendo consecutivas viagens para o theatro das operações de guerra. Finalisada esta, ainda continuou no serviço do transporte de regresso das tropas que no Paraguay operaram.

No Pará, onde então servia, veio posteriormente a fallecer em uma casa de saude.

Rio, 15-2-914

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXII

O almirante José Pinto da Luz

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1914

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim
XIV — O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira
XV — O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt
XVI — O segundo-tenente honorario José Francisco Alves Serpa
XVII — O segundo-tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa
XVIII — O segundo-tenente Domingos Moreira da Silva
XIX — O segundo-tenente Antonio José da Silva
XX — O segundo-tenente João da Silva Fernandes
XXI — O piloto Francisco de Salles Cardoso
XXII — O almirante José Pinto da Luz

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXII

O ALMIRANTE JOSÉ PINTO DA LUZ

Tempos houve, antes do apparecimento do maior flagello concebido para destruir a nossa thalassocracia—tal a lei da livre cabotagem—,nos quaes em todos os portos da antiga provincia de Santa Catharina e principalmente no de sua capital, a cidade do Desterro, hoje Florianopolis, se ostentavam centenares de embarcações de todos os portes, que faziam o orgulho dos filhos daquella terra de marinheiros, porque ali na maioria tinham sido construidas, sendo, quasi na totalidade, por elles tripuladas. Era a escola de preferencia procurada por pobres e ricos.

Almirante José Pinto da Luz

Nascidos nos estaleiros erguidos em quasi todos os recantos do serrilhado litoral, consequencia da vitalidade maritima de então e que a citada lei fez fenecer, refle-

ctiam aquelles cascos fluctuantes o sentir de um povo que adora o mar. Compraziam-se os habitantes em vel-os chegar e partir na sua aventurosa faina, pois traziam-lhes alegrias e levavam saudades: nelles palpitava o coração catharinense. Eram elles, emfim, a alma daquelle bom povo, simples e carinhoso, sonhador ainda hoje de uma palingenesia prospera e risonha que fará de sua terra o fundamento necessario ao nosso poder naval, pois Santa Catharina ainda conserva o predicado de ser a chave do Brazil meridional.

Assim como nas lagoas e lagunas, fazendo o deleite dos primeiros descobridores e povoadores, se pavoneavam os patos marinhos e os pinguins, do mesmo modo nas aguas da bahia do sul de Santa Catharina, miravam-se garbosos os navios pertencentes áquella praça, á espera, qual bando de alcyones, das nordestias ou das primeiras rajadas do pampeiro, para abrirem as brancas azas, e roçando pelas cristas das vagas, nivelando-as com suas quilhas e picando-as com as suas bem lançadas proas, alegrados pela musica desferida pelos cabos da mastreação aos embates da fresca brisa ou das tormentas, levar a caminho do sul ou do norte os productos do commercio da fecunda terra que os aninhava.

Dentre os antigos armadores da então cidade do Desterro, destacava-se, como um dos principaes, o rico e conceituado negociante commendador João Pinto da Luz, homem de lucida intelligencia e de infatigavel actividade.

Do seu enlace matrimonial com D. Maria Amalia da Luz, nasceu no dia 8 de Setembro de 1843 o nosso biographado José Pinto da Luz, que, annos mais tarde, se tornaria um dos illustres filhos da sua terra.

Em um meio tão propicio, qual o contacto constante com os capitães e pilotos da casa paterna, sempre prom-

ptos a lhe fazerem todas as vontades, incitando-o a imital-os, desenvolveu-se ainda mais a inclinação de José pela vida do mar; e não querendo seu pae contrarial-o, muito ao envés, animando-o, levou-o, depois de feitos os seus primeiros estudos, para o Rio de Janeiro em busca de matricula na Academia de Marinha.

Approvado nos exames feitos para admissão, foi-lhe, por aviso de 27 de Janeiro de 1857, contando apenas quatorze annos, mandado dar praça de aspirante á guarda-marinha, sendo como tal reconhecido em ordem do dia de 5 de março do mesmo anno.

Tendo perdido o primeiro anno, por molestia, teve que repetil-o, e depois de cursados os demais com bastante proveito, foi por aviso de 30 de dezembro de 1860 promovido a guarda-marinha, e por outro de 4 de fevereiro do anno seguinte mandado embarcar na fragata *Constituição* emquanto se preparava o navio que deveria sahir com a turma em viagem de instrucção.

Na corveta *Bahiana*, navio designado para a commissão, foi mandado embarcar a 7 do mesmo mez. A 2 de março suguinte sahio do Rio de Janeiro, e depois de tocar em diversos pontos europeus, seguio para Nova York, onde chegou a 6 de maio, regressando ao Rio a 8 de dezembro.

Approvado nos exames do 4° anno, teve embarque o guarda-marinha José Pinto da Luz na canhoneira *Araguahy*, onde se apresentou a 3 de janeiro de 1862, e como se preparasse a *Maracanã* para seguir em commissão até Montevidéo, conseguio nella embarcar, certo da escala desse navio por Santa Catharina. Teria assim occasião de abraçar os seus e receber os effusivos comprimentos dos velhos lobos do mar que tanto realce davam á casa paterna e que tanto haviam contribuido para que elle abraçasse a honrosa carreira na Armada nacional.

De Santa Catharina partio para Montevidéo onde chegou a 14 de abril, e no mesmo navio se conservou até 18 de julho, quando passou a ter embarque na corveta *Berenice*, navio em que recebeu a noticia de sua promoção ao posto de segundo-tenente, por decreto de 9 de dezembro de 1862. Tendo regressado a *Berenice* ao Rio de Janeiro, passou em 9 de Julho de 1863 para a canhoneira *Ivahy*.

A acção do Brazil no Rio da Prata necessitava de apoiar-se na força para conter a intolerante politica ali seguida contra a nossa soberania; tantos e tão constantes eram os insultos atirados a ella que já se tornavam insufficientes os meios diplomaticos, com demasiada condescendencia empregados para contel-os. Somente a força das armas poderia reprimir os obreiros da discordia, na violenta obra encetada.

Dia a dia, mais escuros se tornavam os horisontes da politica e para infelicidade nossa os nossos homens de governo mais interessados e absorvidos na politica partidaria do que na externa, não se preoccupavam com o que se tramava contra a nossa nacionalidade, e nenhuma ou pouca providencia tomavam.

A imprevidencia ou completa ignorancia da politica seguida até a nossa independencia, certo bem traçada por D. João VI que geitosamente a urdia, porém emaranhada e destruida por sua mulher D. Carlota Joaquina—que de accordo com seus partidarios no Rio da Prata nutria pretenções á regencia das colonias hespanholas que formaram o antigo vice-reinado, para onde chegou a enviar armas, polvora e joias suas no valor de cincoenta contos de réis, para a defesa da causa em Montevidéo, e para onde teria abalado, si não fosse a influencia de lord Strangford que conseguio a retirada do commando da esquadra ingleza a sir Sidney Smith, o grande auxiliar da rainha na tentativa

para reger a America hespanhola,—deu em resultado, por falta de firmeza e resolução na que posteriormente se seguio, a successivas luctas e intervenções do Brazil no Rio da Prata, ora reclamadas para garantir a integridade e a tranquillidade de nossas fronteiras, ora solicitadas pelas republicas platinas limitrophes.

Vinha de longe a trama na qual servio o Estado Oriental de tessitura para jogar contra nós o Paraguay, e impensadamente concorreram os nossos estadistas para, na guerra que se seguio, nos entregar manietados á Republica Argentina, cujo presidente de então, fino e atilado homem de governo, soube tirar sagazmente para seu paiz e para si proprio, todo o proveito da tremenda lucta.

Alem da nossa contribuição de sangue, o nosso dinheiro, com tanto sacrificio reunido, soube o illustre general Mitre geitosamente encaminhal-o e transvasal-o para o organismo platino, exhausto pelas constantes luctas intestinas, robustecendo-o deste modo para a conquista da proeminencia, hoje com tanto brilho occupada.

Para apoiar suas reclamações ao governo de Aguirre dispunha o Brazil no Rio da Prata, sob o commando do vice-almirante barão de Tamandaré, dos seguintes navios:

Em Buenos Aires, das fragatas *Nictheroy* e *Amazonas*, corveta *Beberibe*, canhoneiras *Recife*, *Mearim*, *Ivahy*, *Araguaya* e *Maracanã*; em Montevidéo, da corveta *Jequitinhonha*; no Uruguay, das canhoneiras *Itajahy* e *Belmonte*, e, finalmente, da *Parnahyba*, que se achava no Rio Negro. Contando com estes recursos, não se preoccupou, entretanto, o governo brazileiro da organisação de forças terrestres sufficientes para operar conjuntamente.

Não sendo attendido o nosso plenipotenciario nas satisfações pedidas, apresentou ao governo uruguayo o

seu *ultimatum*, cabendo ao barão de Tamandaré, de accordo com o general oriental Flores, em lucta contra o governo de seu paiz, iniciar as hostilidades.

Determinado o bloqueiro dos portos orientaes, foram reunir-se a *Parnahyba* e a *Itajahy* no dia 5 de novembro de 1864 á *Araguaya*, *Mearim*, do commando do 1° tenente José Marques Guimarães, e *Maracanã*, onde se achava José Pinto da Luz, já promovido ao posto de 1° tenente, por merecimento, por decreto de 20 de agosto.

Cabendo á *Maracanã*, que se achava em Paysandú, a missão de reforçar o bloqueio da cidade do Salto, para ali seguio a 20, rebocando uma lancha da *Nictheroy*, e dois dias depois com a *Mearim* e a *Itajahy*, subio com a artilharia em bateria e guarnições a postos, até collocar-se em frente á mesma cidade, a desafiar as forças de Leandro Gomes. No dia seguinte desceu o rio e foi postar-se em frente a Concordia, do lado argentino, recebendo nessa occasião a seu bordo o general Flores, que ali fôra conferenciar com o commandante Bittencourt Cotrim e pedir-lhe o fornecimento de um obuseiro de calibre 12 para armar o vapor *Gualeguay*. Rendida a praça do Salto, dirigiram-se os navios para Paysandú.

A demora das nossas tropas de terra levou o almirante a emprehender o ataque áquella praça forte, defendida por Leandro Gomes, commandando 1254 praças de linha com 15 bocas de fogo de 12 a 18. Contando unicamente com as canhoneiras *Recife*, *Belmonte*, *Parnahyba*, *Araguaya* e *Ivahy*, guarnecidas approximadamente com 700 praças e um reforço de 200 homens do 1° batalhão de infanteria, levou o barão de Tamandaré o ataque á praça até que vio coroado de resultado o seu emprehendimento. Nesse brilhante feito de nossa historia naval, terminado pela capitulação de Montevidéo, muito se sali-

entou José Pinto da Luz, já embarcado na *Ivahy*, pela sua actividade e bravura.

Mal haviam terminado as operações contra o governo oriental, eram chamados os nossos navios para os rios Paraná e Paraguay, afim de conter a furia guerreira do tyranno que governava a Republica do Paraguay.

Ao partir a primeira divisão da nossa esquadra sob as ordens do chefe Gomensoro para o seu destino, nella seguio José Pinto da Luz.

Não lhe foi, no emtanto, dado compartilhar dos louros do Riachuelo, por ter sido a *Ivahy* enviada aguas abaixo, em busca de carvão para a esquadra, nas vesperas do dia em que se desenrolou naquelle ponto do Paraná a mais estupenda acção naval travada na America.

Para mostrar, porém, o seu valor, não lhe faltariam occasiões. Tendo os paraguayos fortificado o Passo de Mercedes com o fim de bloquear os navios que se achavam rio acima, recebeu a *Ivahy* o almirante Barroso, o heroe de Riachuelo, para descer o Paraná. O difficil Passo de Mercedes, um estreito e correntoso canal entre altas ribanceiras, obrigava, devido á existencia de um banco, os navios a se encostarem á margem esquerda, cuja barranca guarnecida por 36 canhões de calibre 68, apoiados por 2000 homens de infantaria e artilharia, dominava completamente o passo.

Na manhã de 18 de junho poz-se a nossa esquadra em movimento, tendo-se a ella reunido a *Ivahy*, e, com imperturbavel serenidade de animo dos valentes que a tripulavam, deu-se inicio á passagem. Debaixo de vivissimo fogo vomitado successivamente pelos 36 canhões e pela fuzilaria dos dois mil homens que defendiam o passo, transpuzeram-no quasi incolumes todos os navios. A's 11 horas da manhã, desmontadas diversas peças do inimigo e ra-

readas as fileiras dos defensores pela enorme baixa soffrida em virtude dos nossos tiros, estava desmoralisada a famosa passagem, deplorando os nossos a morte do bravo capitão-tenente Bonifacio de Sant'Anna, de duas praças, e contando nove feridos.

Fundeou a esquadra em Chimboral, quinze leguas abaixo de Corrientes, onde se achava a *Ivahy*, a que se reunio pouco depois a *Magé*, em 5 de julho.

Da *Ivahy* destacou para a *Beberibe* o 1º tenente Pinto da Luz, indo servir sob as immediatas ordens do illustre chefe Alvim, seu comprovinciano.

Os paraguayos, na sua tenaz obstinação de bloquear a nossa esquadra, montaram logo depois do fracasso de Mercedes novas baterias em Cuevas, aproveitando-se para isso das grandes e altas barrancas ali existentes e da circumstancia de ser estreito e tortuoso o canal apresentado pelo curso do rio. Essas baterias, mais formidaveis do que as ultimamente transpostas, estavam guarnecidas por tres a quatro mil homens.

No dia 12 de agosto, ás 9 horas da manhã, com verdadeiro denodo, comprehendido e secundado por seus commandados, investio o chefe Barroso o canal. Seguia na vanguarda a *Ivahy* tendo por matalote de ré a *Itajahy* e vindo logo atraz a *Beberibe*, em seguida a *Amazonas*, o vapor argentino *Guardia Nacional*, a *Magé*, *Belmonte*, *Mearim*, vapor *Apa*, trazendo este de cada lado o brigue transporte *Pipery-guassú* e a barca *Quarahim*, e por ultimo a *Ypiranga*.

A *Ivahy*, navio testa da columna, cujo commandante, o bravo capitão de mar e guerra Guilherme dos Santos, anciava pelo seu baptismo de fogo, emquanto alguns navios faziam ainda a volta para entrar em linha, approximou-se da barranca e iniciou o fogo, que foi respondido fracamente. Quando, porém, investiram os demais

navios, com vivacidade incrivel rompeu um violento e destruidor fogo de artilharia, semelhante a grandes descargas de fuzilaria: dir-se-ia que as barrancas vomitavam lavas ardentes.

Não se atemorisaram, porém, os nossos artilheiros com os destroços causados, nem tão pouco com o graniso de balas que cahia sobre elles, despejado quasi a queima roupa: com a mesma calma admiravel dada pela coragem heroica e consciente que incute o cumprimento do dever, respondiam com precisão e energicamente ao fogo terrivel que os envolvia.

Na meia hora em que cada navio teve que passar sob a acção do fogo dos 36 canhões, alguns de grosso calibre e outros raiados, alem de oito ou dez estativas de foguetes a *Congrève* e da fuzilaria, tudo d'sposto de tal fórma que batiam os navios, um por um, de proa, de través e pela popa, em cada um delles desenrolaram-se êpicos poemas de verdadeiro heroismo.

Na *Itajahy*, que ia perdendo o governo debaixo da barranca, por ter recebido uma bala de 36 na cabeça do leme, o marinheiro Francisco Pereira Barbosa, de 19 annos de idade, vendo cahir a seu lado tres dos seus companheiros conserva-se no seu posto, placido e firme, sem a menor perturbação, com a consciencia de cumprir o seu dever, e consegue metter o navio a caminho.

Na *Beberibe*, onde se achava José Pinto da Luz, uma bala corta um dos gualdropes do leme, fazendo-a quasi atravessar á correnteza. Debaixo de mortifero fogo que parece esmagal-a, não se contem o chefe Alvim que, fiado em sua herculea força e ajudado pelo então 1° tenente Foster Vidal e alguns marinheiros, segurando o gualdrope partido, consegue dar governo ao seu navio, evitando assim que os que o seguiam viessem esbarrar-se sobre elle.

Na *Ypyranga*, dava-se uma scena espartana, digna de figurar como exemplo, e que definia o seu protagonista. O commandante, 1° tenente Alvaro Augusto de Carvalho, atacado de typho depois da passagem de Mercedes, enfermou gravemente. Brioso como era, não quiz dar parte de doente. Aos conselhos dos officiaes para que deixasse o commando respondia que a occasião não era propria de o fazer: estava diante do inimigo e havia de morrer a bordo do seu navio no seu posto de honra.

Ao suspender a esquadra, por um extraordinario esforço, reanimou-se e pode-se dizer voltou-lhe a vida prestes a abandonar aquelle corpo outrora robusto. Alvaro, abatido, quasi sem poder suster-se, pede que o conduzam ao passadiço. Oppõem-se os officiaes, chegando mesmo o immediato a intimar-lhe em nome do chefe que não subisse, ameaçando mesmo de prendel-o á ordem do ministro ; ao que Alvaro de Carvalho responde que o podia fazer, porém só depois do combate, porque o passadiço era o seu posto e somente o abandonaria quando substituido por morte.

Ordena então aos criados que o conduzam em uma cadeira para o passadiço, e a descoberto commanda durante toda a acção, chovendo ao deredor as balas. Dir-se-ia que ellas respeitavam aquelle symbolo do brio militar, em quanto ao seu lado cahiam mortos um aspirante de marinha e sete praças. A pallidez estampada em seu rosto, emmoldurado por densa barba negra, foi com o ardor do combate substituida por viva coloração, illuminada pelo brilho do seu olhar : dava aos presentes a impressão de que ali se achava o rijo homem de todos os tempos.

Puro engano: finalisado o combate, alquebrado pela molestia e pela commoção natural daquelles momentos supremos, foi o intrepido commandante abandonado pelas

energias que soubera reunir, desfalleceu, indo morrer em Buenos Aires, para onde fôra transportado.

A Ypiranga foi pela sua pouca marcha o navio mais attingido, e, como cerrafila, teve que soffrer quasi que isolado o fogo da barranca.

No *Guardia Nacional* o proprio chefe argentino tomou o leme, pois uma bala matou os quatro timoneiros.

Louvor, portanto, aos heroes, aliás já sagrados como taes nos combates anteriores.

Transposta a passagem de Cuevas, foi a esquadra fundear pouco abaixo do Rincon do Soto, afim de reparar as grandes avarias soffridas, enterrar dezenove mortos e cuidar de vinte e nove feridos.

No mesmo navio que levou Alvaro de Carvalho para o hospital de Buenos Aires, seguio José Pinto da Luz, tambem doente. Baixando ao hospital em 1 de setembro, teve alta em 30 do mesmo mez e seguio no vapor *Espigador* para o Rio de Janeiro, onde foi inspeccionado de saude e obteve licença para trartar-se em Santa Catharina.

Ao passar o transporte *Isabel* em Santa Catharina, com destino ao Rio da Prata, levando o almirante Joaquim José Ignacio, nomeado commandante em chefe da esquadra em operações no Paraguay, em substituição do almirante Tamandaré, apresentou-se Pinto da Luz a bordo a 9 de dezembro e nelle seguio para Montevidéo, onde foi mandado embarcar a 21 no couraçado *Silvado*, passando pouco depois para a canhoneira *Greenhalgh*, em 13 de janeiro de 1867.

Estava assim de novo José Pinto da Luz no seu posto de honra.

O impulso que desde a sua chegada ao theatro da guerra deu o visconde de Inhaúma ás operações muito contribuio para apressar o desfecho da longa campanha, fazendo com que fossem juntadas outras tantas paginas gloriosas

ás já esculpidas na nossa historia. Coube aos navios couraçados a missão de abrir caminho rio acima, emquanto os navios de madeira faziam o serviço de vigilancia continua abaixo das posições transpostas, e na *Greenhalgh* e depois na *Ivahy*, nesse tambem penoso trabalho, esteve José Pinto da Luz.

O inhospito clima do Paraguay que tantas vidas ceifou no pessoal da nossa esquadra, alliado ao fatigante serviço de guerra, depauperou o organismo de Pinto da Luz, obrigando-o a baixar novamente ao hospital em 27 de maio de 1868, deixando por essa razão a *Ivahy*, onde se achava. Logo, porém que teve alta, em 20 de julho seguinte, teve embarque no couraçado *Brazil*, navio que prestou relevantes serviços na protecção aos courados *Silvado*, *Cabral* e monitor *Piauhy* quando a 21 de julho forçaram por seu turno a passagem de Humaytá, já heroicamente transposta pela primeira vez a 19 de fevereiro desse anno.

A 5 de agosto rendia-se ao nosso exercito o mais formidavel reducto dos paraguayos, a invencivel Humaytá, assim considerada por notabilidades que a tinham examinado e conheciam o seu valor.

Si corações de aço foram vencedores, da mesma consistencia eram os dos seus defensores.

O valor paraguayo exigia para ser abatido outro da mesma tempera.

O soldado paraguayo era bem digno do brazileiro: na alma de ambos corria o sangue dos heroicos guerreiros guaranys.

A guarnição de Humaytá, ao abandonar aquella fortaleza, concentrou-se em um reducto construido em espessa matta e ali com a tenacidade propria daquelles valentes soldados, não obstante o fogo intenso de artilharia e fuzilaria que por espaço de nove dias recebeu e apesar das intimações para render-se, resistia sempre. Durante esse

tempo, de noite, faziam elles desesperadas tentativas para romper o cerco, e nessa encarniçada lucta, sempre repellidos, tinham os nossos que combater a peito descoberto dentro de lanchas, chalanas, escaleres e canoas, em uma lagoa cheia de camalotes e obstaculos que impediam as manobras.

A esse respeito diz na sua parte official o chefe Alvim:

« Como me cumpre, vou dar parte a V. Ex. das occurrencias havidas desde o dia 28 de julho proximo passado até hontem, na lagoa do Chaco, onde esteve o capitão-tenente Francisco Romano Stepple da Silva, com tres escaleres encarregados de completar o cerco e hostilisar os paraguayos que se achavam refugiados num reducto, na ilha que existe na mesma lagoa.

No dia 28 ás 4 horas da tarde, tendo de avançar a lancha da *Nictheroy* ao serviço do exercito, afim de entrar em um tiroteio, morreu o cabo de fuzileiros navaes Antonio Ferreira, da *Beberibe*. Um escaler da *Belmonte* ficou inutilisado por effeito da metralha, pelo que foi recolhido ao seu navio por ordem do referido capitão-tenente.

No dia 29 mandei reforçar as embarcações com um escaler da *Magé*, no qual ia um official e a respectiva guarnição. As duas peças de calibre 12 foram recolhidas a bordo porque ficaram inutilisadas nos reparos, martellos e carretas, tendo sido substituidas por uma Withworth calibre 2.

No dia 30 entrou para aquelle serviço a lancha da corveta *Brazil*. Nada occorreu nesse dia. A's 9 horas da noite de 30 para 31 tentou o inimigo forçar a passagem, o que não levou a effeito por ser noite clara e serem presentidos os seus movimentos.

A' 1 hora da noite, como fosse escuro o tempo, o inimigo esforçou-se para passar a todo o transe, pelo que arrojou-se sobre a nossa linha de canoas e escaleres, cau-

sando tal confusão que, aproveitando-se della, alguns paraguayos conseguiram evadir-se. Uma canoa nossa que foi arrebatada pelo inimigo, foi retomado pela lancha da *Brazil* cuja manobra foi dirigida pelo proprio capitão-tenente Stepple, que ouvindo pouco depois algum fogo á direita, correu para o ponto e encontrou a mesma lancha da *Brazil* encalhada e embaraçada com canoas nossas, tendo antes matado tres paraguayos que tentaram abordal-a.

Seis canoas do inimigo iam ser abordadas quando a lancha da *Nictheroy* encalhou sobre umas estacas, pelo que só se poude chocar pela pôpa a ultima que ia guarnecida por 16 homens. Perdemos um homem, morto por golpe de bayoneta, cinco feridos e tres contusos; entre estes, conta-se o proprio capitão-tenente Stepple. Em compensação, porém, metteu-se a canoa á pique, fulminando-se quasi toda a guarnição e perseguindo-se com fuzilaria as outras cinco. A lancha da *Brasil*, que tinha chegado nessa occasião, coadjuvou os nossos escaleres, fazendo muito fogo sobre o inimigo.

A's 11 horas da noite de 31 tentou o inimigo passar em sete canoas, mas os escaleres da *Magé*, *Brazil* e *Beberibe* lançaram-se sobre ellas, mettendo uma a pique e tomando tres, não podendo evitar que tres se escapassem, pela difficuldade com que manobravam os nossos escaleres, que de vez em quando se chocavam com as nossas proprias canoas. Essas tres canoas foram, porém, quasi completamente desguarnecidas, pois que de 10 a 12 homens que traziam só levaram tres ou quatro. Nessa lucta puzemos uns sessenta paraguayos fóra de combate, tomamos tres prisioneiros e algum armamento. Por nossa parte tivemos cinco praças fóra de combate.

Na noite de 2 de agosto corrente o inimigo tentou passar em nove canoas, cada uma das quaes era guarnecida por 35 pessoas, entre ellas algumas mulheres e crian-

ças. A's 11 horas appareceram as canoas. O escaler da *Beberibe*, commandado pelo capitão-tenente Stepple, o da *Brazil*, pelo 1° tenente Julio Cesar de Noronha, e o da *Magé*, pelo 2° tenente José Porfirio de Souza Lobo, todos atiraram-se a uma sobre o inimigo e bem assim as mais canoas que havia na lagoa.

A mortandade foi immensa no inimigo; sete canoas ficaram em nosso poder; uma vio-se obrigada a retrogradar, e outra que escapou foi encontrada depois com oito cadaveres. Fizemos 28 prisioneiros, e, por nossa parte, da marinha tivemos que lamentar a perda do valente joven 1° tenente Francisco Urbano da Silva Junior, que perdeu a vida na occasião da abordagem, a bordo do escaler da *Brazil*, onde estava com 1° tenente Noronha.

Onze praças mais da marinha ficaram fóra de combate. Os nossos feridos foram tratados pelos cirurgiões do exercito argentino drs. Miguel Collegas e José Ramon.

As praças que guarneciam os nossos escaleres portaram-se brilhantemente, distinguindo-se entre ellas o grumete Eugenio Gomes, pertencente á guarnição da *Beberibe* e o imperial marinheiro José Boaventura, da guarnição da *Brazil*. O capitão-tenente Stepple foi contuso na perna direita, e o 2° tenente Souza Lobo o foi no braço esquerdo.

A's 11 horas da manhã do dia 2, indo um dos nossos escaleres com a bandeira de parlamentario, foi recebido com fogo de fuzilaria pelo inimigo, pelo que regressou trazendo ferido levemente na cabeça o imperial marinheiro José Thomaz da Silva.

A's 9 horas e 20 minutos da noite de 2 para 3 appareceram 12 canoas vindas do Timbó, guarnecidas com 4 a 6 homens cada uma, e que tentaram passar para a ilha da lagoa onde se acha a guarnição de Humaytá ou grande parte della. Os nossos escaleres e mais embarcações cahiram sobre essas canoas, e tão feliz foi o resul-

tado que onze dellas ficaram em nosso poder, passando apenas uma com tres pessoas para a dita ilha. Fizemos cinco prisioneiros, matamos 14 nas canoas, alem de outros que morreram na lagoa, para onde se lançaram, em completa confusão e derrota.

Emquanto soffria o inimigo tão dura refrega, por nosso lado apenas tivemos o soldado naval José Antonio de Souza contuso, e o imperial marinheiro Feliciano José de Almeida, que levou uma pancada de remo na perna direita.

Durante a noite de 3 para 4, nada occorreu de notavel, não tendo havido movimento da parte do inimigo, conservando-se porém, vivo o tiroteio das nossas forças. O mesmo se deu durante o dia 4 e a noite desse dia para 5.

A's 8 horas e 30 minutos, pouco mais ou menos, da noite de hontem, mandou o coronel Martinez, commandante da força paraguaya, uma carta ao general Rivas, em que lhe dizia que acceitava a proposição por elle feita, e que depois do meio dia se apresentaria entre as duas forças para uma entrevista; resolução naturalmente tomada em consequencia da ida do padre Ignacio Esmerate, que está ao nosso serviço, até ao campo inimigo no dia anterior.

Tendo-se dado a conferencia, resolveu o commandante paraguayo entregar-se, assim como a sua tropa, a qual, ás 3 e meia horas da tarde, embarcou-se toda, em numero de 1300 praças mais ou menos, nos vapores *D. Francisca*, *Cecilia* e *Marquez de Caxias*, indo desarmada desembarcar em Humaytá.

Cumpro um grato dever mencionando o nome dos officiaes que estiveram no penoso e arriscado serviço dos escaleres, onde trabalharam com aquella boa vontade e bravura que tanto distinguem a nossa briosa officialidade.

São elles os seguintes: Capitão-tenente Francisco Romano Stepple da Silva, primeiros-tenentes Luiz Felippe Saldanha da Gama, Julio Cesar de Noronha, José Pinto da Luz, Manuel José Alves Barbosa e Francisco Urbano da Silva Junior, segundo-tenente José Porfirio de Souza Lobo e guardas-marinha Rodrigo Nunes da Costa e Augusto de Andrade Valdetaro.

Todos estes officiaes são repetidas vezes elogiados pelo capitão-tenente Stepple nas partes diarias que deu dos acontecimentos da lagoa. E'-me agradabilissimo repetir aqui as seguintes palavras desse capitão-tenente em sua parte de 1° do corrente, quando trata da terrivel abordagem da noite precedente: «Não posso deixar de falar no major argentino Ignacio Bueno, pois é o typo do official valente e achava-se em um dos nossos escaleres na occasião do conflicto.

Hoje acha-se realisada a esperança que todos nós alimentavamos, de que mais ou menos dias haviam de render-se os Paraguayos que foram se refugiar e fortificar em um ponto tão facil de ser cercado como o foi pelas nossas forças.

Acabando de relatar, como relatei, os proficuos trabalhos, arriscados e relevantes serviços prestados pelos nossos officiaes, marinheiros e soldados navaes, cumpro um dever para o meu coração manifestando a V. Ex. mais esta vez o orgulho que tenho de fazer parte de uma corporação que todos os dias dá tão distinctas e brilhantes provas de si.

A relação que vae junta dá os nomes dos officiaes e praças que ficaram fóra de combate nas diversas lutas havidas desde o dia 29 até hontem.

Deus guarde a V. Ex. Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Visconde de Inhauma, Vice-Almirante, Commandante em

Chefe da esquadra em operações. — *Francisco Cordeiro Torres e Alvim*, Chefe do Estado Maior. »

Devido ao seu brilhante comportamento naquella phase da campanha, como se acha acima relatado, foi Pinto da Luz elogiado em ordem do dia da esquadra n. 166, pela maneira distincta, bravura e boa vontade que empregou quando o inimigo refugiado no Chaco tentou evadir-se em canoas, por uma lagoa que fica em frente a Humaytá.

Tendo o almirante determinado seguir a reunir-se á divisão do barão da Passagem que anteriormente, como ficou dito, havia forçado gloriosamente Humaytá, tomou parte o bravo 1° tenente Pinto da Luz no forçamento do passo do Timbó nos dias 13 e 16 de agosto, ás 4 horas da manhã.

A divisão compunha-se dos encouraçados *Brazil, Cabral, Tamandaré* e *Colombo*, levando cada um delles ao costado os vapores *Princeza de Joinville*, onde tinha o almirante o seu pavilhão, *Alice, Guaycurú*, com duas chatas de passar cavallos e o *Dezeseis de Abril*.

Soffreram os navios vinte e sete tiros, acertando no *Brazil, Princeza Joinville, Cabral, Tamandaré, Alice* e *Guaycurú*.

Por este facto ainda foi Pinto da Luz elogiado, como se vê da ordem do dia n. 169 do commandante em chefe da esquadra, fundeada em frente á villa do Pilar.

Não pararam ahi os serviços do brilhante official, que cada dia mais affirmava o seu valor.

Em 1 de outubro assistia á gloriosa passagem de Angustura, em protecção á divisão que sob a direcção do bravo barão da Passagem, composta de quatro couraçados, a forçou recebendo para mais de sessenta tiros.

O bombardeio continuado da esquadra para destruição das baterias de Angustura, estabelecidas em uma linha quebrada, tendo do lado do rio quinze peças de 68, no

vertice do angulo uma de 150, e do lado de um riacho muito estreito e profundo uma barranca excessivamente alta onde estavam seis peças de 68, cada dia mais desmoralisava o inimigo.

Em 15 de outubro forçou o encouraçado *Brazil* as baterias, soffrendo vivo fogo de artilharia e hostilisando-o o inimigo com metralha.

As novas posições que deveriam occupar as forças do exercito faziam com que se adiantassem os navios da esquadra e por essa razão tiveram ordem de forçar as baterias os encouraçados *Brazil* e *Cabral*, e os monitores *Piauhy* e *Santa Catharina*. *O Brazil* havia descido a 23.

Nessa passagem levou este navio 31 tiros que lhe fizeram diversas avarias, teve morto o pratico Pozza e ferido o seu commandante João Mendes Salgado. Foi por este facto elogiado collectivamente José Pinto da Luz em ordem do dia n. 188 de 28 de novembro.

Estava, podia-se dizer, terminada a acção da esquadra na prolongada e exhaustiva campanha.

Tendo o visconde de Inhauma passado o commando da esquadra ao chefe de divisão barão da Passagem, por se achar doente, retirou-se do theatro das operações onde com tanto brilho poz em relevo os seus dotes intellectuaes e estrategicos, e no encouraçado *Brazil* regressou ao Rio de Janeiro, onde aportou a 18 de fevereiro de 1869, sobrevivendo apenas 18 dias após sua chegada.

Do *Brazil*, em que tambem veio o 1° tenente José Pinto da Luz, desembarcou este dois dias depois.

Por nomeação do Quartel General de 12 de junho foi nomeado para continuar a servir na esquadra em operações no Paraguay, para onde seguio a bordo do transporte *Vassimon* a 15 do mesmo mez, chegando em 21 a Montevidéo e a Assumpção em 1 de julho.

Promovido ao posto de capitão-tenente por decreto de 2 de dezembro de 1869, assumio a 22 de fevereiro do anno seguinte, em execução á ordem do dia do commandante em chefe da esquadra em operações no Paraguay, o commando da corveta *Belmonte*, na qual se conservou até 12 de agosto, quando passou para a fragata *Amazonas*.

Coube a Pinto da Luz o voto de louvor e gratidão votado pela Camara dos Deputados, em sessão de 11 de maio de 1870, a todos que conquistaram para a Patria gloria imperecivel na guerra do Paraguay, até ao brilhante feito d'armas de 1° de março do mesmo anno, honroso termo da guerra provocada pelo presidente daquella Republica.

Sentindo-se doente, foi Pinto da Luz inspeccionado de saude a 16 de setembro de 1870, e embarcando no porto de Montevidéo a bordo do vapor *Guaporé* para Santa Catharina, ahi tomou passagem no transporte *Bonifacio*, que o conduzio ao Rio de Janeiro. Tendo obtido dois mezes de licença para tratar-se em sua provincia, para ali seguio.

De regresso em 16 de janeiro de 1871, foi nomeado para servir na fragata couraçada *Lima Barros*, em cujo commando se conservou até 17 de fevereiro, quando desembarcou, por ter sido nomeado commandante da Companhia de Aprendizes Marinheiros de Santa Catharina, por aviso de 4 de janeiro de 1872.

Nessa occasião apresentou o diploma de Cavalleiro da Ordem de Christo, que lhe fôra conferido por decreto de 3 de janeiro de 1866 em attenção aos serviços militares prestados nas campanhas do Uruguay e Paraguay.

De passagem no paquete *Camões* seguio para Santa Catharina, onde assumio o commando da Companhia de Aprendizes e mais tarde, em 17 de julho, interinamente o

de capitão do porto, reassumindo o da Companhia a 11 de janeiro de 1873.

A vida de bordo o attrahia e por essa razão pedio e obteve por aviso de 27 de junho exoneração do cargo que occupava, apresentando-se a bordo do couraçado *Silvado,* navio-chefe de estação em Santa Catharina, seguindo por ordem superior para o Rio de Janeiro no paquete *Calderon*, onde chegando foi mandado embarcar no couraçado *Lima Barros*, navio em que partio para Montevidéo em março de 1874. Desse navio passou em 8 de julho para a corveta *Magé*, chegando em 15 do mesmo mez ao Rio de Janeiro, onde desembarcou para servir na Escola de Marinha, conforme determinara o aviso de 29 do mesmo mez do julho.

Não se demorou muito naquelle estabelecimento o provecto official, pois, pedindo dispensa do logar, foi nomeado para embarcar na corveta *Nictheroy*, onde se apresentou em 10 de dezembro, assumindo a immediatice. A viagem realisada por essa corveta aos Açores com o fim de instrucção á turma de guardas-marinha durou até janeiro do anno de 1876.

De regresso desembarcou o capitão-tenente Pinto da Luz em 15 desse mez, sendo nomeado para embarcar no couraçado *Sete de Setembro*, donde desembarcou um mez depois, por ter sido nomeado capitão do porto interino do Espirito Santo, cargo que exerceu por mais de um anno e de que foi exonerado, a seu pedido, por aviso de 12 de abril de 1877.

Ao apresentar-se da commissão, teve embarque em 18 de maio na corveta *Trajano*, assumindo as funcções de immediato até 11 de junho, quando desembarcou afim de seguir para o Rio Grande, a assumir o commando da canhoneira *Henrique Dias* que ali se achava.

No commando desse navio se conservou desde 25 de junho até 23 de dezembro, data em que se recolheu ao Rio de Janeiro, de passagem no paquete *Calderon*, e onde chegou a 4 de janeiro de 1878.

No commando da Companhia de Aprendizes Marinheiros do Rio de Janeiro, situada na Ilha do Governador, cargo para o qual havia sido nomeado, coube tambem a José Pinto da Luz a incumbencia da fiscalisação das obras do edificio destinado ao Asylo dos Invalidos da Patria, por cujo motivo foi louvado pelo zelo empregado, conforme consta do aviso de 28 de outubro de 1879.

Da Escola de Aprendizes passou Pinto da Luz para segundo commandante do Corpo de Marinheiros, cargo esse que deixou a 16 de março de 1881 para assumir interinamente o de commandante, deixando-o em 24 de maio de 1883 para exercer as funcções de official immediato a bordo do encouraçado *Solimões*, no qual se conservou até 1 de março de 1884, quando foi nomeado por aviso de 27 de fevereiro para servir na Capitania do Porto como ajudante.

Preferindo commissão de embarque, foi nomeado em 3 de setembro para commandar o encouraçado *Mariz e Barros* que se achava no Paraguay, para onde seguio no paquete *Rio Pardo*. Em 21 de janeiro de 1885 deixou o porto de Assumpção e seguio para o Ladario, onde se conservou até 20 de agosto, quando entregou o commando e regressou ao Rio de Janeiro, apresentando-se a 2 de outubro.

Promovido por merecimento ao posto de capitão de fragata, por decreto de 9 de novembro de 1885, foi nomeado em 29 de janeiro de 1886 immediato do couraçado *Solimões*, onde pouco se demorou, pois a 17 de fevereiro assumia o commando do transporte *Purús*, sahindo logo em seguida para a Ilha Grande, e nos mezes se-

guintes para o mesmo local, passando em setembro a ficar á disposição do ministerio da Guerra para auxiliar com seu navio a fortaleza de Santa Cruz no serviço de signaes aos navios infeccionados de cholera morbus que demandassem o porto.

Nessa commissão se conservou até 20 de outubro quando teve ordem de fazer uma viagem até o Pará, tocando em Victoria, Bahia, Pernambuco, Parahyba, Ceará e Maranhão. Neste porto encontrou a tranquillidade publica ameaçada de ser alterada por instigações do commandante do 5° batalhão de infantaria. Em taes circumstancias apresentou-se o capitão de fragata Pinto da Luz ao presidente da Provincia, ao qual prestou o seu apoio e o de toda a guarnição do seu navio, fazendo com que tudo se apaziguasse.

Afim de ficarem, como de justiça, consignados em seus assentamentos taes serviços, mandou o ministro da Marinha por aviso de 17 de janeiro de 1887 que nelles fosse lançado o louvor que lhe fizera o presidente do Maranhão em 20 de dezembro anterior, pelo procedimento que tivera, digno de official cumpridor de seus deveres, durante os dias em que a tranquillidade publica esteve ameaçada de ser perturbada pelos actos praticados pelo tenente coronel commandante do 5° batalhão de infantaria, apresentando-se á disposição do presidente da provincia e conservando de promptidão a guarnição do navio de seu commando.

Tendo sahido do Pará a 12 de janeiro, de regresso, fez escala pelo Maranhão, Ceará e Pernambuco, donde zarpou para as Roccas, onde se demorou oito dias, regressando novamente a Pernambuco, donde seguio para a Bahia. Deste porto sahio a 12 de março trazendo a reboque a canhoneira *Traripe*, construida naquelle arsenal, chegando a 17 ao Rio de Janeiro.

Em junho de 1888 teve José Pinto da Luz uma commissão a Cabo Frio, determinada pela Repartição dos Pharoes e em julho uma do ministerio da Marinha á Ilha Grande e Sepetiba; e em novembro coube-lhe a missão de conduzir ao norte os deputados geraes ás diversas antigas provincias. Para esta importante commissão sahio a 20 de novembro, chegando á Bahia a 25, a Maceió a 29, a Pernambuco a 30 e ao Pará a 6 de dezembro. D'ahi sahio para o Piauhy e Maranhão, voltando novamente ao Pará.

De regresso para o Rio, depois de ter tocado no Maranhão e Ceará, teve que arribar a este ultimo porto devido a uma avaria na machina do navio. Depois de promptos os reparos de novo deixou o porto, fazendo escala po Pernambuco, com destino ao Rio, onde chegou a 21 de janeiro de 1889.

No commando do vapor *Purús* conservou-se o capitão de fragata Pinto da Luz até 18 de setembro do mesmo anno, quando foi nomeado vice-inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, cargoem que o veio encontrar a proclamação da Republica, deparando nelle as novas instituições um dedicado auxiliar, do que sempre lealmente deu seguras provas; tanto que por aviso de 31 de janeiro de 1890 deixou esse logar para assumir o de Assistente do Chefe do Quartel General da Marinha, cargo que, com a costumada aptidão, desempenhou até 29 de maio, sendo por aviso da mesma data mandado louvar pelos bons serviços prestados.

Por decreto de 6 de julho foi José Pinto da Luz promovido por merecimento ao posto de capitão de mar e guerra. A's medalhas de campanha e outras que lhe ornavam o peito vieram juntar-se a conferida pela Republica Argentina, commemorativa da campanha do Paraguay, e a de official de S. Bento de Aviz.

No seu novo posto ia procurar José Pinto da Luz o mar. Assim é que por aviso de 11 de agosto do dito anno foi nomeado commandante da corveta *Nitherohy*, que se destinava ao Cabo da Boa Esperança. Em meio, porém, da viagem teve que arribar ao porto de partida por se ter declarado um veio dagua no navio. Feitos os necessarios reparos, sahio novamente, não para cumprir o primeiro itinerario, mas até Santa Catharina, tocando nos portos intermediarios, sendo essa viagem feita puramente á vela.

Tendo sahido a 23 de janeiro de 1891, em seu regresso foi elogiado em ordem do dia do Commando em Chefe da Esquadra pelo perfeito estado de asseio, ordem e disciplina em que foi encontrado o navio por occasião da visita do Commandante em Chefe.

Nomeado vice-director da Escola Naval e commandante da companhia de aspirantes a guardas-marinha por titulo de 22 de agosto, assumio o exercicio desses cargos em 1° de setembro, deixando por esse motivo o commando da *Nitherohy*.

Sendo reclamados os seus serviços na esquadra foi elle, por portaria de 3 de dezembro, nomeado commandante interino da segunda divisão. No couraçado *Aquidaban* a 4 de dezembro içava o seu pavilhão.

A revolta da fortaleza de Santa Cruz, levada a effeito pelo sargento Silvino, teve como resposta o bombardeio daquella praça de guerra, cabendo a Pinto da Luz a execução da ordem. Por esse motivo foi elogiado, conforme se vê da ordem do dia do Quartel General n. 16, de 22 de janeiro de 1895, e aviso do Ministerio da Marinha da mesma data.

Nomeado por decreto de 29 do mesmo mez sub-chefe do Estado Maior da Armada, entregou o commando da divisão em 4 de fevereiro; sendo porém os seus serviços

reclamados para espinhosa e delicada commissão ao norte do Brazil, deixou elle, a 17, o cargo que exercia, afim de commandar a divisão do norte da Republica.

Por essa occasião apresentou o diploma conferindo-lhe o uso das medalhas da campanha oriental e de merito militar com dois passadores.

Na corveta *Parnahyba* hasteou o seu pavilhão, e seguindo viagem para o norte, tocou na Bahia, Recife, Maranhão e Pará, chegando a Manáos a 30 de março.

Desapparecidos os motivos que exigiam sua permanencia em Manáos regressou em abril, e fazendo a mesma escala da ida chegou ao Rio de Janeiro a 25 de maio. Desembarcando em 1 de junho, por ter concluido a commissão, foi elogiado em ordem do dia do Quartel General, e reassumio o cargo que havia deixado e no qual se conservou até 6 de abril do anno seguinte, quando foi nomeado para exercer as funcções de capitão do porto do Rio de Janeiro.

Promovido ao posto de contra-almirante, por decreto de 9 de agosto de 1894, ia o distincto filho de Santa Catharina, juntamente com os seus comprovincianos vice-almirante José Marques Guimarães e contra-almirante João Justino de Proença, demonstrar a proeminente posição que occupava a sua terra na Marinha.

Ao deixar o cargo de capitão do porto, que com tanto brilho e proficiencia desempenhara, foi pelo ministro da Marinha elogiado nos seguintes termos: « Em nome do sr. presidente da Republica, cumpro o dever de elogiar-vos pelos importantes serviços que prestastes á nação no desempenho do cargo de capitão do porto da Capital Federal, do qual, por serem necessarios vossos serviços em outra commissão, sois hoje exonerado. Folgo de reconhecer a intelligencia, zelo e lealdade com que desempenhastes sempre as funcções do emprego de que ora sois

dispensado, e ordenar que seja este aviso transcripto em vossos assentamentos. Saude e Fraternidade. — *Elisiario José Barbosa* ».

Nomeado commandante da divisão naval em 31 de janeiro de 1895, içou seu pavilhão no cruzador *Andrada*, passando-o em 18 de maio para bordo do cruzador *Benjamin Constant*. Sahindo em 8 de setembro para a Ilha Grande, levava a seu bordo o presidente da Republica e ministros da Marinha, Interior, Exterior e Fazenda, em visita ao Lazareto, passando em seguida a fazer exercicios com a sua divisão. Ao regressar ao Rio de Janeiro, transferio o seu pavilhão para o *Riachuelo*, em 13 de novembro.

No anno seguinte, em junho, sahio afim de fazer exercicios, levando em uma das viagens a commissão technica militar consultiva. Ao deixar o commando dessa divisão foi, por aviso do ministerio da Marinha n. 1475, de 1 de novembro de 1896, publicado na ordem do dia do Quartel General da Marinha n. 236, de 29 do mesmo mez, elogiado no seguinte teor: «. . . ao sr. contra-almirante José Pinto da Luz, commandante da divisão naval, cuja actividade e devotamento foram inexcediveis e cuja correcção de procedimento não me surprehendem, mas o tornam ainda mais credor da gratidão da Republica ».

Tendo pedido exoneração do commando da divisão, foi-lhe ella concedida por aviso de 10 de dezembro, entregando-a ao contra-almirante João Justino de Proença, sendo por decreto da mesma data, nomeado membro effectivo do Conselho Naval.

No anno seguinte deixou o exercicio desse cargo para aceitar o de chefe do Commissariado Geral da Armada, nomeado por decreto de 25 de novembro.

A Pinto da Luz não agradava a burocracia: preferia o afanoso trabalho de bordo dos navios. O seu genio activo mais se quadrava com elle, e por isso mais uma

vez deixou o logar que occupava para aceitar o commando da divisão naval, para o qual foi nomeado por portaria de 4 de dezembro de 1897, apresentando-se a bordo do cruzador *Barroso*, escolhido para capitanea, e depois no *Riachuelo* e finalmente no *Aquidaban*, navio em que sahio em viagem até Santa Catharina, regressando em julho. Ao iniciar esta commissão foi por aviso de 13 de junho de 1899, mandado elogiar pelo presidente da Republica pelo asseio, ordem e disciplina, observada pelo mesmo sr. na visita inspeccional que fez ao couraçado *Aquidaban*, no dia 12 do referido mez, por occasião da sahida da 2ª divisão da esquadra em viagem de instrucção.

Ao visitar o Brazil o presidente da Republica Argentina sr. general Julio Rocca, coube, tanto na chegada como na partida, á divisão commandada pelo contra-almirante Pinto da Luz, a missão de ir-lhe ao encontro a 8 de agosto e depois a de comboiar até fóra da barra em 18 do mesmo mez os navios que acompanhavam o de S. Ex.

Em additamento á ordem do-dia n. 176, de 19 de agosto de 1899, foi mandado elogiar pelo ministro da Marinha pelo zelo e dedicação com que se houve no cumprimento de seus deveres como commandante da 2ª divisão naval.

Ao deixar o contra-almirante reformado Carlos Balthazar da Silveira o cargo de ministro da Marinha, foi lembrado o nome do illustre catharinense que tantas sympathias gosava no seio de sua classe; e assim deixou elle o cargo de commandante da divisão naval para occupar o de ministro e secretario de estado dos negocios da Marinha, para o qual foi nomeado por decreto de 19 deagosto.

Não comporta o presente bosquejo traçar a acção do almirante Pinto da Luz na gestão da pasta que lhe foi confiada. Temos, porém, a intenção de, com detalhes, alem do estudo da feição pessoal, dizer sobre sua acção politica

em bem da Marinha, quando tratarmos dos NOSSOS ALMIRANTES, ora em preparo.

Suas idéas sobre as necessidades da Marinha estão consignadas nos relatorios apresentados ao chefe da nação.

Por decreto de 11 de junho de 1902 foi-lhe concedida a medalha militar de ouro, creada por decreto de 15 de novembro do anno anterior, visto contar mais 30 annos de serviço sem nota que o desabonasse.

O decreto de 8 de outubro de 1902 veio dar-lhe a promoção ao posto de vice-almirante.

A 15 de novembro de 1902 fez entrega do cargo que tão bem soubera gerir ao illustrado almirante Julio Cesar de Noronha, nomeado seu substituto pelo novo presidente empossado.

Nomeado membro effectivo do Conselho Naval por decreto de 30 de janeiro, nesse logar passou a servir, já minado, porém, por insidiosa enfermidade que aos poucos lhe ia destruindo o robusto organismo e abatendo o genio expansivo e jovial, que fazia de Pinto da Luz um dos chefes mais queridos.

Sentindo que não poderia continuar a prestar seus serviços á Patria que tanto amara e á sua classe, que para elle era tudo, pedio e obteve sua reforma que lhe foi concedida por decreto de 26 de novembro de 1903, sendo reformado no posto e com o soldo de almirante, visto contar 52 annos, 4 mezes e 27 dias de serviço.

Pouco porém sobreviveu, pois a 27 do mesmo mez exhalava em sua residencia o ultimo suspiro, legando á sua Patria uma reputação de profissional provecto, de bravo na guerra, honrado e justo na administração, bondoso e leal.

A sua terra lhe guarda carinhosamente a memoria, contando-o com desvanecimento no numero dos seus mais nobres e exemplares filhos.

H. BOITEUX
Capitão de mar e guerra

em bem da *Marinha*, quando tratarmos dos NOSSOS ALMIRANTES, ora em preparo.

Suas idéas sobre as necessidades da Marinha estão consignadas nos relatorios apresentados ao chefe da nação.

Por decreto de 11 de junho de 1902 foi-lhe concedida a medalha militar de ouro, creada por decreto de 15 de novembro do anno anterior, visto contar mais 30 annos de serviço sem nota que o desabonasse.

O decreto de 8 de outubro de 1902 veio dar-lhe a promoção ao posto de vice-almirante.

A 15 de novembro de 1902 fez entrega do cargo que tão bem soubera gerir ao illustrado almirante Julio Cesar de Noronha, nomeado seu substituto pelo novo presidente empossado.

Nomeado membro effectivo do Conselho Naval por decreto de 10 de janeiro, nesse logar passou a servir, já minado, porém, por insidiosa enfermidade que aos poucos lhe ia destruindo o robusto organismo e abatendo o genio expansivo e jovial, que fazia de Pinto da Luz um dos chefes mais queridos.

Sentindo que não poderia continuar a prestar seus serviços á Patria que tanto amára e á sua classe, que para elle era tudo, pediu e obteve sua reforma que lhe foi concedida por decreto de 26 de novembro de 1903, sendo reformado no posto e com o soldo de almirante, visto contar 42 annos, 4 mezes e 27 dias de serviço.

Pouco porém sobreviveu, pois a 27 do mesmo mez exhalava em sua residencia o ultimo suspiro, legando á sua Patria uma reputação de profissional provecto, de bravo na guerra, honrado e justo na administração, bondoso e leal.

A sua terra lhe guarda carinhosamente a memoria, contando-o com desvanecimento no numero dos seus mais nobres e exemplares filhos.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXIII

O segundo-tenente José de Jesus

XXIV

O piloto José Poluxeno da Silva

XXV

O segundo-tenente Luiz Antonio de Andrade Costa

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1914

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim
XIV — O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira
XV — O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt
XVI — O segundo-tenente honorario José Francisco Alves Serpa
XVII — O segundo-tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa
XVIII — O segundo-tenente Domingos Moreira da Silva
XIX — O segundo-tenente Antonio José da Silva
XX — O segundo-tenente João da Silva Fernandes
XXI — O piloto Francisco de Salles Cardoso
XXII — O almirante José Pinto da Luz
XXIII — O segundo-tenente José de Jesus
XXIV — O piloto José Poluxeno da Silva
XXV — O Segundo-tenente Luiz Antonio de Andrade Costa

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXIII

O 2º TENENTE JOSÉ DE JESUS

A proclamação da Republica Catharinense na então villa da Laguna, a 29 de julho de 1839, já antes estabelecida em Lages, levada a effeito com o concurso solicitado ás forças de terra e mar sul-riograndenses, commandadas respectivamente por David Canabarro e José Garibaldi, obrigou a regencia, premida por manifestações mais ou menos identicas em outros pontos do Brazil, a tomar decisivas medidas afim de suffocar o movimento que ameaçava generalisar-se a toda a provincia de Santa Catharina, onde em todas as localidades se encontravam fervorosos adeptos da fórma federativa.

Ao peso dos acertados e fortes elementos reunidos no porto da capital da provincia pelo governo imperial, não poude resistir a nova republica, esmagada a 15 de novembro de 1839, com a entrada da esquadra legal no porto de sua capital provisoria; facto que não obstou a que cincoenta annos mais tarde, contados dia por dia, a 15 de novembro de 1889, o ideal tão afagado triumphasse em todo o Brazil.

A republica catharinense, na sua ephemera existencia, produzio no entretanto vultos cujos feitos a historia, no seu frio registo, não deixou de assignalar como merecedores de figurar em seus annaes. Assim, Anna de Jesus Ribeiro, a meiga, formosa e casaleira lagunense, se tornou

pelo seu amor e devotamento a legendaria Annita Garibaldi; ella soube ser, pelo seu indomito arrojo e energia, alem de esposa amantissima, no mar, marinheiro imperterrito, e em terra soldado sem igual, batendo-se ao lado de seu Garibaldi, a quem nada ficava a dever em bravura e intrepidez.

A' Annita segue-se o valoroso maritimo João Henriques, que mostrou aos expedicionarios dirigidos por Garibaldi suas qualidades de homem de acção; isto desde o momento em que se apresentaram em sua terra até aquelle em que heroicamente morreu em seu posto.

Vem depois outra mulher, Maria Garcia, outra ousada lagunense, que se fez porta-estandarte do exercito libertador e cujas façanhas encheram de admiração aos coevos; e por fim o piloto José de Jesus, o valente e bravo marinheiro que, em opposição aos republicanos, bem alto levantou o seu nome, enchendo-o de justa nomeada.

Antes da entrada das forças sul-riograndenses na Laguna em auxilio dos republicanos, prodromos bem significativos se tinham feito sentir de que aquella parte da ex-provincia só esperava occasião asada para acompanhar o movimento operado em Lages, donde haviam sido expulsas as forças imperialistas. Por essa razão, e ainda mais, para que daquelle porto não partissem auxilios para os revolucionarios do Rio Grande, mandou o governo da regencia reforçar com tropas e navios de guerra, não só o porto da Laguna como o de Desterro; ordenou mais ao presidente da provincia que fretasse e armasse em guerra todas as embarcações mercantes ali existentes, apropriadas á navegação do citado porto da Laguna.

Entre as embarcações escolhidas para esse fim entrava a escuna *Catharinense*, de propriedade do piloto José de Jesus, residente na Laguna. Armada a embarcação no porto do Desterro, com canhões fornecidos pelo

Almoxarifado daquella capital, foi o commando della, já baptisada com o nome de canhoneira *Imperial Catharinense*, confiada ao proprio dono, José de Jesus, nomeado para piloto da Armada, por portaria de 30 de junho de 1839. Voltava assim José de Jesus ao exercicio de sua primitiva profissão, na qual mourejara por muitos annos e se tornara conhecido pela sua pericia e afoiteza, e que havia abandonado para dirigir pessoalmente uma pequena casa commercial na sua villa natal, onde pela especialidade se abasteciam do que precisavam os muitos navios pertencentes á praça.

Faltam-nos, infelizmente, esclarecimentos quanto á data de seu nascimento e a respectiva filiação, elementos estes que a escassez de tempo não nos permittio procurar.

Guarnecida com o mesmo pessoal que nella servia, augmentado com os recrutados na occasião, como fôra determinado e executado, seguio a *Imperial Catharinense* para a Laguna a reunir-se ás escunas *Itaparica*, commandada pelo 1° tenente Ernesto Alves Branco e Muniz Barreto, *Lagunense*, commandante José Manoel da Costa, *Sant'Anna*, commandante Houdain, todas sob as ordens do capitão tenente Bernardino de Lima e Araujo, commandante do brigue escuna *Cometa*, formando uma esquadrilha que tinha por missão defender o porto. A 19 de julho, tomou o commando desta esquadrilha o capitão tenente Bartholomeu Hayden.

Chegou o dia 20 de julho e com elle o ataque a Laguna. Garibaldi que havia sahido do Tramandahy com dois lanchões armados, perdera um delles, o *Rio Pardo*, em frente á barra do Araranguá. Salvo, com alguns companheiros, reunio-se ás forças do coronel Joaquim Teixeira, commandante da vanguarda de Canabarro e ao chegar á barra do Camacho, ali encontrou o *Seival*, o

outro de seus lanchões, nelle embarcou-se e immediatamente entrou a tirotear com a *Lagunense* que foi soccorrida pela *Itaparica*.

Ao saber-se da approximação dos republicanos, para impedil-os de vadearem o rio Tubarão, foi mandada para ali a *Imperial Catharinense*, reforçada a sua guarnição com um destacamento da companhia denominada da *Serra*, commandada pelo tenente Jacintho Cordeiro de Freitas. Ao ter conhecimento José de Jesus do que se passava na Laguna, pois nunca suppuzeram os imperialistas que o ataque se désse conjuntamente por mar e por terra, desceu no dia 22 o rio em soccorro dos demais navios; ao chegar, porem, ao logar denominado Carniça, a uma legua da villa, foi inopinada e furiosamente atacado por uma partida republicana ao mando do cabo Manoel de Castro Oliveira, ali entrincheirada.

Defendeu-se com brio e denodo José de Jesus, á frente de seus commandados; vendo, porem, que fatalmente seria presa do inimigo, fez signaes de soccorro. Em seu auxilio acudio, depois de alguma hesitação, a canhoneira *Lagunense* que, mal piloteada e perseguida pelo *Seival*, encalhou e foi feita prisioneira e posta immediatamente sob o commando do valente João Henriques que logo a poz a nado.

Em criticas circumstancias e já esgotadas as munições, recorreu José de Jesus ao supremo recurso de deitar fogo a seu navio, tendo-lhe antes aberto um veio d'agua no fundo, e, com os sobreviventes, saltou á margem opposta e abrindo passagem embrenhou-se pela matta, indo apresentar-se alguns dias depois na cidade do Desterro ao presidente general Soares de Andréa, que lhe dispensou elogios e louvores pelo seu proceder.

Fortalecidos os republicanos com a *Lagunense*, aprisionaram successivamente a *Sant'Anna* e a *Itaparica*,

cujo commandante declarou que arriava a bandeira, não por covardia, mas unicamente por se achar em unidade, desobedecido, e o seu navio encalhado. Os officiaes prisioneiros conseguiram escapar-se em 2 de outubro. Quanto ao brigue escuna *Cometa*, poude elle escapar, levando ao Desterro a triste nova e muitas familias fugidas. O mesmo procedimento teve o coronel Villas Boas, encarregado geral da defesa, que se retirou para Garopaba e dali para a capital.

A posse da villa pelos republicanos, elevada á cidade e declarada a capital provisoria do novo Estado Federado, contando no porto com quatro escunas de guerra, quatorze embarcações mercantes, 463 carabinas, 16 canhões e 30620 cartuchos embalados e muitos outros artigos bellicos, deixados pelos imperiaes, servio para dar alento a novos emprehendimentos, não só para garantir o governo estabelecido, como para assegurar a subsistencia com a entrada de todos os recursos necessarios. Emquanto avançavam por terra as forças ao mando do coronel Teixeira, deu-se a Garibaldi a missão de procurar no mar, no bojo das embarcações que singravam pela costa, protegidos pelos navios imperiaes, os recursos que escasseavam na nova capital.

Ao mesmo tempo que no litoral do continente fronteiro á parte sul da ilha de Santa Catharina se empenhavam em encarniçada luta os navios ás ordens do capitão de mar e guerra Mariath e as tropas do coronel Santos Barreto contra os republicanos, do porto da Laguna fazia-se de vela a flotilha catharinense sob as ordens de José Garibaldi, já nomeado capitão-tenente, composta do *Seival*, *Caçapava* e do novo *Rio Pardo*, a cujo bordo já se achava então a extraordinaria Annita de Jesus Ribeiro.

De regresso, tendo ido até á altura de Santos, onde fizera algumas presas, foi avistada pelo brigue escuna im-

perial *Andorinha*, commandada pelo capitão-tenente Romano da Silva, que não se demorou em perseguil-a; e durante cinco horas, entre esse navio e o *Rio Pardo* e o *Seival*, foram trocados consecutivos tiros. Sem a *Caçapava*, que se havia desgarrado devido á cerração e achando-se o *Seival* com a sua unica peça desmontada, resolveu Garibaldi, na impossibilidade de alcançar o porto da Laguna, refugiar-se no de Imbituba, onde, certo de que seria procurado, fundeou bem junto á terra e na ponta daquelle nome levantou uma pequena trincheira para onde transportou o canhão do *Seival*.

Annita que havia experimentado as sensações de uma perseguição, quiz ter a de um verdadeiro combate e por isso oppoz-se formalmente ao pedido feito para que desembarcasse. Sua sorte estava então ligada áquelle que escolhera para esposo.

Na manhã de 4 de novembro apresentaram-se em frente á enseada, alem da *Andorinha*, os vasos imperiaes *Bella-Americana* e *Patagonia*, respectivamente commandados pelos primeiros-tenentes Houndain e Jorge Ottoni, os quaes desde logo, em bordadas successivas, começaram a despejar sobre o forte e o *Rio Pardo* as suas baterias, respondendo aquelles com inexcedivel bravura. Annita, na tolda do *Rio Pardo*, mostrou-se de uma coragem inaudita. Em certo momento, attingida por um estilhaço de madeira que victimou dois marinheiros, foi arrojada ao convéz, e ás solicitações para que não se expuzesse e se abrigasse na coberta, respondeu com as seguintes memoraveis palavras: « Sim, vou descer, mas para enxotar os poltrões que lá se foram esconder ». De facto, dahi regressou dentro em pouco trazendo tres homens.

Sobrevindo a noite, conseguio Garibaldi illudir a vigilancia de seus perseguidores, e cosendo-se com a terra foi ter á Laguna onde já se achava a *Caçapava*.

Apertava-se cada vez mais o circulo de ferro que envolvia os republicanos, e cada dia que passava se tornava mais critica a situação por falta de recursos. Ao entrar Garibaldi na Laguna, cuja defesa do porto havia entregue a João Henriques, encontrou tudo disposto para uma seria resistencia.

Na verdade, João Henriques não desmentio o conceito em que era tido; força de vontade, energia e actividade sem par, não sabia elle encontrar difficuldades: suas qualidades de verdadeiro chefe se revelaram naquelle critico periodo.

Artilhado o pequeno forte da entrada do porto com seis peças, fundeados os navios *Itaparica*, *Libertadora*, *Caçapava*, *Lagunense*, *Sant'Anna* e *Seival* e cinco lanchas, em semi-circulo, defendendo o canal, estava certo Garibaldi que o inimigo pagaria bem caro o arrojo de enfrentar a barra e tentar transpol-a.

De seu lado, o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, veterano da campanha platina e da do Pará, com aquella calma e cautella que tantas vezes havia posto á prova, dispunha no porto de Imbituba os seus navios para pagar arrojo com audacia. Era um delles o patacho *S. José*, que tinha por commandante o piloto José de Jesus, em recompensa ao seu anterior procedimento.

Compunha-se a esquadra de Mariath dos seguintes navios, todos proprios á navegação em pouca agua, como requeria a barra da Laguna: 1ª divisão ou da vanguarda, canhoneiras ns. 13, 6 e 14, do commando dos primeiros-tenentes Pereira Pinto, Gama Rosa e segundo-tenente Manoel Moreira da Silva,; lanchões ns. 1, 2, 3 e 4, commandados pelos guardas-marinha Pereira Leal, Rodrigues da Costa, piloto-escrivão José Manoel da Silveira e patrão Bernardino Antonio de Souza; 2ª divisão ou da retaguarda, brigues *Eolo* e *Cometa*, commandantes primeiro-tenente

Antonio J. F. da Paixão e capitão-tenente Bernardino de Senna e Araujo; patachos *Desterro* e *S. José*, ao mando do segundo-tenente Marcos José Evangelista e piloto José de Jesus; escunas *Bellico* e *Bella Americana*, commandantes primeiros-tenentes Manoel José Vieira e João Custodio de Houdain; e canhoneira n. 16, ao mando do primeiro-tenente João Wandenkolk.

Tangidos os navios por fresca brisa de nordeste, ás duas horas da tarde içou o chefe Marialh o signal de forçar a barra, que suppunha fechada por grossas amarras sustentadas por embarcações, e cuja destruição competia á divisão da vanguarda. Forçando esta á vela para tomar posição conveniente na distancia determinada de seis amarras dos demais navios da segunda divisão a postos de combate, começou a approximar-se do forte, guarnecido por mais de 300 homens de infantaria e de artilharia.

Contava o chefe imperialista com a bravura de seus commandados; e tanto que mais tarde dizia: « Bem sabia o perigo a que ia expor assim esses meus camaradas, mas muitas vezes é necessario sacrificar os mais bravos para alcançar o bom exito de uma empreza arriscada ».

Não encontraram os atacantes as suppostas correntes obstruindo a passagem, mas em compensação tiveram que cortar uma muralha disposta em semi-circulo parallelamente á curvatura da margem, constituida pelos navios, pela fortaleza e por uma linha de atiradores estendida em terra que não cessou de jogar sobre elles morte e destruição.

Mal chegou o primeiro navio imperial ao alcance da artilharia, Annita, que se achava a bordo da *Itaparica*, foi a primeira a apontar e disparar um canhão, dando assim a saber a Garibaldi, naquelle momento em terra

sobre uma eminencia, para avaliar da força inimiga, que a investida havia começado e que reclamava sua presença.

Começou então a homerica luta; durante quinze minutos sobre as forças oppostas, separadas na distancia maxima de quatro braças desabou com furia incrivel uma tempestade de balas, de fuzilaria e de metralha, enchendo os navios de ambos os partidos de ruina e de sangue; envolvidos por um turbilhão de fumo e fogo faziam caminho apesar de tudo; nelles só se attendia á precisão do tiro e unicamente ouvia-se o cripitar da fuzilaria e o ribombar incessante do canhão na sua inconsciente faina de destruição, e cujo ruido aterrador abafava os gritos de dôr dos mutilados e a voz dos commandantes e officiaes que animavam os marinheiros, pelejando elles mesmos com carabinas e pistolas. De parte a parte batiam-se como leões sanguisedentos.

Já dentro do porto todos os navios de Mariath, continuando o combate contra os lanchões armados, receberam ordem Pereira Pinto e Gama Rosa de abordar os navios republicanos, e com suas canhoneiras investem sobre a *Itaparica* onde ainda fluctuava a insignia do illustre chefe que mandava a flotilha catharinense.

Percebendo a intenção, Garibaldi, para afastar Annita de uma morte certa, ordenou que fosse pedir reforços a Canabarro e que não regressasse; de nada porém servio essa recommendação, porque pouco depois estava Annita de volta com a resposta de que era impossivel attendel-o e que salvasse o que pudesse.

Para que então não cahissem os navios em poder do inimigo, emquanto Annita debaixo de vivissimo fogo fazia seis viagens consecutivas em um pequeno bote de dois remos de bordo para terra, levando o armamento portatil, entregava-se Garibaldi á triste tarefa de atear fogo aos proprios navios.

Desse episodio escreveu Garibaldi :

« De pé na popa da embarcação, cujos remadores se curvavam ao sibilar das balas, a legendaria brazileira apparecia calma, firme e arrogante como a estatua de Pallas e *Deus que me protegia com o seu braço, a cobria ao mesmo tempo com a sombra desse braço.*»

Ao chegarem os navios imperialistas junto á *Itaparica*, nada mais tinham a fazer, porque o incendio que lavrava no interior della tendo attingido o paiol da polvora, fel-a voar em estilhaços, lançando no espaço os cadaveres mutilados dos valentes que a tripulavam.

De passagem seja dito, em formal contestação ao que se acha escripto na biographia do general Santos Barreto : no incendio da *Itaparica* não pereceram o major Barreiros e mais quinze infelizes que se achavam presos na coberta por serem abertamente contrarios aos republicanos.

A's cinco horas da tarde a victoria era completa para os imperialistas com a chegada das tropas de terra ; um terço da marinhagem, porém, havia succumbido victimada pela heroica resistencia dos republicanos, que de sua parte perderam 120 homens.

« O combate foi terrivel—escreveu Garibaldi—e mais mortifero do que se pode imaginar : dos seis officiaes que existiam nos navios só eu sobrevivi.

Todas as nossas peças foram desmontadas, mas continuámos o combate á carabina e não cessamos de fazer fogo durante todo o tempo em que por nossa frente passou o inimigo. Annita ficou sempre ao meu lado, no posto mais perigoso, não querendo nem desembarcar nem aproveitar-se de nenhum conforto, e sem ao menos inclinar-se como faz o homem mais bravo quando vê o morrão approximar-se do canhão inimigo.

Ordenei-lhe que fosse pedir reforço ao general, dando lhe a minha palavra de que, si me enviasse esse reforço, entraria na lagoa perseguindo os imperiaes e tratando-os de tal maneira que elles não pensariam em desembarcar, embora tivesse eu de lançar fogo á sua flotilha. Obriguei Annita a prometter-me que ficaria em terra enviando-me a resposta ; mas com bastante pesar meu foi ella mesmo quem a trouxe.

O general não tinha soldados para me mandar e ordenava-me que não deitasse fogo á esquadra inimiga e que viesse para terra, salvando as armas e munições.

Obedeci. Debaixo de fogo, que não cessou um momento, conseguimos fazer transportar á terra as armas e munições. Annita dirigio a operação, emquanto eu, passando de um navio a outro, collocava no logar mais inflammavel de cada um delles o fogo que o deveria devorar.

Foi missão terrivel, que me fez passar em revista mortos e feridos. Era verdadeiro açougue de carne humana; andava-se por cima de montões de cadaveres ; caminhava-se sobre cabeças separadas dos troncos e a cada passo se tropeçava em membros dispersos.

O commandante da *Itaparica*, João Henriques, jazia no meio de dois terços de sua equipagem ; uma bala lhe tinha feito no peito um buraco capaz de deixar passar um braço. O pobre João Griggs tinha o corpo cortado em dois pela metralha, recebida á queima roupa. O busto ficára de pé no convéz da *Caçapava* com o rosto intrepido ainda purpureado pelo ardor do combate, mas o resto do corpo mutilado... Em presença de semelhante espectaculo apalpei-me e perguntei a mim mesmo como, não me tendo poupado mais que os outros, pudera ficar incolume.»

O governo imperial para galardoar os serviços prestados pelo piloto José de Jesus nesse memoravel combate

onde, a par de seus companheiros, revelou extremada bravura, promoveu-o, por decreto de 2 de dezembro daquelle anno, ao posto de 2º tenente da Armada.

Não gosou infelizmente o brioso e valente official por muito tempo da merecida promoção, pois a..,10 de julho de 1841 deixava de existir.

Si desappareceu dentre os vivos o tenente José de Jesus, não ficaram esquecidos os seus feitos na alma popular ; nas trovas que ainda hoje são repetidas, lembrando os actos praticados, tanto pelos *farrapos* como pelos *caramurús*, encontra-se a seguinte quadra que bem lembra o episodio citado:

O senhor José de Jesus
E' homem de presumpção,
Foi queimar a sua escuna
Lá no rio Tubarão.

XXIV

O PILOTO JOSÉ POLUXENO DA SILVA

A necessidade de prover á defesa da longiqua provincia de Matto Grosso, ameaçada desde muito pela politica alimentada pelo Paraguay, fizera com que para lá fossem enviados alguns elementos de defesa e entre elles algumas embarcações de guerra apropriadas á navegação daquelle immenso systema potamographico que é a bacia do Paraguay, independentemente de outras mandadas construir nos estaleiros do Ladario.

A' falta de officiaes de curso, recorreu a administração á marinha mercante para substituil-os e porisso com facilidade foram aceitos os que melhores attestados apresentaram. No numero destes está José Poluxeno da Silva,

filho de Poluxeno José da Silva e de D. Constança Rosa de Jesus, nascido em Santa Catharina em 2 de agosto de 1825.

Desde menino, em consecutivas viagens pela costa, aprendeu a arte em que se tornou eximio; estava portanto apto a desempenhar as commissões que delle fossem exigidas.

Já homem feito e dispondo dos predicados necessarios, foi pelo Quartel General da Marinha nomeado em 26 de novembro de 1859 para embarcar como piloto no hiate *Capeberibe*, então sob o commando do 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho, seguindo logo em viagem para o Rio da Prata, donde no mesmo navio regressou.

Por nomeação do Quartel General de 14 de julho de 1860 foi José Poluxeno nomeado para servir na flotilha de Matto Grosso, para onde partio, apresentando-se em Montevidéo a bordo da canhoneira *Mearim*, ali de estação, a 26 de setembro, passando no dia seguinte para bordo da *Imperial Marinheiro*.

No vapor *Corumbá*, para o qual passou a 1 de outubro, exercendo as funcções de piloto escrivão, seguio para Matto Grosso, onde depois embarcou na canhoneira a vapor *Juarú* em 7 de março de 1861.

De regresso de Matto Grosso no vapor *Paraguassú*, para onde havia passado no dia 10 de março, chegou a Montevidéo, donde partio a 18 de junho. Acossado o *Paraguassú* por violento temporal, procurou o seu commandante, o capitão-tenente Manoel da Silva Guimarães, arribar ao porto de partida ou a qualquer outro entre o Rio Grande e Montevideo; a grande quantidade dagua que fazia desde o dia 20, obrigou-o, porém, a abandonal-o, salvando-se a guarnição que se refugiou no ponto denominado «Olhos d'Agua», na costa Oriental.

Houve nesse naufragio a perda de cinco vidas, quatro praças e uma creança, filha do immediato do navio, devido a ter sossobrado um escaler, ao chegar á praia.

Transportados os naufragos para o Rio Grande do Sul, onde chegaram a 3 de julho, embarcou-se José Poluxeno da Silva no vapor *Piratiny* no dia 17 do mesmo mez e chegou ao Rio de Janeiro.

Pouca demora teve José Poluxeno, pois foi nomeado em 27 de agosto para embarcar na canhoneira *Araguary* que se preparava para seguir para Montevidéo, e nella seguio. Nesse porto baixou ao hospital em 1 de agosto de 1862 e teve alta em 22 de novembro.

Da *Araguary* passou em 3 de janeiro de 1863 para a *Berenice*, destacando della para a canhoneira *Anhambahy* em 16 do mesmo mez e anno, para leval-a a Matto Grosso. De regresso passou para a canhoneira *Ivahy* a 19 de março, desembarcando no porto de Montevidéo a 24 de junho de 1863.

XXV.

O 2° TENENTE LUIZ ANTONIO DE ANDRADE COSTA

A guerra declarada ao Brazil pelo tyranno que governava o Paraguay levou o nosso governo, pela premente necessidade em que se achava, a fretar a maioria dos vapores que trafegavam em nossa costa e a fazer acquisição de muitos outros para onerarios de nossa esquadra. Uma frota de transportes em continuo movimento se estabeleceu conduzindo tropas, munições e abastecimentos de toda especie; para commandar e guarnecer taes navios houve necessidade de recorrer á marinha mercante, em cujo meio foi relativamente facil encontrar profissionaes.

Santa Catharina que sempre possuio numerosa frota a fazer o seu commercio com o Rio de Janeiro, Bahia e

portos platinos, dispunha de homens provectos na vida do mar, e de cujo patriotismo não era licito duvidar; ao appello feito, acudiram muitos, e dentre elles o nosso biographando.

Era Luiz Antonio de Andrade Costa filho de Francisco Antonio de Andrade e D. Luiza Maria da Costa, nascido a 25 de agosto de 1842. Seguindo a sua natural inclinação desde menino, embarcou em 1857, com a idade de quinze annos, em navios á vela, como praticante; em labuta constante perlustrou a nossa costa como contramestre e mestre, como nos fazem ver suas matriculas passadas pela Capitania do Porto da Bahia, em 14 de junho de 1860, sendo a de mestre reformada a 2 de março de 1863, com boa conducta e estudos nauticos.

Em 13 de dezembro de 1866 foi nomeado Andrade Costa para, na qualidade de piloto, embarcar no transporte *Princeza de Joinville* que se destinava ao Paraguay, e poucos dias depois seguia para o theatro da guerra; tendo chegado a Montevidéo a 9 de janeiro de 1867, dali partio a incorporar-se á esquadra em Curuzú, onde a 1 de fevereiro passou a embarcar no encouraçado *Silvado*.

A recente chegada do vice-almirante Joaquim José Ignacio, que havia substituido o glorioso almirante visconde de Tamandaré, a historia viva de nossa marinha, no commando em chefe das forças navaes em operações, viera naturalmente mudar o plano de ataque ás fortificações paraguayas.

Logo depois de sua chegada, ordenara o almirante um ataque ás fortificaçõs de Curupaity, e desejoso de não dar tempo ao inimigo de refazer-se, determinou que um novo, porém, mais violento bombardeio fosse levado a effeito no dia 2 de fevereiro.

Para isso ficou estabelecido, depois de ouvida a opinião dos chefes e commandantes, que os navios mano-

brariam de modo a avançar em linha de escarpa e que logo que cada um descobrisse as baterias inimigas começaria a jogar com sua artilharia até chegar á estacada que fechava o rio, onde se deixaria cahir á ré com a correnteza, para permittir que o seu matalote de popa executasse a mesma manobra; e assim successivamente, fazendo o mesmo todos os encouraçados por mais de uma vez.

Uma correspondencia de Curuzú de 6 de fevereiro nos diz :

« A's 5 1/2 horas da manhã viam-se esses negros penachos de fumo vomitados das fornalhas dos vapores que noticiavam que a esquadra estava prestes a marchar. Tres divisões da esquadra deviam atacar o inimigo em suas fortificações, sendo duas dirigidas pelos chefes capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim e capitão de fragata Joaquim Rodrigues da Costa e a outra pelo chefe de estado maior capitão de mar e guerra Elisiario Antonio dos Santos, que deveria bombardear o inimigo no seu acampamento da lagoa Pires.

O almirante tinha escolhido para sua capitanea durante o combate o vapor *Beberibe*. A's 6 horas da manhã, depois de um signal feito pelo navio chefe, suspendeu o vapor *Colombo*, que se achava ancorado junto á margem paraguaya, e com elle toda a esquadra na seguinte ordem : encouraçados *Colombo*, *Bahia*, *Mariz e Barros* e *Tamandaré*, corveta *Parnahyba*, encouraçados *Silvado*, *Herval*, *Barroso* e *Cabral* e corveta *Beberibe*, ficando ancoradas nos logares que occupavam a bombardeira *Forte de Coimbra* e duas chatas. »

A's seis horas e cinco minutos rompeu o fogo o *Colombo* contra as fortificações paraguayas, sendo acompanhado por todos os encouraçados e pela artilharia do 2° corpo de exercito que, simulando um ataque, obrigava o exercito inimigo a occupar as trincheiras.

A's seis horas e 10 minutos romperam fogo os paraguayos. Era necessario ser observador e actor nesta luta de sangue, para admirar o heroismo de tantos bravos e o troar do canhão que levava a longiquos pontos a noticia de que a civilisação se debatia contra a barbaria.

O almirante quiz ser o primeiro a dar com a sua presença o exemplo do valor e da coragem que lhe é proverbial, e procurando providenciar a tudo, vimol-o durante o combate no centro dos navios arrojado e impavido no passadiço do vapor acompanhado pelo seu estado maior, e despresando a metralha e bala inimiga. S. Ex. approximando-se das baterias inimigas, içou o seu pavilhão fixou-o com um tiro de bala, e desprendeu o fogo de seus canhões, parecendo deste modo desafiar o inimigo, e dizer-lhe: *Aqui está o homem que vem vingar o insulto que arrojastes á bandeira brazileira*; *aqui está o homem que vem com dupla razão bater se como outrora se bateu o meu antecessor, aqui está o homem pae de um heroe que demonstrou em Itapirú que impunemente não se ferem os brios de uma nação e que cahio legando a seus camaradas a gloria!*

Em verdade, ahi se notava o heroismo a toda prova.

O fogo continuou activo até as 8 1/4 da manhã, em que terminou, sendo sempre acompanhado pela artilharia do 2° corpo de exercito.

Durante este combate o chefe Elisiario Antonio dos Santos entrava na lagoa Pires com as canhoneiras *Iguatemy* e *Araguahy*, bombardeira *Pedro Affonso*, vapor *Lindoya* e chata *Mercedes*, lanchas a vapor *João das Botas*, rompendo um fogo vivo e retirando-se sem que o inimigo lançasse para os seus navios uma só bala. O 1° corpo de exercito simulava tambem um ataque pela

direita, e os paraguayos lançavam sobre estes foguetes a Congrève e bombas.

Os estragos produzidos pela esquadra nas fortificações de Curupaity são enormes, a attender-se ás grandes columnas de terra que eram levantadas pelas bombas, á pouca atividade do fogo, depois de principiar o nosso, e ás informações que temos de officiaes do 2° corpo de exercito, accrescendo mais os reparos que vimos hontem os paraguayos fazerem em suas fortificações.

O inimigo tinha sobre a barranca 13 bocas de fogo, e alem destas outras dentro do matto, com que nos atiravam á queima-roupa.

Durante todo o combate um só tiro não fizeram para o 2° corpo de exercito e a esquadra foi a unica mimoseada pelos paraguayos, que até nos enviaram metralha composta de pedra miuda. Os navios, apesar dos tiros certeiros dos paraguayos, apenas soffreram pequenas avarias.

Si até aqui temos tratado da gloria que obteve nossa esquadra neste memoravel combate, confrange-se-nos o coração com a idéa que desperta o signal feito pelo capitanea: *Qual o numero de praças fóra de combate?* Todos os navios responderam negativamente, á excepção do *Barroso*, *Cabral*, *Silvado* e *Parnahyba*, que contavam em suas guarnições dez feridos e dois mortos.

Era um dos mortos o bravo e distincto commandante do *Silvado*, o capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira, que deixou seu nome ao paiz como uma das glorias de nossa corporação.

Official de merito real, era elle apreciado por todos e pelas sociedades scientificas em cujos archivos existem provas do seu talento, sendo um dos nossos melhores hydrographos e autor das recentes cartas da costa do Brazil. Lá morreu sobre o convéz do seu navio, atravessado

por uma bala, depois de praticar actos de valor, collocando-se fóra da torre, e no momento em que transmittia ordens. Poucos momentos antes o tinhamos visto alegre e firme em seu posto. »

De facto, foi neste tremendo duello, do qual fez parte o piloto Andrade Costa, que havia, como dissemos, passado para o *Silvado*, no qual içava o seu pavilhão o intemerato chefe Alvim, que se desenrolou a dolorosa scena.

Havia o chefe Alvim ordenado a substituição dos estaes da chaminé que eram de correntes por outros de cabo, afim de evitar que as balas batendo nelles fizessem dos elos estilhaços. Mal acabava de dar esta ordem, uma bala de 68 resvalou pela chaminé do *Silvado*, cobrindo de poeira as pessoas que estavam á ré. Com aquella calma imperturbavel e presença de espirito que tanto o caracterisava, disse o chefe Alvim ao commandante Vital : « Felicito-o ; seu navio acaba de receber o baptismo do fogo ». Vital levou a mão ao bonet agradecendo o comprimento do chefe.

Uma segunda bala partio um turco de escaler de bombordo. Vital de Oliveira caminhava para a proa a dar uma ordem, quando uma terceira bala, cortando as correntes dos estaes da chaminé, dispersou os elos em todas as direcções. Vital rodou sobre os calcanhares, levou a mão ao peito e cahio.

Correram logo o chefe Alvim, o 1° tenente João Justino de Proença e o piloto Andrade Costa que o tomaram nos braços e passando-o pela escotilha, disse Alvim para baixo:

— Tomem o commandante, que está... ferido !

De facto. Vidal de Oliveira fôra ferido no coração. Entre a sobrecasaca e o corpo foi achado um elo de corrente. A morte fôra instantanea.

Pelo brilhante papel desempenhado durante toda essa acção foi Andrade Costa elogiado.

Tendo baixado ao hospital de Corrientes em 16 de maio, teve alta em 2 de julho, regressando ao seu navio.

Na gloriosa passagem de Curupaity, levada á effeito no dia 15 de agosto, em que dez couraçados, muitos delles não merecendo este nome, se arriscaram a tiro de fusil a forçar uma passagem defendida por mais de 30 canhões de grosso calibre e por duas fortes estacadas de madeira, a Marinha brazileira soube dar á patria uma nova pagina escripta com a abnegação do verdadeiro heroismo.

A ordem do dia n. 77 do almirante, assim se refere a essa passagem:

« A primeira grande divisão da esquadra do meu commando acaba de praticar um acto de valentia, pericia e abnegação que rivalisa com os das mais famosas marinhas antigas ou modernas.

No dia 15 do presente mez, em menos de duas horas transpoz ella, subindo o Paraguay, cuja corrente é proximamente de tres milhas e levando alguns navios a reboque, o passo difficil de Curupaity, vantajosamente situado e defendido por sua posição, já uma vez declarada quasi inexpugnavel, e por perto de 30 peças de grosso calibre e duas estacadas de madeira.

Debaixo de um diluvio de balas, dez encouraçados que nem todos possuem as melhores qualidades nauticas, vencem os obstaculos, e seis horas depois de terem largado seu ancoradouro, affrontam a soberba Humaytá, sobre a qual abrem seus fogos.

A victoria não foi incruenta: tres mortos e tres feridos gravemente, entre os quaes se conta o bravo e circumspecto sr. capitão de fragata Elisiario José Barbosa, commandante do *Tamandaré*, dez feridos levemente, entre elles o não menos bravo e sisudo sr. capitão-tenente Gui-

lherme José Pereira dos Santos, commandante do *Bahia*, e nove contusos, tal foi a perda sensivel que teve a esquadra em seu pessoal.

Queiram S. Ex. o Sr. Chefe de divisão Francisco Cordeiro Torres e Alvim, commandante da 1ª divisão e o sr. capitão de mar e guerra Joaquim Rodrigues da Costa, commandante de 3ª divisão, receber meus elogios e louvores pelos brilhantes serviços que prestaram neste dia e transmittil-os aos srs. commandantes sob suas ordens, que são: da 1ª divisão, os srs. capitães de fragata Mamede Simões da Silva, do *Herval*; Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, do *Lima Barros*; capitães-tenentes Justino José de Macedo Coimbra, do *Silvado*; Jeronymo Francisco Gonçalves, do *Cabral*; Arthur Silveira da Motta, do *Barroso*; e da 3ª divisão os srs. capitão de fragata Elisiario José Barbosa, do *Tamandaré*; capitão-tenente Guilherme José Pereira dos Santos, do *Bahia*; Augusto Netto de Mendonça, do *Mariz e Barros*; e 1º tenente José Bernardino de Queiroz, do *Colombo*.

O mesmo agradecimento e elogio cabem ao sr. capitão-tenente João Mendes Salgado, commandante do *Brazil*, onde está arvorada minha insignia, e aos srs. officiaes do meu estado maior, capitão-tenente Antonio Manoel Fernandes, primeiros-tenentes Manoel Ernesto de Souza França e Helvecio de Souza Pimentel.

Fiquem os srs. chefes e commandantes na intelligencia de que levarei ao conhecimento de S. Ex. o Sr. Ministro os nomes de seus recommendados.

O sr. capitão-tenente Justino José de Macedo Coimbra, commandante do *Silvado*, tomou a reboque, debaixo do mais intenso canhoneio, debaixo mesmo das baterias inimigas, o *Tamandaré*, que, tendo uma das peças essenciaes da machina partida, estava em circumstancias de não poder navegar.

Este bello serviço militar e humanitario honra sobre maneira o digno sr. capitão-tenente Coimbra, que o praticou, e por elle lhe dou os meus parabens e rendo os devidos elogios e agradecimentos. nq o havia ordenado por signaes, que acredito não terem sido vistos, como affirma o sr. Coimbra, e torna-se por isso todo espontaneo.

Mandem os srs. chefes pôr as devidas notas nos assentamentos de todas as praças que guarneciam os dez encouraçados que passaram ultimamente Curupaity, e bem assim nos dos que falleceram ou foram feridos ou contusos grave ou levemente, e nos dos elogiados na presente ordem.

Finalmente, cumpro um dever de honra agradecendo ao sr. chefe de divisão Elisiario Antonio dos Santos, commandante da 2ª divisão, a cooperação que prestou com os navios ás suas ordens á passagem da 1ª grande divisão, bombardeando energicamente as fortificações que iamos transpor e abrindo as relações com a 1ª grande divisão pelo caminho feito por seu conselho e direcção do lado do Chaco. Nem eu esperava menos de tão habil e valente companheiro e amigo da juventude.

Agradeço igualmente aos srs. commandantes dos navios que tomaram parte no bombardeio e digo-lhes ainda mais uma vez: O militar está no seu posto de honra sempre que desempenha com dignidade o serviço que lhe foi por seus chefes distribuido. — *Joaquim José Ignacio*, commandante em chefe».

Nessa brilhante passagem se achava o piloto Andrade Costa, embarcado no encouraçado *Tamandaré*, para o qual havia passado em 21 de julho.

Como vimos, ao enfrentar o *Tamandaré* a bateria teve um desarranjo na machina que o obrigou a parar, convergindo em vista disso para elle todo o fogo do inimigo; uma bomba penetrando pela portinhola da casamata,

ferio gravemente o seu commandante que teve de amputar o braço esquerdo.

No momento critico, já desgovernado, o *Silvado* consegue adiantar-se forçando a marcha e debaixo de todo o fogo tomou o *Tamandaré* a reboque, não consentindo que houvesse solução de continuidade na marcha triumphal encetada pela 1ª divisão da esquadra, para iniciar, como iniciou no mesmo dia, o ataque a Humaytá.

Em 30 de agosto baixou novamente Andrade Costa ao hospital, onde se conservou poucos dias, pois a 7 de setembro seguinte tinha alta, regressando para o seu navio, no qual, até 18 de fevereiro seguinte, tomou parte nos bombardeios consecutivos effectuados pela esquadra encouraçada sobre Humaytá, que aos poucos se ia desmoronando mas sempre prompta a responder. Já em fins de dezembro, a não serem as casamatas de uma bateria e os depositos de munição á prova de bomba não havia ponto que não tivesse soffrido os estragos causados pela artilharia dos navios.

A entrada do anno de 1868 veio dar á marinha uma estrondosa victoria: tal o forçamento das poderosas fortificações de Humaytá.

Tendo no dia 31 de janeiro levado a effeito a divisão avançada da esquadra um bombardeio cerrado ás baterias de Humaytá e no dia seguinte reconhecido o marquez de Caxias em companhia do almirante, de bordo do *Brasil*, a celebre bateria de Londres, foi resolvido o forçamento daquellas formidaveis baterias, pelos couraçados *Tamandaré*, *Barroso* e *Bahia*, levando cada um delles ao cosrado os monitores *Pará*, *Alagoas* e *Rio Grande*.

Não teve a dita de partilhar do heroico feito o piloto Andrade Costa, pois na vespera do grande acontecimento isto é, a 18 de fevereiro, foi mandado passar do *Tamandaré* para o *Princesa de Joinville*, onde tinha o seu pavi-

lhão o chefe Alvim e que se achava em Curuzú; o que, comtudo, não impedio que tomasse parte no bombardeio ás baterias em auxilio da passagem dos referidos monitores.

Depois deste memoravel feito destacou Andrade Costa a 22 para a *Magé*, navio de madeira que, com a *Beberibe*, forçou as baterias de Curupaity na madrugada de 3 de março, ambos debaixo das ordens do capitão de mar e guerra Affonso Lima. A *Magé*, levou tres balas e teve um ferido. Por esse brilhante feito foi elogiado. A 17 de março passou para o *Iguatemy*.

Em recompensa aos seus muitos serviços foi Andrade Costa, por nomeação do Quartel General da Marinha de 18 de maio, promovido ao posto de 2° tenente em commissão.

Fazendo parte da 3ª divisão da esquadra, passou em 17 de julho para a bombardeira *Pedro Affonso*, em que continuou a prestar valiosos serviços até que se recolheu ao hospital por doente.

Embarcado na *Magé*, por ordem do chefe do estado-maior da esquadra em 4 de novembro, nesse navio se conservou até 14 de março de 1869, quando passou a servir na *Beberibe* e depois no *Princesa de Joinville* em 21 de abril, já em Assumpção.

Achando-se a *Ivahy* de regresso de Matto-Grosso, para onde havia partido com outros navios afim de levar a grata nova da terminação da guerra, nella embarcou Andrade Costa em 14 de agosto, passando para o encouraçado *Colombo* em 16 de setembro.

O afanoso movimento dos navios que se achavam no Paraguay fazia com que não descançassem os officiaes, a cada instante mandados em commissões. Assim é que Andrade Costa regressou ao seu navio, a *Ivahy*, em 12 de março de 1870, onde se conservou até 4 de novembro,

passando então para a *Iguatemy* na qual servio um anno exacto.

Tendo a *Iguatemy* de regressar ao Rio, ficou Andrade Costa como depositado a bordo do *Colombo* até 29 de dezembro, quando teve embarque na *Araguary*, navio em que permaneceu até 6 de abril de 1872, quando embarcou no monitor *Rio Grande*, destacando depois para o monitor *Pará* afim de tomar conta do mesmo, a 19 de julho; deixando esta commissão em 24 do mesmo mez, em virtude de ordem do chefe do estado-maior, para regressar ao *Tamandaré*, que seguia até Matto-Grosso. Nesse navio se conservou até 8 de março de 1873, data em que foi nomeado para servir a bordo da canhoneira *Fernandes Vieira.*

Em virtude da ordem do dia n. 10 de 1 de agosto da 1874, passou o nosso biographado em 1 de setembro para a canhoneira *Onze de Junho*, de onde destacou tres dias depois para o vapor *Corumbá* afim de o levar até o passo do Conselho, logar em que se demorou oito dias á espera do commandante em chefe da força naval.

Dessa commissão voltou a 1 de outubro para Assumpção, donde regressou a 10 de novembro para o Ladario ali chegando a 18 do mesmo mez.

A 8 de março de 1875 assumio o commando do *Tamadaré* para deixal-o em 2 de agosto, visto ter sido este navio entregue ao Arsenal do Ladario, passando então para o vapor *Antonio João*, e depois para a *Fernandes Vieira* em que seguio para Assumpção. Ali chegado, embarcou no encouraçado *Barroso*, novamente destacando para a *Fernandes Vieira*, a 27 de setembro, afim de seguir em commissão a Matto-Grosso.

Regressando no mez de outubro, teve ordem de seguir no transporte *Bonifacio*, a 20 de novembro, afim de ir assumir a immediatice do monitor *Ceará*, que se achava

no Arsenal de Cerrito. Nesse navio se conservou até 27 de janeiro de 1876, quando passou novamente para a *Fernandes Vieira* da qual destacou para o encouraçado *Barroso* em 1 de junho.

As consecutivas viagens feitas pelos navios que compunham a força naval estacionada em Matto-Grosso e Paraguay e que se revesavam fizeram com que em junho e julho daquelle anno tivesse Andrade Costa novas commissões a desempenhar na *Fernandes Vieira* e depois no *Barroso* e no monitor *Piauhy* e em setembro na *Taquary*, regressando ao *Barroso* em 15 de outubro, em Assumpção.

Em 1 de agosto de 1877 passou de novo para a *Fernandes Vieira*, da qual desembarcou em 14 do mesmo mez, afim de gosar uma licença de quatro mezes em sua terra natal, de onde se achava afastado havia muitos annos.

De Santa Catharina partio para o Rio de Janeiro, e apresentando-se ao Quartel General de Marinha foi nomeado para embarcar na *Ypiranga* onde se apresentou a 2 de janeiro de 1878, assumindo as funcções de immediato em 15 do mez seguinte. Desse navio desembarcou a 10 de junho sendo nomeado para embarcar no encouraçado *Lima Barros*.

A vinda de Andrade Costa ao Rio de Janeiro tinha por fim apresentar-se a exame para obtenção de sua carta de piloto e assim poder concorrer á promoção. De facto, submettido a exame foi approvado, obtendo a carta por aviso de 12 de julho de 1878.

Em virtude da ordem do dia do commandante da divisão naval do 1° districto, de 14 de março de 1879, passou Andrade Costa para a fragata *Amazonas*, de que desembarcou para ir servir na flotilha do Rio Grande do Sul, onde foi mandado embarcar na canhoneira *Henrique Dias*, da qual passou para a *Henrique Martins*, em 2 de julho, regressando mais tarde ao primeiro destes navios.

Na *Henrique Dias* conservou-se Andrade Costa desde 10 de agosto de 1879 até 7 de janeiro de 1881, quando passou a ter embarque na *Araguary*.

Promovido ao posto de 2º tenente por decretc de 29 de setembro de 1883, depois de ter feito na Escola Naval os exames exigidos, passou a embarcar no couraçado *Bahia*, onde se conservou até 9 de janeiro de 1884, quando foi nomeado para servir a bordo da canhoneira *Manáos* estacionada no Maranhão. Nesse navio fez diversas commissões a S. João e a Alcantara até junho, quando por doente teve ordem de regressar ao Rio de Janeiro, onde se apresentou e obteve quatro mezes de licença, finda a qual apresentou-se e foi em 26 de janeiro de 1885 nomeado para embarcar no transporte *Purús*, onde se conservou até março, quando passou para a *Amazonas* seguindo para o Sul. Ao chegar a Santos passou para a canhoneira *Bracconot*, que ali se achava em serviço hydrographico, e depois de estar na Ilha Grande regressou ao Rio de Janeiro para logo partir para o porto de Antonina, no mesmo serviço.

Nomeado para servir na Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Sul em 12 de outubro, para ali seguio asssumindo a immediatice da dita Escola, em que permaneceu até 2 de agosto de 1888, quando passou para a canhoneira *Henrique Dias*; commissão em que o veio colher a morte, a 1 de novembro do mesmo anno.

Andrade Costa soube fazer-se por si, conquistando com brio e honra o nome que deixou.

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXVI

O Capitão de mar e guerra Quintino Francisco da Costa

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Offi. Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Aven. Rio Branco, 180

1914

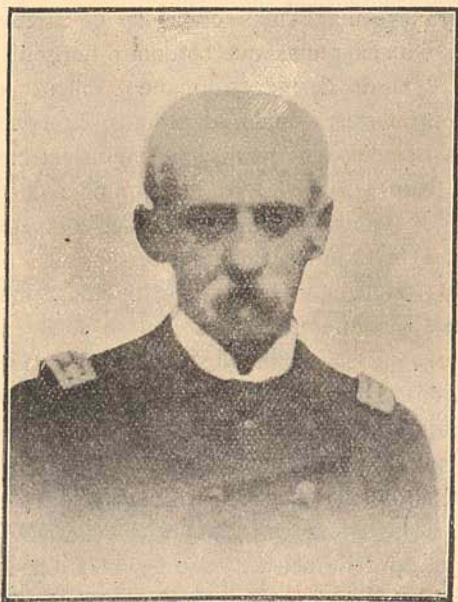
BIOGRAPHIAS PUBLICADAS

I — O capitão de mar e guerra João Nepomuceno de Menezes
II — O capitão-tenente Francisco Pereira Machado
III — O almirante Jesuino Lamego Costa (Barão da Laguna)
IV — O capitão-tenente José Lamego Costa
V — O capitão de mar e guerra Manoel de Oliveira Paes
VI — O capitão-tenente Trajano Augusto de Carvalho
VII — O almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim (Barão de Iguatemy)
VIII — O almirante José Marques Guimarães
IX — O primeiro-tenente Alvaro Augusto de Carvalho
X — O coronel de engenheiros João de Souza Mello e Alvim
XI — O primeiro-tenente Miguel de Souza Mello e Alvim
XII — O capitão de mar e guerra José Maximiano de Mello e Alvim
XIII — O primeiro-tenente Emilio Augusto de Mello e Alvim
XIV — O primeiro-tenente José Ignacio da Silveira
XV — O capitão-tenente Hyppolito de Simas Bittencourt
XVI — O segundo-tenente honorario José Francisco Alves Serpa
XVII — O segundo-tenente Damaso Pinto de Araujo Corrêa
XVIII — O segundo-tenente Domingos Moreira da Silva
XIX — O segundo-tenente Antonio José da Silva
XX — O segundo-tenente João da Silva Fernandes
XXI — O piloto Francisco de Salles Cardoso
XXII — O almirante José Pinto da Luz
XXIII — O segundo-tenente José de Jesus
XXIV — O piloto José Poluxeno da Silva
XXV — O Segundo-tenente Luiz Antonio de Andrade Costa
XXVI — O capitão de mar e guerra Quintino Francisco da Costa

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXVI

O capitão de mar e guerra Quintino Francisco da Costa

A ilha de Santa Catharina, pedaço destacado da muralha granitica chamada Serra do Mar que se estende

Capitão de mar e guerra Quintino Costa

parallelamente á costa sul do Brazil, dir-se-ia ali disposta pela natureza, na sua previdencia, não só para escuta da

nossa fronteira maritima, o mesmo que Fernando de Noronha ao norte, como tambem para servir de ninho de marinheiros.

Separada do litoral por duas espaçosas e esplendidas bahias, semelhantes a uma concha bivalve aberta, cujas valvas se ligam no estreito de Irerê-mirim, apresenta a ilha, mais realçadas pelo mar, as mesmas maravilhosas bellezas topographicas do continente fronteiro, apellidado por Saint Hillaire de paraiso terreal do Brazil, e que delle levou o sabio geologo Fred. Hartt a dizer : « Não posso deixar de exprimir a minha admiração pela majestade da serra e das vistas a léste que incluem todo o terreno entre a serra e o mar cujas ondas se vê arrebentarem nas longiquas e alvas praias que bordam o horisonte. A encosta da serra é muito desigual formando saliencias, promontorios e contrafortes, sendo os ultimos, ás vezes, coroados de torres isoladas que rivalisam com os celebres picos dos Orgãos. Nunca vi no Brazil topographia de mais magnificencia. A serra do Tubarão pode ser comparada a muitos pontos das Montanhas Rochosas ».

Si, de facto, a ilha até hoje, devido á falta de previdencia dos governantes, ainda não se acha em estado de preencher a missão primeira que lhe fôra reservada, tem, no entretanto, para confirmar a segunda, dado á marinha de guerra, desde a independencia, uma brilhante pleiade de officiaes que illuminam a nossa historia naval.

Aos muitos já citados vem hoje juntar-se mais um que, pela sua clara intelligencia, açacalados estudos e delicadesa de sentimentos, soube, com destaque, entre seus contemporaneos, impor-se como profissional, e como poeta e estylista inconfundivel pela maneira de dizer toda sua, com verdadeiro apuro esthetico, de consumado artista. Personificação de cavalheiro completo, coração magnanimo por excellencia, bondade extrema, amisade leal e caracter

sem jaça, Quintino Francisco da Costa honrou a farda que vestio e a terra de nascimento, sem nunca perder a linha de conducta que se havia traçado. Si mais não se elevou na marinha, foi isso devido á sua demasiada modestia e a varios factores nosologicos adquiridos logo em principio da campanha contra o Paraguay.

Filho de Alexandre Francisco da Costa e de D. Maria Candida da Costa, nasceu Quintino Francisco da Costa a 2 de março de 1843 na cidade do Desterro, hoje Florianopolis, onde fez seus primeiros estudos para cursar a Academia de Marinha.

No Rio de Janeiro para onde seguira, approvado nos preparatorios exigidos á matricula, foi por aviso do Ministerio da Marinha de 26 de fevereiro de 1861 mandado assentar praça de aspirante á guarda-marinha, e como tal reconhecido em ordem do dia de 28 do mesmo mez.

Logo no primeiro anno do curso firmou-se a reputação do joven alumno, pois terminou-o com approvações distinctas, e na corveta a vapor *Ypiranga* teve embarque em dezembro, afim de fazer a viagem regulamentar que terminou a 21 de fevereiro do anno seguinte. Com approvações plenas concluio o segundo anno lectivo, seguindo em viagem a 15 de dezembro a bordo da corveta *D. Januaria*, viagem de que regressou a 27 de janeiro de 1863, afim de cursar o terceiro e ultimo anno escolar.

O aviso de 26 de novembro de 1863 veio dar a Quintino Costa a recompensa de seus esforços. Promovido a guarda-marinha, teve embarque a bordo da corveta *Bahiana*, afim de fazer a viagem de instrucção, que se realisou a varios portos do norte do Brazil e da Europa, tendo feito antes cruzeiros ao longo da costa, só regressando a 1 de outubro. Passou então a embarcar na corveta *Berenice*.

A politica dubia e fraca, adoptada pelo primeiro imperio e seguida com maior tibieza pelo segundo para com as republicas do sul, nos collocou em tristes contingencias em todos os tempos. E' veso antigo sujeitarmos a politica externa ás vicissitudes da Interna dirigida pelo personalismo partidario, e por isso mais de uma vez o brio nacional soffreu insultos que mereciam immediata desaffronta; mas essa mesma politica que não soubera construir, pois outro ensinamento não recebera de seus maiores, havia destruido por completo a alma da nação — que é a força armada.

Tanto é verdade o que acima dizemos que, para confirmal-o, copiamos da plataforma politica apresentada ultimamente pelo dr. Wencesláo Braz, candidato á presidencia da Republica, as seguintes confortantes e memoraveis palavras: « Antes de tudo, porém, devo assignalar, senhores, que a longa experiencia de quasi um seculo de vida politica nacional deve ter trazido ao espirito brazileiro a convicção de que perdemos um tempo preciosissimo com questiunculas politicas sem alcance pratico, apaixonando os espiritos e açulando odios, com evidente prejuizo de graves assumptos que interessam a nossa nacionalidade. Ninguem desconhece por certo a necessidade do mais vivo interesse pelas coisas publicas, quer se trate de eleições, quer de administração, quer de debates parlamentares, etc., mas o que se critica e deplora é o acceso das lutas partidarias, em que não se vê um ideal que as oriente, em que apparecem em jogo exclusivamente futeis questões de personalismo. Cumpre-nos corrigir esse defeito.»

As offensas feitas e o menospreso com que eram tratados os nossos concidadãos pelo governo de Aguirre, no Estado Oriental, levaram o Brazil a exigir, depois de delongas e ameaças prematuras, uma cabal satisfação do

que fosse justo e indispensavel á honra nacional, para a segurança dos residentes naquella republica; e afim de amparar suas reclamações, enviou o governo brazileiro ás aguas platinas alguns navios de guerra sob o commando em chefe do vice-almirante barão de Tamandaré, sem comtudo preocupar-se de forças terrestres.

A bordo da fragata *Amazonas*, partio o guarda-marinha Quintino Costa a 22 de outubro de 1864, chegando a Montevideo a 28 do mesmo mez; dahi seguio para Buenos Aires, onde poucos dias depois teve ordem de embarcar na canhoneira a vapor *Maracanã*.

Dispunha o Brazil no Rio da Prata dos seguintes navios: fragata *Nitherohy* e *Amazonas*, corvetas *Beberibe* e *Recife*, canhoneiras *Mearim*, *Ivahy*, *Araguaya* e *Maracanã* em Buenos Aires; corveta *Jequitinhonha*, em Montevidéo; canhoneira *Itajahy* e *Belmonte* no rio Uruguay; e finalmente a *Parnahyba* no Rio Negro.

Não sendo attendidas as satisfações pedidas, apresentou o nosso enviado conselheiro Saraiva o seu *ultimatum*, cabendo ao barão de Tamandaré, de accordo com o general uruguayo Flores, em luta contra o governo de seu paiz, iniciar as hostilidades, que a principio constaram de bloqueio aos portos sobre o rio Uruguay.

Para esse fim partiram de Buenos Aires a 5 de novembro a *Araguaya*, a *Mearim* e a *Maracanã* para o rio Negro e Paysandú, sob as ordens do chefe Pereira Pinto.

Tendo sido determinado á *Maracanã*, onde se achava embarcado Quintino Costa, ir reforçar o bloqueio do porto do Salto, levando a reboque uma lancha da *Nitherohy*, para ali seguio a 20. Dois dias depois, com a *Mearim* e a *Itajahy*, subio o rio com a artilharia em bateria e guarnições a postos, para ir collocar-se em frente á mesma cidade, prompta a repellir o ataque projectado aos navios

bloqueadores. No dia seguinte desceu o rio e foi postar-se em frente a Concordia, do lado argentino, para impedir a vinda do bando armado por Urbano Urquiza. Nesse porto recebeu a visita do general Flores que ali fora pedir ao commandante Cotrim para lhe fornecer um obuzeiro de calibre 12, destinado a armar o vapor oriental *Gualeguay*.

O brilhante papel desempenhado pelos valentes marinheiros nessa luta, cujo magno successo foi a tomada de Paysandú e a consequente queda do tyranno Aguirre, cercado por mar e por terra em sua capital, não estava ainda terminado.

A nossa causa em relação á questão oriental, pela inacção do governo imperial em todo o anno de 1864 e o pouco acerto nas providencias tomadas, foi compromettida. As complicações que por essa occasião appareceram bem o demonstraram. O plano concebido por Barca e Carrera de se contrapor no Rio da Prata ao Brazil e á Argentina uma confederação composta do Paraguay, Corrientes, Entre-Rios, Estado Oriental e Rio Grande do Sul, ainda era afagado por muitos. Para honra nossa, felizmente, os filhos do Rio Grande do Sul em tempo comprehenderam a cilada que lhes armavam os interessados no esphacelamento do Brazil. Recalcando em seus peitos os resentimentos partidarios e sacrificando seus ideaes, aceitaram honrosa paz, para mostrarem que, diante de um inimigo commum, eram todos brazileiros; e em documento publico disse o valente general Canabarro, commandante em chefe das forças republicanas sul rio-grandenses: « *Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio, e tão estolida ousadia jamais deixaria de echoar em nossos corações brazileiros* ».

O Paraguay, cuja independencia fôra sustentada pelo Brazil, logo que se vio livre de Rosas, ainda devido ás

nossas armas, burlando as missões diplomaticas enviadas áquelle paiz em 1852, 54, 56 e 57, preparava-se para bote traçoeiro. O tyranno Lopez encontrou ensejo na questão oriental para hostilisar o Brazil sem previa declaração de guerra.

Forçado pela politica, foi obrigado o Brazil a procurar a alliança da Argentina e do Estado Oriental para desde logo enfrentar as hostes paraguayas.

A 5 de abril de 1865, partia de Buenos Aires sob as ordens do capitão de mar e guerra Gomensoro, a 3ª divisão de nossa esquadra, composta da corveta *Jequitinhonha* e canhoneiras *Iguatemy* e *Ipiranga*, para bloquear o rio Paraguay, e poucos dias mais tarde reuniam-se a ella a *Mearim*, a *Belmonte*, a *Beberibe* e a *Itajahy*, em que se achava embarcado o guarda-marinha Quintino Costa.

Pretendendo o general Paunero, commandante do 1º corpo do exercito argentino, desalojar os paraguayos que se haviam apossado da cidade de Corrientes, combinou-se com o chefe de divisão Barroso, que em Goya tomara o commando da esquadra brazileira, accrescida com a *Amazonas*, *Parnahyba e Ivahy*, para levar um ataque áquella cidade operando de commum accordo.

A 25 do mesmo mez, com successo, foi atacada a cidade, cabendo ás canhoneiras *Itajahy*, *Mearim e Araguaya* a missão de proteger o desembarque das tropas alliadas. Os certeiros tiros desses navios muito cooperaram para a derrota completa dos paraguayos.

Teve, pois, nesse memoravel dia o guarda-marinha Quintino Costa o seu baptismo de fogo; e de como se portou, ahi estão as informações officiaes para dizel-o.

Deliberado pelos dois chefes o abandono da cidade, desceram as forças argentinas em seus dois navios para

o Rincão de Ceballos, escoltados pela *Itajahy*. Emquanto isto, subia a nossa esquadra para Tres Bocas.

A lentidão do exercito argentino em entrar em campanha e por sua vez a do brazileiro, acampado nas immediações de Montevidéo á espera de que se ajustasse o plano de campanha, quando já devia e podia estar no Rio Grande para repellir a annunciada invasão desde fins de dezembro e levar de vencida pelas Missões o exercito paraguayo, como opinavam generaes brazileiros, e pela provincia de Corrientes a dentro apertal-o contra o Paraná, ou entre o nosso exercito e a esquadra, tudo isso era consequencia do tratado que investira o general Mitre no cargo de commandante em chefe dos exercitos alliados. Em vez da Argentina procurar a nossa alliança, estando como estava uma de suas provincias invadida por um exercito muito superior ás forças de que podia dispôr aquella republica, fomos nós que a fomos solicitar.

Na ingente batalha travada em frente a Riachuelo, entre a esquadra paraguaya, apoiada por formidaveis baterias montadas em terra e a nossa sob o commando do chefe Barroso, onde foi escripta a mais gloriosa epopéa que se tem registrado nos annaes da historia naval americana, cujos autores firmaram para sempre o valor brazileiro e cujos feitos ali praticados servem de exemplo ás gerações vindouras, não tomou parte o joven guarda-marinha Quintino Costa: quiz o destino que se achasse afastado daquelle heroico scenario o seu navio, a *Itajahy*, bem como a *Ivahy*, que se achavam aguas abaixo, a primeira em busca de gado e a segunda de carvão para supprimento da esquadra. Estavam-lhe, porém, reservadas outras brilhantes jornadas onde poderia dar testemunho do seu alto valor.

Poucos dias depois da memoravel batalha, construiram os paraguayos em um ponto mais abaixo do logar onde ella se travara, uma formidavel bateria. Sobre a

barranca onde faz barra o arroio Empedrado, proximo a um banco que obrigava os navios a se encostarem á margem esquerda para transporem o canal, assestaram elles 36 canhões de 68, pretendendo desse mo lo impedir a esquadra que se achava acima, de receber viveres e munições. Ahi se entrincheiraram 2000 homens de infantaria e de artilharia.

O chefe Barroso prevendo isto e receando a baixa do rio, resolveu sem demora forçar a passagem e procurar ponto mais seguro, onde pudesse concluir os reparos de seus navios e receber os recursos necessarios.

Na manhã de 18 de junho poz a esquadra em movimento, contando mais a *Itajahy* que a ella se tinha reunido, e com a mesma serenidade de animo que haviam sempre demonstrado approximaram-se os navios do passo, investindo-o com denodo.

De parte a parte, com encarniçada energia, rompeu o fogo, que do nosso lado mais crescia, dominando o do inimigo pelas certeiras pontarias que lhes iam desmontando os canhões, causando numerosas baixas nos defensores. Era estonteante a fuzilaria inimiga, mas apesar della, impavidos, não abandonam os nossos artilheiros as baterias, e assim passaram todos os navios, tendo-se a lamentar a morte do commandante da *Beberibe*, o capitão-tenente Bonifacio de Sant'Anna, e de duas praças attingidas por projectis, ficando nove feridas.

Depois desta gloriosa passagem, conhecida pelo nome de Mercêdes, fundeou a esquadra no Chimboral, quinze leguas abaixo de Corrientes onde se achava a *Ivahy* e onde se lhe reunio a *Magé* a 5 de julho.

Outra passagem, esta mais cruenta ainda, tinha que forçar a esquadra, e onde do mesmo modo iam mais uma vez os nossos officiaes e marinheiros dar provas de que não temiam o perigo e que o sabiam affrontar.

Tendo o chefe Barroso recebido ordem para descer com a esquadra, por terem os paraguayos fortificado as altas barrancas que dominam o estreito e tortuoso canal do Paraná em Cuevas, não hesitou um só instante, e no dia 10 de agosto suspendeu a esquadra logo após a ceremonia de içar a bandeira. Seguia na vanguarda a *Ivahy* depois a *Itajahy* e a *Beberibe*, formando a 3ª divisão, ás ordens do intemerato chefe Alvim, vindo em seguida a *Amazonas* onde se achava o almirante e os demais navios, a principiar pelo *Guardia Nacional*, pequeno vapor argentino. O *Apa*, transporte, trazia aos costados o brigue *Pepery-guassú* e a barca *Quarahym*, e a *Mearim* uma chata com gado.

Sciente o almirante da disposição das baterias, por um escaler que havia mandado por dentro de um arroio que ia sahir abaixo das baterias e por onde fez seguir o vapor *Igurey* sob o commando do piloto Alves Serpa, preparou-se para a investida do difficil passo, onde havia o inimigo construido fortes baterias espaçadas e armadas com 40 peças de todos os calibres, algumas raiadas,apoiadas por 3000 infantes.

A's 10 hóras, emquanto alguns navios faziam a volta, a *Ivahy* que servia de testa de columna, e cujo commandante que até então não tinha entrado em fogo se mostrava ancioso por fazel-o, approximou-se da barranca e rompeu o fogo; logo em seguida e ao signal da *Amazonas*, investiram a *Ivahy*, a *Itajahy* e a *Beberibe* seguidas dos demais navios.

Começou então um violentissimo fogo de artilharia cujas descargas se succediam tão proximas que se diria um cataclysma. A' violencia do ataque correspondia igual ardor da nossa parte na contestação. O fogo terrivel feito á queima-roupa e a cavalleiro não fazia os nossos bravos artilheiros perderem a serenidade: tanto comman-

dantes como officiaes e guarnições mostravam a mesma presença de espirito, a mesma calma que dá a coragem heroica, já anteriormente demonstrada. Alem dos 40 canhões e da fuzilaria que jogavam incessantemente, trabalhavam dez estativas de foguetes a congrève e de tal forma e tão bem dispostas que batiam os navios um por um, de proa, de travéz e de popa.

Ao enfrentar a *Beberibe* as barrancas, uma bala rompeu-lhe um dos gualdropes do leme, fazendo-a desgovernar e atravessar á correnteza. Nesse transe terrivel, do qual se aproveitou immediatamente o inimigo, fazendo convergir sobre elle o fogo de seus canhões e fuzis, não se perturbou o chefe Alvim: com aquella clareza de intuição, firmeza de acção e rapidez de execução que tanto o caracterisavam, e confiado na sua proverbial força muscular, verdadeiramente herculea, auxiliado pelo então primeiro-tenente Foster Vidal e mais alguns marinheiros, empunhou o gualdrope partido, conseguio metter o navio a caminho e continuou imperturbavel, com a mesma serenidade heroica, a dirigil-o durante todo o tempo, respondendo ao fogo.

Emquanto isso se passava na *Beberibe*, dava-se a bordo do *Ypiranga* outro episodio digno de um espartano. O seu commandante, primeiro-tenente Alvaro de Carvalho, depois da passagem de Mercêdes atacado de typho, estava gravemente enfermo. Ao ter conhecimento da ordem para forçar Cuevas, por um extraordinario esforço reanimou-se e, pode-se dizer, voltou-lhe a vida prestes a apagar-se naquelle corpo outrora athletico. Apesar da opposição do medico, dos officiaes e da intimação que lhe fizera o immediato em nome do chefe, para que não se levantasse, chegando mesmo a ameaçal-o de prisão em nome do ministro, ordenou Alvaro aos criados que lhe trouxessem uma cadeira e o conduzissem ao passadiço, dizendo que

era aquelle o seu posto de honra e somente morto o abandonaria. No passadiço, a descoberto, commandou Alvaro o seu navio durante toda a acção; choveram-lhe as balas ao de redor; vio cahirem mortos a seu lado um aspirante e sete praças e impavido continuou até ao fim do combate, quando então desfalleceu, alquebrado pela molestia e pela commoção natural naquelles momentos supremos.

Da carta-diario sobre o facto de Cuevas transcrevemos o que segue:

« De 20 a 30 minutos foi o tempo que esteve cada navio debaixo desse fogo terrivel; entretanto ha navios que receberam 20 e 30 balas; isto quer dizer que levaram uma bala por minuto. Comtudo a esquadra foi muito feliz, o dedo de Deos parece que nos tem sempre guiado nas mais criticas circumstancias!

O *Ypiranga* que cerrava a fila, teve por sua pouca marcha que receber quasi que isolado o fogo da barranca. Mais ou menos todos os navios tiveram avarias; muitas balas vararam-lhes o costado e os mastros, e espatifaram as amuradas, trincheiras e escaleres. Os que, porém, mais soffreram foram o *Ypiranga*, que recebeu balas ao lume dagua, e está com a mastreação varada e a amurada muito arruinada, devendo-se á sua excellente construcção não ter ficado totalmente arruinado; o *Amazonas*, que soffreu tambem na mastreação e no costado; indo uma bala á machina da *Itajahy*, que debaixo da barranca ia perdendo o governo, por ter recebido uma bala de 36 na cabeça do leme que a esfaxeou, alem de outra no costado que o varou, soffrendo tambem na mastreação; a *Magé* que tem balas ao lume dagua, alem de outras avarias; e o *Guardia Nacional* que teve dois rombos ao lume dagua, tanto mais perigosos por ser um navio de ferro e mui franzinas as chapas.

A bordo dos navios cahiram balas e bombas de calibre 9, 12, 18, 24, 32 ou 36 e raiadas de 12 e 24, metralha de lanterneta feita de cobre e balas de fuzil esphericas e ogivaes. Uma bomba rebentando junto ao leme do *Guardia Nacional* poz fóra de acção os quatro homens do leme, tomando então conta deste o chefe Muratori. Felizmente o prejuizo do pessoal não está em relação com o que houve no material.»

Essa perda é assim detalhada á vista das partes officiaes dos commandantes dos navios: *Beberibe*, 5 mortos e 9 feridos; *Itajahy*, 3 mortos e 8 feridos; *Magé*, 4 mortos e dois feridos; *Belmonte*, 2 mortos e dois feridos: *Ypiranga*, 1 morto e 7 feridos; *Mearim*, 1 morto; transportes: *Apa*, um morto; *Peperiguassú*, um morto e um ferido; barca *Quarahym*, um morto.

«Não posso deixar de mencionar uma circumstancia que occorreu quando o *Itajahy* teve a cabeça do leme despedaçado. O imperial marinheiro Francisco Pereira Barbosa, de 18 a 19 annos de idade, que governava a canhoneira com a maior presença de espirito, não demonstrou a mais leve impressão quando a bala chocou o leme, e nem vendo cahir junto de si tres de seus companheiros. Placido e firme no seu posto, dir-se-ia que era a estatua do *Dever* animada pelo fulgor da verdadeira coragem.

Temos realmente marinheiros e soldados muito bravos! Passar barrancas fortificadas como a esquadra acaba de fazer, contestando o fogo com energia, e cada um occupando o seu posto, é feito de heroismo e abnegação que muitos não sabem ou não quererão apreciar. Aquelles, porém, que nesses momentos criticos só tem dado ouvidos ao sentimento do brio e ao cumprimento do dever, estão contentes de si, porque tem consciencia do que tem feito pelo paiz.»

Fundeou a esquadra no Rincão do Souto e ahi procedeu aos reparos materiaes que foram maiores que os soffridos em Riachuelo.

Coube ainda a Quintino Costa, em 4 de novembro, seguir no seu navio a tomar parte no reconhecimento do Passo da Patria, brilhantemente executado pelo chefe Alvim com a sua divisão composta da *Belmonte*, navio chefe, *Araguary*, *Itajahy*, *Ivahy*, *Mearim*, vapor argentino *Libertad* e aviso *Victoria*. A força paraguaya que o guarnecia e que comprehendia quatro batalhões de infantaria e um regimento de cavallaria, á approximação dos navios brazileiros abandonou a posição que occupava.

O clima daquellas regiões, as privações, as vigilias constantes depauperavam o organismo dos nossos officiaes e guarnições, e muito delles foram victimas de infecções intestinaes e de febres typhoides que se haviam alastrado pela esquadra. Não escapou a esse mal o guarda-marinha Quintino Costa, sendo por isso obrigado a 2 de dezembro a baixar ao hospital brazileiro em Buenos Aires, onde teve a grata noticia de sua promoção ao posto de segundo-tenente, por decreto de 22 de dezembro.

Em 2 de fevereiro de 1866 teve alta do hospital e foi mandado servir a bordo da corveta *Nitherohy* que se achava fundeada em frente a Buenos Aires e onde se conservou até 2 de outubro do mesmo anno, quando passou para o encouraçado *Herval* que seguia para encorporar-se á esquadra, e que chegou a 28 de outubro em Cerrito com avaria na helice.

Destruido o forte de Itapirú e passado o exercito para o territorio inimigo pelo Passo da Patria, como opinara o almirante Tamandaré, ia a esquadra enfrentar as famosas baterias de Curupaity, as avançadas do Humaytá, declaradas inexpugnaveis, defendidas por mais de 30 peças; zombou, porem, a galhardia inegualavel, a pericia,

valentia e abnegação dos brazileiros dos meios ali accumulados pela sciencia e pela astucia para impedir o accesso dos navios.

A 22 de novembro chegara ao theatro da guerra a bordo do transporte *Isabel* o chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, para assumir o commando em chefe da esquadra em operações, em substituição ao vice-almirante visconde de Tamandaré, que se retirava por doente.

Com a nova organisação dada á esquadra e ao pessoal, passou o tenente Quintino Costa do *Herval* para a bombardeira *Pedro Affonso* em 18 de janeiro de 1867.

Tendo o almirante resolvido levar um segundo ataque ao famoso baluarte paraguayo, a fortaleza de Curupaity, deu suas ordens para que pela manhã de 2 de fevereiro tivesse logar a acção. Os encouraçados *Colombo*, *Bahia*, *Mariz e Barros* e *Tamandaré*, canhoneira *Parnahyba*, encouraçados *Silvado*, *Herval*, *Barroso* e *Cabral*, corveta *Beberibe*, bombardeira *Forte de Coimbra* e duas chatas, dirigidos pelos chefes Alvim e Rodrigues da Costa, atacaram successivamente o forte do lado do rio, onde treze bocas de fogo estavam assestadas na barranca; e, emquanto troava a artilharia desse lado, o chefe Elisiario entrou na Lagoa Pires com as canhoneiras *Iguatemy*, *Araguahy*, bombardeira *Pedro Affonso*, vapor *Lindoya*, chata *Mercêdes* e lanchão a vapor *João das Botas*, e rompeu fogo sobre a extremidade da direita da trincheira paraguaya.

Nesse ataque portou-se, como sempre, galhardamente Quintino Costa, pelo que foi elogiado.

Promovido a primeiro-tenente por decreto de 21 de janeiro desse anno, não poude continuar a compartilhar das glorias reservadas a seus companheiros d'armas, pois a hepatite que o havia assaltado naquelle clima tão inhospito, obrigou-o a pedir licença para tratar-se no hospital de Corrientes ou de Montevidéo. Concedida pelo com-

mandante em chefe da esquadra a licença pedida, desembarcou da *Pedro Affonso*, e seguio no vapor *S. Paulo* no dia 4 de março.

Por aviso de 20 de maio obteve dois mezes de licença, a qual foi prorogada por igual tempo para gosal-a em Santa Catharina, de onde se recolheu ao Rio de Janeiro, onde foi de novo inspeccionado; e tendo-se apresentado da licença em cujo goso se achava, em 5 de novembro, foi pelo Quartel General nomeado em 8 de fevereiro de 1868 para embarcar na fragata *Amazonas*, na qual seguio para Montevidéo a 29 do mesmo mez.

Em virtude da ordem do dia da divisão naval do Rio da Prata de 3 de março de 1888, entrou Quintino Costa no exercicio do cargo de secretario do respectivo commando, para o qual havia sido nomeado por aviso de 17 de fevereiro.

Devido ás commissões que eram determinadas aos navios que compunham a divisão, teve de acompanhar o seu chefe na mudança de pavilhão de um para outro navio, e assim é que em 6 de abril passou para a corveta *Bahiana*, regressando para a *Amazonas* a 20 do mesmo mez e della passando para a corveta *Nitherohy* em 17 de maio, onde se conservou até 8 de fevereiro do anno seguinte, quando de novo passou para a *Amazonas*. Em 24 de maio de 1870 passou ainda para a *Vital de Oliveira*, regressando para a *Amazonas* no dia seguinte, para de novo embarcar na *Vital de Oliveira* a 28 de junho.

Tendo pedido e obtido demissão do commando da divisão naval o chefe que a commandava, deixou o 1° tenente Quintino Costa o logar de secretario, sendo pela ordem do dia de 26 de setembro de 1870 louvado e agradecido pelos bons serviços que prestára durante o tempo que exerceu as respectivas funcções.

Deixando assim o querido e brilhante official, cujas distinctas qualidades tanto o tornavam sympathico, o logar que tão bem desempenhara, embarcou na corveta *Vital de Oliveira* e depois no *Barroso* em 20 de setembro, nelle seguindo em 23 de novembro para Santa Catharina, onde passou para a canhoneira *Mearim* em 5 de dezembro.

Em 30 de setembro de 1871 assumio o commando interino do couraçado *Brazil*, nelle se conservando até 8 de novembro do mesmo anno.

Desejoso de servir em sua terra, pedio e obteve a nomeação de commandante da Companhia de Aprendizes Marinheiros, a qual lhe foi dada em virtude da ordem do dia de 14 de novembro do mesmo anno, substituindo em 1 de dezembro o capitão tenente Jacintho Dias Furtado de Mendonça Paes Leme, que havia pedido licença. Pouco tempo, porèm, se demorou nessa commissão, pois por ordem da presidencia da Provincia entregou o commando da Companhia ao capitão de mar e guerra reformado Bernardino Alves de Moura, por ter sido nomeado por aviso de 18 de janeiro de 1872 secretario e ajudante de ordens do commandante da divisão naval do 1° districto.

No mesmo dia em que entregou o commando da Companhia de Aprendizes Marinheiros, apresentou-se a bordo do encouraçado *Brazil* ao chefe de esquadra barão da Passagem. Desse navio passou para a corveta *Vital de Oliveira*, em 13 de abril, nella seguindo a 20 de maio para Montevidéo, regressando a 19 de julho a Santa Catharina, de onde seguio para o Rio de Janeiro no encouraçado *Brazil* em novembro, tendo antes estado embarcado na *Araguahy*.

Em 8 de janeiro de 1873, em companhia de seu chefe, o almirante barão da Passagem, embarcou no Rio de Janeiro no transporte *Leopoldina* e seguio para Santa Catharina, onde no encouraçado *Bahia* içou o seu pavi-

lhão aquelle chefe, passando-o em seguida para o *Silvado* e depois para o *Brazil.*

Havendo a 2 de setembro de 1873 pedido exoneração o illustre almirante barão de Laguna do cargo de inspector do Arsenal de Marinha, que exerceu com inexcedivel brilhantismo, e sido nomeado, apesar de senador do Imperio, para commandar o primeiro districto naval, não se esqueceu elle do digno conterraneo, convidando-o para seu secretario; cargo que assumio a bordo da corveta *Nitherohy* em 18 de dezembro, mas no qual pouco se demorou, visto ter sido de novo nomeado para commandar interinamente a Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catharina.

O almirante barão da Passagem tendo sido nomeado para uma importante commissão de inspecção ao Alto Uruguay, de modo algum quiz dispensar os serviços e illustração de seu antigo secretario e por isso conseguio que elle o acompanhasse na dita commissão, só assumindo em seu regresso as funcções do commando para o qual havia sido nomeado. Por esse motivo, e em cumprimento da ordem do commandante do 1° districto, passou Quintino para bordo do encouraçado *Brazil* em 5 de janeiro de 1874, partindo a 17 do mesmo mez para Montevidéo, onde chegou no vapor *Corumbá* e embarcou na canhoneira *Ypiranga* e depois na *Braconnot*, partindo para o Salto Oriental e dahi para Uruguayana na *Vidal de Negreiros*, e depois para Itaquy a bordo do vapor *Lamego*.

De regresso, embarcou novamente no Salto a 11 de março e ao chegar a Montevidéo tomou o paquete *Corcovado*, chegando ao Rio a 28 de março.

Publicado em 1 de abril de 1874 o aviso de 29 de dezembro do anno anterior que o nomeava commandante da Escola de Aprendizes de Santa Catharina, para ali seguio então, assumindo o cargo a 11.

O brilhante e digno official não resistio ás tentações da politica, tanto mais que sua familia, por demais conhecida e gosando de merecida e justa reputação no seio da sociedade catharinense, tinha real influencia.

Eleito deputado á assembléa provincial, entregou em 16 o commando da escola, optando pelos vencimentos de commandante da dita companhia, dando assim nobre exemplo.

Terminada a sessão legislativa, onde sua lucida intelligencia esteve ao lado do bem publico e não de interesses partidarios, reassumio aquelle cargo e nelles e conservou até entrar no goso de tres mezes de licença, por motivo de saude, apresentando-se em 22 de julho, desistindo do resto della.

No commando da mencionada Companhia se conservou até 8 de novembro, quando seguio para o Rio de Janeiro, onde, depois de obter nova licença de tres mezes, apresentou-se a 29 de março de 1878, sendo então nomeado para servir no Batalhão Naval, onde se conservou até 9 de dezembro.

Promovido, por merecimento, por decreto de 7 de dezembro, ao posto de capitão-tenente (hoje capitão de corveta), foi nomeado para embarcar no encouraçado *Lima Barros*, de estação em Santa Catharina.

Devido á recente guerra, veio novamente á lembrança fazer da ilha de Santa Catharina um poderoso apoio de nosso futuro poder maritimo ; infelizmente, porém, por falsa comprehensão julgaram que era sufficiente accumular navios no porto para tornal-o apto ao fim almejado ! Esqueciam-se de que sem officinas, sem depositos, sem material adequado ao mistér, tudo seria ephemero. A perigosa centralisação rotineira, as constantes mudanças de governo, com suas inevitaveis soluções de continuidade no modo de encarar e resolver os problemas essenciaes á existencia nacional, accres-

cidas ainda do profundo desamor com que desde a independencia cuidamos dos assumptos referentes á nossa defesa, deram em resultado o nenhum pregresso neste ramo da administração publica, reclamado com carinho pelos patriotas, mas sempre suffocado em seus anceios.

Volvem actualmente os olhos para tão magna missão aquelles que têm por dever salvaguardar a nossa nacionalidade e zelar pela honra da nossa bandeira, pois a politica internacional na sua ganancia de cercear as liberdadades e bens alheios, embora seus fins envolvidos em mysteriosas sombras e cheios de acroamas á paz universal, deixa de vez em quando, no embate de seus interesses, passar clarões que devem servir de aviso áquelles que estão para ser victimas de seus manejos. Tenhamos sempre em vista certas manifestações ultimamente dadas no mundo politico commercial: ellas dizem bem claro que devemos ser previdentes e estar alerta para conjurar com firmesa e muita fé qualquer borrasca que se apresente, e nesse sentido torna-se preciso, sem demora realisar em Santa Catharina aquillo que a incuria deixou de preparar.

Feitas as considerações acima, talvez improprias ao assumpto, diremos que nas aguas catharinenses, onde então exercitavam-se grande numero de navios pertencentes ao 1° districto naval, se apresentou ao navio chefe *Mariz e Barros* o capitão-tenente Quintino Costa, sendo nomeado em 2 de janeiro de 1879 para servir no couraçado *Lima Barros*; navio em que servio de immediato até 26 de maio, quando assumio interinamente o commando do mesmo.

Tendo sido designado o couraçado *Sete de Setembro* para render em Montevidéo o navio que ali se achava de estação, passou Quintino Costa, na qualidade de immediato, para esse navio, cujo commando interino assumio em 4 de julho, por ter fallecido o seu commandante capitão de fragata Bittencourt Cotrim, para logo depois deixal-o,

por ter sido nomeado para commandar o bombardeira *Pedro Affonso*.

Nomeado mais tarde commandante do brigue *Tonelero* que se achava na Bahia, para ali seguio em agosto de 1880. Dali partio a 9 de outubro para o Rio de Janeiro, onde ao chegar obteve uma pequena licença, finda a qual, reassumio o commando do mesmo navio, que partio em viagem de instrucção para o sul até Santa Catharina, e, ao regressar ao Rio de Janeiro, foi por aviso de 22 de setembro de 1887 nomeado para commandar a canhoneira *Henrique Martins*, de estação em Montevidéo.

O aviso de 19 de fevereiro de 1882 veio dar a Quintino Costa o commando da canhoneira *Greenhalgh*, navio em que se conservou até junho de 1884, quando passou a commandar o monitor *Alagoas*. Neste navio coube-lhe de 6 de dezembro de 1886 a 24 de março de 1887 tornar effectiva no rio Uruguay a incommunicabilidade com a nossa margem das procedencias argentinas e orientaes, onde então grassava o cholera. Por esse trabalhoso e efficiente serviço, foi por aviso de 30 de maio de 1887 mandado louvar pelo modo satisfatorio por que o desempenhou na qualidade de commandante do *Alagoas*.

As saudades de sua terra amada, depois de tão longa ausencia, fizeram com que conseguisse a nomeação de commandante da respectiva Escola de Aprendizes Marinheiros, para cujo cargo foi nomeado por aviso de 27 de dezembro, assumindo-o a 24 de fevereiro de 1888; cargo que deixou, porém, em maio seguinte para assumir o de capitão do porto.

Exonerado pouco depois deste ultimo cargo, seguio o capitão-tenente Quintino Costa para o Rio de Janeiro, afim de assumir o de auxiliar da inspectoria do Arsenal de Marinha para o qual havia sido nomeado por aviso de 5 julho.

No exercicio desse cargo veio encontral-o a proclamação da Republica, á qual teve logo a opportunidade de prestar reaes serviços.

Promovido a capitão de fragata graduado, por decreto de 8 de janeiro de 1890, teve Quintino Costa immediata commissão, pois necessitando o governo provisorio de um official criterioso, intelligente e energico, que a essas qualidades alliasse as sympathias de seus commandados e inspirasse toda a confiança, para ella o escolheu, sabedor tambem do seu proceder no Alto Uruguay, onde grangeara a estima da população pelo seu cavalheirismo, hombridade, recto espirito de justiça e honradez. E assim, por aviso de 14 de janeiro foi-lhe dado o commando da flotilha do Alto Uruguay, para onde seguio via Montevidéo. Ao chegar a Uruguayana, içou o seu pavilhão a bordo da *Vidal de Negreiros*. Nessa delicada e espinhosa commissão, soube manter com realce os principios da disciplina, confirmando a confiança que nelle depositara o governo.

Promovido ao posto de capitão de fragata por decreto de 1 de março, continuou no commando da flotilha até 14 de março de 1892, quando o deixou para seguir directamente para Santa Catharina, onde chegou a 4 de abril.

Ao apresentar-se no Rio de Janeiro, foi nomeado membro do Conselho Naval, cargo que assumio a 4 de maio. Por essa época apresentou diploma de official da ordem de S. Bento de Aviz.

Do Conselho Naval passou ao commando do Batalhão Naval em 1 de outubro, entregando-o a 9 de novembro por ter sido nomeado vice-inspector do Arsenal de Marinha, em cuja commissão foi promovido ao posto de capitão de mar e guerra, por decreto de 20 de abril de 1893.

Exonerado, a pedido, foi por decreto de 25 de janeiro de 1894 nomeado para o cargo de sub-chefe do estado maior de armada, exercendo-o até 16 de junho, quando foi no-

meado para inspector do arsenal de marinha de Matto Grosso, sendo nessa occasião elogiado pelo zelo e intelligencia com que se houve.

A 2 de agosto assumio o cargo de inspector do arsenal de marinha do Ladario e nelle se conservou até 21 de janeiro do anno seguinte, quando o deixou por ter sido chamado telegraphicamente ao Rio de Janeiro. Ao chegar, porém, a Montevidéo, encontrou ordem para regressar a Matto Grosso, afim de assumir o commando da flotilha, onde sua presença se tornava necessaria devido aos successos politicos que ali se desenrolavam e nos quaes se achavam envolvidos alguns officiaes dos navios. Tão espinhosa missão confiada ao fino tacto de Quintino Costa era uma garantia de successo e ella foi resolvida com todo o criterio.

Para dar cumprimento á ordem recebida, do cruzador *Tiradentes*, onde se havia apresentado, seguio para Matto Grosso no vapor *Ladario*. Chegando a Assumpto do Paraguay, apresentou-se a bordo do couraçado *Bahia* ali estacionado e depois, no porto do Ladario, a bordo do monitor *Piauhy*, em que içou o seu pavilhão; e desde logo começou a dar movimentação aos navios sob seu commando, retirando-os do foco politico onde os ultimos successos haviam trazido serios embaraços á boa ordem e disciplina.

Sua missão preenchida, deixou o commando da flotilha em 11 de novembro e a 16 de dezembro apresentava-se ao Quartel General da Marinha, no Rio de Janeiro, sendo nomeado para exercer o cargo de vice-inspector do Arsenal de Marinha.

Neste posto, cujas funcções soube desempenhar com o mesmo ardor e dedicação de sempre, veio repentinamente surprehendel-o e victimal-o, a 17 de maio de 1897, traiçoeira syncope cardiaca, no meio da maior consterna-

ção de sua familia e de todos os seus camaradas, entre os quaes só contava admiradores e amigos.

Como attestado do seu valor militar, o brilhante finado possuia as medalhas da Campanha Oriental e do Paraguay e as conferidas pela Republica Argentina aos officiaes que tomaram parte na guerra contra o Paraguay; e quanto á capacidade intellectual, na imprensa de sua terra deixou lavores de sua fina illustração, infelizmente esparsos.

Julho de 1914 H. Boiteux

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXVII

O Capitão de corveta João Velloso de Oliveira

POR

HENRIQUE BOITEUX

CAPITÃO DE MAR E GUERRA

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Liga Maritima Brazileira — Avenida Rio Branco, 180

1914

SANTA CATHARINA NA MARINHA

XXVII

O CAPITÃO DE CORVETA JOÃO VELLOSO DE OLIVEIRA

O harmonioso e inspirado poeta Castro Alves, no seu *Poema dos Escravos*, em arroubo metaphorico, disse em uma das estrophes do *Navio Negreiro*:

> O inglez, marinheiro frio
> que ao nascer no mar se achou,
> porque a Inglaterra é um navio
> que Deus no Mancha ancorou,
> rijo, entoa patrias glorias
> de Nelson e de Abukir...

Paraphraseado, applica-se perfeitamente o conceito á ilha de Santa Catharina, salvo quanto á posição geographica, caracter do povo e glorias cantadas, pois tão reconhecida é a inclinação do santa-catharinense para a vida maritima, que ao tratar-se delle logo acode a idéa de associal-o ao mar. Este modo de sentir é natural e espontaneo, como o manifestou o primoroso poeta Emilio de Menezes,

Capitão de Corveta João Velloso de Oliveira

no seu poema *Dies Iræ* (Tragedia do *Aquidaban*) quando attribue ao marinheiro filho da bella ilha do sul um canto assim concebido:

> Nasci em Santa Catharina
> Vendo o oceano a me rodear
> No Desterro tive a sina
> De um desterrado no mar.

Daquelle meio tem sahido desde os tempos coloniaes, para a marinha de guerra e para a mercante, uma pleiade de illustres marinheiros.

O capitão de corveta João Velloso de Oliveira é mais um que vem alinhar-se na gloriosa phalange que soube honrar a terra que o vio nascer, emprestando com vivo ardor os seus esforços para ver a patria respeitada e dar brilho á corporação a que pertenceu. Nasceu elle na cidade do Desterro, hoje Florianopolis, em 16 de setembro de 1850, sendo seus progenitores o Dr. Domingos Velloso de Oliveira e D. Laurinda Maria Velloso.

Em sua terra natal estudou os preparatorios necessarios á matricula na Academia de Marinha, perante a qual prestou exames, sendo approvado; pelo que, por aviso de 29 de fevereiro de 1868, teve praça de aspirante a guarda-marinha.

Não foi feliz no primeiro anno do curso, pois devido a molestia foi obrigado a pedir quatro mezes de licença, tendo por este facto de repetil-o. Approvado no anno seguinte e nos demais, concluio o tirocinio escolar em novembro de 1872, quando foi nomeado guarda-marinha.

Para fazer a viagem regulamentar teve embarque na corveta *Nitherohy* e nesse navio sahio em 12 de abril do anno seguinte com destino a Nova York, onde chegou a a 6 de junho; e em 9 de novembro se achava de regresso ao Rio de Janeiro.

Approvado nas materias que constituiam o 4º anno do curso, continuou embarcado no mesmo navio, onde revelava apurado gosto pela vida do mar e qualidades de verdadeiro marinheiro, alliadas a primorosa educação e extrema correcção.

Em principios do anno seguinte partio para Montevidéo, onde como capitanea da Estação Naval do Rio da Prata ia servir o seu navio. Ali chegado em 15 de fevereiro de 1874, continuou a nelle servir até 16 de maio, quando passou para a corveta *Magé*.

Teve neste navio a satisfação de receber a sua promoção ao posto de segundo-tenente, feita por decreto de 19 de dezembro.

Sendo determinado o regresso da *Magé* ao Rio de Janeiro, sahio de Montevidéo em julho e, depois de pequena demora, foi mandado embarcar no encouraçado *Lima Barros*, donde por ordem do chefe da esquadra passou para a canhoneira *Braconnot* e em 13 de maio de 1875 para a canhoneira *Ivahy*. Como official da *Ivahy*, conserservou-se nella até 8 de novembro, quando recebeu ordem para servir a bordo da *Belmonte*.

Em todos esses navios tomou sempre parte nos continuados exercicios a que eram submettidos, e que serviram para demonstrar, naquelle porto onde estacionavam de preferencia os navios de guerra das nações estrangeiras, o gráo de adeantamento e perfeição que tinhamos alcançado.

Em 16 de fevereiro de 1876, passou João Velloso a embarcar no encouraçado *Bahia* e n'elle seguio para o Rio Grande, onde foi estacionar, em fins de junho.

Tendo recebido ordem o brigue-barca *Itamaracá*, que se achava naquella provincia, para regressar ao Rio de Janeiro, por determinação do Quartel-General de 18 de agosto, passou para o mesmo, e logo depois de sua che-

gada teve embarque na corveta *Nitherohy*, navio pelo qual tinha o afoito e provecto official a mais decidida sympathia. Nelle começara a sua verdadeira vida de homem do mar; ao seu bojo tinha confiado os seus segredos e suas aspirações; fôra o seu confidente justamente na idade em que tudo é risonho e florido.

Comprazia-se João Velloso no mar e o seu maior encanto era navegar puramente á vela; por essa razão era sempre um dos officiaes escolhidos para o commando de quartos em viagens longas em que a propulsão pelo vento fosse a commummente empregada.

Preparava-se para uma dilatada viagem aos mares das Indias a corveta *Bahiana*, um dos melhores veleiros de nossa marinha de então, e nella teve embarque o tenente João Velloso a 6 de dezembro. A 14 de janeiro de 1877 sahio do Rio de Janeiro, rumo do Cabo da Boa Esperança, dali á ilha de Bourbon e depois a Bombay, Diu, Goa, Colombo, Batavia, Mauricia e Port Elisabeth; regressando a 8 de janeiro de 1879 ao porto donde sahira. Um mez antes havia sido promovido ao posto de primeiro-tenente, por decreto de 7 de dezembro de 1878.

Dessa longa e fatigante viagem de quasi dois annos algo trouxera João Velloso que lhe amorteceu o enthusiasmo que sempre revelara pela vida do mar. Sua sensibilidade que era extrema se chocara de tal fórma, que desde então tornou-se retrahido.

Da corveta *Bahiana*, de onde desembarcou, passou a servir na corveta *Parnahyba*, navio em que obteve um mez de licença para ir á sua terra natal e finda a qual, ao apresentar-se, foi nomeado para a corveta *Guanabara*, em 4 de abril.

Como official deste navio, que fez parte da divisão que acompanhou o paquete *Rio Grande*, no qual os então imperantes seguiram para a provincia do Paraná, afim de

inaugurar a importantissima estrada de ferro de Paranaguá a Curytiba, foi elogiado por aviso de 19 de junho de 1880.

De regresso dessa honrosa commissão, em 27 de novembro foi mandado embarcar na corveta *Bahiana* onde se conservou até 23 de março de 1881, quando passou a servir no encouraçado *Javary*.

Por aviso de 2 de agosto foi mandado louvar pelo Ministerio da Marinha pelo cuidado no cumprimento das ordens expedidas a bordo daquelle encouraçado durante o desempenho de sua commissão. Desse navio destacou para a Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio de Janeiro em 19 de novembro, ao mesmo regressando em 16 de agosto de 1882, e delle desembarcando a 21.

Nomeado para commandar a mesma Escola de Aprendizes Marinheiros em 1 de dezembro subsequente, ali se revellou administrador criterioso, disciplinador e perfeito educador. Nessa commissão foi conservado até 14 de novembro da 1884, quando a deixou para ter embarque na corveta *Amazonas*, donde destacou para exercer o cargo de ajudante do Arsenal de Marinha e o commando da Companhia de Artifices Militares do mesmo Arsenal.

A' frente dessa utilissima instituição, que tantos serviços prestou á Marinha, fornecendo-lhe pessoal habilissimo e instruido militarmente, e que infelizmente, por má comprehensão e espirito de economia, foi supprimida, prestou reaes serviços o então 1° tenente João Velloso de Oliveira. O seu recto espirito de justiça, alliado á sua bondade sem afastar-se da disciplina, fizeram-no querido de seus commandados.

Ao deixar esse cargo para matricular-se na Escola Pratica de Artilharia, foi em ordem do dia, de 10 de maio de 1886, elogiado pelo inspector do Arsenal, pela dedicação e zelo que sempre demonstrou pelo serviço, quer como ajudante, quer como commandante do Corpo de Artifisce.

Approvado no curso da Escola Pratica de Artilharia, onde obteve o diploma de instructor da arma, foi em 10 de dezembro desligado della e embarcado na corveta *Amazonas,* destacando na mesma data para o Arsenal de Marinha, onde se conservou até 26 de janeiro de 1888, quando foi nomeado para o cargo de ajudante de ordens do director da Escola Naval, cargo que exerceu até 27 de junho do anno seguinte, passando em seguida a occupar o de official da mesma Escola.

Por aviso de 18 de fevereiro de 1891 foi nomeado para exercer novamente o cargo de ajudante de ordens da Directoria da Escola Naval.

Em recompensa aos seus serviços, foi por decreto de 13 de agosto de 1891 promovido por merecimento ao posto de capitão-tenente, deixando por isso o logar que exercia e sendo nomeado para instructor de bordejos da mesma Escola.

A revolta na qual tomou parte a Marinha, no seu turbilhão, arrastou a Escola Naval, e o capitão-tenente João Velloso de Oliveira, não querendo abandonar o seu illustre amigo e chefe, o contra-almirante Saldanha da Gama, acompanhóu-o com extraordinaria dedicação na sua boa e má fortuna.

Ao findar a tremenda luta, e por occasião de voltar á actividade, o commandante João Velloso de Oliveira pedio sua reforma. Instado pelo almirante Elisiario Barbosa, que o tinha em alto conceito, para que tal não fizesse, obstinou-se em sua resolução, dizendo que tinha apontado a espada contra quem lh'a tinha dado e por isso, no seu modo de entender, devia quebral-a.

Teria razão de o fazer? Não nos cumpre indagal-o, nem tão pouco nos compete esmerilhar as causas que o levaram a assim proceder. Apenas diremos que dos embates dos ideaes surgem muitas vezes soluções que só

o tempo se encarregará de dizer si são as melhores ou peores.

Em vista de sua insistencia, foi reformado no mesmo posto por decreto de 16 de março de 1896, perdendo assim a Marinha activa um dos seus mais competentes e estimados officiaes.

Devido á lei n. 8.473 de 9 de janeiro de 1906, que alterou a denominação dos postos, passou posteriormente a capitão de corveta.

Não dispondo de fortuna, vivia o digno official dos parcos recursos que lhe dava a sua reforma. Mesmo assim, só aceitou o logar de auxiliar da 1ª secção do Quartel General da Armada, para o qual foi nomeado a 4 dezembro, por ser para isso instado: não o pedio.

Nesse cargo, assás modesto em comparação aos seus especiaes merecimentos, continuou, não obstante, o austero e operoso capitão de corveta João Velloso de Oliveira — que era ao mesmo tempo filho exemplar, irmão extremoso e amigo lealissimo — a prestar com a mesma dedicação de sempre os seus serviços á classe que tanto honrara na actividade; até que, com surpresa e profundo desgosto de quantos conheciam de perto suas primorosas qualidades, veio a fallecer inesperadamente, a 3 de outubro de 1907, o provecto marinheiro e distincto filho da terra catharinense.

BIOGRAPHIAS PUBLICADAS